



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEUC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE**

SHIRLEY KARLA ALENCAR DA COSTA FREITAS

**PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: AS SIGNIFICAÇÕES
CONSTITUÍDAS POR EGRESSAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UERN**

**MOSSORÓ/RN
2021**

SHIRLEY KARLA ALENCAR DA COSTA FREITAS

**PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: AS SIGNIFICAÇÕES
CONSTITUÍDAS POR EGRESSAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UERN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de Pesquisa: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

ORIENTADORA: Profa. Dr. Antônia Batista Marques

**MOSSORÓ/RN
2021**

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

F866p Freitas, Shirley Karla Alencar da Costa
Programa Residência Pedagógica: as significações
constituídas por egressas do curso de Pedagogia da
UERN. / Shirley Karla Alencar da Costa Freitas. - Mossoró,
2021.
211p.

Orientador(a): Profa. Dra. Antônia Batista Marques.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Programa Residência Pedagógica. 2. Formação de
Professor. 3. Psicologia Sócio-Histórica. 4. Sentidos e
Significados. I. Marques, Antônia Batista. II. Universidade
do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

SHIRLEY KARLA ALENCAR DA COSTA FREITAS

**PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: AS SIGNIFICAÇÕES
CONSTITUÍDAS POR EGRESSAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UERN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de Pesquisa: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

DATA DE APROVAÇÃO: _____ / _____ / _____

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Antônia Batista Marques

Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte – UERN
Orientadora

Profa. PhD Verônica Maria de Araújo Pontes

Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN
-Examinadora externa

Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
- Examinador interno

Profa. Dra. Elza Helena da Silva Costa Barbosa

Faculdade de Enfermagem e de Medicina Nova Esperança – FACENE
Examinadora suplente externa

Profa. Dra. Sílvia Maria Costa Barbosa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
Examinadora suplente interna

TECENDO A MANHÃ

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entre todos,
se entretendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

- João Cabral de Melo Neto

Com gratidão, dedico a Deus, na pessoa do Salvador Jesus Cristo, o autor da minha vida, o Senhor da minha fé e Redentor da minha alma.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Jesus Cristo, pelo dom da vida e por sua bondade e misericórdia que tem me alcançado a cada dia; “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois a ele eternamente. Amém (Rm 11:36).

A Dra. Antônia Batista Marques, minha professora, orientadora, e sobretudo, conselheira e amiga. A você, que me acolheu como orientanda, partilhou conhecimentos, acreditou no meu potencial, me inspirou e mediou a tessitura deste trabalho com sabedoria, competência, amabilidade e paciência mediações fundamentais, para que eu chegasse até aqui! A você, a minha eterna gratidão.

À minha filha Rute, que mesmo na condição de criança tentava compreender as minhas ausências nos momentos de escrita. Filha, você é a materialização do amor mais puro e sincero que faz os meus dias serem mais felizes e esperançosos! És o amor da minha vida!

Ao meu esposo Raimundo por estar sempre ao meu lado me encorajando, me fazendo enxergar o melhor de mim. Amor, saiba que a sua calma, apoio e o seu amor fizeram total diferença nessa trajetória. A você, dedico todo o meu amor.

A minha mãe Simone, que exerceu a função de mãe e pai com amor, responsabilidade e bravura. És o meu amor e parte constitutiva da minha história.

As minhas irmãs Sheyla e Sarah pela amizade, companheirismo, amor e carinho constantes. Amo vocês!

Ao Programa Residência Pedagógica/Pedagogia/UERN por todos os momentos formativos que contribuíram para a minha constituição pessoal, profissional e acadêmica.

As residentes que tive o prazer de acompanhar, orientar e aprender, a quem eu chamo carinhosamente de “minhas meninas”: Alana, Andrezza, Andreia, Helena, Laiane, Maressa, Priscila, Rayane, Romara, Taísa, Vaneska e Yasmim a vocês minha gratidão pelos encontros alegres, pela partilha de conhecimentos, pelas relações afetivas que resultaram em significativas aprendizagens.

Às duas egressas do Programa Residência Pedagógica/Pedagogia/UERN, protagonistas desta pesquisa. A minha gratidão pela disponibilidade e pelas vivências compartilhadas.

Aos colegas da minha turma do Mestrado em Educação/POSEDUC/UERN, pelas vivências e pelos conhecimentos compartilhados. Em especial, as minhas colegas Maria Cleoneide e Tadjá Andressa pela amizade construída, pela partilha de alegria, de dificuldades e de superações e por todos os momentos vividos ao longo desses dois anos.

Às professoras Dra. Elza Helena e Dra. Silvia Barbosa, o meu agradecimento pelos estudos e discussões substanciais sobre a Psicologia Sócio-Histórica que contribuíram para a construção deste trabalho.

Aos professores Dr. Júlio Ribeiro Soares e PhD Verônica Maria de Araújo Pontes que aceitaram o convite em participar das bancas de qualificação e da defesa. Agradeço pelas reflexões e diálogos que culminaram em valorosas contribuições na construção desta dissertação.

As minhas irmãs em Cristo, na pessoa de Patrícia Paiva pelas constantes orações em meu favor. A minha gratidão!

A Escola Municipal Raimundo Fernandes, a qual trabalho, nas pessoas de Jailma Soares (ex-diretora), Sílvia Vale (ex-diretora) que vibrou com a minha aprovação no Mestrado me incentivando a ir além dele, Patrícia Mesquita (ex-diretora), Tânia Turene, Maria de Fátima, Aunicimar Almeida, Adnélia Cabral e Edinalva Paiva pelo apoio e incentivo nos momentos que mais precisei e por compreender a minha ausência ao longo desses dois anos.

A todos os professores do Curso de Pedagogia/FE/UERN e do Mestrado-POSEDUC/UERN, em especial, a professora Dra. Meyre Ester Barbosa, que desde a graduação me incentivava a dá continuidade à minha formação, acreditando no meu potencial e me encorajando a prosseguir! A você, a minha eterna gratidão pela professora e principalmente pelo lindo ser humano que és.

A todos os professores que participaram do meu processo formativo. A eles, a minha eterna gratidão!

Ao grupo GEPES - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Subjetividades pelos estudos e discussões sobre a Sócio-Histórica.

Ao POSEDUC - Programa de Pós-Graduação em Educação por me oportunizar um curso de Mestrado Público e de Qualidade.

Gratidão!

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo apreender os sentidos e significados constituídos por egressas do curso de Pedagogia da UERN acerca do Programa Residência Pedagógica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que está fundamentada no referencial teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica, matriz teórica desenvolvida por Lev.Semenovich Vygotsky com a colaboração de Alexander Romanovich Luria e Alex Leontiev, tendo como base o Materialismo Histórico-Dialético. Escolhemos com base no nosso objeto de estudo algumas categorias metodológicas e de análise, como: Historicidade, Mediação, Pensamento e Linguagem, Sentidos e Significados e ZDP. Para a produção das informações adotamos a entrevista reflexiva que foi realizada com duas egressas do curso de Pedagogia/UERN e, como análise e interpretação escolhemos a proposta dos Núcleos de Significação. No movimento de análise e interpretação constituímos três núcleos de significação: a configuração do Programa Residência Pedagógica e suas contribuições na formação das egressas, Residência Pedagógica: possibilidades para ativação da ZDP e o Programa Residência Pedagógica *versus* Estágio Supervisionado. Em síntese, o movimento de análise interpretativa, intra e internúcleos sobre as significações das egressas acerca do Programa Residência Pedagógica, nos possibilitou sintetizar três zonas de sentidos: O Programa Residência Pedagógica perpassa a formação inicial, contribuindo para as práticas profissionais das egressas; A dimensão coletiva do PRP se constituiu como um diferencial, gerando potências positivas na constituição formativa das egressas e o Programa Residência Pedagógica, nos termos das significações das egressas, tem uma contribuição mais efetiva para a formação docente do que a participação no Estágio Supervisionado na sua estrutura e dinâmica. A partir desses achados sintetizamos proposições em duas direções: a continuidade dos estudos sobre o objeto e a possibilidade de servir com apoio para ações de caráter institucionais MEC e IES. Sugerimos a realização de pesquisas que envolvam: as significações das egressas do PRP acerca do processo de inserção profissional à docência; a dimensão subjetiva das relações afetivas entre os (as) residentes e as demais pessoas envolvidas no subprojeto o qual estão vinculados (as) e as relações entre o PRP e os componentes curriculares Estágios Supervisionados. Quanto as ações de caráter institucionais sugerimos: que esses resultados e de outras pesquisas subseqüentes sejam socializados de forma massificante, de modo que as autoridades competentes possam ampliar, em vez de diminuir, as oportunidades de mais estudantes participarem do PRP; que os cursos de licenciatura façam um estudo referente aos componentes curriculares estágios supervisionados, e, na medida do possível aproveitem as experiências na reformulação do currículo. Dessa forma, esperamos que as significações constituídas pelas egressas do Programa Residência Pedagógica, Pedagogia/UERN, venham a contribuir para as pesquisas científicas, na área de formação de professores.

Palavras-chave: Programa Residência Pedagógica; Sentidos e Significados; Psicologia Sócio-Histórica.

ABSTRACT

This dissertation aims at apprehending the senses and meanings constituted by graduates of the Pedagogy course at UERN about the Pedagogical Residency Program (PRP). This is a qualitative research that is based on the theoretical-methodological framework of Sociohistorical Psychology, theoretical matrix developed by Lev. Semenovich Vygotsky with the collaboration of Alexander Romanovich Luria and Alex Leontiev, according to Historical-Dialectical Materialism. Based on our object of study, we chose some methodological and analysis categories, such as: Historicity, Mediation, Thought and Language, Senses and Meanings and ZPD. For the production of information, we adopted a reflective interview that was carried out with two graduates of the Pedagogy/UERN course and as analysis and interpretation, we chose the proposal of the Meaning Centers. In the movement of analysis and interpretation, we constituted three meaning cores: the configuration of the Pedagogical Residency Program and its contributions to the training of graduates, Pedagogical Residency: possibilities for activating the ZPD and the Pedagogical Residency Program versus Supervised Internship. In summary, the movement of interpretive analysis, intra and internuclear, on the meanings of the graduates about the Pedagogical Residency Program, allowed us to synthesize three areas of meaning: The Pedagogical Residency Program permeates initial training, contributing to the professional practices of the graduates; The collective dimension of the PRP was constituted as a differential, generating positive powers in the formative constitution of the graduates and the Pedagogical Residency Program, in terms of the meanings of the graduates, has a more effective contribution to teacher education than participating in the Supervised Internship in their structure and dynamics. Based on these results, we synthesized propositions in two directions: the continuity of studies on the object and the possibility of serving as support for institutional actions of MEC and IES. We suggest the development of research involving: the meanings of PRP graduates about the process of professional insertion into teaching; the subjective dimension of affective relationships between residents and other people involved in the subproject to which they are linked and the relationships between the PRP and the curricular components Supervised Internships. As for institutional actions, we suggest: that these results and other subsequent research be massively socialized, so that the competent authorities can expand, rather than decrease, opportunities for more students to participate in the PRP; that undergraduate courses carry out a study and, as far as possible, take advantage of experiences in the reformulation of the curriculum, referring to the curricular components of supervised internships. In this way, we hope that the meanings constituted by the graduates of the Pedagogical Residency Program, Pedagogy/UERN, will contribute to scientific research in the area of teacher training.

Keywords: Pedagogical Residency Program; Senses and Meanings; Sociohistorical Psychology.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PRP	Programa Residência Pedagógica
PSV	Processo Seletivo Vocacionado
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
FE	Faculdade de Educação
ZDP	Zona de Desenvolvimento Próximo
FIP	Faculdade Integrada de Patos
COMPERVE	Comissão Permanente do Vestibular
SENACEM	Seminário Nacional do Ensino Médio
ENRESPED	Encontro do Residência Pedagógica
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
POSEDUC	Programa de Pós – Graduação em Educação
COVID – 19	Corona Virus Disease – 19
GEPES	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Subjetividade
MEC	Ministério da Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior
IES	Instituto de Nível Superior
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
PUC	Universidade Católica de São Paulo
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
PPP	Práticas Pedagógicas Programadas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
UC	Unidades Curriculares
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PROEG	Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
TCL	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEI	Unidade de Educação Infantil
SPF	Setor de Programas Formativos
CNE	Conselho Nacional da Educação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A evolução da espécie humana	58
Figura 2 – Ferramentas construídas pelo homem ao longo do processo histórico	60
Figura 3 – O homem e a estratégia de contagem	61
Figura 4 – Fases do Pensamento e da Linguagem	63
Figura 5 – O sentido da palavra Escola	67
Figura 6 – Zona de Desenvolvimento Próximo	69
Figura 7 – Etapas da Entrevista Reflexiva	78
Figura 8 – Caminho para a construção dos Núcleos de Significação	83
Figura 9 – O movimento de articulação dos Núcleos de Significação	92
Figura 10 – Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 1	94
Figura 11 – Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 2	110
Figura 12 – Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 3	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Produções científicas da BDTD	35
Quadro 2 – Síntese da busca em Periódicos da CAPES	41
Quadro 3 – Exemplo do processo de levantamento dos Pré-Indicadores	85
Quadro 4 – Exemplo da Sistematização dos Indicadores	87
Quadro 5 – Organização dos Núcleos de Significação	88

SUMÁRIO

SEÇÃO 1 – DA ZONA DE CONFORTO AO ENCONTRO COM O OBJETO DE ESTUDO	16
1.1 A constituição da pesquisadora – breve memorial reflexivo	16
1.2 O Programa Residência Pedagógica: Uma Oportunidade para a Docência	32
1.3 O que desvelam as pesquisas sobre o Programa Residência Pedagógica?	34
1.4 Estrutura do texto de Dissertação	45
SEÇÃO 2 – A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA DA PESQUISA	48
2.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DO MÉTODO	49
2.2 PRINCÍPIOS DO MÉTODO	51
2.3 A CONCEPÇÃO DE HOMEM E AS PRINCIPAIS CATEGORIAS UTILIZADAS NA PESQUISA	53
2.3.1 Concepção de Homem	53
2.3.2 Historicidade	57
2.3.3 Mediação	59
2.3.4 Pensamento e Linguagem	62
2.3.5 Sentido e Significado	65
2.3.6 Zona de Desenvolvimento Próximo – ZDP	68
SEÇÃO 3 – O CAMINHO DA PESQUISA	72
3.1 <i>LÓCUS</i> DA PESQUISA	72
3.2 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	72
3.3 CARACTERIZAÇÃO DAS EGRESSAS	73
3.4 PROCEDIMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES	76
3.4.1 A Entrevista Reflexiva	76
3.5 O PROCEDIMENTO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES PRODUZIDAS	82
3.5.1 Levantamento dos Pré-Indicadores	83
3.5.2 Aglutinação dos Pré-Indicadores – Indicadores	86
3.5.3 Sistematização dos Núcleos de Significação	88
SEÇÃO 4 - O MOVIMENTO DE ANÁLISE DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO	92
•	
4.1 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO 1: A CONFIGURAÇÃO DO PROGRAMA	

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA ESUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DAS EGRESSAS	93
4.1.1 Oportunidades de vivenciar a escola	94
4.1.2 Ser voluntária: a maior dificuldade	98
4.1.3 Carga horária de 440h: difícil de ser cumprida	100
4.1.4 A alternância dos residentes nas salas de aula possibilitou a vivência em diversos projetos	102
4.1.5 A experiência foi a maior afetação	104
4.1.6 Encontros Semanais na UERN: momentos para significar as ações realizadas na Escola	105
4.1.7 Misturar a Educação Infantil com o Ensino Fundamental: possibilitou confiança nas Práticas Profissionais.	107
4.2 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO 2: RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: POSSIBILIDADES DE ATIVAÇÃO DA ZDP	109
4.2.1 Dificuldades iniciais para a prática de projetos no contexto da escola	111
4.2.2 O desafio de compreender a realidade de uma escola pública	113
4.2.3 Dialogar, conversar, discutir, entender e questionar: processos ressignificados	115
4.2.4 União entre o PRP e outros Programas Formativos	116
4.2.5 Relação com as preceptoras: maravilhosa, tranquila e sem nenhum problema	118
4.2.6 Compartilhamento e troca de experiência: com as professoras das Escolas parceiras do PRP	119
4.3 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO 3: PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA <i>VERSUS</i> ESTÁGIOSUPERVISIONADO	122
4.3.1 A participação no PRP e Estágios como constitutiva do encontro com a Pedagogia	123
4.3.2 “A Escola ela se prepara para receber os estagiários e no Residência a gente vive realmente a Escola”	124
4.3.3 As implicações da avaliação durante o estágio: preocupação e medo	127
SESSÃO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	139
ANEXOS	145
APÊNDICES	146

SEÇÃO 1
DA ZONA DE CONFORTO AO ENCONTRO
COM O OBJETO DE ESTUDO

Residência

O Residência Pedagógica
É uma parceria entre Escola
e Universidade
Uma formação docente
Alicerçada na unidade
Teoria e prática
E os residentes
Têm a oportunidade
De conhecer a escola na
sua totalidade.

O Residência Pedagógica
É como um jardim florido
Que foi sendo plantado
nas escolas
Com rosas coloridas
Todas com seu perfume
emanando vidas.

Conviver com esse jardim
Fez de mim
Uma jardineira
Que cuidou das rosas
Com alegria verdadeira.

Shirley Freitas, 2020

Pedagógica

SEÇÃO 1 – DA ZONA DE CONFORTO AO ENCONTRO COM O OBJETO DE ESTUDO

Nesta seção, apresentamos uma reflexão sobre a nossa trajetória estudantil, acadêmica e profissional por acreditar que a nossa historicidade é parte fundamental para a definição deste objeto de estudo, seguindo com a explanação sobre o Programa formativo de apoio à docência: Residência Pedagógica, discutiremos ainda o que desvelam as pesquisas sobre o Programa Residência Pedagógica e finalizamos com a estrutura do texto da Dissertação.

1.1 A constituição da pesquisadora – breve memorial reflexivo

Este trabalho cujo título é Programa Residência Pedagógica: as significações constituídas por egressas do Curso de Pedagogia/UERN, apresenta, em seus primeiros escritos, um breve memorial reflexivo sobre minha¹ trajetória pessoal e profissional e que tem como objetivo possibilitar ao leitor a compreensão sobre a escolha pelo objeto de estudo. Nessa perspectiva, discorro sobre as minhas memórias e subjetividade que revelam aspectos da minha constituição.

Ao revisitar as memórias de uma trajetória singular de 34 anos me reconheço como um sujeito histórico que foi e está se constituído no meio social, por meio das relações com outros seres. A minha história de vida se iniciou no dia 02 de maio de 1987 na cidade de Mossoró, estado do Rio Grande do Norte, Brasil. A primeira filha de Simone Maria e José Carlos, convivi pouco tempo com o meu genitor, pois eles se separaram quando eu ainda era criança. Com a separação, a minha mãe assumiu o papel de pai e mãe com coragem, responsabilidade, ousadia e amor, contudo a lembrança do meu pai continuou a me afetar durante as etapas da minha vida.

Desde a minha infância, minha mãe me aconselhava a estudar, para que um dia eu pudesse me formar, esse era o grande sonho dela. Para isso, priorizou os meus estudos e com a pensão dada pelo meu pai pagava escola particular e ainda aula de reforço, porque segundo ela, não tinha paciência para me ensinar as tarefas de casa. No entanto, todos os dias da semana minha mãe passava, atividades de caligrafia, em um caderno pequeno, afim de que minha letra ficasse legível e bonita esse caderno era sempre deixado no guarda-roupa dela, como um tesouro guardado em um baú. Nele, ela passava atividades

¹ A escolha em escrever o memorial reflexivo se deu na 1ª pessoa do singular por se tratar da historicidade da pesquisadora.

repetitivas que se tornavam exaustivas, porém fazia com capricho, porque senão ela apagava e tinha que fazer novamente.

Hoje, como professora alfabetizadora do segundo ano antiga primeira série incentivo os meus alunos a prática da caligrafia com o objetivo de estimular o movimento da letra cursiva, em outros casos, para redimensionar as letras, muitos alunos apresentam letras grandes, como também utilizo outros recursos para apreensão desse movimento, como por exemplo, a caixa de areia, onde o aluno faz o exercício da letra cursiva na areia contida na caixa. Esse recurso tem despertado a atenção também dos alunos especiais, pois é uma maneira atraente de aprender as letras.

Associado a isso muitos pais já ficam na expectativa de que o filho ao chegar no segundo ano comecei a escrever com a letra cursiva e como a prática da caligrafia fez parte do meu processo educativo, surtindo efeito, recomendo aos pais que incentivem essa prática também em casa, para juntos contribuirmos, de forma prazerosa, para o desenvolvimento da letra cursiva.

Nas minhas memórias sobre a Educação Infantil me recordo de uma professora que se chamava Joana, ela era alta, usava óculos e os seus cabelos eram curtos e cacheados sempre alegre e com um sorriso no rosto era assim que ela ministrava as aulas e isso me motivava a querer ir para a escola e aprender com a tia Joana. Lembro-me com muito carinho das contações de histórias, as atividades, as brincadeiras na sala e na quadra da escola que eram sempre prazerosas, porque podíamos sentir o entusiasmo com que ela conduzia as atividades e foi nesse ambiente acolhedor que ela me ensinou as primeiras letras com paciência e amor, por isso, quando cheguei na primeira série já sabia ler palavras simples.

Lembro-me que, ainda na Educação Infantil, a culminância do projeto festas juninas foi na escola e contou com a participação de todos os pais, inclusive ensaiávamos todos os dias, para que no dia da apresentação não houvesse nenhum erro, mas diante daquela plateia chorei e não quis entrar, porque me senti envergonhada, todavia a tia Joana conversou comigo e com o seu jeito meigo me convenceu a participar e diante do público que ali estava pude ver um homem de camisa preta, era o meu pai, e naquele momento o meu ser se alegrou, pois ele tinha ido assistir a minha apresentação essa foi a primeira e única vez que ele me prestigiou em um evento da escola. Depois da apresentação, tiramos uma foto que até hoje guardo na minha memória e no meu álbum de família.

As significações constituídas através das minhas relações afetivas com a tia Joana perpassaram a Educação Infantil me inspirando “no ser” professor, na preceptoria do Programa Residência Pedagógica, no qual as residentes e eu fomos aprendendo e se desenvolvendo em meio as vivências na escola, na Universidade, mediadas pela afetividade.

Além de mantermos o compromisso com as demandas do Programa havia também vínculos de amizade além do PRP - Programa Residência Pedagógica a ponto de nos encontrarmos em outros espaços, como : na sorveteria que eram momentos de muitas risadas e alegrias; no Teatro para prestigiar a formatura de residentes no curso de Pedagogia, além disso, mantínhamos uma escuta sensível a situações adversas que enfrentávamos no dia a dia, e em meio a heterogeneidade do sentir, do pensar e do agir tivemos também desentendimentos que foram solucionados com base no diálogo.

As minhas primeiras dificuldades de aprendizagem no contexto escolar iniciaram na 5ª série hoje o 6º ano, na disciplina de Matemática. Talvez essas dificuldades possam ser explicadas, dentre outros aspectos, pela metodologia de ensino bastante tradicional, havia diversas fórmulas a serem memorizadas e não me sentia atraída para estudar tal disciplina, bem como não conseguia perceber a utilidade daquelas fórmulas no meu dia a dia, o que me distanciava, ainda mais da disciplina essas afetações na disciplina de Matemática nos causou um processo individualizado, ligado aos nossos sentidos, conforme explica Barbosa (2011, p. 44) “O sentido é mais da ordem da subjetividade e se relaciona com os processos cognitivos, afetivos e biológicos”.

Tais fatores culminaram com a minha recuperação e com ela, vieram os sermões da minha mãe que me causaram afetações negativas e o medo de ficar reprovada me afligia o que ocasionou mudanças de comportamento e de pensamento, por isso passei a estudar mais, e com as mediações da professora de aula de reforço e do professor da escola consegui recuperar e passar de ano.

A partir do 7º ano passei a ter novas atribuições no quesito educação como não estava mais na aula de reforço organizei uma rotina de estudos e seguia rigorosamente, com isso desenvolvi uma maior autonomia e me tornei, ainda mais, responsável com os meus estudos, gostava muito dos trabalhos em grupo, pois nas minhas relações com os meus colegas tinha a oportunidade de discutir sobre os assuntos e aprender mais e quando se tratava de fazer as capas dos trabalhos e copiar eles sempre me escolhiam, porque diziam que tinha a letra bonita.

Naquele tempo, os trabalhos eram copiados em folhas pautadas ou de ofício e tínhamos o privilégio de pesquisar em livros na biblioteca da escola e era um exercício de que tinha prazer, pois gostava muito de ler. Na condição de professora buscava² nas minhas práticas pedagógicas incentivar os meus alunos a valorizarem o espaço formativo da biblioteca, para isso tínhamos encontros semanais, onde eles escolhiam livros paradidáticos de sua preferência e como mediadora orientava os alunos a escutarem atentamente a leitura dos colegas, já os alunos que ainda não estavam alfabetizados havia a mediação de um colega que sabia ler; fazíamos rodas de conversa a partir da leitura deleite contada pela professora e incentivava o empréstimo de livros para eles responderem o para casa ou para lerem.

Ainda no Ensino Fundamental, precisamente com os meus 13 anos de idade conheci um rapaz por quem me apaixonei, ele foi o meu primeiro e único namorado, namoramos 11 anos e nos casamos. Hoje, temos uma linda filha, chamada Rute que tem 6 anos de idade. Quando namorávamos só nos víamos nos finais de semana, porque não queria que o namoro atrapalhasse a minha rotina de estudos.

Nos anos seguintes, passei a participar, ativamente, da vida escolar das minhas irmãs, auxiliando nas tarefas de casa com alegria e satisfação, participava das reuniões de pais e mestre, bem como de eventos que eram promovidos pela escola, como também recebia os boletins e conversava com as professoras para saber como elas estavam, considero que essas vivências foram tão significativas que se constituíram como potências na minha escolha pela profissão docente, como a minha mãe e o meu padrasto trabalhavam e eram muito ocupados, então me sentia no dever de contribuir com a educação delas e hoje uma é enfermeira e a mais nova está tentando entrar na Universidade me sinto feliz por ter contribuído com a formação das minhas irmãs e não ter delegado essa função a uma professora de aula de reforço.

Quando era criança gostava muito de brincar de escolinha com as minhas bonecas e sempre exercia a função de professora, tratando-as com muito afeto, contava histórias que ouvia em sala de aula, no recreio lanchava com elas, mas eu não era mais aquela menina que brincava de escolinha e que ensinava de verdade as minhas irmãs tinha

² Eram práticas corriqueiras no ensino presencial. Como estamos em isolamento social, na modalidade de ensino remoto não podemos ocupar o espaço da biblioteca na Escola, mas orientei a construção de um cantinho da leitura para o aluno ter o seu espaço para assistir aula online, fazer as suas atividades e ler.

crescido e precisava obedecer a minha mãe e ao meu pai mesmo que ele não convivesse comigo e ambos desejavam que eu fizesse Direito, pois ele é oficial de justiça e por gostar dessa área queria que seguir a carreira jurídica.

Na 1ª e 2ª série do Ensino Médio passei a estudar na Escola Estadual Professor Abel Coelho, indo, todos os dias, de casa para a escola, de bicicleta, com uma turma de amigos, no turno matutino, acordava bem cedinho e com disposição para ir à escola, pois o senso de responsabilidade com os meus estudos já estava bem desenvolvido, mas já tinha dúvida de qual o curso escolher para entrar na faculdade e constituí uma carreira de sucesso.

No último ano do Ensino Médio, na 3ª série saí do Abel Coelho e passei a estudar no Colégio Pequeno Príncipe, minha mãe resolveu me colocar em outra escola, porque acreditava que teria uma maior preparação para fazer o vestibular. E, ela tinha razão, toda semana fazia simulado preparatório para o Processo Seletivo Vocacionado – PSV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN como era um desejo dos meus pais que fizesse Direito passei a estudar, mais ainda, para área de Humanas (Língua Portuguesa e Literatura, Redação, Língua Estrangeira, História e Geografia), porque naquela época as provas do PSV abrangiam as áreas de conhecimentos diretamente relacionadas aos cursos. Estudava pela manhã, a tarde fazia cursinho na Convesti e a noite aproveitava para resolver simulados de outras universidades.

Fiz o PSV e chegou o grande dia do resultado a minha mãe, as minhas irmãs, o meu namorado, os professores, as minhas amigas estavam esperançosos de que iria passar, afinal de contas sempre fui muito estudiosa e dedicada aos estudos, no entanto não passei e a frustração foi grande, mas veio o consolo das pessoas com quem eu convivia “é um curso concorrido”; “você passa no segundo vestibular”, “é difícil passar no primeiro vestibular”; “você fez a sua parte” enfim foram ditas as mais diversas frases motivacionais. Ainda tentei mais duas vezes e não obtive aprovação cheguei a ficar depressiva e a tomar remédios por não conseguir proporcionar essa felicidade aos meus pais.

No ano de 2006 resolvi fazer o vestibular novamente e para isso analisei os cursos que estavam na área de humanas e escolhi Pedagogia, primeiro por ser nessa área que eu já vinha estudando a bastante tempo e segundo, porque já tinha a experiência de ensinar as minhas irmãs o que me causava grande contentamento, então o meu desejo em percorrer os caminhos pedagógicos foi potencializado por essa vivência, muito embora

os meus pais não quisessem que exercesse a profissão de professora. Fiz o PSV e fui aprovada em 2º lugar geral na UERN, a minha pontuação dava para passar em qualquer curso menos Medicina e Direito que, na época, eram os mais concorridos.

A aprovação no curso de Pedagogia me deixou muito feliz pude reacreditar em mim mesma, reconhecer que era capaz de cursar um curso superior e foi uma escolha que partiu de uma vivência minha, por isso que se tornou tão significativo. No início, eu falava para a minha mãe que se não gostasse do curso de Pedagogia tentaria Direito outras vezes, mas até hoje não penso nisso e até penso que se tivesse passado talvez não seria uma profissional realizada como sou hoje, fazendo o que eu gosto que é ensinar e aprender, diariamente, com os meus alunos, e apesar da má remuneração e de ser uma profissão que é pouco valorizada pelos governantes, sou feliz com a profissão que escolhi.

O curso de Pedagogia entrelaçado com a minha experiência teceram o meu ser professora, por meio da introdução as disciplinas ofertadas no currículo, como: políticas públicas, currículo, didática e principalmente os nuances psicológicos envolvidos na aprendizagem, na formação docente que foram enriquecidos por meio de atividades, discussões, seminários, roda de conversa, apresentação de trabalhos, projetos, minicursos, estágios, pesquisa de campo, diálogos com os professores e colegas que já tinham experiência na docência, portanto, os estudos realizados ao longo dos quatro anos de faculdade expandiram a compreensão do contexto social, histórico e cultural: da escola e do meu fazer pedagógico.

No período dos estágios, tive, ainda mais, a certeza de que cursar Pedagogia foi uma escolha acertada uma etapa em que pude (re) significar conhecimentos e descobrir que era a profissão que queria exercer foi uma verdadeira entrega e a minha inspiração era a tia Joana que é para mim um dos exemplos do ser professor, me refiro ao professor que se realiza em cada ato de ensinar, a um professor que faz parte da vida de alguém e marca a trajetória de pessoas e saber que faço parte desse processo na vida do meu aluno me faz exercer a profissão com apreço, por isso acredito que a educação muda vidas e transforma pessoas, assim como mudou a minha vida.

As minhas primeiras oportunidades de vivenciar a escola como futura profissional se deu por intermédio do estágio embora os professores da Faculdade de Educação – FE já falassem sobre a importância da participação nos grupos de pesquisa e extensão, como também de programas formativos que já existiam naquele tempo eu não me sentia motivada, por isso durante os quatro anos de faculdade não participei de

nenhum projeto ou programa.

Ao revisitar as minhas memórias sobre os estágios me recordo que não senti dificuldades na prática pedagógica, dentre outros motivos, porque já ensinava as minhas irmãs, mas agora em outro contexto, com novas necessidades e com pessoas diferentes me fez buscar auxílio das professoras titulares da sala de aula e sempre me aproximava dos alunos para conhecê-los melhor e também criar vínculos de amizade, gostava muito de inovar e de levar recursos para tornar as aulas mais dinâmicas, atrativas e significativas, obtive notas máximas, porém, o mais importante foram os conhecimentos construídos e as relações mantidas com os sujeitos da escola que me fizeram aprender e desenvolver como pessoa e futura professora.

Hoje pelas minhas vivências também no PRP percebo que teria sido bem mais significativo para a minha formação se tivesse participado de um programa formativo pelas atividades oferecidas, por contar com a mediação das professoras da Escola e da Universidade com experiências diversificadas, principalmente, por estar inserida, nas escolas de rede básica, conforme explica Imbernón (2016, p. 171) os professores “ensinam mais pelo que viram e pelo que ensinaram do que pelo modo como deveriam fazê-lo”.

Sabendo-se que os sujeitos se constituem nas experiências históricas e sociais considero importante e necessário o estágio e a participação em programas formativos durante a formação inicial, pois favorece a construção de conhecimentos pedagógicos necessários para o exercício da profissão docente o que nos faz lembrar das colocações de Pimenta (2012, p. 28) “considerar a prática como ponto de partida e como ponto de chegada possibilitará uma ressignificação dos saberes”. Nessa discussão, fica nítido que o futuro professor não é um simples transmissor de conhecimentos, mas sim produtor de saberes a partir da atuação, reflexão e problematização da realidade no contexto escolar.

No ano de 2010 concluir o ensino superior e participei no mesmo ano de uma seleção para professora em uma escola privada, localizada em Mossoró. Essa seleção foi composta por duas etapas: a primeira foi uma prova escrita e a segunda uma aula em uma turma de 3º ano avaliada pela coordenadora da escola. Fui aprovada e passei a trabalhar nessa instituição, assumindo uma turma de 4ºano.

Sentia-me felizarda em ter passado nessa seleção, pois era recém-graduada e nessa escola tive a oportunidade de crescer no campo pessoal e profissional, pude criar e desenvolver projetos, elaborar planos de aula que eram corrigidos semanalmente através

da mediação da coordenadora da escola, Oliveira (2009, p. 28) nos ajuda a entender a mediação: “mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” o elemento mediador, no caso, a coordenadora potencializou processos de aprendizagem e de desenvolvimento, a cada correção dos planos de aula era um novo aprendizado.

Pude elaborar provas, preencher diários e, especialmente, sentir e trabalhar as dificuldades dos alunos individualmente, pois o meu objetivo era fazer com que eles avançassem no campo das aprendizagens e isso elucidada o que Vigotski³ (2007) chama de Zona de Desenvolvimento Próximo – ZDP que é a distância entre aquilo que o aluno realiza por meio da mediação de um indivíduo mais experiente e aquilo que o aluno consegue realizar sozinho, nesse caso o desenvolvimento já está consolidado.

No primeiro ano de trabalho tivemos uma aula de campo em Natal e a coordenação me orientou a estudar, pois no trajeto entre Mossoró e Natal eu e outras professoras iríamos explicar os pontos turísticos estudados em sala de aula, bem como as características geográficas das mesorregiões pelos quais iríamos passar e para mim foi bem desafiador. De um lado, nunca tinha dormido fora de casa e de outro iria ser avaliada pela coordenadora e diretora que viajaria conosco.

Todavia, foi uma viagem incrível os alunos puderam ampliar os conhecimentos construídos em sala de aula por meio das experiências que foram vivenciadas e tive a oportunidade de conhecer Natal. Hoje, reconheço que o meu perfil profissional foi sendo formado ao longo da minha trajetória de vida e dos saberes que construí trabalhando nessa escola.

Com o salário que recebia, nesse primeiro emprego, continuei investindo na minha formação e pude custear uma Pós-Graduação *latu sensu* no curso de Especialização na Faculdade Integrada de Patos – FIP em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Como estava trabalhando e já vivenciava dificuldades na aprendizagem de alguns alunos, buscava encontrar na Psicopedagogia estudos que viesse a subsidiar a minha prática, de modo que pudesse ajudá-los frente aos problemas de aprendizagem.

Nessa perspectiva, a Psicopedagogia me possibilitou estudar sobre o desenvolvimento da criança e me fez refletir e rever atitudes na sala de aula.

³ Adotamos em nossa pesquisa a escrita do nome Vigotski., pois, em algumas traduções a escrita varia na literatura.

No dia 23 de setembro de 2013 a Prefeitura Municipal de Mossoró por meio da Comissão Permanente do Vestibular - COMPERVE lançou um edital para o provimento de cargos de professor como já estava casada e pretendia alcançar a minha estabilidade financeira resolvi fazer a minha inscrição e com muito esforço, dedicação e circunstâncias externas, consegui a aprovação e fui convocada na primeira chamada e nomeada no dia 14 de julho de 2014.

Vivenciei um dilema, por um lado estava no meio do ano letivo, do outro não deveria perder a oportunidade de assumir a vaga conquistada, por isso fiquei trabalhando os dois horários: pela manhã na escola municipal com uma turma de 2º ano e a tarde na escola privada com uma turma de 4º ano. Como eram realidades e turmas bem diferentes tive algumas dificuldades, as vezes, os sábados letivos coincidiam, outras vezes a culminância de projetos também, me recordo que uma vez terminou a apresentação junina da minha turma do 4º ano tive que sair às pressas para poder acompanhar a outra turma, neste dia, a coordenadora chamou a turminha do 3º ano para se apresentar, pois eu ainda não havia chegado essa situação me deixou triste, porque envolvia também os pais que estavam ansiosos para assistirem a apresentação dos filhos, e outra uma colega professora que ficou com os meus alunos até eu chegar. Essas e outras situações me fizeram optar por no ano seguinte trabalhar só na Escola Municipal.

O ano de 2014 foi bem promissor, pois passei no concurso, fui convocada e no final do ano engravidei, realizando outro sonho, o de ser mãe. Terminei o ano na escola privada e em 2015 passei a trabalhar só no município até hoje sinto saudades da primeira escola em que trabalhei pelo vínculo afetivo que mantive com os colegas, direção, coordenação, com os pais e principalmente com as crianças.

Na condição de professora concursada do município de Mossoró passei a vivenciar os meus primeiros desafios da profissão, a minha primeira turma foi bem difícil, apesar de serem alunos do segundo ano, ela era considerada a mais indisciplinada da escola e os professores que vinham dá aula desistiam, porque não aguentavam os alunos.

Até então pensei que era exagero da coordenação, mas pude experienciar essa realidade e durante os primeiros meses, tive até medo de perder o meu bebê, porque os alunos eram muito indisciplinados, desinteressados e isso me angustiava, porém não pensava em desistir dos alunos, tampouco mudar de escola, tinha esperança de esses desafios poderiam ser transformados em aprendizagem profissional e por meio do enfrentamento a essa situação teria mais segurança sobre os reveses de uma sala de aula.

Confesso que naquele contexto não tinha consciência que as afetações com potências negativas poderiam contribuir para a minha constituição de modo positivo.

Nessa perspectiva, passei a pedir ajuda e contar com o apoio da família dos alunos, da coordenação e direção da escola, recorri também a estudos e as minhas vivências que foram os meus aliados para superar esses desafios. Foi por meio dessa experiência que descobri que a teoria não se aplica na prática, as que estudei na graduação não me serviram para mudar essa realidade, mas para pensar sobre ela, para refletir.

Por meio de encontros semanais com as famílias dos alunos conseguimos estreitar as relações e passamos a conhecer melhor a realidade deles. Com isso, desenvolvemos novas estratégias de ensino, por exemplo, o projeto valores, buscando resgatar os valores necessários para uma boa convivência na sala de aula, em casa e na sociedade de modo geral.

Apesar de ter sido um trabalho árduo, pois os alunos eram indisciplinados, foi recompensador e no final do ano, os nossos encontros se tornaram mais alegres, os alunos estavam mais motivados e assim puderam se engajar na realização das atividades e alguns, inclusive, foram alfabetizados. Essas vivências extrapolaram o espaço-tempo da escola, até hoje, tenho contato com alguns alunos e pais também e o sentimento de gratidão ainda é expresso, no dia do professor, no dia em que completo ano, por meio de mensagens enviadas por eles. Não foi um período fácil, considero que foi uma realidade complexa, convivi com várias situações novas, envolvendo atividades profissionais e pessoais. Cada uma dessas vivências em um movimento dialético veio contribuindo para a minha constituição pessoal e profissional.

No ano de 2017, minha filha já estava com 2 anos de idade precisei colocá-la em uma escola como já conhecia a proposta pedagógica, o método de ensino, infraestrutura e a localização da primeira escola em que trabalhei resolvi fazer a matrícula dela, porém ficava muito distante da escola em que trabalhava, por isso resolvi procurar uma instituição que ficasse mais próximo da escola que ela iria estudar.

Após muitas buscas assumi uma vaga referente a vacância na Escola Municipal Raimundo Fernandes em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, matutino. Naquele momento foi o que eu mais desejava e sou muito feliz por trabalhar até hoje nessa instituição, faço parte de uma equipe unida, com profissionais qualificados e comprometidos com uma Educação de Qualidade.

Ainda, contamos com uma excelente infraestrutura, salas de aula amplas e ventiladas, recebemos o selo de Escola de Qualidade pelos projetos desenvolvidos e que tem promovido a aprendizagem dos nossos alunos, uma escola que busca e aceita parcerias com as Universidades, trazendo benefícios para ambas as instituições sociais.

Uma dessas parcerias ocorreu através do Residência Pedagógica, lançado pelo edital nº 06/2018 no ano de 2018. Neste mesmo ano, tivemos uma reunião com a diretora e supervisora da escola para falar sobre uma possível parceria entre a Escola e a Universidade, por meio de um Programa Formativo: o Residência Pedagógica, na oportunidade elas explicaram toda a dinâmica do programa e apenas duas professoras se dispuseram a participar da seleção para o provimento da vaga de preceptora, no caso eu e outra. A seleção envolveu duas etapas: a primeira, análise de currículo e a segunda uma entrevista.

O que me motivou a participar da seleção para preceptora foi a possibilidade de estreitar vínculos entre o Raimundo Fernandes e a UERN e dessa forma trazer benefícios para os nossos alunos, por meio de projetos que seriam mediados pelas residentes, mas quando soube que havia sido selecionada me senti insegura, pois tinha que orientar dez residentes que estavam em plena formação e eu estava afastada do ambiente acadêmico há dez anos.

A princípio, não tinha consciência de que está na sala de aula a quase uma década, vivenciando a realidade complexa da sala, poderia contribuir para a formação das residentes. No entanto, por meio das nossas relações fui percebendo que tínhamos muito o que ensinar e aprender umas com as outras.

É importante destacar que no ato da inscrição não pensei na formação das residentes nem tampouco na minha, mas ambicionava melhorias para a escola, para a aprendizagem das crianças, todavia o Residência Pedagógica superou as minhas expectativas, contribuiu para a formação das residentes do curso de Pedagogia da UERN, para o processo de ensino e aprendizagem no contexto escolar, por meio de atividades teóricas e práticas.

A função de preceptora me oportunizou refletir sobre a docência através das ações inerentes ao programa, como: o planejamento, acompanhamento, da orientação das atividades realizadas, bem como da avaliação, da atuação das residentes e da análise dos relatórios por elas escritos. Tudo isso me proporcionou condições para dá continuidade à minha formação.

O referido programa me despertou o desejo de sair da minha zona de conforto

no sentido de ampliar meu processo formativo e por meio das atividades desenvolvidas, seja nos encontros semanais, na UERN, ou na participação e organização de eventos, entre outras. Os encontros semanais tinham por objetivos: estabelecer relações entre as necessidades do contexto escolar e as nossas necessidades formativas; realizar estudos teóricos; planejar as atividades a serem desenvolvidas; e avaliar a nossa atuação.

Em relação a participação em eventos tive a oportunidade de participar do Seminário Nacional do Ensino Médio - SENACEM - 2019, 2020 e 2021 apresentando três trabalhos, um com uma residente, outro com uma colega de trabalho e com a professora orientadora a saber: Programa Residência Pedagógica: perspectiva docente no espaço escolar, em coautoria com Maria de Fátima Melo professora da escola onde trabalho; Programa Residência Pedagógica além dos muros da escola: Projeto Alimente e seja Alimentado em coautoria com Maria Romara Bandeira, residente do PRP/Pedagogia/UERN e Implicações do Programa Residência Pedagógica na formação inicial de residentes do curso de Pedagogia/UERN, em coautoria com a professora Dra. Antônia Batista Marques e para isso escrevemos artigos científicos e foi outro desafio, estava há algum tempo sem produzir escrita científica, passei a estudar, a rever as anotações que foram feitas no período de estudos no PRP e associando com a minha experiência.

Pela primeira vez estive na organização de um evento acadêmico, a saber: I ENRESPED/PIBID – I Encontro do Residência Pedagógica – RESPED, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – Ações formativas na Escola Básica e em outros espaços pedagógicos que teve como finalidade publicizar as ações formativas desenvolvidas nas escolas parceiras e outros espaços pedagógicos e contou com a mediação de professores orientadores, preceptores, coordenadores, supervisores e alunos dos programas RESPED E PIBID e contemplou o Ateliê de Ações Formativas com exposição de ações, fotos e materiais didáticos que foram produzidos pelas residentes junto com as preceptoras; Roda de conversa sobre o tema: Base Nacional Comum Curricular – BNCC : estudos introdutórios e finalizamos com os diálogos e a socialização das ações formativas.

Foi um momento bastante significativo para todos os envolvidos nos programas, em especial, para mim pela dimensão formativa e pela aprendizagem constituída através dos saberes partilhados e está à frente do evento me motivava e me fazia refletir sobre as oportunidades eu passei a ter, participando do PRP.

Participei também da organização da I Feira de Profissões da UERN, evento direcionado a alunos concluintes do Ensino Médio de escolas públicas e privadas, no qual as preceptoras e residentes estiveram presentes compartilhando o fazer pedagógico desenvolvidos nas escolas parceiras do PRP e tendo a oportunidade de conversar com os visitantes sobre a docência e sobre o Curso de Pedagogia.

Ao refletir sobre as minhas vivências no PRP descobri uma habilidade que até então era desconhecida: a de produzir cordel. O que estava vivenciando era tão significativo para a minha constituição que passei a expressar os meus sentimentos por meio da escrita cordelista, para isso comecei a escrever pequenos versos e, aos poucos, fui estruturando as estrofes, as rimas até formar um texto que expressasse o que tinha vivenciado no programa. Você pode conferir o cordel no decorrer da Dissertação, nas páginas que antecedem cada seção desse trabalho e o objetivo foi possibilitar ao leitor o conhecimento de projetos que foram desenvolvidos na escola-parceira no qual fui preceptora.

Conciliar o PRP e outras atividades, a de ser mãe, esposa e professora não foi fácil e paralelo a isso tinha que estudar para a seleção do mestrado. Nesse sentido, passei a administrar melhor o meu tempo para dar conta das várias e importantes tarefas. Apesar disso, tinha consciência de que as vivências mediadas pelo Programa Residência Pedagógica eram necessárias para a minha formação e hoje não consigo dimensionar a quantidade de amizades que fiz, dos momentos singulares, de tanta coisa boa que encontrarei no caminho e de como tudo isso me fez bem, jamais imaginei de que voltaria para UERN e viveria tudo isso que o PRP me proporcionou.

No percurso da minha participação no PRP pude conhecer pessoas maravilhosas e uma delas foi a professora Dra. Antônia Batista Marques a quem tive o imenso prazer de conviver e de aprender diariamente, reconheço de que muito do que sei e do conquistei está relacionado a sua contribuição em minha formação acadêmica e pessoal. Nesse sentido, palavras não são suficientes para expressar a minha gratidão e admiração por esse ser humano que acreditou no meu potencial, soube me apoiar nas minhas dificuldades e me fez acreditar de que eu seria capaz de alcançar os meus sonhos. Concomitante a preceptoria no Residência participei do processo seletivo para candidatos a alunos especiais do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC para o semestre 2018.1, na UERN. No último dia da inscrição fiz a carta direcionada às professoras Dra. Antônia Batista Marques e a Dra. Sílvia Maria Costa Barbosa, almejando uma vaga na

disciplina: “Tópicos Especiais em Educação II: Fundamentos da Psicologia Sócio-Histórica”, na qual fui selecionada e, assim, após 10 anos distante das atividades acadêmicas, voltei a estudar na UERN.

Aos poucos, essa experiência foi suscitando em mim o desejo de pesquisar sobre esse Programa Formativo, a partir das significações que a mim foram sendo constituídas ao participar do PRP, mas era apenas um sonho, pois ainda estava na condição de aluna especial. Ao iniciar a disciplina “Tópicos Especiais em Educação II: Fundamentos da Psicologia Sócio-Histórica” passei a estudar sobre a Psicologia Sócio-Histórica, no início tive muita dificuldade para entender a sua gênese, bem como os seus conceitos, mas com as mediações das professoras e relações estabelecidas com os demais alunos fui me inteirando das discussões e, aos poucos, com o auxílio das leituras, fichamentos, apresentação de seminários fui percebendo a Sócio-Histórica no meu dia-a-dia e isso foi me causando afetações positivas para continuar estudando sobre essa perspectiva teórico-metodológica.

Nesse contexto, passei a apresentar seminários, em um deles o meu grupo ficou com a categoria vivência e pude relacionar essa categoria com a minha prática de professora alfabetizadora, estabelecendo diferenças entre vivência e experiência. E, aos poucos, fui percebendo a utilidade do que estava estudando e isso me despertou o gosto e o prazer em estudar a Sócio-Histórica.

Antes de cursar a referida disciplina, compreendi que o meu pensamento era fossilizado, já que não tinha consciência de que somos constituídos e constituintes do contexto social, histórico e cultural o qual vivemos, acreditava que o fator biológico fosse preponderante, porém percebo que isso faz parte do meu processo de aprendizagem. Hoje, sei que não podemos negar o biológico, mas não é determinante na nossa constituição e costume dizer que tirei a venda que estava em meus olhos ao estudar a Psicologia Sócio-Histórica e as quartas-feiras, o dia da semana da disciplina especial já não eram suficientes para a minha busca de aprender mais sobre essa teoria, por isso resolvi me inscrever para cursar a disciplina especial Tópicos Especiais em Educação II: Educação e Subjetividade I. Por meio das discussões e dos conhecimentos construídos nas duas disciplinas me senti motivada a continuar estudando para me submeter ao processo de seleção para cursar o Mestrado em Educação, no Campus Central da UERN.

Ser aluna especial me deu o privilégio de participar de eventos importantes na área da Sócio-Histórica, como o I Colóquio Internacional no Campo Histórico-Cultural:

Diálogos Educacionais e II Encontro Regional de Grupos de Pesquisa no Campo Histórico-Cultural: as Significações do Educador Frente aos Desafios Vividos no Contexto Escolar, realizado na cidade de Natal/RN. Na oportunidade, pude conhecer pesquisadores nacionais e internacionais que discutiram temáticas voltadas a Psicologia, Educação e Ciências no campo sociocultural.

Para mim, esses momentos, faziam parte de uma realidade que eu não aspirava quando estava na minha zona de conforto. Tudo isso foi importante para a minha decisão de participar da seleção para cursar o Mestrado.

Desse modo, quando o edital foi publicado em março de 2019, fiz a inscrição para a linha: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente e passei a ler com afinco as obras indicadas, fui aprovada na prova escrita, primeira fase. A segunda fase foi a entrega do pré-projeto que teve com o título: **Residência Pedagógica: As significações constituídas por egressas do curso de Pedagogia da UERN**. Tal tema foi pensado, porque encontrei no Programa Residência Pedagógica as motivações necessárias para dá continuidade à minha formação, já que antes estava na minha zona de conforto, em sala de aula, como diz Vigotski (2004, p. 69) “cada minuto do homem está cheio de possibilidades não realizadas”, no meu caso, está inserida no ambiente acadêmico, por meio do PRP, foi o fator preponderante para dá continuidade à minha formação que estava adormecida há muito tempo.

Com a minha aprovação no POSEDUC, continuei participando de eventos importantes para o meu processo formativo, como o VI Simpósio de Pós-Graduação em Educação e V Semana de Arte Educação realizado na cidade de Mossoró/RN no ano de 2019, no qual tive a oportunidade de participar de diversas atividades, como: minicursos, oficinas e apresentação de trabalho. Destaco a participação na Oficina/Workshop, com o tema: Os núcleos de significação: instrumento de análise para a apreensão da realidade investigada, ministrada pelas professoras Silvia Maria Costa Barbosa, Hemáuse Emanuele da Silva e Lourdes Bernadete Lima Rocha , no qual tivemos uma exposição dialogada sobre os núcleos de significação e pudemos realizar, na prática, a análise de algumas falas o que foi bem significativo, pois tivemos a base teórica e aliada a atividade prática e pudemos esclarecer as nossas dúvidas.

No Simpósio, apresentei no Grupo de Trabalho – GT Educação e Subjetividade um trabalho em coautoria com Antônia Batista Marques e Maria Cleoneide, intitulado: Atuação do professor em sala de aula: uma análise a partir do filme lições de um sonho

na abordagem sócio-histórica, trazendo uma discussão sobre as categorias presentes no filme, bem como a importância da Sócio-Histórica no processo de ensino aprendizagem.

No ano de 2020 o mundo foi surpreendido com a pandemia de Corona Vírus Disease 19 - COVID-19, uma doença respiratória e transmissível pelo novo corona vírus, conhecido como SARS-COV-2 nesse cenário desolador o Ministério da Saúde estabeleceu orientações como forma de conter a doença, a saber: o distanciamento social, mas apesar de todas as recomendações, foi noticiado na imprensa que no mês de junho de 2021 o Brasil atingiu uma marca de mais de 500 mil mortos, ou seja, meio milhão de mortos. Um número exorbitante, mas que poderia ter sido reduzido se a compra da vacina da COVID-19 não tivesse sido boicotada pelo atual presidente Jair Bolsonaro.

Essa situação pandêmica causou mudanças em todas as esferas e no contexto da Universidade não foi diferente as atividades passaram a ser realizadas de forma remota. Em formato remoto, participei do III Encontro de Psicologia Educacional, realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Subjetividade – GEPES, no qual tive a oportunidade de apresentar um trabalho, cujo título foi: As significações constituídas por egressas do curso de Pedagogia sobre o Residência Pedagógica/UERN, como também participei da mesa redonda com a professora Wanda Maria Junqueira, do Programa de Educação de Psicologia da PUC-SP.

O meu ingresso nas disciplinas, como aluna especial e no Mestrado como aluna regular no POSEDUC/UERN, os momentos de estudos, de novas leituras, de pesquisas, de viagem, de apresentação de trabalhos, de escrita de artigos, de organização de eventos na Universidade que nunca sonhei viver, só me foram possíveis, pela minha participação como preceptora no Residência Pedagógica, portanto, a presente pesquisa surgiu a partir das mais diversas constituições ao longo da nossa historicidade, mas participar do Programa Residência Pedagógica me proporcionou afetações, consideradas, por mim, determinantes para a definição do nosso objeto de estudo: as significações das egressas do curso de Pedagogia acerca do Programa Residência Pedagógica.

Com o objetivo de nos aprofundarmos neste tema, elegemos o seguinte problema de pesquisa: **Quais os sentidos e significados de egressas do curso de Pedagogia da UERN acerca do Programa Residência Pedagógica?** Possibilitando assim publicizar como as egressas significam sua atuação no programa, ou seja, como o programa se configura subjetivamente para elas. Para responder a essa pergunta elencamos como Objetivo Geral: Apreender os sentidos e significados constituídos por egressas do curso de

Pedagogia da UERN acerca do Programa Residência Pedagógica.

A nossa pesquisa está fundamentada nos estudos teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica, matriz teórica desenvolvida por Lev. Semenovich Vigotski com a colaboração de Alexander Romanovich Luria e Alex Leontiev, tendo como base o Materialismo Histórico-Dialético e utilizamos algumas categorias para explicar o nosso objeto de estudo, a saber: Historicidade, Mediação, Pensamento e Linguagem, Sentidos e Significados e Zona de Desenvolvimento Proximal. Para a produção das informações foi utilizada a entrevista reflexiva (SZYMANSKI, 2011), realizada com duas egressas do Programa Residência Pedagógica do curso de Pedagogia/UERN e para análise e interpretação dos dados adotamos a proposta dos Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006); (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015)

1.2 O Programa Residência Pedagógica: Uma Oportunidade para a Docência

O Programa Residência Pedagógica – PRP foi criado pelo Ministério da Educação – MEC e desenvolvido em todo o Brasil. A UERN aderiu ao Programa por meio do Edital público da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES nº 06/2018, através da portaria nº 38 de 28 de fevereiro de 2018.

O PRP, apresenta novas oportunidades na formação inicial de professores, por meio da imersão dos licenciandos na escola a partir da segunda metade do curso, sendo eles acompanhados por preceptores na escola-campo e pelas professoras orientadoras nas Universidades. O programa (BRASIL/CAPES, 2018, p. 01) apresenta como objetivos específicos:

1. Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
2. Induzir a reformulação da formação prática nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;
3. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores;
4. Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Neste contexto, percebe-se que o Programa Residência Pedagógica busca em sua gênese, um aperfeiçoamento na formação dos licenciandos, por meio da inserção no contexto escolar e nessa perspectiva propicia o entrelaçamento da teoria e prática que pode contribuir para o desenvolvimento de processos necessários para o ser humano e para o exercício da profissão docente, no caso dos licenciandos.

Nesta perspectiva, o Programa Residência Pedagógica pode ser uma das vias para o estreitamento da relação entre a Universidade e a Escola contribuindo para uma formação mais sólida do futuro professor, já que essas instituições apresentam saberes necessários e complementares para a constituição docente. De acordo com os princípios da abordagem Sócio-Histórica essa articulação rompe com as dicotomias entre ensino e pesquisa, teoria e empiria, Universidade e Escola.

Na UERN, a primeira versão do Programa Residência Pedagógica foi desenvolvida em vários municípios: Olho D'água dos Borges, Encanto, Açú, Pau dos Ferros, Patu, Porto Alegre, Rafael Godeiro, São Francisco do Oeste, Rafael Fernandes e Mossoró, abrangendo um total de 39 (trinta e nove) escolas e 701 (setecentas e um) pessoas, envolvendo alunos da graduação (residentes - bolsistas⁴ e voluntários de licenciaturas), professores da Escola Básica (preceptores - bolsistas) e do Ensino Superior (professores orientadores - bolsistas e voluntários) a concessão de bolsas durante 18 meses, segundo preconiza o Edital 06/2018 que discorre sobre o programa.

De acordo com o referido edital o PRP teve uma carga horária de 440h, (quatrocentas e quarenta horas) dividida nas etapas, a saber: 60 (sessenta) horas destinadas à ambientação na escola; 320 (trezentas e vinte) horas de imersão, sendo 100 horas (cem) de regência, incluindo o planejamento, 220 (duzentas e vinte) horas de atividades na Instituição de Ensino Superior – IES e 60 (sessenta) horas destinadas à elaboração de relatório final, avaliação e socialização de atividades. Consideramos que essa carga horária é um diferencial na formação inicial, proporciona um tempo maior para conhecer e desenvolver ações em sala de aula.

O Programa Residência Pedagógica, subprojeto: Pedagogia - UERN, contou com a parceria de três escolas⁵ da Educação Básica: a Unidade de Educação Infantil

⁴ O residente bolsista do Programa Residência Pedagógica recebia uma bolsa de R\$ 400 e o preceptor recebia R\$ 765 mensal.

⁵ Os nomes das escolas são fictícios.

Pequenos Passos, Escola Estadual Recanto do Saber e a Escola Municipal Sonho Colorido. Nessa última, exerço a função de professora e fui preceptora. Tais instituições estão localizadas na cidade de Mossoró-RN. Cada uma delas contou com 10 (dez) residentes, 6 (seis) bolsistas e 4 (quatro) voluntários, 1 (uma) preceptora e 2 (duas) professoras orientadoras, sendo uma bolsista e uma voluntária.

As vivências nessas instituições não se deram de forma isolada, mas no âmbito das relações sociais com os residentes, preceptoras, professoras orientadoras e com os sujeitos da escola, tendo a oportunidade de aprender uns com os outros por meio da troca de experiências e de conhecimentos.

1.3 O que desvelam as pesquisas sobre o Programa Residência Pedagógica?

O interesse em investigar os trabalhos desenvolvidos sobre o Programa surgiu da necessidade de conhecer mais sobre a natureza dos trabalhos, os referenciais teóricos que subsidiam os estudos, os caminhos metodológicos, resultados alcançados, bem como explicitar a originalidade do nosso estudo. Para isso, realizamos a revisão da literatura através de buscas em repositórios de teses e dissertações e no portal da CAPES.

Segundo Ferreira (2002, p. 258),

O “estado da arte” ou “estado do conhecimento” apresenta o desafio de mapear e de discutir certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e seminários.

Nesse contexto, o estado da arte é uma etapa fundamental no processo de investigação, permite não apenas mapear, mas discutir, analisar e revela contribuições sobre o nosso objeto de pesquisa em diferentes contextos, bem como proposições, ou seja, aquilo que ainda precisa ser discutido para ampliar os estudos nas mais variadas vertentes.

Sabendo-se disso realizamos a revisão de literatura no mês de novembro de 2019, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD e no portal de periódicos da CAPES, utilizando como descritores: Programa Residência Pedagógica e Pedagogia; tais palavras foram escolhidas com base no título da nossa pesquisa e especificamos tanto no título como nos descritores, a palavra Pedagogia, já que esse

programa existe em outras licenciaturas e como recorte temporal 2015 a 2019.

Na BDTD encontramos 70 trabalhos entre teses e dissertações, porém quando passamos a fazer a leitura dos resumos o número de pesquisas foi reduzido de modo significativo, constatamos que a grande maioria dos trabalhos eram voltados para a Residência Médica, na área da saúde e 3 direcionados à área Educacional, sendo dois na região Sudeste e um na região Nordeste. Evidenciamos que provavelmente existem outras pesquisas sobre a temática estudada, contudo, discutiremos apenas as selecionadas a partir das plataformas descritas.

As três dissertações foram selecionadas e analisadas como forma de conhecer os Programas pertencentes a outros contextos e estados, além de identificar semelhanças e diferenças deles com o Programa de Residência Pedagógica, Subprojeto: Pedagogia da UERN. Para melhor visualização, as pesquisas foram detalhadas no Quadro 1, contendo identificações básicas, como: autor/ano, título e instituição de defesa.

QUADRO 1 - Produções científicas da BDTD

Autor/ Ano	Título	Instituição
BARBEDO, Isabela Djanina. (2018)	Programa Residência Pedagógica – UNIFESP: um estudo da inserção profissional à docência	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC – SP
CONCEIÇÃO, Carla Patrícia Ferreira da. (2018)	A inserção profissional do egresso do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC – SP
SILVIA, Nathalya Marillya de Andrade.	O conceito de natureza a partir das Representações	Universidade Estadual da Paraíba

(2019)	Sociais dos Participantes da Residência Pedagógica	– UEPB
--------	---	--------

Fonte: Produzido pela pesquisadora.

Em cada produção científica destacaremos os objetivos, a metodologia e os resultados da pesquisa. Ao final de cada trabalho buscamos, ainda, evidenciar a importância dos trabalhos analisados. A dissertação de Barbedo (2018) *Programa Residência Pedagógica – UNIFESP: um estudo da inserção profissional à docência* teve com o objetivo discutir sobre as dificuldades e facilidades da inserção profissional de uma professora iniciante de uma professora iniciante egressa do Programa Residência Pedagógica criado pela Universidade Federal de São Paulo PRP – UNIFESP.

Para isso, utilizou-se de uma pesquisa documental relativa ao curso de Pedagogia da referida Universidade, entrevistas com a professora iniciante e com os gestores da escola - diretor e coordenador, como também de observações nas aulas da professora egressa. Como procedimento de análise dos dados construídos, utilizou a Análise de Prosa (ANDRÉ, 1993) foram definidas as categorias: Processo de inserção profissional; de estudante à professora: dificuldades e facilidades; e Contribuições do PRP-UNIFESP para a prática docente.

Os resultados da pesquisa de Barbedo (2018) sinalizam que o PRP-UNIFESP é um importante programa de inserção profissional, mesmo com as fragilidades da prática de sala de aula, como: indisciplina, questões burocráticas, poucos recursos para dinamizar as aulas. Segundo a pesquisa, a professora iniciante sentiu dificuldades de colocar em prática os conhecimentos construídos durante o PRP devido às exigências da rede de ensino, como também devido a sua adaptação à realidade escolar; cita ainda que o PRP contribuiu para conhecer mais de perto a sala de aula e se torna diferente de um estágio curricular, pois passa da condição de observador para também participante do processo.

Como resultados, a pesquisa ainda destaca que o PRP oportunizou o desenvolvimento de uma atitude mais indagativa sobre a ação pedagógica. Barbedo (2018) pontua que a professora era cobrada pela formadora e a preceptora durante o PRF

a relacionar a teoria. Concernente a postura adotada pelas professoras (formadora e preceptora) Pimenta (2004) afirma que se deve buscar a indissociabilidade entre a teoria e a prática nos cursos de formação de professores, pois muitas vezes, a teoria e prática tornam-se separadas. É necessário não só a unidade entre a teoria e a prática nos cursos de formação, mas também refletir sobre essa relação.

A leitura do trabalho de Barbedo (2018) se mostrou relevante para a nossa constituição de pesquisadora, nos possibilitou conhecer uma nova proposta de Residência Pedagógica. O PRF, assim como é conhecido surgiu no ano de 2009, bem antes do Residência que foi implantado pelo Governo Federal via CAPES e emergiu a partir da necessidade da própria Universidade Federal de São Paulo que almejava proporcionar mudanças no tradicional estágio curricular e conseqüentemente aperfeiçoar a prática dos futuros professores, contribuindo para uma Educação de Qualidade. Entendemos que se os professores estão sendo formados com base na realidade do contexto histórico e social da escola eles terão maiores chances de contribuir no processo de ensino aprendizagem e desenvolvimento humano.

Dessa forma, a proposta de estágio passou a ser vinculada a duas disciplinas: Práticas Pedagógicas Programadas – PPP e o Programa Residência Pedagógica – PRP, sendo que os alunos participam da PPP sob orientação do professor preceptor, que é o docente da Universidade, e a partir do 5º período os estudantes vivenciam o PRP, o qual é dividido em nas seguintes etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Educação de Jovens e Adultos e também na Gestão.

Os estudantes do PRP são chamados colaboradores aprendizes, porque estão na condição de estagiários, para isso observam as aulas da professora formadora da escola e desenvolvem projetos em parceria com ela e com o professor preceptor. Os colaboradores aprendizes contam, ainda, com um diário de bordo, no qual eles registram as reflexões sobre o contexto escolar, bem como suas ações pedagógicas.

É importante destacar que a parceria com as escolas é feita pela Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos – SP e não pela Universidade, com isso percebemos o envolvimento da Universidade, Escola e Secretaria em busca de melhorias na base que é a formação do professor e que está entrelaçada na relação com as escolas, buscando contribuir com uma Educação de Qualidade.

A leitura do trabalho de Barbedo (2018) nos fez perceber outras diferenças em relação ao Residência da CAPES e uma delas diz respeito a carga horária que nesse último

é de 440h, dos quais 100h é de regência, incluindo o planejamento, já no PRF-UNIFESP é de 300h, cada etapa de ensino tem duração de um mês, oportuniza aos licenciandos a vivenciarem as seguintes etapas da Educação Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Gestão e com um diferencial eles são acompanhados pelos professores da escola e da Universidade.

O de Conceição (2018) *A inserção profissional do egresso do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)*, é muito parecido com o de Barbedo (2018), a temática, o objetivo e os resultados bem próximos também, inclusive da mesma Universidade – PUC – São Paulo, ano e orientadora. Trata-se de uma dissertação que teve como objetivo analisar a prática pedagógica e os desafios encontrados por uma egressa do Programa Residência Pedagógica nos primeiros anos de docência, como também as contribuições desse programa para a sua inserção profissional.

A pesquisa se constituiu em um estudo de caso e teve como procedimentos de produção de dados a observação das atividades da egressa, entrevistas semiestruturadas com a egressa e com a coordenadora pedagógica, além da análise de documentos, tais como diário de bordo da professora, o Projeto Político Pedagógico da escola e a proposta curricular da Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos – SP. Nas análises dos dados coletados utilizou-se do método de Análise de Prosa (ANDRÉ, 1983) que resultaram em cinco categorias de análise: Inserção profissional; Gestão da sala de aula; Planejamento e avaliação; Formação inicial e Programa Residência Pedagógica.

Os resultados encontrados na pesquisa de Conceição (2018), mostram que a professora iniciante, egressa do Programa Residência Pedagógica, vivenciou a inserção profissional com poucas dificuldades. Além disso, a pesquisa evidenciou que a escola e a participação no PRP, contribuíram com sua inserção no que diz respeito à gestão da sala de aula, ao planejamento e a avaliação das atividades pedagógicas.

Conceição (2018) discutiu sobre o Currículo do curso de Pedagogia que é organizado em Unidades Curriculares – UC, no qual apresenta a distribuição da carga horária do PRF de 300h dividida em: Residência Pedagógica I: Educação Infantil, com 105 horas; Residência Pedagógica II: Ensino Fundamental, com 105 horas; Residência Pedagógica III: Educação de Jovens e Adultos, com 45 horas e Residência Pedagógica IV: Gestão Educacional, com 45 horas, nesse caso, a UC está baseada na teoria e prática. Nesse aspecto, corrobora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº9394/96, art. 61§ único):

- I – A presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho.
- II – A associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço (BRASIL, 1996).

Observa-se que a LDBEN 9394/96 busca a melhoria na formação inicial dos professores, para isso direciona alguns caminhos, como a união da teoria e prática, mediante os estágios.

Por meio da análise do trabalho de Conceição (2018), como também de Barbedo (2018) percebemos que o PRP é uma nova modalidade de estágio que possibilita essa unidade entre teoria e prática e tem que contribuído para a inserção profissional das egressas, portanto, o PRP serve como referência para as Universidades implementarem nos currículos.

O de Silvia (2019) *O conceito de natureza a partir das Representações Sociais dos Participantes da Residência Pedagógica* que teve como objetivo identificar as Representações Sociais sobre o conceito de natureza de um grupo de participantes do Programa Residência Pedagógica dos cursos de Biologia, Física e Química da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Silvia (2019) realizou pesquisa descritiva com os residentes dos cursos de Física, Biologia e Química da UEPB, usando como instrumento o questionário com perguntas objetivas e subjetivas, com o intuito de saber o que os estudantes concebem acerca dos conceitos de natureza e o teste de Associação de Palavras, sendo indutora a palavra natureza. Para o tratamento dos dados obtidos utilizou o software IRAMUTEQ para a análise prototípica e análise de similitude.

Silvia (2019) escolheu realizar a pesquisa na UEPB por ser a única Universidade pública do município de Campina Grande a oferecer cursos de licenciaturas nas três áreas das Ciências da natureza: Biologia, Física e Química, desenvolvendo atividades vinculadas ao Programa Residência Pedagógica. A pesquisadora é graduada em Ciências Biológicas e durante a graduação participou do PIBID, o que a permitiu ter um contato maior com a Escola antes mesmo de trabalhar como docente.

A profissão de professora e a experiência nesse Programa Formativo fizeram-na perceber lacunas na Educação Ambiental, segundo Silvia (2019), ela é limitada nas “Mostras Culturais” e na “Semana do Meio Ambiente” nas Escolas e essa lacuna permeia

todos os níveis de ensino da Educação Básica ao Ensino Superior.

Os resultados da pesquisa de Silvia (2019) mostram a fragmentação do conceito de natureza para o grupo pesquisado e o termo vegetação como ponto comum e central nas representações. Essas representações, segundo a pesquisadora influenciam as atividades desenvolvidas pelos residentes na Educação Ambiental.

O Programa de Residência Pedagógica da UEPB, assim como o da UERN ocorre de acordo com os editais abertos pela CAPES e a área das Ciências da Natureza é organizada por núcleos: núcleo de Biologia conta com 30 residentes bolsistas; física 24 residentes bolsistas e Química com 24 residentes bolsistas e 4 voluntários, todos são matriculados no curso, a seleção deles acontece a partir do 5º período. Cada núcleo conta com 3 preceptores e 1 orientador docente da IES; no caso do curso de Pedagogia da UERN, na primeira versão tivemos 2 docentes orientadoras, sendo uma bolsista e uma voluntária, também 3 preceptoras, porém, uma em cada escola e em cada uma delas tem 10 residentes bolsistas, totalizando 30 também.

Os residentes da UEPB do curso de Ciências Biológicas participam semanalmente de minicursos, com assuntos voltados à didática, metodologia e à formação de professores, compondo 60 horas de formação teórica; posterior a essa etapa, eles têm encontros semanais na Universidade, com atividades voltadas para o Ensino Fundamental e Ensino Médio, ou seja, nos níveis de ensino em que eles atuam. No caso do Curso de Pedagogia da UERN, tivemos encontros semanais com a participação de residentes, preceptoras e professoras orientadoras, nos quais foram discutidos assuntos voltados para a formação docente; pudemos contar também com oficinas e participação em Congressos.

Analisando as três produções científicas, podemos concluir que os estudos de Barbedo (2018) e de Conceição (2018) se diferenciam do de Silvia (2019) e da nossa pesquisa quanto ao Residência Pedagógica, nos dois primeiros o Residência Pedagógica foram criados pela própria Universidade e no de Silvia (2019) realizado na UEPB, tal como na UERN o Residência foram realizados segundo o edital da CAPES nº 06/2008 ; porém, assemelham-se no que diz respeito à imersão dos licenciandos no espaço escolar, favorecendo assim uma mudança nos cursos de licenciatura e, conseqüentemente, na formação dos professores.

Os estudos de Barbedo (2018), Conceição (2018) e Silvia (2019), assim como a nossa pesquisa se aproximam por escolherem o Programa da Residência Pedagógica a partir de vivências das pesquisadoras como professoras e pela participação em Projetos

de Iniciação à Docência, portanto, a participação em programas formativos pode gerar afetações positivas para o desenvolvimento de trabalhos monográficos, dissertativos ou de teses.

Os trabalhos analisados foram de suma importância, pudemos conhecer ainda mais sobre o nosso objeto de estudo em diferentes contextos, como também perceber algumas semelhanças e diferenças da nossa realidade, como foi o caso do PRF-UNIFESP. O Residência é incorporado no Currículo do Curso de Pedagogia, permitindo a todos os estudantes a oportunidade de vivenciarem os níveis de ensino, bem como na Gestão, acompanhados pelos professores preceptor e formador. Diferente do que ocorre na UEPB e na UERN, onde os alunos são selecionados a participarem do Residência Pedagógica, uma vez que essa não é incluído no Currículo do Curso, embora seja esse um dos objetivos do programa.

É importante destacar que a participação de uma Universidade pública ou particular no Programa Residência Pedagógica proposto pelo Governo Federal, via edital CAPES, está condicionada a seleção, em nível nacional. Reiteramos que, atualmente na UERN, está sendo realizada a segunda edição do Programa Residência.

Com base nos critérios de busca, no recorte temporal (2015 a 2019) e os descritores: Pedagogia e Programa Residência Pedagógica não encontramos na plataforma BDTD, nenhum trabalho sobre as significações constituídas por egressos acerca de sua atuação no Programa Residência Pedagógica do curso de Pedagogia, portanto o nosso trabalho se configura como inovador nas pesquisas científicas.

Com o objetivo de alcançar maiores resultados sobre o Programa de Residência Pedagógica, buscamos a produção em periódicos no Portal da Capes. É importante destacar os critérios de busca para selecionar as produções científicas foram os mesmos usados na BDTD. Apresentaremos no quadro 2 a lista dos artigos selecionados com o nome do autor e ano, Instituição de ensino, título e objetivos.

Quadro 2 – Síntese da busca em Periódicos da Capes

Autor/ Ano	Título	Instituição
FONTOURA, Helena Amaral da.	Formação de professores para a Justiça Social: Uma	Universidade do Estado do Rio de

(2017)	reflexão sobre a docência na Residência Pedagógica	Janeiro
ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. (2018)	Professores iniciantes: egressos de programas de iniciação à docência	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC – SP
COELHO, Rosa Geide. AMBRÓZIO, Rosa Maria. (2019)	O ensino por investigação na formação inicial de professores de Física: Uma experienciar da Residência Pedagógicade uma Universidade Pública Federal	Universidade Federal do Espírito Santo

Fonte: Produzido pela pesquisadora.

Após a leitura integral de cada um dos periódicos, foi possível conhecer sobre o Programa Residência Pedagógica em outros contextos. Fontoura (2017) através do artigo *Formação de professores para a Justiça Social: Uma reflexão sobre a docência na Residência Pedagógica* discorre sobre o Residência Pedagógica como um projeto de formação docente que atende a professores em formação, bem como professores das diversas redes de ensino e grande parte são egressos de cursos de licenciatura de uma Universidade Pública do estado do Rio de Janeiro.

Segundo Fontoura (2017), os encontros do projeto acontecem mensalmente aos sábados, na Universidade citada, neles, os professores discutem práticas, situações vivenciadas, os dilemas da profissão docente, as angústias, medos e dificuldades que é muito comum no início da carreira, como também são socializados o processo de inserção profissional para dá suporte aqueles que participam do projeto e que estão iniciando a carreira docente.

Entendemos, que esse projeto é de suma importância na formação docente, porque no momento em que se junta colegas com diferentes saberes gera um espaço de interação dialógica, contribuindo para eles aprenderem uns com os outros, conforme afirma Vigotski (2009), a troca de saberes além de possibilitar a pluralidade de experiências, também possibilita construir coletivamente, uns com os outros novas perspectivas

Neste contexto, percebemos a dimensão do projeto do Residência Pedagógica desenvolvido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pois abarca o acolhimento ao professor no início da profissão docente, bem como a formação continuada em um espaço coletivo no qual reflete e problematiza os saberes docentes.

André (2018), através de sua pesquisa, *Professores iniciantes: egressos de programas de iniciação à docência* analisou o processo de inserção profissional de três programas de iniciação à docência: PIBID, Bolsa Alfabetização e Residência Pedagógica da UNIFESP, sendo os referenciais teóricos calcados também na concepção de escola como um espaço de formação docente.

A metodologia foi baseada na análise de documentos legais referentes aos três programas e a realização de grupos de discussão, segundo Flick (2004), Gatti (2005) e Willer (2006), sendo elaborado em três eixos: 1º Motivação para ingresso no programa, 2º Contribuições do Programa para o desenvolvimento profissional dos participantes e 3º Contribuições para o curso de licenciatura e para a escola.

Os resultados da pesquisa revelam que a maior parte dos entrevistados foram atraídos pelas bolsas, mas na medida em que se integravam às atividades percebiam o quanto era importante o contato com a escola; outros egressos disseram que despertaram para a docência depois de participarem dos programas formativos.

Os entrevistados também reiteraram, que participar de um programa de iniciação à docência diminui a distância entre a Universidade e Escola e conseguem articular a teoria e a prática. Os resultados indicam ainda que a participação nos programas formativos possibilita uma melhor inserção profissional, já que os professores iniciantes tiveram um contato mais próximo e duradouro com a escola, porém, a metade dos respondentes tiveram dificuldade de lidar com a indisciplina.

O trabalho de André (2018) foi de grande relevância, pois trouxe a reflexão de que a participação em programas formativos contribui para a constituição de novos sentidos sobre a docência; estreita a relação entre a Escola e a Universidade, possibilitando uma maior articulação entre teoria e prática o que favorece a inserção profissional.

O terceiro artigo é o de Coelho e Ambrózio (2019) *O ensino por investigação na formação inicial de professores de Física: Uma experiência da Residência Pedagógica de uma Universidade Pública Federal* teve como objetivo buscar indícios de como os processos de pesquisa e de reflexão da prática pedagógica, mediados por uma ferramenta para análise de aulas investigativas, podem contribuir para a construção de saberes para a docência em Física.

A construção de dados foi feita por meio de relatos escritos e reflexivos referentes a uma atividade pedagógica desenvolvida por três residentes participantes do Programa da Residência Pedagógica/Capes de uma Universidade Pública Federal. Nessa atividade, os residentes foram convidados a planejar uma aula de Física na Educação Básica com enfoque no ensino por investigação e, por meio de uma ferramenta analítica, deveriam estabelecer reflexões se a aula desenvolvida se configurou como sendo investigativa. Pelas discussões no artigo entendemos que o ensino por investigação é aquele interativo, dialógico que foge do tradicional aquele que é baseado na transmissão de conhecimentos.

Assim como no trabalho de Sílvia (2019), no de Coelho e Ambrózio (2019) o subprojeto de Física integra o núcleo multidisciplinar com as Ciências Biológicas, sendo que nesse a quantidade de residentes é bem menor, conta com 8 residentes e para esse estudo foram selecionados três do curso de Física, eram os que não estavam cursando o estágio, portanto, o primeiro contato com as experiências formativas do curso.

Segundo Coelho e Ambrózio (2019), o currículo das disciplinas das Ciências da Natureza do qual a Física faz parte prevê uma aula por semana de práticas experimentais que podem acontecer ou não em laboratório e o Programa Residência Pedagógica busca que os futuros professores de Física construam saberes para o desenvolvimento de atividades experimentais, ou seja, que o professor seja capaz de unir teoria e a prática, o que facilitará a compreensão dos assuntos trabalhados em sala de aula; especialmente nas aulas de Física o contato com os experimentos é muito importante, porque facilita que os alunos aprendam conceitos e se interessem mais pela disciplina.

Os resultados apontam que os residentes reconhecem a importância da interação dialógica ser estabelecida na sala de aula, compreendem que o ensino por investigação se diferencia das aulas tradicionalmente centradas no discurso do professor, mas há uma

divergência quando parte para ação didática. É muito interessante esses resultados, porque permitem aprofundar as discussões e prática não só na Escola, mas na Universidade sobre o ensino por investigação, como também é compreensível esses resultados, porque essa foi a primeira experiência dos residentes.

Por meio do mapeamento e discussões sobre os trabalhos acadêmicos que versam sobre o Programa da Residência Pedagógica, na área da educação, pode-se concluir que a quantidade de trabalhos ainda é insipiente e têm privilegiado os processos da prática do professor iniciante. As pesquisas tratam de questões ligadas as contribuições da participação no programa no processo de inserção profissional, os dilemas vivenciados nos primeiros anos de profissão, contudo, ainda existem lacunas para estudos que apontem aspectos relacionados à Residência Pedagógica na condição de um programa formativo em sua totalidade, inclusive apresentando os pontos negativos.

O Estado da Arte nos possibilitou ir além de uma simples varredura de trabalhos relacionados ao nosso objeto de estudo, uma vez que nos possibilitou conhecer o Programa Residência Pedagógica em outras vertentes, contextos e estados, inclusive dos seis trabalhos analisados cinco são da região Sudeste e um da região Nordeste, portanto, necessita-se que trabalhos científicos sejam desenvolvidos para dá uma maior visibilidade dos resultados desse Programa que tem contribuído para a formação de graduandos de cursos de licenciaturas, para a formação das preceptoras e para a potencializar a aprendizagem dos alunos por meio de projetos desenvolvidos nas Escolas.

Em síntese, a partir dos estudos selecionados, constatamos que o Programa Residência Pedagógica possibilita que os residentes transitem nas duas instituições formativas: Universidade e Escola, estabelecendo relações entre ambas, constituindo novos sentidos e significados sobre a Escola e sobre a própria profissão docente, constituindo um avanço na formação inicial, no sentido de diminuir a distância entre a formação acadêmica e a escola, possibilitando uma melhor articulação entre teoria e prática.

1.4 Estrutura do texto de Dissertação

A presente dissertação está organizada em cinco seções:

Na seção 1, DA ZONA DE CONFORTO AO ENCONTRO COM O OBJETO apresentamos a trajetória estudantil, acadêmica e profissional por meio de um memorial reflexivo que apresenta os caminhos percorridos pela pesquisadora até o encontro com o

objeto de estudo. Destacamos ainda a configuração do Programa Residência Pedagógica, bem como a revisão de literatura por meio do levantamento de produções científicas que versam sobre o PRP nos repositórios de teses e dissertações da BDTD e nos periódicos da CAPES finalizamos essa seção com a estrutura do texto de dissertação.

Na seção 2, A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA DA PESQUISA apresentamos o referencial teórico e metodológico ancorado na Psicologia Sócio-Histórica que fundamenta toda a nossa pesquisa, para isso discutimos o contexto do surgimento do método e os seus princípios, assim como a concepção de homem e algumas categorias.

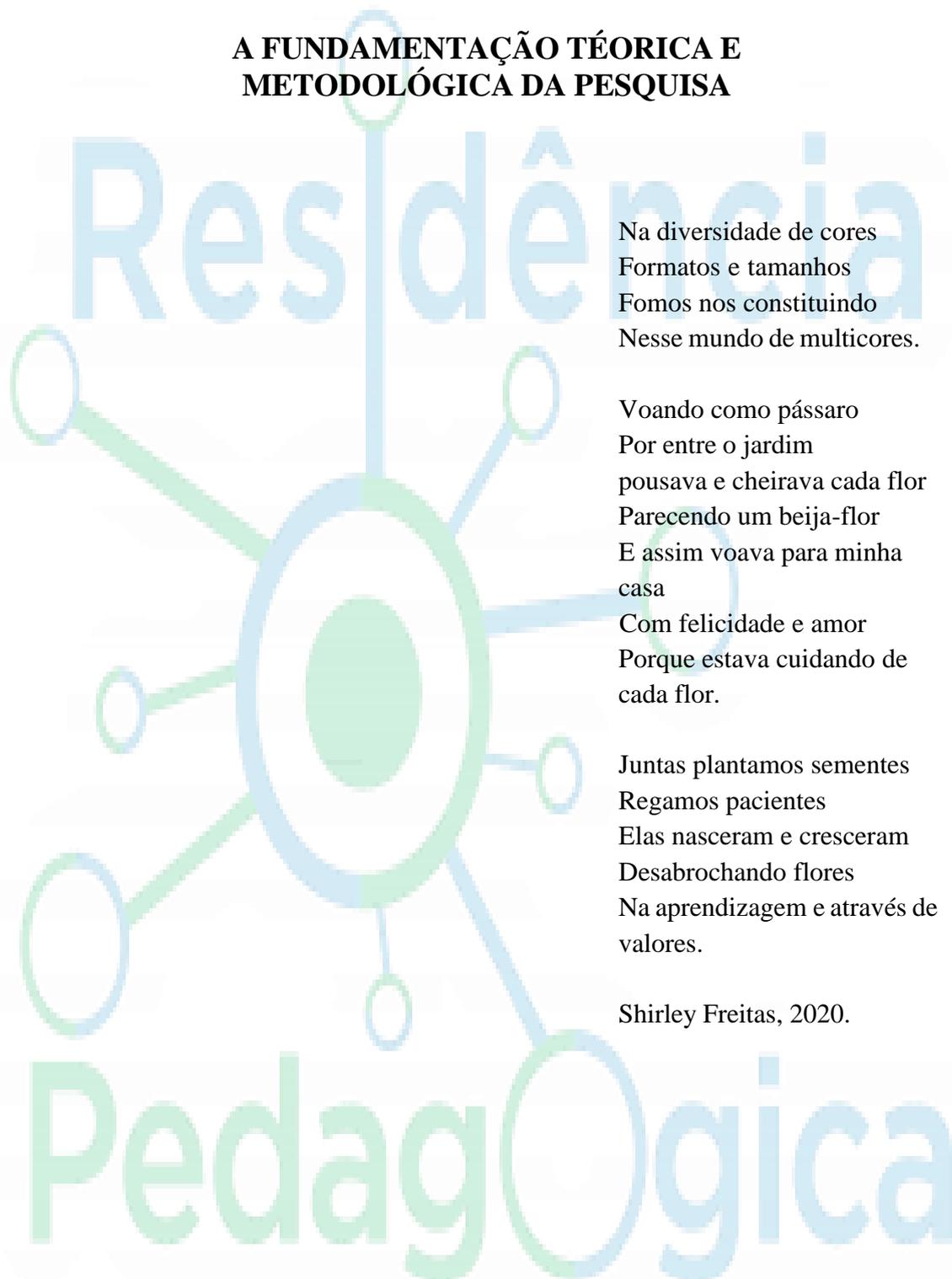
Na seção 3, O CAMINHO DA PESQUISA apresentamos o procedimento utilizado para a produção das informações: A Entrevista Reflexiva e as suas etapas; O procedimento de analisar e interpretar as informações produzidas que se deu por meio da proposta dos Núcleos de Significação, antes, porém apresentamos o *lócus* da pesquisa, os critérios para selecionar as egressas, bem como a caracterização delas.

Na seção 4, O MOVIMENTO DE ANÁLISE DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO, apresentamos a interpretação e a síntese da articulação dos três núcleos constituídos, a saber: 1º núcleo: a configuração do Programa Residência Pedagógica e suas contribuições na formação das egressas; 2º núcleo: Residência Pedagógica: possibilidades para ativação da ZDP e o 3º núcleo: Programa Residência Pedagógica *versus* Estágio Supervisionado o que nos possibilitou avançar do empírico para uma aproximação das zonas de sentido das egressas do PRP.

Na seção 5, AS CONSIDERAÇÕES FINAIS expomos as afetações sentidas por nós. Em seguida, apresentamos uma síntese sobre os achados da pesquisa, por fim explicitamos proposições resultantes dos nossos estudos.

SEÇÃO 2

A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA DA PESQUISA



Na diversidade de cores
Formatos e tamanhos
Fomos nos constituindo
Nesse mundo de multicores.

Voando como pássaro
Por entre o jardim
pousava e cheirava cada flor
Parecendo um beija-flor
E assim voava para minha
casa
Com felicidade e amor
Porque estava cuidando de
cada flor.

Juntas plantamos sementes
Regamos pacientes
Elas nasceram e cresceram
Desabrochando flores
Na aprendizagem e através de
valores.

Shirley Freitas, 2020.

SEÇÃO 2 – A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA DA PESQUISA

O objetivo desta seção incide na discussão sobre os aspectos teórico-metodológicos da nossa pesquisa, inicialmente justificamos a escolha desse referencial, em seguida apresentamos o contexto do surgimento do método e os seus princípios. Discutimos também, sobre a concepção de homem e algumas categorias.

A nossa pesquisa que teve como questão de partida: Quais os sentidos e significados de egressas do curso de Pedagogia da UERN acerca do Programa Residência Pedagógica? E como objetivo **apreender as significações constituídas por egressas do curso de Pedagogia da UERN acerca do Programa Residência Pedagógica**. É uma pesquisa qualitativa, teve como referencial teórico-metodológico a Psicologia Sócio-Histórica. A escolha da abordagem qualitativa, fundamentada nesse referencial, se deu pela natureza do objeto estudado: As significações das egressas, ou seja, o nosso estudo enveredou pelo desvelamento da subjetividade do sujeito a partir do universo de sentidos e significados que foram sendo constituídos por elas ao participar de um Programa formativo de apoio à docência. Minayo (2007, p. 21) afirma que a pesquisa qualitativa:

[...] Se preocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Podemos compreender que na pesquisa qualitativa há uma relação entre a realidade social e o indivíduo, ou seja, não há uma dicotomia entre a objetividade (realidade social) e a subjetividade (homem), uma vez que eles se constituem dialeticamente e, nesse sentido, é um estudo complexo, pois busca as significações que são constituídas nessa relação homem e meio. É importante destacar que para a pesquisa qualitativa alcançar o seu objetivo ela precisa estar ancorada no método, no caso da nossa pesquisa, é o Materialismo Histórico-Dialético que propõe estudar os fenômenos sociais em processo de movimento/mudança/transformação. Em outras palavras, busca compreender o indivíduo que se constitui na relação dialética com o social, o cultural e o histórico.

2.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DO MÉTODO

No começo do século XX, a Psicologia moderna estava enfrentando uma crise, denominada por Vigotski, crise de natureza epistemológica, na qual não havia uma Psicologia Geral, mas sim uma divisão de várias correntes, cada uma delas com o seu objetode estudo e que pouco dialogavam entre si. Sobre isso, Vigotski (1999, p. 335) afirma:

A tese de que existem duas psicologias (a científica natural, a materialista e a espiritualista) expressa com mais precisão o significado da crise do que a tese da existência de muitas psicologias. Psicologias, sendo exato, existem duas: dois tipos distintos, inconciliáveis de Ciências; duas construções do sistema de saber radicalmente diferentes. O restante só são diferenças nas perspectivas, escolas, hipóteses; combinações parciais, tão completas, tão confusas e entremeadas, cegas e caóticas, que com frequência é muito difícil de se orientar. Mas na verdade, a luta só se dá entre duas tendências que subseguem e atuam em todas as correntes em litígio.

Nesse contexto, tinha uma Psicologia Mentalista que estava fundamentada nas Ciências Humanas e na filosofia idealista, apresentando uma abordagem descritiva e subjetiva dos processos psicológicos superiores, logo considerava o homem como mente, consciência e espírito. Por outro lado, havia uma Psicologia mecanicista alicerçada nas Ciências da Natureza e na filosofia empirista que procurava explicar o comportamento externo, tomando o homem basicamente como corpo. Nessa tendência era comum o determinismo e o uso de experimentos em animais.

Assim sendo, a Psicologia do tipo Mentalista deixava de abordar as funções psicológicas mais complexas do ser humano e a psicologia materialista ainda era mecanicista por apresentar uma visão linear do homem, no sentido de que ele era determinado pelos estímulos ambientais, sem se mostrar ativo perante esse meio. Para Vigotski (1999), tais psicologias apresentavam limitações quanto ao objeto de estudo, por dedicar-se ao estudo de partes ao invés de estudar as estruturas mais complexas do homem.

Cada uma das correntes privilegiava um dos aspectos do ser humano, como: o subjetivo ou objetivo, o espiritual ou físico, o social ou biológico, dificultando a compreensão do homem em sua totalidade. Por isso, criou-se um obstáculo para o desenvolvimento de uma Psicologia Geral, as diferentes correntes fragmentavam, ainda mais, o ser humano, impossibilitando um estudo mais amplo e completo.

Essa crise só seria superada, segundo Luria (2010, p. 26), quando “as explicações científicas e naturais dos processos elementares e as descrições mentalistas dos processos

superiores fossem superadas”. Para o autor, era necessário abandonar todas as correntes da época para criar uma nova Psicologia. Em contrapartida, Vigotski (1999, p. 502) afirma que “a crise atua um princípio não apenas destruidor, mas criador”, ou seja, nesse período ele analisa as correntes e postula a nova Psicologia chamada Histórico-Cultural e não significava, conforme a citação do autor, o esquecimento de cada uma das correntes, uma vez que elas favoreceram a futura Psicologia e por essa razão fariam necessariamente parte dela, ainda que transformadas

Vigotski propõe uma Psicologia de base marxista, apresentando como motivo a crise dos limites metodológicos e para enfrentar as dicotomias da época. A questão agora não era adequar a Psicologia ao marxismo, como afirma Vigotski (1999, p. 395):

Mas é preciso saber o que se pode e o que se deve buscar no marxismo. Não se trata de adaptar o indivíduo ao sábado, mas sábado ao indivíduo. O que precisamos encontrar em nossos autores é uma teoria que ajude a conhecer a psique, mas de modo algum a solução do problema da psique, a fórmula que contenha e resuma a totalidade da verdade científica. O que sim pode ser buscado previamente nos mestres do marxismo não é a questão, e nem mesmouma hipótese de trabalho... Não quero receber lambuja, pescando aqui e ali algumas citações do que é a psique, o que desejo é aprender na globalidade dométodo de Marx, como se constrói a ciência, como enfocar a análise da psique.

O que a citação acima deixa entender é que Vigotski almejava construir uma Psicologia e, para isso, ele compreendia o método de Marx de uma forma completa e não como um amontoado de conceitos que ele julgasse que fossem úteis para a construção dela e o centro desse estudo seria a psiquê, ou seja, os processos mentais superiores do homem. Sobre isso, Oliveira (2009), citando Schreber (1985), afirma que os processos mentais superiores nem podem ser explicados pela lei da natureza, nem por leis de espírito, mas que as raízes devem ser examinadas na lei da história, ou seja, os processos mentais superiores deveriam ser estudados em processo de mudança/movimento/transformação. A historicidade é a base da dialética marxista mentais superiores deveriam ser estudados em processo de mudança/movimento/transformação. A historicidade é a base da dialética marxista, portanto, é ela que “une” Vigotski ao método de Marx.

Segundo Vigotski (1999, p. 503), o marxismo não era apenas uma das escolas “(como se dizia, por exemplo, das escolas associacionista, experimental, eidética e outras), mas, como a única Psicologia Científica”. Ele percebeu a oportunidade de aplicar a

filosofia de Marx a uma ciência concreta que não dicotomiza o objeto, mas integra o psicológico, o histórico, o social e o individual, uma vez que a Psicologia passou a ter um novo problema: o de analisar o homem em sua totalidade teria que adotar um novo método, ou seja, não tem como separar o problema do método. Vigotski (1995, p. 47) afirma que “toda apresentação fundamentalmente nova dos problemas científicos, conduz inevitavelmente a novos métodos e técnicas de investigação. O objeto e o método de investigação mantêm uma relação muito estreita”.

Em sua obra Vigotski não separa a teoria do método, logo na teoria percebemos a construção do método e no método aprofunda-se a teoria. Nesse sentido, o método é uma questão fundamental, pois acontece concomitantemente com a teoria. Segundo Molon (2003, p. 59)

O método é indispensável e constitutivo de todo o processo de produção de conhecimento, desde a escolha do objeto, a definição do problema, a elaboração dos instrumentos, a intervenção na realidade, os caminhos trilhados na investigação, passando pela produção e obtenção dos dados, e está presente também na elaboração das análises e nas reflexões.

Nessa nova Psicologia, o homem não é visto como um ser isolado do contexto social e histórico, mas sim constituído e constituinte nas e pelas relações sociais e históricas. Desse modo, homem e sociedade estão imbricados em um processo de constituição mútua e para Vigotski (1995, p. 87), “O ponto central de nossa investigação consistirá em estudar a passagem da influência social, exterior ao indivíduo, à influência social, interior ao indivíduo e trataremos de esclarecer os momentos mais importantes que integram esse momento de transição”. Esse novo método de investigação psicológica é constituído por princípios sobre processos psicológicos do ser humano em sua totalidade.

2.2 PRINCÍPIOS DO MÉTODO

São três os princípios do método pensado por Vigotski: *Analisar Processos, e não objetos; Explicação versus a descrição* e o *Comportamento fossilizado*. No primeiro princípio, Vigotski (2007, p. 63) diz que é preciso:

Analisar processos, e não objetos. O primeiro princípio leva-nos a distinguir entre a análise de um objeto e a análise de um processo. [...] A tarefa da análise consistia simplesmente em separá-los nos seus elementos componentes. A análise psicológica de objetos deve ser diferenciada da análise de processos, a qual requer uma exposição dinâmica dos principais pontos constituintes da história dos processos.

Esse princípio está à base do Materialismo Histórico-Dialético que estuda os fenômenos em processos de mudança/movimento/transformação, assim Vigotski analisa o psiquismo humano em processo de desenvolvimento e não como algo pronto e acabado. Segundo Vigotski (2007, p. 68), “[...] estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança; esse é o requisito básico do método dialético”. Baseando-se nesse princípio, buscamos em nossa pesquisa entender as mudanças ocasionadas na vida das egressas do Programa Residência Pedagógica, que ainda na condição de estudantes de graduação, participaram de um programa formativo de apoio à docência.

No segundo princípio, Vigotski (2007, p. 64-66) enfatiza a:

Explicação versus descrição. Na psicologia introspectiva e associacionista, a análise consiste, essencialmente, numa mera descrição, e não numa explicação como nós a entendemos. A mera descrição não revela as relações dinâmico-causais reais subjacentes ao fenômeno. [...] Quando me refiro a estudar um problema sob o ponto de vista do desenvolvimento, quero dizer revelar a sua gênese e suas bases dinâmico-causais. [...] Defendemos procurar mostrar a essência dos fenômenos psicológicos em vez de suas características perceptíveis.

Esse princípio revela que os fenômenos a serem estudados precisam ser analisados além da aparência; vejamos um exemplo citado por Vigotski (2007, p. 64):

“Uma baleia, do ponto de vista de sua aparência externa, situa-se mais próxima dos peixes do que dos mamíferos; mas, quanto à sua natureza biológica, está mais próxima de uma vaca ou de um veado do que de uma barracuda ou de um tubarão”.

Isto é, a aparência não condiz com a essência e o nosso desafio enquanto pesquisador é desvelar e explicar o que não está visível e não apenas descrever o aparente. Sob a ótica desse princípio que busca a essência dos fenômenos, podemos dizer que a atuação no Programa Residência Pedagógica se manifesta externamente de modo semelhante entre as egressas, mas a essência do fenômeno para cada uma delas é singular.

No terceiro princípio, Vigotski (2007, p. 67) esclarece sobre:

O problema do “comportamento fossilizado”. O terceiro princípio básico de nossa abordagem analítica fundamenta-se no fato de que, em psicologia, defrontamo-nos frequentemente com processos que esmaeceram ao longo do tempo, isto é, processos que passaram através

de um estágio bastante longo do desenvolvimento histórico e tornaram-se fossilizados. Essas formas fossilizadas de comportamento são mais facilmente observadas nos assim chamados processos psicológicos automatizados ou mecanizados, os quais, dadas as origens remotas, estão agora sendo repetidos pela enésima vez e tornaram-se mecanizados. Eles perderam sua aparência original, e a sua aparência externa nada nos diz sobre a sua natureza interna. Seu caráter automático cria grandes dificuldades para a análise psicológica.

Como vimos, Vigotski propõe em seu método que os fenômenos sejam estudados em movimento, com base na historicidade e nas relações sociais que os constituem e a análise não seria possível apenas pelo viés descritivo, pois é preciso também explicar cada passo para entender a complexidade desses fenômenos. O método permite ao pesquisador conhecer o passado não para comparar com o presente, mas para compreender as transformações pelas quais o sujeito da pesquisa passou e mesmo diante de comportamentos repetitivos e mecanizados ainda é possível buscar a origem para entendê-lo. Vigotski (2007) defende a tese de que o comportamento aparentemente fossilizado pode se transformar.

2.3 A CONCEPÇÃO DE HOMEM E AS PRINCIPAIS CATEGORIAS UTILIZADAS NA PESQUISA

Nesse tópico apresentamos a concepção de homem e algumas categorias que foram escolhidas com base no objetivo da nossa pesquisa, a saber: Historicidade, Mediação, Pensamento e Linguagem, Sentidos e Significados e Zona de Desenvolvimento Proximal que nos auxiliaram para a compreensão da constituição do homem e para a produção, análise e interpretação das informações.

2.3.1 Concepção de Homem

A Psicologia Sócio-Histórica surgiu em um momento significativo para a Rússia. Logo após ter consolidado a Revolução, surgiu uma nova sociedade o que pressupõe a constituição de um novo homem. Nesse sentido, o comportamento e a psiquê influenciam e são influenciados pelo contexto social e histórico no qual o indivíduo está inserido; por esse motivo recebeu o nome Psicologia Sócio (de social/cultura) e histórica (de historicidade).

Concatenando essa nova concepção de homem com as nossas vivências enquanto preceptora é possível dizer que através da imersão das residentes na Escola Municipal Sonho Colorido novos projetos foram desenvolvidos, atendendo as necessidades dessa instituição, que por sua vez, contribuíram para a formação delas, ou seja, elas foram influenciadas pela realidade social da escola e, ao mesmo tempo,

influenciaram essa realidade.

Sobre o objeto de estudo dessa nova Psicologia, que são as funções psíquicas do homem, Vigotski (1999, p. 481) afirma:

As funções psíquicas se organizam em dois níveis, a saber: por cima dos naturais, inferiores, involuntários (comuns aos animais e ao homem), situam-se as culturais, as superiores, as voluntárias. O aparecimento do segundo nível era o produto do desenvolvimento histórico-social, como uma criação do meio social particular, sob a influência do qual se acha o ser humano a partir de seu nascimento.

A análise de Vigotski sobre as funções psíquicas nos leva a entender que elas são, a princípio, funções biológicas comuns a animais e aos seres humanos e em relação às egressas, por exemplo, quando elas se inserem no contexto sociocultural e através das relações e experiências que mantêm com os sujeitos da escola desenvolverão, ainda mais, as funções psíquicas superiores, ou seja, o social é a parte fundamental da constituição psíquica do ser humano e ela não pode ser compreendida pela psicologia animal, pois os animais não têm vida social e por isso não têm cultura. Como afirma Bock (2004, p. 6), “O fenômeno psicológico reflete a condição social, econômica e cultural em que vivem os homens”.

Duarte (1993, p. 31), citando o Terceiro Manuscrito de Marx (1987), enfatiza que “O homem [...] não é apenas um ser natural, mas um ser natural humano, isto é, um ser que é para si próprio e, por isso, um ser genérico”, no entanto, o processo de constituição do sujeito não se caracteriza como algo natural, que o indivíduo já nasce pronto, mas como bem sabemos, o ser humano nasce com um aparato biológico e orgânico adequado para o desenvolvimento das funções mentais superiores que são internalizadas na relação do homem com o meio, ou seja, as funções mentais superiores são resultados dessa relação. É preciso sair dos limites do organismo para explicar as formas mais complexas da vida consciente do homem (LURIA, 2010).

Vigotski, portanto, concebe o homem como um ser histórico e social, superando a visão fragmentada, logo o indivíduo não é descolado do social, porém se revela simultaneamente na dimensão individual (subjetividade) e na dimensão social (objetividade), ou seja, o homem se forma em uma relação dialética com a realidade social na qual ele vive e isso não significa uma passagem do social para o individual, porque

se assim o fosse negaríamos a possibilidade do novo, da criação. Como afirmam Marques, Góis e Barbosa, (2017. p. 147):

As bases epistemológicas da Psicologia Sócio-Histórica encontram-se alicerçadas no materialismo histórico-dialético. Tal posicionamento implica numa concepção de homem como ser social, histórico, psicológico e em pleno desenvolvimento constituídos nas e pelas relações sociais. Esse homem é constituinte ativo dessas relações, concebido como um sujeito ativo, criativo, que planeja sua atividade, capaz de projetar-se e ir além do seu meio sócio-cultural, constituindo-se como humano. Nessa perspectiva, seu desenvolvimento se processa dialética e continuamente.

A vida, portanto, vai se constituindo na materialidade das relações entre o sujeito com a sociedade, com a natureza, relações que, inicialmente garantem a sobrevivência, em que o homem modifica a natureza e produz os bens necessários para a sua sobrevivência. Nesse caso, o homem se difere do animal, para o animal garantir a sua sobrevivência ele se adapta a natureza, já o homem precisa transformar e essa transformação ocorre por meio do trabalho. Em virtude disso, o homem consegue produzir outras necessidades, sendo capaz de produzir representações conscientes da materialidade sobre a qual trabalha. Andery (2006, p. 10) confirma que:

A atuação do homem diferencia-se do animal porque, ao alterar a natureza, por meio de sua ação, torna-a humanizada; em outras palavras, a natureza adquire a marca da atividade humana [...] A interação homem-natureza é um processo permanente de mútua transformação: esse é o processo de produção da existência humana. [...] porque o homem não só cria artefatos, instrumentos, como também desenvolve ideias (conhecimentos, valores, crenças) e mecanismos para a sua elaboração (desenvolvimento do raciocínio, planejamento...). [...] a ação humana, ao contrário da de outros animais, é intencional e planejada; em outras palavras, o homem sabe que sabe.

Nesse processo, o homem por meio das relações estabelecidas com o meio converte-se do mundo externo para o mundo interno e desenvolve sua individualidade. Marx em sua obra *O capital* (2013, p. 327) também corrobora sobre a diferença entre o homem e o animal quanto ao trabalho, observemos:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento

natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado.

Podemos entender que o comportamento do homem se distingue do comportamento do animal, pois o comportamento e a conduta do homem não são apenas uma evolução biológica, mas também histórica e cultural que irão constituir as funções psicológicas superiores. São superiores, por serem mecanismos intencionais, ações conscientemente controladas, processos voluntários que dão ao indivíduo a possibilidade de independência com relação às características do momento e espaço presente, portanto o homem tem consciência, inteligência e capacidade para pensar sobre seus atos, planejar suas atividades e colocá-las em prática diferente do que acontece com os animais. (REGO, 2000)

De acordo com Oliveira (2009, p. 24) Vigotski apresenta três ideias centrais na Psicologia Sócio-Histórica:

“as funções psicológicas têm um suporte biológico, pois são produtos da atividade cerebral; o funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre o indivíduo e o mundo exterior, as quais se desenvolvem num processo histórico; a relação homem/mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos”.

Nesse contexto, o cérebro é um sistema flexível que está em constante interação com o meio, sendo, portanto, passível à mudança; o homem transforma-se de biológico para sócio-histórico por meio da cultura e a relação do homem com o mundo ocorre através da mediação e não de forma direta.

Um dos diferenciais da Psicologia Sócio-Histórica quanto à pesquisa é que além de partir do empírico (real) usa as categorias não para descrever essa realidade, mas sim para compreender e explicar a realidade material produzida e vivida pelo homem nas suas relações sociais, pois, como bem afirma Vigotski (2001), é importante vê o outro lado da lua, pois somente a aparência não condiz com a realidade.

Sabendo-se disso, para fundamentar, produzir, analisar, interpretar as informações da nossa pesquisa utilizamos algumas categorias que foram escolhidas com base no objetivo da pesquisa. Sobre categorias, Aguiar (2015, p. 117) aponta que:

As categorias de análise devem dar conta de explicitar, descrever e explicar o fenômeno estudado em sua totalidade. São construções ideais (no plano das ideias) que representam a realidade concreta, e como tais, carregam o movimento do fenômeno estudado, suas contradições e a sua historicidade.

Nesse sentido, para realizarmos o movimento de explicitar as significações de egressas do curso de Pedagogia acerca do Programa Residência Pedagógica, em sua totalidade, nos aproximando assim, das suas zonas de sentidos, utilizamos as categorias: Historicidade, Mediação, Pensamento e Linguagem, Sentidos e Significados e Zona de Desenvolvimento Próximo. Nessa perspectiva, partimos da concepção de Aguiar, Soares e Machado (2015) ao indicarem que as categorias da Psicologia Sócio-Histórica auxiliam na apreensão da condição humana e das significações constituídas pelo sujeito e a realidade que o cerca, mediadas pelas relações sociais e históricas.

2.3.2 Historicidade

Como vimos, Vigotski adota o materialismo histórico e dialético como filosofia que embasa o método da Psicologia Sócio-Histórica. Desse modo, situa historicamente o homem, compreendendo-o como um ser ativo, social, histórico e em pleno desenvolvimento no ambiente social que é construído historicamente, assim o indivíduo vai sendo constituído e constitui o meio ao longo da história. Nesse sentido, Vigotski (2000, p. 23) retrata a importância da história para compreensão do processo de desenvolvimento humano, vejamos:

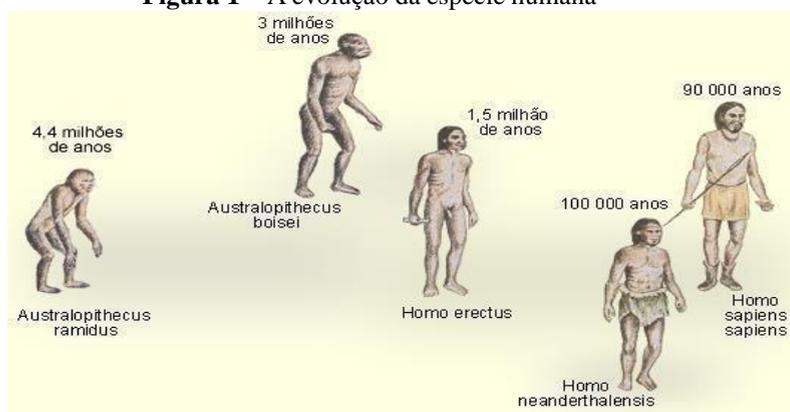
A palavra história (psicologia histórica) para mim significa duas coisas: 1) abordagem dialética geral das coisas – neste sentido qualquer coisa tem sua história [...]; 2) história no próprio sentido, isto é, a história do homem. Primeira história – materialismo dialético, a segunda – materialismo histórico. As funções superiores, diferentemente das inferiores, no seu desenvolvimento, são subordinadas às regularidades históricas [...]. Toda a peculiaridade do psiquismo do homem está em que nele são unidas (síntese) uma e outra história.

Nessa perspectiva, todo processo de constituição do ser humano é mediado pela história, ou seja, a historicidade está intrínseca a toda existência humana, por isso consideramos fundamental usar essa categoria para nossas análises e interpretação, para entender como se deu a constituição da egressa, pois para apreender as significações precisamos entender quem são esses sujeitos. Como diria o orador romano Cícero, a

História é a “Mestra da Vida” e através da história podemos extrair ensinamentos que nos orientou na apreensão das significações, e desse modo não ficamos na aparência dos fatos.

Por meio da categoria historicidade podemos entender as mudanças que o Programa Residência Pedagógica proporcionou na vida pessoal e acadêmica das egressas, pois como afirma Soares (2011, p. 33) “Nos estudos sócio-históricos, a história é uma categoria que nos ajuda a romper, fundamentalmente, com a ideia de que o homem é um ser estático, ou simplesmente que seu desenvolvimento é marcado por uma sequência linear de características sobrepostas”. Vejamos a figura 1:

Figura 1 – A evolução da espécie humana



Fonte: <http://www.coladaweb.com/historia/pre-historia>

Essa imagem mostra algumas etapas da evolução humana que do ponto de vista biológico é possível retratar que de uma espécie surge à outra e, assim, sucessivamente, até a espécie atual. Na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, quando o ser humano nasce já possui uma carga filogenética e através do meio cultural e social que ele vive ocorre a evolução ontogenética. Vigotski (1995, p. 29-30), afirma:

O comportamento de um adulto aculturado de nossos dias [...] é o resultado de dois processos distintos do desenvolvimento psíquico. Por um lado, trata-se de um processo biológico de evolução das espécies animais que conduziu à aparição da espécie Homo sapiens; e, por outro, um processo de desenvolvimento histórico graças ao qual o homem primitivo converte-se em um ser aculturado. Ambos os processos, o desenvolvimento biológico e o cultural da conduta, estão presentes, cada um por si, na filogênese; são duas linhas independentes de desenvolvimento, estudadas por disciplinas psicológicas diferentes, particulares.

Segundo Savoia (1989), ao nascer, já temos alguns papéis prescritos como idade, sexo e posição familiar, mas na medida em que adquirimos novas experiências,

ampliamos nossas relações e vamos nos transformando, adquirindo outros hábitos que são determinados pela sociedade e pela cultura.

Essa categoria nos permite analisar e interpretar o modo como o ser humano se apropriou da cultura, como também a sua relação com o social, ou seja, o sujeito não se realiza individualmente, mas nas suas relações com o outro e com a natureza. Conforme afirmam Aguiar e Machado (2016, p. 263-264), “A partir do entendimento de que o real é contraditório e de que nada é fixo e imutável, entende-se que o pensamento também deve se colocar em movimento e ser pensamento deste movimento, ser um pensamento consciente da contradição [...]”, a qual é constitutiva da historicidade.

No âmbito dessa discussão e relacionando com o nosso objeto de pesquisa, podemos dizer que as egressas do Programa Residência por ser social e histórico está em constante processo de mudança e nesse movimento dialético ela vai se constituindo e organiza suas formas de agir, sentir e de pensar. É importante destacar que mesmo a egressa tendo essa formação prática na escola ela não se dá por acabada, pois o ser humano se reconstrói continuamente no seu processo de interação social.

As mudanças ocorridas na vida do sujeito se dão por meio das mediações como veremos a seguir.

2.3.3 Mediação

Vigotski compreende que o desenvolvimento natural produzia as funções elementares, enquanto que o desenvolvimento social ou cultural transformava os processos elementares em superiores e, para isso, eram necessários mediadores nas relações homem e mundo. Assim, as relações deixariam de ser diretas e passariam a ser mediadas. Conforme explica Oliveira (2009, p. 29),

Vigotski, trabalha, então, com a noção de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas, fundamentalmente, uma relação mediada. As funções psicológicas superiores apresentam uma estrutura tal que entre o homem e o mundo real existem mediadores, ferramentas auxiliares da atividade humana.

Nesse sentido, a relação entre o ser humano e mundo é mediada pela cultura, pelos fatores históricos, pelos afetos, pensamento e também pela influência do homem, segundo Molon (2013, p. 102) [...] “não é a corporeidade que estabelece a relação mediatizada”, logo a mediação não ocorre somente pela presença física do outro, mas

também pelos signos e instrumentos. Sobre os instrumentos vejamos a figura 2:

Figura 2: Ferramentas construídas pelo homem ao longo do processo histórico



Fonte: <http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=63&evento=1>

As figuras nos permitem entender que o instrumento usado pelo homem é um elemento mediador entre ele e o objeto de trabalho e, na medida em que os instrumentos foram mudando, o homem também mudou, ou seja, ele transformou os instrumentos de acordo com as suas necessidades, de forma intencional e devidamente planejada e foi sendo transformado também. Sobre o instrumento como mediador na relação homem e meio. Oliveira(2009, p. 31) afirma que:

O instrumento é feito ou buscado especialmente para certo objetivo. Ele carrega consigo, portanto, a função para a qual foi criado e o modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo. É, pois, um objeto social e mediador da relação entre o indivíduo e o mundo.

Desse modo, o ser humano desenvolve as habilidades cognitivas e físicas para criar seus próprios instrumentos, tal desenvolvimento acontece, porque ele está inserido no contexto histórico e social. Sendo assim, o ser humano passa a usar a linguagem para explicar como fabricou e a utilidade dos instrumentos ao grupo social do qual ele faz parte. Segundo Luria (1994), o aparecimento do instrumento de trabalho está relacionado com o surgimento da atividade consciente, já que somente é possível definir o instrumento, caso ele seja conceitualizado e para isso o ser humano usa a linguagem. Em outras palavras, há uma relação entre o surgimento do instrumento e uma das funções da linguagem que é a comunicação a outra função que é de pensamento ou função intelectual da linguagem iremos discutir mais adiante.

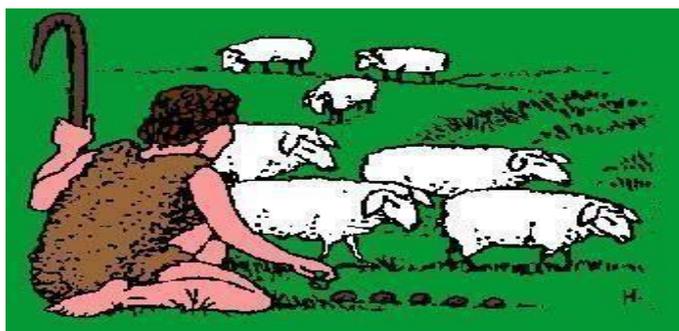
A atividade humana, portanto, exerce uma dupla mediação: a técnica e a semiótica. A mediação técnica (externa) permite que o ser humano transforme a natureza, enquanto a mediação semiótica (interna) é a transformação no próprio ser humano a partir da transformação que ele mesmo provoca na natureza. Para Vigotski, mediação semiótica é a passagem do plano natural ao plano cultural (SIRGADO, 2000).

Posto isso, passaremos a discutir o outro elemento da mediação que são os signos, segundo Vigotski (2007, p. 59-60),

A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher etc.), é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento de trabalho. Mas essa analogia, como qualquer outra, não implica uma identidade desses conceitos similares.

Percebemos por essa discussão que, a semelhança entre os instrumentos e os signos é que ambos têm uma função mediadora, contudo, os instrumentos são elementos externos ao indivíduo e através deles o trabalho é realizado; já os signos são elementos internos ao indivíduo e que favorecem os processos psicológicos. A imagem 3 mostra uma ilustração sobre os signos.

Figura 3: O homem e a estratégia de contagem



Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/matematica/como-surgiram-os-numeros.htm>

Antes do surgimento dos números o ser humano sentia a necessidade de contar, por isso, quando saía para pastorear o rebanho usava para cada animal uma pedra que era colocada dentro de um bornó, assim era possível ele retornar para o celeiro conferir a quantidade de ovelhas baseando-se nas pedras que havia pegado. Dessa forma, a pedra funcionava como signo, pois auxiliava o ser humano no armazenamento de informação. Hoje, por exemplo, o sujeito já consegue usar os signos internos, ou seja, fazer a contagem mental que substitui o objeto, assim entendemos que os elementos de mediação, tanto os

signos quanto os instrumentos sofrem transformações ao longo do desenvolvimento do indivíduo.

Para Vigotski (1999), a constituição do ser humano pela mediação é dialética e não dicotomiza as dimensões individual e social, ou seja, são duas dimensões de uma mesma realidade que fazem parte da constituição do indivíduo. Essa concepção também é defendida por Aguiar e Ozella (2006, p. 224), quando afirmam que “o homem se constitui numa relação dialética com o social e a história, um homem que, ao mesmo tempo, é único, singular e histórico”. Dessa forma, os autores concluem que a mediação:

[...] rompe com as dicotomias interno-externo, objetivo-subjetivo, assim como afastarmos das visões naturalizantes [...]. Por outro lado, possibilita uma análise das determinações inseridas em um processo dialético, portanto, não linear, causal e imediato, mas no qual as determinações são entendidas como elementos constitutivos do sujeito (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 225).

Podemos entender que o ser humano é constituído a partir das várias determinações ou mediações e há um rompimento das dicotomias, ele e o meio se constituem dialeticamente, ou seja, não temos como considerar que o ser humano se constitua de forma isolada ou separada da realidade social e histórica que ele vive. Sabendo-se disso, buscamos em nossa pesquisa compreender as mediações constitutivas das egressas ao transitarem em duas instituições formativas: Escola e Universidade, de que maneira essas mediações contribuiram para a formação docente.

Um dos elementos mediadores do ser humano e o mundo é a linguagem que veremos logo a seguir.

2.3.4 Pensamento e Linguagem

Os processos mentais superiores caracterizam o pensamento do ser humano são mediados por signos e instrumentos. Vigotski (2008), em sua obra *Pensamento e Linguagem* destaca a importância da linguagem na formação das funções psicológicas superiores, concebendo, pois, a linguagem como um sistema de signos mediatizador por excelência das funções mentais.

Em outras palavras, a linguagem foi fundamental para o desenvolvimento das sociedades, como também para a criação da cultura e, como vimos, é por meio da cultura, da interação social que as funções psicológicas superiores são desenvolvidas, por isso, os animais não conseguem desenvolver essas funções por não terem uma vida social.

Vigotski (2008) passou a estudar o desenvolvimento da criança para compreender as ligações entre o pensamento e a linguagem e depois de muitos estudos chegou à conclusão de que embora o pensamento e a linguagem tenham origens diferentes eles formam uma unidade, sendo que um não pode ser entendido sem o outro, pois eles formam um par dialético. Vejamos a figura 4:

Figura 4- Fases do Pensamento e da Linguagem



Fonte: <https://pt.slideshare.net/ro7nny/mm/gnese-do-pensamento-e-da-linguagem-l-s-Vigotski> .

Para entender a figura 4 na perspectiva do nosso estudo, é necessário, acompanhar algumas das considerações sobre os estudos de Vigotski. Segundo ele, a criança manifesta uma inteligência prática antes mesmo de dominar a linguagem, ou seja, costuma se utilizar de algum instrumento com o propósito de atingir um objetivo, por exemplo: a criança quer pegar um brinquedo que está na parte alta do armário, ela sobe em cima da cadeira para alcançá-lo. Nessa situação, ela usou o pensamento e não a linguagem para conseguir o brinquedo, por esse motivo, essa fase recebe o nome de pré-linguística ou verbal do pensamento (VIGOTSKI, 2008).

Já na fase pré-intelectual, a criança ainda não domina a linguagem como um sistema simbólico, então, ela passa a fazer uso de manifestações verbais, como o choro, o riso, os variados sons para chamar atenção de alguém. Oliveira (2009, p. 48) acrescenta que: “o choro, o riso e o balbúcio da criança pequena tem a clara função de alívio emocional, mas também serve como meio de contato social, de comunicação defesa com as outras pessoas”.

Como vimos na figura 4 e pelas discussões realizadas até aqui sobre a Psicologia Sócio-Histórica, a relação do Pensamento e Linguagem não ocorre de forma isolada ou autônoma, mas há uma relação histórica e dialética para essa constituição. Em outras palavras, é no desenvolvimento histórico do indivíduo que eles se inter cruzam e por meio da interação social a criança dá um salto qualitativo na linguagem; assim, podemos dizer

que a linguagem e o pensamento passam por transformação e se desconsiderarmos essas mudanças, negaremos o contexto histórico e social em que vive a criança. Sobre isso Oliveira (2009, p. 49) diz:

Enquanto no desenvolvimento filogenético foi a necessidade de intercâmbio dos indivíduos durante o trabalho que impulsionou a vinculação dos processos de pensamento e linguagem, na ontogênese esse impulso é dado pela inserção da criança no grupo cultural.

Evidencia-se, portanto, que a relação entre o pensamento e a linguagem, é de movimento e historicidade. Luria (2010, p. 27) reitera dizendo que:

Desde o nascimento, as crianças estão em constante interação com os adultos, que ativamente procuram incorporá-las à sua cultura e à reserva de significados e de modos de fazer as coisas que se acumulam historicamente. No começo, as respostas que as crianças dão ao mundo são dominadas pelos processos naturais, especialmente aqueles proporcionados por sua herança biológica. Mas através da constante mediação dos adultos, processos psicológicos instrumentais mais complexos começam a tomar forma.

Nessa discussão, fica nítido que para a criança desenvolver a linguagem ela precisa da mediação de um adulto e sem a linguagem não desenvolverá as funções mentais superiores. Um exemplo disso são as irmãs Kamala e Amala, conhecidas também como meninas lobos que mesmo com um aparato biológico para se desenvolver, elas adquiriram a mesma linguagem dos lobos, ou seja, referente às funções elementares. Aguiar (2000, p. 132) diz que a linguagem é “um instrumento fundamental no processo de mediação das relações sociais, por meio do qual o homem se individualiza, humaniza-se, apreende e materializa o mundo das significações que é construído no processo social e histórico”.

A partir dos seus estudos, Vigotski chegou à conclusão de que a linguagem apresenta duas funções: a primeira é a de intercâmbio social: para o ser humano se comunicar e manter um contato com os pares e mediante o desenvolvimento dele é que a linguagem se torna um instrumento do pensamento.

Podemos ver na figura 4 que o pensamento e a linguagem primeiro no estado biológico e depois no sócio-histórico, nesse último ocorre a formação do pensamento verbal que é o pensamento mediado pela fala e assim teremos a construção do significado da palavra, ou seja, a unidade do pensamento e da linguagem. A respeito dos significados da palavra, Vigotski (2001, p. 398) afirma que:

O significado das palavras é um fenômeno do pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – união da palavra e do pensamento.

Na nossa pesquisa partimos da fala com significado que foi o primeiro aspecto a ser destacado no momento empírico e foi sendo aprofundada para tentar chegar às zonas de sentido. Como afirma Aguiar e Ozella (2006, p. 226), os significados “contém mais do que aparentam e que [por isso], por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido”.

É importante frisar que, segundo Vigotski (2001), o pensamento não é igual à palavra, mas vive com ela uma relação de mediação, ou seja, o pensamento é mais amplo, por isso que enquanto pesquisadores não podemos nos deter à palavra com significado, mas tentar ir além, pois ela contém mais do que aparenta.

2.3.5 Sentido e Significado

O sentido e o significado são duas categorias diferentes que surgem quando Vigotski estuda as relações entre o pensamento e a linguagem, porém formam uma unidade e, como vimos no tópico anterior, uma das funções da linguagem é a comunicação e para ela acontecer é necessário que as pessoas envolvidas no processo comunicativo usem a mesma língua, essa que é compreendida como um conjunto de palavras com significado por meio da qual a mensagem é transmitida e passa a ser entendida, do contrário torna-se inteligível.

Segundo Vigotski (1995), é necessário a apreensão do significado, para que seja possível uma troca linguística em consonância. Aguiar e Ozella (2006, p. 226) afirmam que os significados permitem “a comunicação, a socialização de nossas experiências”. Nessa perspectiva, podemos dizer que o significado se realiza nas relações sociais.

Como temos percebido que os estudos de Vigotski foram inovadores para a época e continua sendo nos dias de hoje, pois afirma o caráter histórico da formação do ser humano e a totalidade que o constitui, ou seja, sua condição afetiva, biológica e cognitiva. Nesse sentido, o mental funciona como a união do pensamento e da linguagem que resulta no pensamento verbal, ou seja, a fala mediada pelo pensamento e por meio da fala do indivíduo temos o significado das palavras e através dele o ser humano constrói o

sentido, mediante as suas vivências que são individuais. Em outras palavras, o significado está ligado ao mental e o sentido ao afetivo e agora você deve estar se perguntando então o pensamento está dicotomizado do afetivo? Muito pelo contrário, um está contido no outro, chamado por Vigotski de pensamento emocionado. Sobre os significados, Vigotski (2008, p. 184) diz:

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da "palavra", seu componente indispensável. [...], mas... o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. E como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento.

Dessa forma, o significado da palavra constitui um ato de pensamento e, por sua vez, o significado faz parte da fala que pertence à linguagem. Vigotski (2001, p. 398) reafirma: o significado é, "ao mesmo tempo, um fenômeno do discurso e intelectual", relacionado, respectivamente, à linguagem e ao pensamento. Quando a fala deixa de pertencer ao fenômeno do discurso ela se torna um som vazio.

Os significados são, portanto, construídos ao longo da história, com base nas relações do ser humano com o meio, por isso podemos dizer que o significado não é apenas o significado da palavra, porém o significado de um sujeito a partir da sua realidade. De acordo com Aguiar e Ozella (2013, p. 304)

Muito embora sejam mais estáveis, "dicionarizados", eles também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, conseqüentemente, a relação que mantêm com o pensamento, entendido como um processo. Os significados referem-se, assim, aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades.

Vigotski (2001), ao analisar a linguagem, diferencia dois componentes do significado da palavra: o significado propriamente dito, o qual parte do coletivo, é elaborado historicamente e sofre modificação, e o sentido, esse é mais amplo, sendo apreendido pelos homens de modo particular. Vigotski (2001, p. 466) afirma: [...] sentido é um agregado de todos os fatos psicológicos que surgem na nossa consciência como resultado da palavra [...] O sentido real de cada palavra é determinado, no final das contas,

por toda riqueza dos momentos existentes na consciência e relacionados aquilo que está expresso por uma palavra.

Com isso, podemos inferir que os sentidos não são alcançados propriamente na palavra, muito embora enquanto pesquisadores na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica o nosso ponto de partida seja a fala com significado, mas não podemos nos deter a ela, precisamos desvelar as zonas de sentido dos sujeitos da nossa pesquisa, “o que ocorre em cena é apenas parte da projeção e do reflexo de outros acontecimentos que se desenrolam nos bastidores”. (VIGOTSKI, 1999, p. 4). Assim, podemos dizer o que o sujeito nos diz por meio da fala com significado é apenas uma parte do que ocorre no pensamento. A figura 5 é uma ilustração sobre os sentidos.

Figura 5- O sentido da palavra escola



Fonte: <https://www.inesc.org.br/educacao-publica-numa-democracia-moribunda/>

Podemos entender que após as vivências do sujeito no espaço formal, o pensamento emocionado passou a ser outro. Para ele, a escola não se trata apenas de sala de aula, atividades, livros, conteúdos, mas também é um espaço com amplas possibilidades de interagir, de brincar, de fazer e ser amigo, de ter professores, ou seja, os afetos constitutivos na relação dele com os pares na escola o fez percebê-la além das disciplinas.

Como podemos ver, o sentido está relacionado com as práticas sociais e está sujeito a mudança, conforme as relações que o sujeito mantém. Dessa forma, “falar de sentidos é falar da subjetividade, da dialética afetivo/cognitivo é falar de um sujeito não diluído, de um sujeito histórico e singular ao mesmo tempo” Aguiar et al. (2009, p. 65). Quer dizer, os sentidos são formados na relação com o outro e carregam aspectos afetivos. Segundo Espinosa (2008, p.59), a dimensão afetiva faz parte da natureza humana e originam-se nas relações sociais. Por fazer parte da natureza humana a dimensão afetiva está presente em todos os espaços com parte do sistema que promove o desenvolvimento humano. O desenvolvimento ocorre de forma diferenciada, logo existe sujeitos mais experientes, o que nos leva a discutir e utilizar a categoria ZDP.

2.3.6 Zona de Desenvolvimento Próximo – ZDP

Como vimos anteriormente, Vigotski estudou os processos psicológicos superiores e segundo ele, são de origem social e, portanto, histórico que surgem por meio dos processos psicológicos elementares. Ele também destaca a importância dos processos de aprendizado, enfatizando que desde o nascimento da criança o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento, ou seja, na medida em que a criança aprende, ela irá desenvolver “um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VIGOTSKI2007, p. 101).

Os estudos sobre o desenvolvimento das crianças eram baseados apenas no que elas conseguiam fazer sozinhas, sem ajuda do adulto, porém Vigotski demonstra que há uma ligação entre o desenvolvimento e a relação que a criança mantém com seu ambiente sociocultural. Então, ele postula a existência de dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial, daí surge a Zona de Desenvolvimento Próximo, que segundo Vigotski (2007, p. 97), é definida como:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar por meio da solução independente dos problemas, e o nível desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Em outras palavras, o desenvolvimento real é aquele conhecimento que já está consolidado e o sujeito passa a praticá-lo de forma autônoma e o desenvolvimento potencial é a construção de um conhecimento novo que é mediado por uma pessoa mais experiente, concatenando com as nossas vivências no Residência Pedagógica nos lembramos de que logo quando soubemos que havia sido selecionada como preceptora nos sentimos inseguras, estava há muito tempo sem estudar e teria que orientar 10 (dez) residentes que estavam em plena formação, mas com o passar do tempo fomos percebendo o quanto a nossa experiência enquanto pessoa e professora, como também os conhecimentos das residentes foram fundamentais para a construção de novos saberes.

Por isso escolhemos essa categoria para a nossa pesquisa, pois por meio dela conseguimos compreender as relações entre os professores mais experientes e os colegas residentes no contexto educacional, que pode potencializar o processo de aprendizagem e desenvolvimento. A ZDP é a distância entre esses dois níveis. Vejamos a ilustração

da figura 6.

Figura 6– Zona de Desenvolvimento Próximo



Fonte: <https://pontodidatica.com.br/zona-de-desenvolvimento-proximal/>

Baseando-se no nosso objeto de pesquisa e na figura 6, podemos dizer que a Zona de Desenvolvimento Próximo foi ativada através das mediações que as egressas do Residência tiveram para desenvolver as funções que ainda estavam em processo de desenvolvimento e que se tornaram funções desenvolvidas. Para isso, elas utilizam conhecimentos já construídos - desenvolvimento real, como também a ajuda de sujeitos mais experientes que as fizeram prosseguir. Vigotski afirma que são ineficazes em termos de desenvolvimento as ajudas para os níveis já atingidos, porque não apontam para uma nova fase. Assim, a ZDP é um processo social que depende das relações que a egressa estabelece em seu meio e que está em constante transformação, ou seja, aquilo que hoje a egressa faz com a ajuda de alguém, ela conseguirá fazer sozinha amanhã, como confirma Vigotski (2007, p. 97):

A Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de frutos do desenvolvimento.

É importante destacar também que o estudo sobre a ZDP traz importantes contribuições para o processo educativo, em especial para o trabalho do professor, visto que ele deve conhecer o que os alunos já sabem e intervir para o desenvolvimento de habilidades que ainda não estejam desenvolvidas. Para isso, poderá utilizar diferentes estratégias de ensino e assim elevar a qualidade da aprendizagem. Como afirma Vigotski (2007), o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento, ou seja, que se dirige às funções psicológicas que estão em vias de se completarem. Rego (2000) assegura que a ZDP viabiliza a verificação, além dos ciclos completados, dos ciclos que estão em

desenvolvimento, possibilitando, dessa forma, a caracterização das competências e conquistas dos alunos, como também a elaboração de estratégias pedagógicas que colaboram nesse processo.

No caso dos ciclos que ainda se encontram em desenvolvimento, o aluno precisará da ajuda do professor, não para fazer as tarefas por ele ou para ele, mas com ele de modo que o aluno tenha um papel ativo nessa construção e o professor seja o mediador nesse processo, utilizando como instrumento a linguagem. A ZDP também está ligada à unidade cognitivo-afetivo. O fator afetivo é um dos aspectos que move e estimula a dinâmica da ZDP: os desejos, as necessidades, os interesses e os motivos do aluno em aprender e o professor, nesse caso precisa estimular o interesse pela aprendizagem.

Segundo Espinosa (2008, p. 163), “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior e nem menor”. Em outras palavras, se o professor deseja afetar positivamente o seu aluno deve se esforçar para realizar encontros alegres nos quais o aluno se sintesse desejoso em aprender.

Dessa forma, as significações das egressas é a articulação dos sentidos e significados que foram constituídos durante a atuação no Programa Residência Pedagógica que, por sua vez, estão atrelados à Historicidade, à Mediação, ao Pensamento e Linguagem e à ZDP, ou seja, tais categorias estão imbrincadas e implicadas para a compreensão do ser humano na sua relação com o meio.

SEÇÃO 3**O CAMINHO DA PESQUISA**

Residência

No Projeto Alimento e seja Alimentado
Cada aluno doou um quilo de alimento
Em troca recebeu um paradidático
Contribuindo para a prática de leitura
E ainda ajudar o necessitado.

Projeto Aprender Mais
Voltado para os alunos
Com aulas essenciais
Teve até reunião com os pais
E a aprovação foi boa demais
Aulas na semana e no sábado
Para os alunos aprenderem mais.

Contaçon de história
Com as residentes
Reconto feito pelos alunos
Foi surpreendente.

Shirley Freitas, 2020

Pedagógica

SEÇÃO 3 – O CAMINHO DA PESQUISA

O objetivo desta seção é descrever de forma reflexiva o caminho da pesquisa, apresentar os procedimentos utilizados para a produção, análise e interpretação das informações. Antes, porém, é necessário situar o leitor em relação ao contexto da pesquisa, os critérios para a escolha das participantes da pesquisa, bem como sua caracterização.

3.1 LÓCUS DA PESQUISA

O lócus de nossa pesquisa foi o Programa Residência Pedagógica, subprojeto: *Pedagogia*, Campus central: UERN, pois as nossas vivências nesse programa formativo foram desenvolvidas nesse subprojeto, contudo o Residência Pedagógica abrange outras licenciaturas na mesma Universidade.

A Faculdade de Educação – FE, para aderir ao Programa Residência Pedagógica desenvolveu projetos que foram aprovados em editais e para a seleção de Residentes (Bolsistas e Voluntários) e Preceptoras (Bolsistas) a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROEG/UERN lançou editais no dia 11 de junho de 2018, cujas atividades nesse programa foram iniciadas no dia 01 de agosto de 2018, conforme preconizava o edital.

No período de 2018 a 2020 o Residência Pedagógica, subprojeto: *Pedagogia* - UERN, contou com a parceria de três escolas da Educação Básica: a Unidade de Educação Infantil Pequenos Passos, Escola Estadual Recanto do Saber e a Escola Municipal Sonho Colorido. Tais instituições estão localizadas na cidade de Mossoró-RN. Cada uma delas contou com 10 (dez) residentes, 1 (uma) preceptora e 2 (duas) professoras orientadoras.

Desse modo, com o objetivo de apreender as significações constituídas por egressas do curso de Pedagogia da UERN acerca do Programa Residência Pedagógica contamos com duas egressas que participaram do PRP, Pedagogia, UERN e para isso definimos alguns critérios para selecioná-las.

3.2 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

A escolha das egressas que participaram da nossa pesquisa obedeceu a alguns critérios, como: a) Ter participado do Programa Residência Pedagógica, subprojeto: *Pedagogia* – UERN nos anos de 2018 e 2019, b) Apresentar interesse e disponibilidade em participar da entrevista, c) Que tenha sido egressa da Unidade de Educação Infantil Pequenos Passos e outra egressa da Escola Estadual Recanto do Saber, ambas parceiras do

PRP. Essas duas escolas apresentam perfis bem diferentes, como por exemplo: a Unidade de Educação Infantil Pequenos Passos é da rede municipal de ensino e recebe o selo de Escola de Qualidade e, por isso, os funcionários dessa instituição recebem o 14º salário por se destacar em projetos pedagógicos e apresentar melhorias nos resultados de ensino. Em contrapartida, a Escola Estadual Recanto do Saber apresenta um IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica baixo, ou seja, esse índice vai indicar a qualidade do ensino básico, logo iremos apreender como as egressas significaram a atuação em cada uma dessas realidades.

Levando em consideração os critérios acima, mantivemos o contato via *WhatsApp* com duas egressas e logo no primeiro contato elas aceitaram o nosso pedido. Sobre a quantidade de sujeitos, González Rey (2005, p. 86) explica que: “Na pesquisa qualitativa, diferentemente da quantitativa, o grupo não é uma soma de indivíduos, mas um espaço de reflexão coletiva que necessita da constituição da subjetividade grupal”, ou seja, os sujeitos da nossa pesquisa produziram informações importantes e singulares em relação ao nosso objeto de estudo. Agora, que já sabemos os critérios para a seleção das egressas vamos conhecer quem elas são?

3.3 CARACTERIZAÇÃO DAS EGRESSAS

Após a realização das entrevistas, perguntamos as egressas como elas gostariam de ser identificadas, pois se observarmos as informações foram produzidas por elas e enquanto pesquisadora como atribuir nomes fictícios a esses sujeitos que tiveram uma participação ativa na nossa pesquisa? Poderia pensar a partir das informações produzidas, mas se elas não se identificassem com os nomes? Consideramos o nome como algo subjetivo, por isso preferimos perguntá-las, pois acreditamos que faria mais sentido para os sujeitos pesquisados. Cogitamos até em escolher os nomes junto com elas, caso sentissem dificuldades, mas não foi o caso. Depois de esclarecido os motivos, precisamos estar de acordo quanto a escolha dos nomes fictícios que foram definidos por: Ademilza (2021) e Maria (2021)

Durante a entrevista algumas falas das egressas são correspondentes a essa subseção e por entender que as significações das egressas sobre o Programa Residência Pedagógica, faz parte da totalidade da historicidade que as envolve, trouxemos trechos dessas falas para ilustrar.

Ademilza (2021) é uma jovem de 26 anos, solteira, nasceu em Mossoró/RN,

mora como pais, é graduada em Pedagogia pela UERN e atualmente trabalha como professora de aula de reforço. Sobre a escolha dos nomes, observe o que disse Ademilza:

Sempre estudei em escola pública, mas eu não queria ser professora desde de criança que eu nunca quis, porém no decorrer eu fui ressignificando o significado de ser professor, o que é ser professor à medida em que o tempo foi passando eu fui vendo a importância real e uma das coisas que me motivou muito a continuar estudando e a ser professor foi por causa da minha avó [...] minha avó queria ser professora [...]

A egressa não almejava ser professora, mas se sentiu afetada pela sua avó, pois como ela afirmou [...] *uma das coisas que me motivou a ser professor foi por causa da minha avó [...] minha avó queria ser professora* [...] essa fala sinaliza que o sonho da avó em ser professora não foi materializado e na condição de neta não só pelo grau de parentesco, mas pelo sentimento constituído na relação dela com a avó foi despertando a vontade da egressa em querer ser professora e imaginamos o quanto elas ficaram felizes com a aprovação de Ademilza (2021) no curso de Pedagogia.

Então, em homenagem a avó que se chama Ademilza a egressa escolheu ser identificada na nossa pesquisa por esse nome, entendemos que os afetos constitutivos da relação entre a avó e a neta foram fundamentais para a escolha do nome e também para a escolha do curso de Pedagogia, conforme explica Bock, Furtado e Teixeira (1999, p. 189) “são os afetos que dão colorido especial à conduta de cada um e às nossas vidas. Eles se expressam nos desejos, sonhos, fantasias, nos gestos, no que fazemos e pensamos. É o que nos faz viver” isso expressa que o cognitivo não está descolado do afetivo.

A egressa Maria (2021) é uma jovem de 22 anos, solteira, nascida em Mossoró/RN, recém-graduada em Pedagogia pela UERN e mestranda do POSEDUC/UERN. Ela escolheu ser assim identificada, porque é o seu segundo nome e que apesar de gostar dele, poucas pessoas a chamam de Maria, logo essa escolha mostra a significância do nome Maria para ela. A escolha dos nomes fictícios revelou um pouco da historicidade das egressas e foi uma oportunidade de conhecermos, um pouco, sobre os sujeitos da nossa pesquisa.

Sobre a decisão de participar do programa, se deu pelas mediações de alguns amigos vejamos as falas de Ademilza (2021) e Maria (2021), respectivamente:

[...] alguns amigos já tinham comentado do Residência Pedagógica e

tal e isso foi despertando em mim essa vontade de querer está também. [...] teve alunos da minha sala de aula durante a graduação que entraram e a partir desse momento foi que eu pude perceber um pouco me aproximei um pouco mais do Residência mesmo não estando [...] no programa.

Percebemos que há uma proximidade nas falas das egressas em relação a mediação dos amigos que já tinham participado do Residência Pedagógica, pois por meio das experiências vivenciadas nesse programa formativo eles comentavam com as egressas e isso foi suscitando o desejo delas em participar do programa, de acordo com Severino (2002, p. 44) a mediação é uma “instância que relaciona objetos, processos ou situações entre si”. Desse modo, a mediação está presente em todas as relações sociais e no caso da experiência compartilhada pelos amigos que participaram do Residência eles usaram a linguagem como forma de mediação.

Maria (2021) não participou inicialmente do Residência Pedagógica, pois se sentia receosa por ser um programa novo, ela também não conhecia a configuração dele, além de ter sido rápido as suas seleções, mas por meio da mediação dos colegas ela teve o interesse em participar, relatou: [...] *através [...] dos alunos que passavam para mim tudo que era trabalhado lá dentro do programa que eu tive interesse [...].*

Concomitante as suas inquietações ela já estava no último período do curso e não teria mais a chance de participar de um programa formativo foi quando Maria (2021) se submeteu ao processo seletivo e voluntariamente participou do PRP. Sobre os motivos que contribuíram para as colaboradoras participarem do programa, veja o que elas relataram:

[...] vim ingressar no Residência Pedagógica nos últimos períodos do curso [...] o que me fez querer entrar no Residência [...] foi justamente querer adquirir mais essa experiência da formação docente, de estar à frente de uma sala de aula (ADEMILZA, 2021)

[...] E aí a partir do momento que tive o contato [...] com as crianças [...] Porque até então, não é aquela questão de separação de teoria e prática [...] no momento que você está no local. [...] inserido in lócus aí sim é quando você realmente pode identificar se é ou não o que você realmente tá buscando. (MARIA, 2021)

As falas das egressas sinalizam que elas buscaram participar do programa, essencialmente, por causa de um desejo de ter uma experiência na sala de aula. Entendemos que uma das dificuldades das egressas é de não se sentirem confiantes para exercerem a profissão docente, por isso entendemos que a formação dos futuros professores precisa estar imbricada com a prática no contexto escolar, para desenvolver o aprendizado e os saberes necessários para a prática docente.

Em síntese, as egressas que colaboraram com a nossa pesquisa, são duas jovens recém formadas, já atuantes na sua profissão, e apresentaram disponibilidade para participar da pesquisa.

3.4 PROCEDIMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES

A pesquisa qualitativa apresenta diversos instrumentos, que, segundo Rudio (1986, p. 114), “chama-se de instrumento de pesquisa o que é utilizado para a coleta de dados”, no entanto, de acordo com a teoria e o método adotados nesta pesquisa, os dados não são coletados, uma vez que são construídos subjetivamente. Portanto na nossa pesquisa, o procedimento utilizado nos possibilitou construir informações para a investigação coerentes com o problema, a teoria e o método da pesquisa.

Podemos citar alguns instrumentos na abordagem qualitativa, como: o questionário, a entrevista e a observação participante, todavia escolhemos a entrevista como procedimento mediador para construção das informações. Conforme explica Aguiar e Ozella (2013, p. 18), “a entrevista possibilita ao investigador a aproximação dos processos psíquicos dos entrevistados, especificamente, dos significados e sentidos, tendo em vista ser um momento de efetiva interação social”. Nessa interação, o pesquisador vai além da aparência, buscando, a partir da fala, os sentidos que foram sendo constituídos ao participarem de um programa formativo.

As entrevistas podem ser consideradas conversas com finalidade específicas e se caracterizam pela sua forma de organização (MINAYO, 2007). A seguir, veremos as etapas da entrevista adotada na nossa pesquisa: A entrevista reflexiva.

3.4.1 A Entrevista Reflexiva

Esse tipo de entrevista tem sido muito utilizado nas pesquisas de caráter qualitativo “como uma solução para o estudo dos significados subjetivos” (SZYMANSKI, 2011, p. 10), pois proporciona uma “interação humana, em que estão em jogo às percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado (SZYMANSKI, 2011, p. 12).

Sendo assim, é importante que o entrevistador considere que cada entrevistado

tem a sua própria história de vida, a sua singularidade e que, portanto, precisa ser acolhida com respeito.

A entrevista reflexiva é desenvolvida com o objetivo de tornar horizontal a relação entre o entrevistado e entrevistador, de modo a considerar a participação de ambos no processo de construção das informações. Como afirma Szymanski (2011, p. 13), “a proposta de pelo diálogo, buscar uma condição de horizontalidade ou igualdade de poderna relação”, considerando com isso a subjetividade dos protagonistas.

Na interação entre entrevistado e entrevistador há expectativas de ambas as partes, conforme esclarece Szymanski (2011, p. 16):

O entrevistador tem expectativas em relação ao interlocutor: espera que seja alguém disposto a dar as informações desejadas, que entenderá sua linguagem suas solicitações [...] pode, ingenuamente, esperar que o entrevistado discorra sobre sua experiência, expondo-se sem ocultamentos. Pode também esperar um parceiro no processo de construção de conhecimento. Para o entrevistado a situação pode ser interpretada de diferentes maneiras: uma oportunidade de falar e ser ouvido, uma avaliação, uma deferência a sua pessoa, uma ameaça, um aborrecimento, uma invasão. A sua interpretação define um sentido, uma direção, que se manifesta diferentemente conforme a situação é percebida por ele.

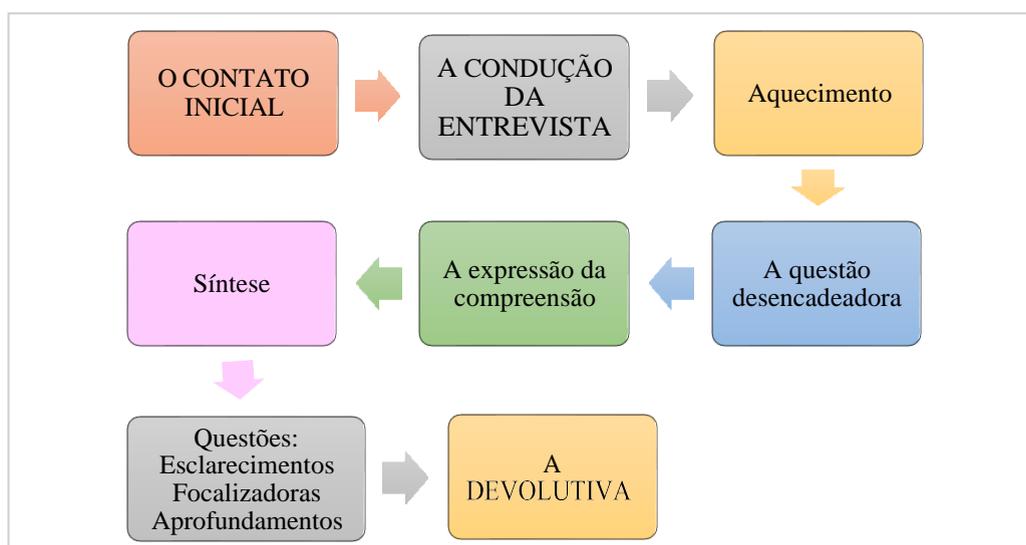
A partir dessa citação podemos entender que é necessário o entrevistador criar um ambiente acolhedor e favorável, a fim do entrevistado se sentir à vontade para falar sobre o que lhe for perguntado e assim eles consigam interagir, produzindo dados significativos para a pesquisa. Para Szymanski (2011, p. 11) “a natureza das relações entre entrevistador/entrevistado influencia tanto o seu curso como o tipo de informação que aparece”. Para conduzir a entrevista de modo correto é preciso estar atento às características do tipo de entrevista que pode ser semidirigida ou estruturada, conforme explica Szymanski (2011, p. 19),

Na entrevista semidirigida, realizada no mínimo em dois encontros, individuais ou coletivos. Não há um roteiro fechado - ele pode ser visto como aberto no sentido de basear-se na fala do entrevistado [...]; mas os objetivos da entrevista devem estar claros, assim como a informação que se pretende obter, a fim de se buscar uma compreensão do material que está sendo colhido e direcioná-la melhor.

Em contrapartida, tem a entrevista estruturada como o próprio nome sugere, ela apresenta uma estrutura definida com questões previamente elaboradas, impossibilitando

a investigação de significados subjetivos, sendo comum o uso de questionário (SZYMANSKI, 2011). A autora apresenta etapas para o pesquisador desenvolver uma entrevista reflexiva, como podemos ver na figura 7 é importante destacar que adotamos esses passos na nossa pesquisa.

Figura 7 – Etapas da Entrevista Reflexiva



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

No **Contato inicial**, Szymanski (2011, p. 20) esclarece que:

o entrevistador se apresentará ao entrevistado, fornecendo-lhe dados sobre a sua própria pessoa, sua instituição de origem e qual o tema da sua pesquisa. Deverá ser solicitada sua permissão para a gravação da entrevista e assegurado seu direito ao anonimato, acesso as gravações e análises.

Na nossa pesquisa, o contato inicial com as egressas foi feito por meio de uma ferramenta tecnológica: *WhatsApp*, esclarecemos que não realizamos o contato inicial de forma presencial, em virtude da pandemia de Covid-19 que assola o mundo.

Como já existe certa proximidade nossa com as egressas do Programa Residência Pedagógica, o contato inicial foi facilitado, no sentido tanto de ter os contatos de telefone das egressas, como da aceitação em participar da nossa pesquisa. Primeiramente, planejamos o que seria dito, por isso podemos apresentar a vocês:

Boa tarde. Sou eu, Shirley, preceptora do Residência Pedagógica. Como vai? Quanto tempo! Estou te ligando para lhe fazer um convite, como

you know, I am developing my research for the course of Master's in the Program of Post-Graduation in Education - POSEDUC, UERN. The title of the research is: Pedagogical Residency Program: as significances constituted by graduates of the course of Pedagogy at UERN. Your testimony will be very important for me, because throughout the experiences in the program you must have learned a lot, right? Then, to get some information about your participation in the Residency we will need to talk and I would like to know if you have time and interest to contribute to my research. Can I clarify how our conversation will work? First, your contribution will be valuable, I would like to know if I can record, but do not worry, the people who will have access to this recording will be you, me and Antônia who is my supervisor and in my dissertation your name will not be disclosed, we will use fictitious names and only some excerpts from our conversation, which will be read by you and if you wish to confirm, add or correct your answers, you will have total autonomy for that. Of course, if you accept the invitation on the day that we find each other I will bring a written document called Term of Free and Informed Consent - TCL which is a document in which you will sign, proving your acceptance, which will be in a voluntary form, it will also contain information related to the research. Do you have any doubts?

As we can see, given the necessary information for the graduates to feel safe and encouraged to participate in our research and, after this moment, they appreciated the invitation and accepted promptly the request to participate in a research that involves the Pedagogical Residency, however in this initial contact that occurred in December 2020 it was not possible to mark the day of the interview, because we were in Social Isolation and our objective was to do the interview in person, so that we could feel the subjects more close.

In the beginning of the year 2021 we got in contact, via *WhatsApp* with the graduates to mark the day of the interview that in this case would be done virtually, because the pandemic had not stopped and we needed continuity in our research. Then, we put the graduates at our disposal, so that they could choose the day and the best time. We also sent the TCL, for them to read and sign and on the day of the interview they sent me.

On the opportunity, we explained that the interviews would be done by *Google Meet* a virtual platform that allows, both the interviewee and the interviewer to interact even at a distance, by video and audio and we would send the link by *WhatsApp* 5 minutes before the marked time, so the two graduates agreed and the first interview was held on January 05, 2021 at 16h and the second interview with the second graduate on January 06, 2021 at the same time.

Depois do contato inicial elaboramos um roteiro de perguntas que foi pensado, com base no nosso objeto de pesquisa, para não fugir da proposta do nosso estudo. Esse roteiro foi feito para nos nortear, mas isso não significa dizer que nos detemos a ele, pois como a entrevista reflexiva fomos refletindo acerca da fala do sujeito no decorrer de toda entrevista, portanto, surgiram perguntas que não estavam no roteiro.

Em seguida, iniciamos a entrevista com a pergunta **aquecimento**, que segundo Szymanski (2011, p. 25), é o momento em que se obtêm os dados que se considerem necessária respeito dos participantes, ou seja, é uma pergunta que antecede o tema da pesquisa. Pensando nisso, elaboramos a pergunta aquecimento: *Fale sobre os seus dados pessoais e sobre a sua vida estudantil* e por meio dela pudemos conhecer um pouco da história de vida e entender como se deu a constituição de cada uma das egressas como seres sociais, históricos e culturais.

Seguindo as etapas da entrevista reflexiva o próximo passo foi a elaboração da questão **desencadeadora** nesse momento fizemos a primeira pergunta relacionada ao objetivo da pesquisa é importante destacar que essa pergunta precisa ser bem elaborada, de modo que o entrevistado compreenda para poder responder. Elaboramos a questão desencadeadora de diferentes maneiras, pois na hora da entrevista, caso as entrevistadas não entendessem já teríamos a opção de refazer a pergunta de um outro modo. Há vários critérios a serem levados em conta para formular a pergunta desencadeadora, como pontua Szymanski (2011, p. 31-32):

- a) a consideração dos objetivos da pesquisa;
- b) a amplitude da questão, de forma a permitir o desvelamento de informações pertinentes ao tema que se estuda;
- c) o cuidado de evitar indução de respostas;
- d) a escolha dos termos da pergunta, que deverão fazer parte do universo linguístico do participante.
- e) escolha do termo interrogativo. Questões que indagam o “porquê” [...] receberão respostas indicadoras de causalidade [...] questões que indagam o “como” de alguma experiência induzem a uma narrativa, a uma descrição. A partícula “para que” indaga pelo sentido que orientou uma escolha.

No caso das entrevistas realizadas, não houve dificuldade no entendimento da questão desencadeadora e deixamos as entrevistadas falarem livremente não só nesse tipo de questão, como também nas demais e enquanto isso estivemos atentas aos discursos, como também aos seus gestos e expressões, pois serviriam no momento da análise. Aos poucos, fui apresentando de forma sucinta o meu entendimento do que foi dito por elas. Szymanski (2011) sugere que essa compreensão seja feita em forma de pergunta. Esse

momento é chamado **expressão da compreensão** que propicia uma interação, em que o entrevistado poderá concordar, discordar ou até mesmo reformular o que disse. No caso das **sínteses**, tem como objetivo trazer a entrevista para o foco que se deseja aprofundar.

Durante a entrevista reflexiva é preciso que o entrevistador faça perguntas, caso seja necessário, sobre o assunto que está sendo discutido, por exemplo, quando o entrevistado não está sendo claro nas colocações; assim, é necessário pensar em **questões de esclarecimento** segundo Szymanski (2011, p. 45), “trata-se de questões que buscam esclarecimentos quando o discurso parece confuso ou quando a relação entre as ideias ou os fatos narrados não está muito clara para o/a entrevistador/a”.

No caso quando o entrevistado divaga nas respostas, ou seja, foge do que está sendo perguntado busca-se as **questões focalizadoras**, que “são aquelas que trazem o discurso para o foco desejado na pesquisa, quando a digressão se prolonga demasiadamente” (SZYMANSKI, 2011, p. 49). E, se o entrevistado for sucinto em suas respostas o entrevistador propõe as **questões de aprofundamento** “são aquelas perguntas que podem ser feitas quando o discurso do entrevistado toca nos focos de modo superficial, mas trazem a sugestão de que uma investigação mais aprofundada seria desejável” (SZYMANSKI, 2011, p. 51). As respostas a essas perguntas auxiliarão o entrevistador a ser fidedigno nas análises, como também ajudará a compreender o que está sendo dito.

Após a realização das entrevistas passamos a transcrever todo o material, para isso assistimos as gravações, repetidas vezes e descrevemos além das falas, os gestos e expressões das egressas no decorrer de toda a entrevista, o que demandou bastante tempo, por se tratar de um trabalho bem minucioso e que nos exigiu também paciência e atenção. As transcrições das entrevistas podem ser conferidas no Apêndice 1.

Foi a partir das várias leituras do material transcrito que percebemos a necessidade de aprofundarmos as entrevistas com as duas egressas, pois algumas respostas nos suscitaram dúvidas e que, portanto, precisariam ser esclarecidas. Para isso, marcamos uma segunda entrevista, conforme a disponibilidade das egressas que no caso a primeira foi realizada no dia 08 de março às 15h22 e a segunda na mesma data às 16h20. É importante ressaltar que as entrevistas foram realizadas individualmente. Os aprofundamentos das entrevistas podem ser conferidos no Apêndice 2.

Com todo o material transcrito as egressas receberam o *feedback* das entrevistas concedidas, tendo acesso à transcrição e à pré-análise. Nesse momento, elas tiveram a

oportunidade de confirmar, acrescentar ou corrigir as suas respostas, mas não houve nenhuma modificação. Tal procedimento do *feedback* confere à entrevista reflexiva um caráter ético e pode ser considerado um cuidado de equilibrar as relações entre os protagonistas: entrevistador e entrevistado, de modo a evitar inferências.

Segundo Szymanski (2011, p. 55), “o sentido de apresentar-se esse material decorre da consideração de que o entrevistado deve ter acesso à interpretação do entrevistador, já que ambos produziram um conhecimento naquela situação específica de interação. A autoria do conhecimento é dividida com o entrevistado, que deverá considerar a fidedignidade da produção do entrevistador”.

Na condição de pesquisadora iniciante, consideramos que as entrevistas foram realizadas de forma satisfatória, não ficamos nervosas ou tímidas, tendo em vista que já conhecíamos as egressas e isso foi nos deixando mais tranquila na condução das entrevistas, assim como também percebemos que as entrevistadas falaram abertamente, demonstrando tranquilidade e segurança, foram bem expressivas nos gestos, chegando a chorar o que nos deixou também emocionada. Outro ponto que nos favoreceu foi a internet que durante as entrevistas não apresentou nenhum problema de conexão.

Posto isso, passaremos a discutir como foi analisado as informações construídas por meio da Entrevista Reflexiva.

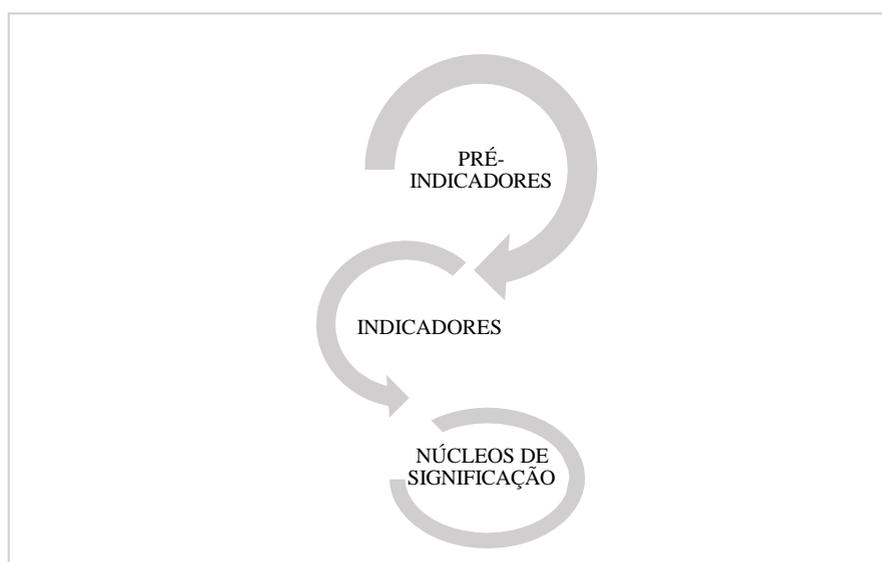
3.5 O PROCEDIMENTO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES PRODUZIDAS

O objetivo desse tópico é apresentar a proposta dos Núcleos de Significação que foi usada para analisar e interpretar as informações construídas nesta pesquisa, tendo como base o método assumido nesta pesquisa.

A escolha dos núcleos se deu por ser um procedimento que nos possibilitou ir além do aparente significado da fala e nos aproximou das zonas de sentidos das egressas. Sobre ir além da aparência, Vigotski (2004, p. 150) diz: “se as coisas fossem diretamente o que parecem, não seria necessária nenhuma pesquisa científica essas coisas deveriam ser registradas, contadas, mas não pesquisadas”. Concatenando o nosso estudo com a citação do autor podemos dizer que o objeto da nossa pesquisa não é somente a fala, mas é um atravessar, é buscar a totalidade do sujeito e isso não foi uma tarefa fácil, porque desde a graduação que tenho trabalhado com metodologias simples e rasas e me senti desafiada com a proposta dos núcleos de significação.

A análise e interpretação das informações na perspectiva dos núcleos de significação partiu da palavra com significado, mas não é qualquer palavra; conforme explica Aguiar e Ozella (2013, p. 308), foram “palavras inseridas no contexto que lhe atribui significado, entendendo aqui como contexto desde a narrativa do sujeito até as condições histórico-sociais que o constituem”. A partir da palavra com significado inicia o movimento em três etapas, a saber: o levantamento dos pré-indicadores, a sistematização dos indicadores e a sistematização dos núcleos de significação, como podemos ver na figura 8.

Figura 8 – Caminho para a construção dos núcleos de significação



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

3.5.1 Levantamento dos Pré-Indicadores

Após realizar a gravação da entrevista reflexiva fizemos a transcrição do material, para iniciarmos o levantamento dos pré-indicadores que foram destacados após as várias leituras “flutuantes”, contribuindo, para que nos apropriássemos, gradativamente, do material empírico materializado pela fala das egressas; portanto, essa etapa tratou da parte empírica.

O levantamento dos pré-indicadores, segundo Aguiar e Ozella (2013, p. 309), referem-se a “trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado, carregam e expressam a totalidade do sujeito e, portanto, constituem uma unidade de pensamento e linguagem”. Em outras palavras, o significado da palavra expressou os aspectos afetivos e cognitivos da realidade na qual o sujeito vive e se constitui uma unidade, pois o pensamento não se expressa na fala, mas nela se realiza,

portanto, essa fala é a menor parte, mas que revela as propriedades do todo.

Podemos assim dizer que os pré-indicadores se constituem como tese na tríade dialética (tese-antítese-síntese) mediados pelas significações da realidade que cerca o sujeito, chegando a um grande número deles, por isso na figura 8 você percebe dentre as etapas que os pré-indicadores é o maior, em virtude disso usamos o critério proposto por Aguiar e Ozella (2006) “um critério básico para filtrar esses pré-indicadores é verificar sua importância para a compreensão do objetivo da investigação” (p. 230). Apontam ainda que a organização dos pré-indicadores resulta nos indicadores que discutiremos mais adiante.

Para chegar a etapa final dos pré-indicadores foi um longo caminho após a transcrição da entrevista criamos uma base para o levantamento dos pré-indicadores no word composta por uma tabela dividida em quatro colunas, a saber: a primeira com as perguntas realizadas, tanto das entrevistas quanto dos aprofundamentos, a segunda com as respostas obtidas e a terceira: com os pré-indicadores, essa tabela foi feita com o objetivo de ver o todo e assim compreender melhor o que foi dito pelas egressas. As tabelas podem ser conferidas no Apêndice 3.

Na coluna das respostas, realçamos com a cor amarela os trechos das falas dos sujeitos carregados de significados (teses) que seriam os possíveis pré-indicadores. A seleção desses trechos foi de acordo com o nosso objeto de pesquisa. A partir dessa seleção copiamos esses trechos para a coluna dos pré-indicadores, deixando apenas em negrito aqueles trechos mais significativos e fizemos a supressão daqueles que não eram tão significativos para a nossa pesquisa, a partir dos trechos selecionados elencamos as categorias e enviamos para a nossa orientadora, na qual tivemos a oportunidade de fazer a correção juntas.

Por meio da experiência dela com os núcleos de significação fui aprendendo e encontrando mais trechos com significado que não estavam explicitamente relacionados ao nosso objeto de estudo. Conforme explica Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 62) “esses instrumentos não são constituídos de palavras vazias, mas de palavras cujos significados carregam e expressam sempre a materialidade histórica do sujeito, isto é, aspectos afetivos e cognitivos da realidade da qual participa”.

Com os pré-indicadores já definidos passamos a usar o critério das cores que se baseou em pintar de uma mesma cor aqueles pré-indicadores cujas significações mais se aproximavam e foi outro movimento de idas e vindas, pois como havíamos formados 123 pré-indicadores usamos diversas cores, às vezes, até nos causava dúvida se já tínhamos usado uma cor ou outra, por isso voltávamos para conferir e algumas vezes tínhamos usado a mesma cor para significações diferentes, tendo que corrigir.

Apesar de ter sido um processo pormenorizado foi fundamental para a formação dos indicadores. Agora, vejamos no quadro 3 um exemplo do processo de levantamento dos pré-Indicadores deixamos em itálico as falas das egressas e o objetivo foi diferenciar da letra escrita na dissertação e assim o leitor não se confundiria. A versão completa consta no Apêndice 4.

Quadro 3 – Exemplo do processo de levantamento dos Pré-Indicadores

Me fale um pouco como foram as experiências vivenciadas na escola.
<i>[...] estava na escola toda semana, eu planejava toda semana, eu estava na faculdade fazendo planejamentos e tal então no decorrer desse ano que eu passei lá na escola eu pude vivenciar realmente o que é uma escola.</i> (ADEMILZA, 2021)
<i>Eu acho que era isso que eu buscava mais no Residência Pedagógica e que eu encontrei. Está na sala de aula, você está frente de uma sala de aula, você vivenciar a escola sem maquiagem mesmo [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
<i>Passei por muitos projetos [...] que não havia passado não tive oportunidade, tive a oportunidade durante o programa.</i> (MARIA, 2021)
<i>Projetos que inicialmente foram muito difíceis a serem pensados [...] Colocar em prática [...]</i> (MARIA, 2021)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Apesar de ter sido feita a mesma pergunta as respostas das duas egressas foram diferentes, isso porque estavam inseridas em uma realidade social e histórica distinta e associado a isso a historicidade de cada uma é única, refletindo na forma de significar a docência e as ações desenvolvidas na escola por meio do PRP.

Até chegar à versão final dos pré-indicadores foi um movimento de desconstrução e construção, mas consideramos importante para nossa constituição formativa de pesquisadora, pois permitiu que fossemos nos familiarizando tanto com as significações das egressas quanto do trabalho com os pré-indicadores. Em nossa pesquisa, fizemos o levantamento de 123 (cento e vinte e três) pré-indicadores que culminou na sistematização de 16 (dezesesseis) indicadores.

3.5.2 Aglutinação dos Pré-Indicadores - Indicadores

A segunda etapa foi a sistematização dos indicadores que resultou do processo de aglutinação dos pré-indicadores, partindo dos princípios da similaridade, complementaridade ou contraposição. Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 68) explicam que: “o que se pretende na segunda etapa é, portanto, apreender o modo pelo qual os pré-indicadores se articulam, constituindo as formas de significação da realidade”. O objetivo não foi destacar as palavras com significado, mas articulá-las por meio dos princípios já citados, procurando compreender as relações históricas, sociais e contraditórias que as constituem, logo teremos a antítese, ou seja, a negação do que foi dito pelo sujeito.

As etapas do levantamento dos pré-indicadores e a sistematização dos indicadores reportam-se ao primeiro princípio do método da Psicologia Sócio-Histórica: o de análise e por meio da articulação dos indicadores nos encaminharemos para a síntese, que conforme Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 68) “são os indicadores que nos permitem avançar em direção ao processo da síntese, isto é, dos sentidos constituídos pelo sujeito”.

Na etapa dos indicadores elaboramos um quadro com duas colunas: uma com os pré-indicadores já separados por cores e na outra os indicadores. Como os pré-indicadores já estavam pintados e organizados usamos o critério da similaridade, complementaridade ou contraposição, como também das cores para aglutiná-los.

Para chegar à etapa final da sistematização dos indicadores foram feitas várias versões, na primeira, por exemplo, passamos a nomeá-los de um modo geral, mas após as correções que eram realizadas conjuntamente com a nossa orientadora fomos instruídas a nomear a partir de trechos presentes nas falas das egressas, uma vez que não estávamos na fase da interpretação propriamente dita, portanto, precisávamos nos deter aquilo que foi dito pelos sujeitos. No movimento de idas e vindas chegamos ao total de 16 (dezesesseis) indicadores, conforme constano Apêndice 5, mas para ilustrar esse processo expomos um recorte, no quadro 3:

Quadro 4 – Exemplo da sistematização dos indicadores

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
1-[...] <i>me encontrei dentro da Pedagogia [...] inicialmente não era o que eu queria mais me encontrei [...] tive a oportunidade de participar dos estágios [...] ainda veio o RESPED para poder aprimorar mais ainda esse momento que é tão significativo para mim.</i> (MARIA, 2021)	INDICADOR 1: A participação no PRP e Estágios como constitutiva do encontro com a Pedagogia
72-[...] <i>cursei Pedagogia e me encontrar no curso eu acho que isso foi o mais importante [...], principalmente no Ensino Fundamental [...] e isso foi muito gratificante, destaco nesse ponto o RESPED.</i> (ADEMILZA, 2021)	
74-[...] <i>acho que eu realmente decidi é aqui que eu escolhi ser professor [...] foi na graduação [...] as experiências [...] tive, que eu pude ter com o estágio não obrigatório, estágios e também do Residência. A teoria unindo a prática [...]</i> (ADEMILZA, 2021)	
8-[...] <i>A partir do programa foi que eu vi, fiquei pensando que tive muitas oportunidades que eu perdi a partir dele eu percebi [...]</i> (MARIA, 2021)	INDICADOR 2: Oportunidade de vivenciar a Escola
25- <i>Passei por muitos projetos [...] que não havia passado não tive oportunidade, tive a oportunidade durante o programa.</i> (MARIA, 2021)	
10- <i>Achei incrível como foi dito também que eu pude participar da UEI na educação infantil que poucos programas né tem a educação infantil é...que tem educação infantil para ser atuado [...]</i> (MARIA, 2021)	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A sistematização dos indicadores não obedeceu a uma sequência linear dos pré-indicadores, isso mostra o intenso movimento que é feito para a sua formação, um mesmo indicador revelou diferentes falas com significado e que por sua vez se referiu a perguntas distintas, por isso precisamos ler e reler os pré-indicadores inúmeras vezes, a fim de compreender o que foi dito pelas egressas e conseguir formar o indicador coerentemente. Até chegar à última versão dos indicadores desmembramos vários pré-indicadores para colocar em outros indicadores e isso repetidas vezes, mas só foi possível perceber essa necessidade de desmembrar, mediante as recorrentes leituras.

Foi um intenso movimento de idas e vindas e que nos causou, na condição de pesquisadora iniciante, receio e angústia de não conseguir ou de estar fazendo errado, mas mediante o incentivo, as orientações da nossa professora fomos nos sentindo encorajadas e em meio ao processo nos sentimos mais seguras para sistematizar os indicadores. Discorreremos no próximo tópico a sistematização dos Núcleos de Significação.

3.5.3 Sistematização dos Núcleos de Significação

A terceira etapa foi a sistematização dos núcleos de significação, organizada pela articulação dos indicadores que, por sua vez, foram constituídos pela aglutinação dos pré-indicadores. É importante destacar que não foi uma simples técnica de juntar as partes, mas houve todo um movimento dialético para a constituição de cada fase, com o objetivo de apreender o sujeito em sua totalidade. Sobre os núcleos de significação, Aguiar e Ozella (2013, p. 310) explicam que:

[...] por meio da articulação dialética das partes – movimento subordinado à teoria –, avança em direção ao concreto pensado, às zonas de sentido. Assim sendo, o processo de construção dos núcleos de significação já é construtivo interpretativo, pois é atravessado pela compreensão crítica do pesquisador em relação à realidade.

No âmbito dessa discussão, podemos dizer que a etapa dos núcleos foi composta por duas fases: a primeira foi a sistematização dos núcleos de significação por meio da articulação dos indicadores e a segunda foi a discussão teórica relacionada ao tema do núcleo de significação, afim interpretarmos os sentidos. Sendo assim, a segunda fase foi a mais complexa, consistiu em “superar as teses e antíteses, almejando mais propriamente a síntese” (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015, p. 71), ou seja, visou superar o aparente significado da fala e buscar os sentidos que foram sendo constituídos, mediante a realidade concreta que é social, histórica e está em constante movimento; portanto, é nessa etapa que começou o desvelamento das zonas de sentido. Esse processo dinâmico e complexo culminou na organização de 3 (três) núcleos de significação. Expomos essa síntese no quadro 4.

Quadro 5 – Organização dos Núcleos de Significação

INDICADORES	NÚCLEOS
Oportunidades de vivenciar a Escola	<p>NÚCLEO 1: A CONFIGURAÇÃO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA</p>
Ser voluntária: maior dificuldade	
Carga horária de 440h: difícil de ser cumprida	
A alternância dos residentes nas salas de aula possibilitou vivências em diversos projetos	

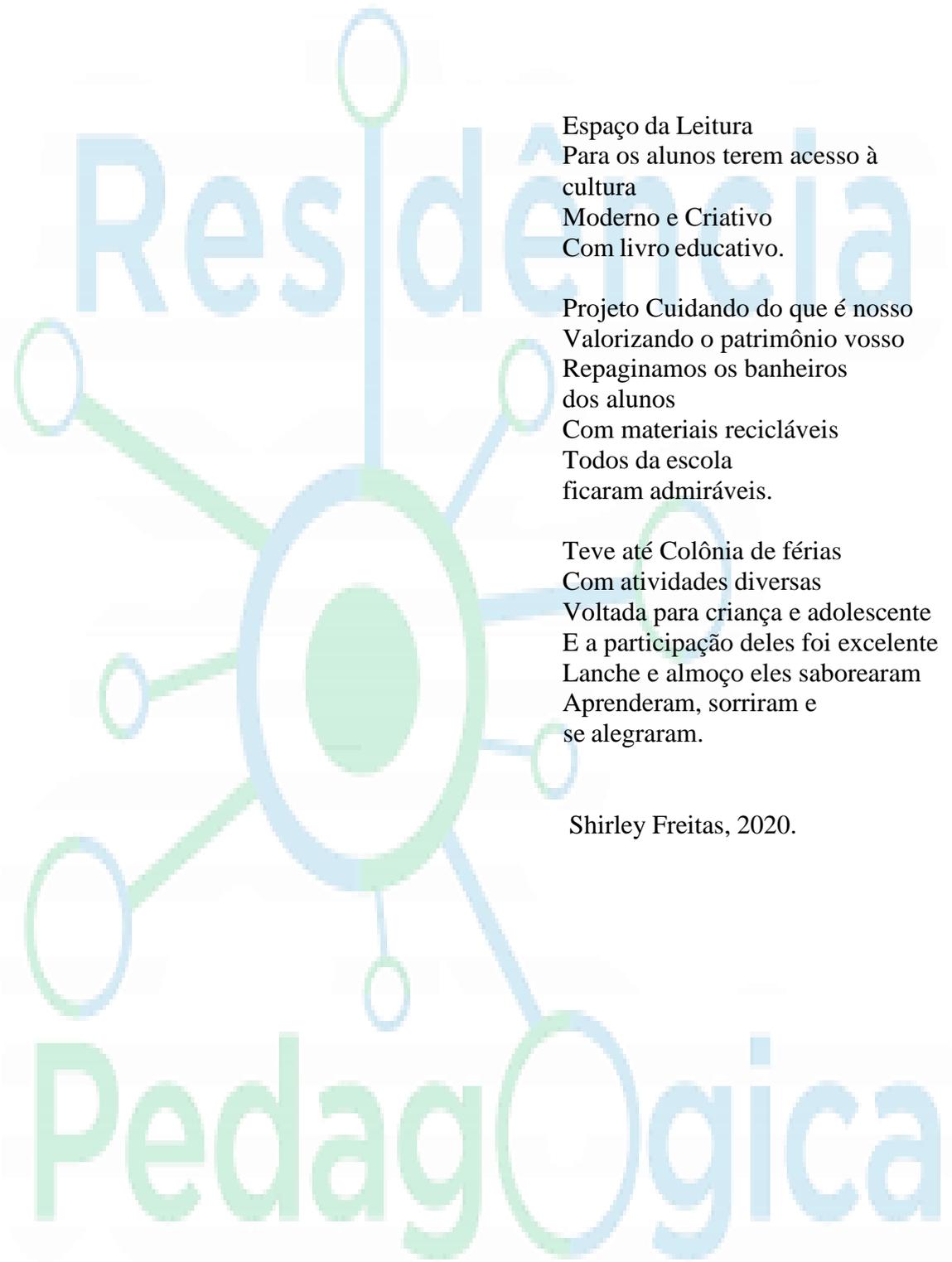
A experiência foi a maior afetação	PEDAGÓGICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DAS EGRESSAS
Encontros Semanais na UERN: momentos para significar as ações realizadas na Escola	
Misturar a Educação Infantil com o Ensino Fundamental: possibilitou confiança nas Práticas Profissionais	
Dificuldades iniciais para a prática de projetos no contexto da escola	NÚCLEO 2: RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: POSSIBILIDADES PARA ATIVAÇÃO DA ZDP
O desafio de compreender a realidade da Escola Pública	
Dialogar, conversar, discutir, entender e questionar: processos ressignificados	
União entre o PRP e outros Programas Formativos	
Relação com as preceptoras: maravilhosa, tranquila e sem nenhum problema	
Compartilhamento e troca de experiência: com as professoras das escolas parceiras do PRP	
A participação no PRP e Estágios como constitutiva do encontro com a Pedagogia	NÚCLEO 3: PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA VERSUS ESTÁGIO SUPEVISIONADO
“A Escola ela se prepara para receber os estagiários e no Residência a gente vive realmente a Escola”	
As implicações da avaliação durante o estágio: Preocupação e Medo	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Para aglutinar os indicadores e formar os núcleos de significação obedecemos aos critérios de similaridade, complementaridade ou contraposição, bem como o critério das cores como percebemos as diversas cores do quadro revelam que a formação dos núcleos não há uma sequência linear, técnica ou instrumental, mas conforme explicam Aguiar, Soares, Machado (2015, p. 63) é “[...] um processo de idas e vindas que implica

tanto um fazer/refazer contínuo do inventário de pré-indicadores como um fazer/refazer contínuo de indicadores e núcleos de significação”.

Nesse movimento dialético que intencionamos apreender as significações dos sujeitos que estão inseridos em uma realidade que é social, histórica e cultural, por isso estão (ser humano e meio) em constante transformação, portanto, formar os núcleos de significação não foi de imediato, mas nos demandou muito tempo, persistência, dedicação, repetidas leituras dos pré-indicadores, dos indicadores, das entrevistas e de materiais da Sócio-Histórica e nesse movimento contamos com as mediações da nossa orientadora que tornou esse processo mais leve, pois sempre nos tranquilizava com palavras de incentivo, além de riquíssimas orientações e isso foi gerando potências positivas, consideradas por nós, fundamentais para a construção de um trabalho tão denso, mas ao mesmo tempo prazeroso, pois a medida em que íamos construindo, percebíamos a nossa evolução enquanto pesquisadora e pessoa.

SEÇÃO 4**O MOVIMENTO DE ANÁLISE DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO**

Espaço da Leitura
Para os alunos terem acesso à cultura
Moderno e Criativo
Com livro educativo.

Projeto Cuidando do que é nosso
Valorizando o patrimônio vosso
Repaginamos os banheiros dos alunos
Com materiais recicláveis
Todos da escola ficaram admiráveis.

Teve até Colônia de férias
Com atividades diversas
Voltada para criança e adolescente
E a participação deles foi excelente
Lanche e almoço eles saborearam
Aprenderam, sorriram e se alegraram.

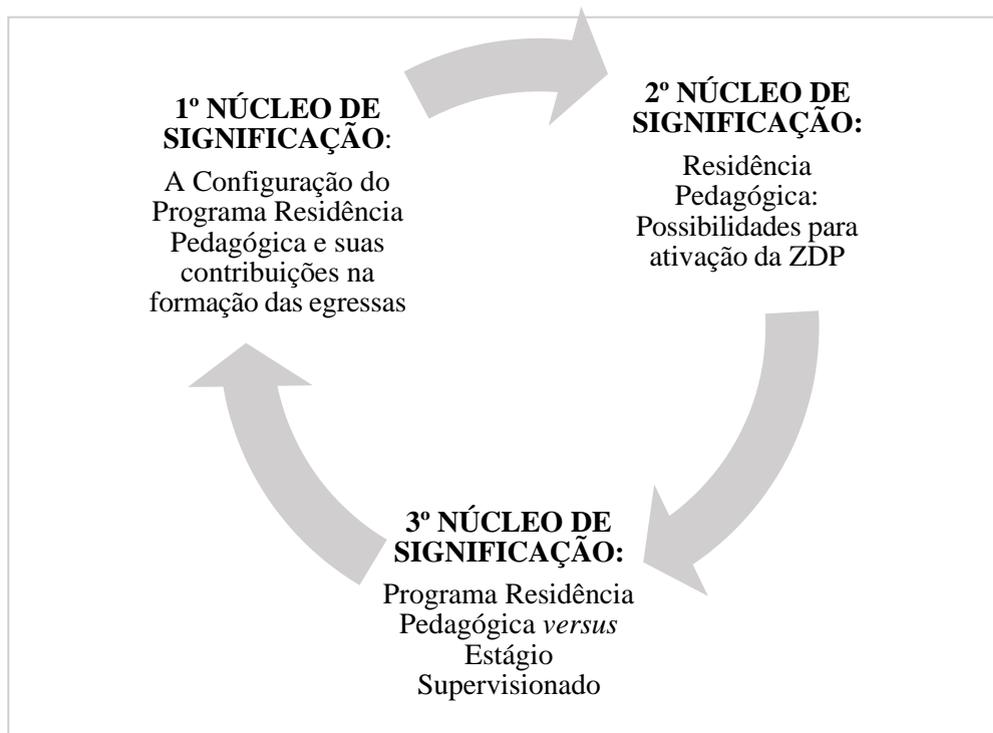
Shirley Freitas, 2020.

SEÇÃO 4 - O MOVIMENTO DE ANÁLISE DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

O objetivo dessa seção consiste em apresentar as análises e interpretações das informações produzidas e sintetizadas nos núcleos de significação que nos possibilitou avançar do empírico para o interpretativo, ou seja, do aparente significado da fala para uma aproximação das zonas de sentido das egressas do Programa Residência Pedagógica.

Para chegarmos a essa etapa do processo analítico-interpretativo dos Núcleos de Significação partimos das informações que foram produzidas por meio da entrevista reflexiva que culminou no levantamento de 123 (cento e vinte e três) pré-indicadores, na sistematização de 16 (dezesesseis) indicadores e na articulação desses indicadores em 3 (três) núcleos, como podemos ver na figura 9:

Figura 9: O Movimento da Articulação dos Núcleos de Significação



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Na figura 9, os núcleos estão interligados, mas para efeito didático este texto trás o movimento analítico-interpretativo por indicador, porém estabelecendo ligações entre eles no movimento de apreensão dos sentidos e significados das egressas do curso de Pedagogia da UERN acerca do Programa Residência Pedagógica. Nesse sentido, as interpretações se deram “à luz do contexto do discurso em questão, a luz do contexto social e histórico, à luz da teoria” (AGUIAR; OZELLA,2013). É importante salientar que as

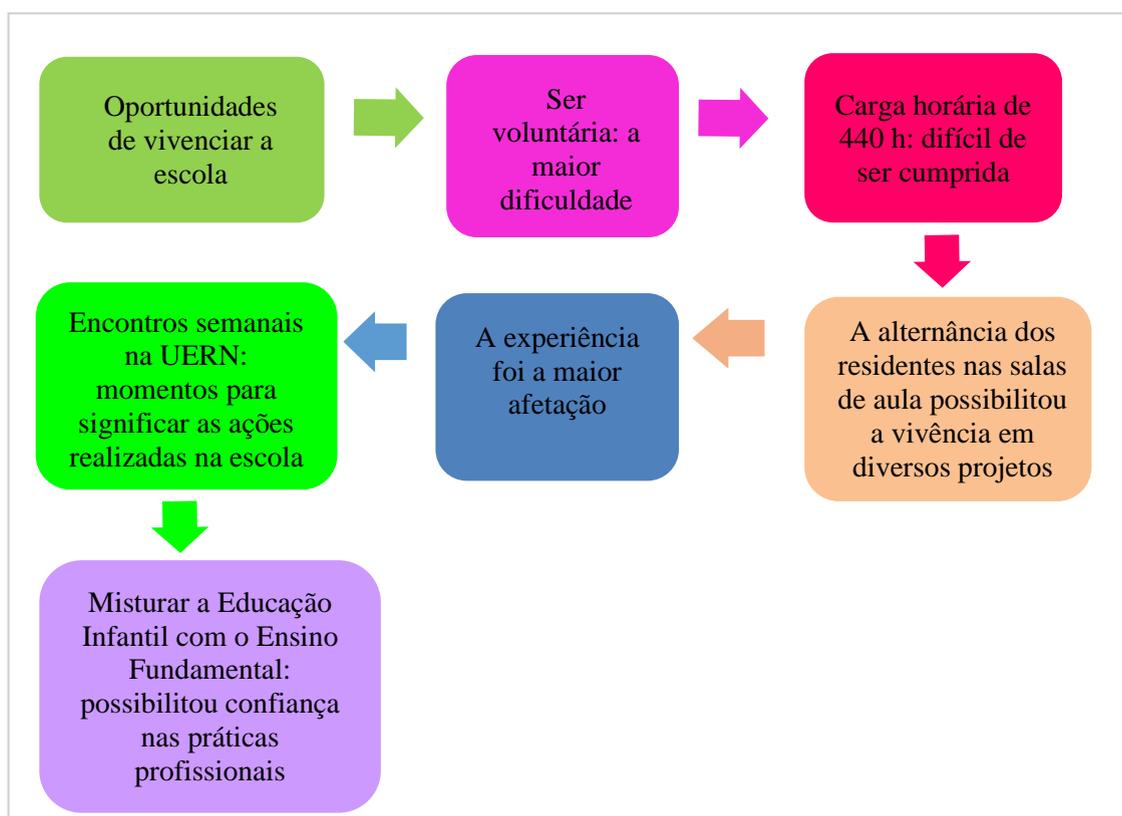
falas das colaboradoras da pesquisa estão escritas em *itálico* e aquelas palavras com maior significado para a nossa pesquisa, estão em **negrito**, para se diferenciar da escrita da pesquisadora. Também destacamos alguns trechos das falas das entrevistadas como epígrafes, uma vez que correspondem as significações presentes nos núcleos.

4.1 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO 1: A CONFIGURAÇÃO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DAS EGRESSAS.

[...] só tenho a agradecer [...] pela oportunidade de ter participado do programa, do conhecimento que [...] adquiri pela experiência [...] vivenciei uma escola sem maquiagem [...] a gente está acostumada a vê a escola, porque é uma escola que você tá lá o ano inteiro então não tem como maquiar [...] (ADEMILZA, 2021).

Essa epígrafe está carregada de significações, Ademilza (2021) revela que pode construir novos conhecimentos e vivenciou uma escola sem maquiagem quando pensamos na maquiagem entendemos que ela é usada para causar boa impressão, deixando algo ou alguém mais bonito, mas a egressa vivenciou uma escola com as fragilidades e também potencialidades esse conhecimento do complexo contexto escolar foi ocasionado pela Configuração do Programa que dispôs de uma carga horária diferenciada.

O núcleo 1 foi formado pela sistematização de sete indicadores como mostra a figura 10 que por sua vez foram constituídos por meio da aglutinação de 53 (cinquenta e três) pré- indicadores. Os indicadores desse núcleo e dos demais foram interpretados com base nos princípios de similaridade, complementaridade e contraposição, segundo Aguiar e Ozella (2006; 2013).

Figura 10: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Esses indicadores revelam as significações constituídas por Maria (2021) e Ademilza (2021) acerca das afetações mediadas pela Configuração do Programa Residência Pedagógica que as possibilitou vivenciar o espaço escolar de modo mais duradouro, que as permitiu significar as ações na escola por meio dos encontros semanais na UERN. Essas experiências vivenciadas pelas egressas não se limitaram a formação inicial, mas podem potencializar ações futuras nas suas vivências profissionais. Nessa perspectiva, podemos dizer que elas foram sendo constituídas no movimento da realidade social, ao mesmo instante que dela foi constituinte. (SOARES, 2006).

4.1.1 Oportunidades de vivenciar a escola

Esse indicador é constituído por pré-indicadores que nos revelam as significações das egressas ao vivenciarem a realidade de uma escola em função da oportunidade de participar do Residência Pedagógica. Os excertos abaixo trazem aspectos relacionados a teoria e prática, conforme podemos acompanhar:

[...] tinha muitos estudos [...] na teoria, como se fala tinha muitos estudos, mas foi realmente lá in loco [...] que [...] consegui compreender o que é que esses estudos estavam dizendo, o que [...] significavam, o que é que eles tratavam, quais eram as possibilidades, as dificuldades que eles citavam [...] as renovações que tem que ter (MARIA, 2021).

Maria (2021) destaca que a oportunidade de vivenciar a escola a possibilitou compreender melhor os seus estudos, pois foi *in loco* que ela entendeu que os estudos “tratavam”, a egressa, portanto parece perceber que a teoria e prática não se separam e outro ponto que se destaca nas nossas interpretações se apresenta quando ela diz “**as renovações que tem que ter**” esse trecho nos revela que a teoria foi insuficiente para interpretar a realidade, logo ela renovou ou transformou os conhecimentos construídos de acordo com a realidade em que estava inserida.

Nesse sentido, percebemos que Maria (2021), quando aluna, não se limitou a teoria ou a ações em sala de aula de forma linear, ela pôde produzir conhecimentos a partir das ações desenvolvidas em sala de aula, refletindo e problematizando a realidade com o suporte da teoria. (PIMENTA, 2006). Desse modo, Maria (2021) destaca as significações apreendidas na relação teoria e prática, resultado da oportunidade de vivenciar a escola por meio da Configuração do Programa Residência Pedagógica.

Maria (2021) relata que pode “**significar coisas que talvez nunca tenha pensado ou imaginado que aconteceria**” essas palavras sinalizam o quanto foi importante a oportunidade de vivenciar a escola, pois teve a oportunidade de significar ou (re) significar conhecimentos construídos, atitudes e saberes necessários para a sua constituição formativa.

A teoria e a prática formam um par dialético, ou seja, uma não pode ser entendida sem a outra, estão imbricadas e no contexto da sala de aula constituída por pessoas inseridas em contextos sociais e históricos diferentes passam por constantes processos de transformação, por isso não podemos dizer que a teoria é aplicada na prática, mas sim que ela ajuda a pensar e interpretar a realidade e a partir dos conhecimentos construídos no decorrer da formação pessoal e acadêmica a egressa na condição, de um ser criativo e reflexivo pode formar novos conhecimentos. Nessa direção, destacamos Sánchez Vázquez (2007, p. 235 -236) que discute a relação teoria e prática:

[...] entre a teoria e a atividade prática [...] se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação [...], quer dizer “[...] como passo indispensável para desenvolver ações reais efetivas”. Por esse motivo, “[...] uma teoria é prática quando materializa, por meio de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal da transformação.

Deste modo, uma teoria é prática quando se materializa, logo as ações desenvolvidas em sala de aula estão imbuídas de conhecimentos nelas objetivados, refletindo com isso no pensamento, na consciência e nas próprias ações que permitiu a egressa interpretar a realidade a qual estava inserida através de questionamentos originados em suas vivências no Programa Residência Pedagógica. Baseado nos estudos de Vásquez (2007) podemos dizer que o conhecimento teórico desvinculado da realidade escolar se torna vazio e a prática desvinculada da teoria, da reflexão não provoca transformação.

Sobre as vivências na escola, Ademilza (2021) relata:

[...] um dos projetos que eu acredito que eu tive uma vivência maior foi o Reforço Escolar entender o porquê que aqueles alunos estavam tendo aquela dificuldade e entender [...] A realidade do aluno, a minha realidade também, o que eu posso fazer para contribuir para a formação dele? que é que eu posso fazer, para que eu possa transmitir melhor aquele conhecimento?

Ademilza (2021) destaca que uma das maiores vivências no Programa Residência Pedagógica foi o projeto Reforço Escolar, nele teve a oportunidade de pensar sobre a realidade dos sujeitos aprendentes, buscou entender as dificuldades deles e passou a refletir sobre a sua condição também de aprendente naquele momento, por meio de questionamentos, como: *O que eu posso fazer para contribuir para a formação dele? Que eu posso fazer para transmitir melhor aquele conhecimento?* Compreendemos que se Ademilza (2021) não refletisse sobre a realidade dos alunos estaria fadada a apenas transferir os conhecimentos e certamente não conseguiria alcançar os seus objetivos para o projeto de Reforço Escolar.

Isso sinaliza que a sua participação no Programa Residência Pedagógica lhe possibilitou refletir sobre a realidade do aluno, mediante a observação que ela fez da realidade escolar sem desprender dos conhecimentos que esteve construindo no decorrer da sua formação, por meio desse movimento dialético Ademilza (2021) foi significando a importância do Projeto Reforço Escolar para a sua formação.

Presumimos que Ademilza (2021) ao planejar as aulas junto com as demais residentes e sua preceptora, para o projeto de Reforço Escolar, levou em consideração as condições em que os alunos se encontravam, segundo Libâneo (1994, p. 224) a: “verificação das condições potenciais de rendimento escolar depende de um razoável conhecimento dos condicionantes socioculturais e materiais: ambiente social em que vivem, a linguagem usada nesse meio, as condições de vida e de trabalho”.

Desse modo, quando a egressa compreende os condicionantes sociais dos alunos e leva em conta no seu fazer pedagógico pode proporcionar significativas aprendizagens que resultarão também no desenvolvimento dos alunos. Vejamos o que Ademilza (2021) relata:

[...] estava na escola toda semana [...] planejava toda semana [...] estava na faculdade fazendo planejamentos [...] no decorrer desse ano[...] pude vivenciar realmente o que é uma escola.

Essa fala demonstra que por meio da participação no programa a egressa teve a oportunidade de planejar, de estar na escola todas as semanas e que esse tempo maior na escola contribuiu, para que ela viesse a conhecer a instituição escolar na totalidade. Dessa forma, acreditamos que Ademilza (2021) desenvolveu habilidades e posturas que favoreceram a construção de saberes docentes, esteve na escola não para desnudar a realidade e esmiuçá-la na Universidade, mas para compreender as nuances daquela instituição observar, refletir, planejar e executar projetos significativos que pudessem contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e enquanto ser social e histórico a egressa passou a significar o que é a escola, o ato de planejar e o de refletir sobre essa realidade.

É interessante ressaltar que todo o processo de envolvimento das egressas do programa não se deu de forma harmônica, elas apresentam significações referentes a algumas dificuldades, destacando a condição de serem voluntárias⁶, como maior dificuldade.

6. É importante descrever como se deu o processo seletivo para a participação no Residência Pedagógica da UERN. A Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, através do Setor de Programas Formativos – PROEG/SPF tornou público o edital para a seleção de residentes bolsistas, com base no Edital CAPES 06/2018. Para os estudantes de graduação que estavam trabalhando ou participando de um estágio remunerado podiam ingressar no Programa Residência Pedagógica na condição de voluntários, desde que, não tivessem relação com as escolas que iriam desenvolver as atividades.

4.1.2 Ser voluntária: a maior dificuldade

Esse indicador trás as significações das egressas referentes as dificuldades enfrentadas na condição de voluntárias no Programa Residência Pedagógica. É importante destacar que tanto os bolsistas quanto os voluntários tiveram as mesmas atribuições, a diferença era o recebimento de bolsa.

No curso de Pedagogia da UERN tivemos 30 (trinta) alunos participando do PRP, sendo 24 (vinte e quatro) bolsistas e 6 (seis) voluntários. A bolsa era de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) mensal e ajudava as egressas a custearem as idas e vindas a Universidade e a Escola semanalmente. Vejamos como se deu a inserção de Ademilza (2021) no Residência.

*Quando [...] entrei [...] participava do estágio não obrigatório [...] ganhava uma bolsa de R\$ 940 [...] quando [...] resolvi participar do Residência [...] sabia que o dinheiro ajudava muito [...] ia [...] fazer falta, mas era uma coisa que eu precisava buscar [...] porque eu queria essa formação pra mim. Queria essa experiência até encontrar ainda mais na profissão que eu quero exercer.
[...]por mais que [...] tenha participado do estágio não obrigatório [...] não estava frente de uma sala de aula, [...] não planejava [...] era meio que uma expectadora [...] não exercia nenhum papel pedagógico ali [...]*

Essas falas sinalizam a fragilidade no processo de participação da egressa no estágio curricular não obrigatório, no qual foi afetada negativamente, uma vez que nesse percurso formativo não exercia nenhum papel pedagógico, não participava dos planejamentos com as professoras e isso foi gerando a necessidade de participar do programa formativo de apoio à docência.

Quando Ademilza (2021) relata que *precisava buscar [...] porque eu queria essa formação. Queria essa experiência até encontrar ainda mais na profissão que eu quero exercer* revela o desejo que ela tinha de se encontrar na profissão e participar do Programa Residência Pedagógica seria uma oportunidade para isso acontecer. Inferimos que mesmo com as mediações históricas, sociais e culturais ao longo do seu processo formativo esse encontro com a profissão ainda não tinha acontecido.

Ademilza (2021) esclarece que [...] *resolvi participar do Residência [...] sabia que o dinheiro ajudava muito [...] ia [...] fazer falta* sinaliza que a egressa sentiu a necessidade de participar do Residência Pedagógica, a ponto de renunciar uma bolsa em tempos tão difíceis. Segundo Soares (2006, p. 62) “é a partir da luta pela construção de

novos sentidos que o sujeito supera, ou não, seus conflitos e satisfaz, ou não, suas necessidades. É a partir do processo de satisfação das necessidades do sujeito que surgem os motivos”.

Diante disso, destacamos que um dos motivos que levou a egressa a participar do Residência Pedagógica foi suas necessidades formativas de constituir uma formação docente mais sólida, portanto, as necessidades são geradoras dos motivos.

Conjecturamos que foi uma decisão difícil a ser tomada, pois na condição de estudante universitária teria que depender dos pais para arcar com as despesas de deslocamento, comprade livros ou apostilas, participação em eventos, dentre outras necessidades que envolvem o financeiro. Ademilza (2021) expressa a potência positiva do Residência Pedagógica no que se refere a possibilidade que teve quando participou e ao mesmo tempo, destaca a dificuldade de ser voluntária, vejamos:

*[...] queria sentir mesmo a prática eu acho que a prática para mim foi um dos pontos mais importantes que eu destaco do Residência.
[...] a outra dificuldade é que a escola é do outro lado de Mossoró [...] a maior dificuldade mesmo que eu encontrei foi por [...] ser voluntária e a distância [...]*

Os trechos sinalizam que a prática oportunizada pela Configuração do Programa foi o que mais a afetou, no entanto, para vivenciar a prática enfrentou dificuldades, na condição de voluntária ela não dispunha de recursos para chegar à escola que era distante de onde ela morava.

Percebemos as contradições determinadas pela realidade vivenciada no programa de um lado a oportunidade de sentir mesmo a prática, ponto positivo, do outro ser voluntária, ponto negativo. A contradição é um elemento da dialética e está presente na realidade da egressa, como ser social e histórico ela é constituída e se constituiu no meio social que é contraditório também, por isso é natural que em suas falas apareçam a contradição. Sobre isso, Gonçalves (2015, p. 62) argumenta que:

Parte-se da consideração do caráter histórico do movimento social em que estão inseridos os indivíduos. E do entendimento de que esse movimento é dialético, ou seja, tendo por base a contradição, é um processo contínuo em que há unidade e luta de contrários, transformação da quantidade, qualidade e superação (negação da negação).

Nesse sentido, para a egressa sentir a prática ela teve que enfrentar o desafio de ser voluntária, esses pontos se entrelaçam, por isso falamos em unidade. Maria (2021) também foi voluntária, isso porque quando ela decidiu participar da seleção já não tinha mais bolsas disponíveis, sobre a sua participação como voluntária ela revela:

[...] fiquei muito agradecida [...] ao programa mesmo participando voluntariamente dessa edição [...] deveria ter mesmo era mais bolsas, [...] mais oportunidades [...] [...] dar meus pulos para ir à escola por mais “perto” que ainda fosse [...] muitas vezes [...] desespero por caronas [...] tinha dias também que às vezes não batia com as minhas caronas.

Os relatos de Maria (2021) mostram que a sua participação no Residência Pedagógica gerou potências positivas, retrata a satisfação em participar, voluntariamente, do programa mesmo enfrentando dificuldades para se deslocar até a escola e, tendo que recorrer as caronas, percebemos, portanto, que em meio aos desafios a egressa demonstrou responsabilidade em manter o compromisso, tanto com o programa quanto com a escola.

Maria (2021) reconhece que *deveria ter mais bolsas e oportunidades* e complementa dizendo que *[...] o valor ajudaria não vou mentir que ajudaria, mas sabemos a realidade [...]* e reconhece que a questão financeira *[...] não é do programa em si [...]* vem de toda essa questão política. A egressa reconhece a importância das bolsas, já vivenciou dificuldades por ter sido voluntária, nesse caso, o valor ajudaria no enfrentamento a uma das dificuldades vivenciadas por ela.

Para Maria (2021) o Programa se constituiu como um novo sentido para a sua formação inicial, por isso sugere que deveria ter mais oportunidades, para que outras pessoas fossem alcançadas com o PRP. A egressa estabelece relações entre questões políticas e o número pequeno de bolsas.

As falas das egressas sinalizam que as bolsas ainda não são suficientes e concordamos com elas por entendermos que é desafiador participar de um programa formativo com diversas atividades a serem realizadas, com uma carga horária de 440h a ser cumprida e ainda com poucos investimentos nesse e em outros programas de apoio à docência. Sobre a carga horária as egressas relatam que foi difícil de ser vencida.

4.1.3 Carga horária de 440h: difícil de ser cumprida

Esse indicador é formado por pré-indicadores que mostram as significações constituídas pelas egressas referentes a carga horária. Sobre a imersão, Ademilza (2021)

esclarece que:

A regência que tem que ter as 100 horas o que eu não achei ruim você vivenciar a realidade de uma sala de aula e eu costumava dizer que antigamente eu tinha um certo medinho as pernas meias que tremiam, mas depois você vai e nem percebe que tem gente lhe observando, parece que a professora nem tá dentro da sala de aula [...]

Ademilza (2021) destaca que a carga horária de 100 horas oportunizada pela Configuração do Programa Residência Pedagógica ocasionou mudanças qualitativas na sua formação, pois venceu o medo e as incertezas que é muito comum na formação inicial a deixando mais confiante nas ações desenvolvidas em sala de aula, por isso ela já não sentia o “*medinho*” de antes. Sobre as mudanças, Lukács (1979, p.79) esclarece que a categoria historicidade nos ajuda a perceber as transformações ocasionadas e isso “[...] não implica o simples movimento, mas também e sempre uma determinada direção de mudança, uma direção que se expressa em transformações qualitativas, de determinados complexos”.

Nesse caso, ocasionadas também pelo contexto escolar, pois o ser humano é constituído e constituinte da realidade em que está inserido e a medida em que esse contexto contribui para a mudança de Ademilza (2021), também contribuiu para a mudança desse ambiente. Em outras palavras, esse movimento de mudança é permeado por mediações históricas, culturais e sociais, por isso não podemos limitar e afirmar que apenas o contexto escolar foi responsável por essa mudança, mas sim todas as determinações que ela teve ao longo da vida. Ademilza (2021) fala sobre o desafio da carga horária:

[...] eu fiquei bastante contente, [...] me senti bastante contemplada com a versão que eu participei. [...] Não é uma carga horária fácil de ser cumprida, principalmente pra mim que eu entrei já no último ano. [...] foi meio que uma correria, para que eu conseguisse cumprir essa carga horária, mas eu não mudaria não [...]

A fala da egressa nos faz entender que a carga horária se tornou, ainda mais, difícil de ser cumprida, por que ela estava no último período do curso de Pedagogia. É importante destacar que o edital CAPES nº 06/2018 só estabelece a partir de qual período inicial que o aluno pode ingressar no programa e independente do período de ingresso, o residente deveria cumprir a carga horária estipulada. Isso justifica a afirmação de Ademilza “*foi meio que uma correria*” e mesmo enfrentando os desafios de cumprir a

carga horária ela não a mudaria e compreendemos o seu modo de pensar e de sentir quando ela retrata as contribuições do Programa, vejamos: [...] ***veio a acrescentar [...] na minha formação, enxergar mais a escola, ter mais experiência*** [...].

Entendemos, portanto, que a carga horária não foi um impeditivo para a contribuição do programa na sua formação, mas que gerou oportunidades para a egressa experienciar e entender o funcionamento da escola, a realidade escolar essas e outras aprendizagens foram construídas com base nas vivências no contexto escolar por intermédio da Configuração do Programa Residência Pedagógica.

Nesse sentido, a escola passa a ser uma mediadora na formação inicial das egressas e com isso elas foram se constituindo também no movimento dessa realidade, consoante ao que afirmam Soares e Barbosa (2010, p. 42) “como ser concreto, histórico, que vive processos de transformações, o homem é sempre um ser incompleto; mas, na relação com o mundo, constitui-se a cada instante”. Desse modo, as egressas não se constituem no vazio, mas no âmbito das relações sociais, das afetações e contradições.

No contexto escolar, a vivência nos projetos, contribuíram também para a constituição formativa das egressas.

4.1.1 A alternância dos residentes nas salas de aula possibilitou a vivência em diversos projetos

Esse indicador é constituído por pré-indicadores que desvelam as significações da egressa que vivenciou o Residência Pedagógica nas turmas da Educação Infantil. Sobre a participação na Unidade de Educação Infantil - UEI, Maria (2021) relata:

***Achei incrível como foi dito também que eu pude participar da UEI na educação infantil que poucos programas tem a educação infantil é... que tem a educação infantil para ser atuado [...].
[...] os residentes [...] alternavam as salas de aula, para [...] contemplar todas, todos os ensinios, de todos os anos que a escola disponibilizava.***

A egressa demonstra uma fala emocionada ao se referir a sua participação na UEI, reconhece a importância do Residência Pedagógica ao abarcar as especificidades da docência na primeira etapa da Educação Básica. Deste modo, entendemos que o PRP se constituiu como um programa formativo diferenciado de articulação teórico-prático, pois os residentes tiveram a oportunidade de observar e desenvolver ações pedagógicas em

todas as salas de aula da Educação Infantil. Sobre as observações nas salas de aula, Maria (2021) relata:

*[...] essa questão maior de **conhecer mesmo todas as professoras, de como cada uma trabalhava para poder formar o meu jeito, o meu modo de trabalhar** [...].*

As professoras da UEI se tornaram mediadoras no processo de construção da identidade docente, Maria (2021) diz “**como cada uma trabalhava para formar o meu modo de trabalhar**”. Nessa perspectiva, ela se reconhece como sujeito social que não está descolado da realidade em que está inserido, mas que o seu processo de identidade docente foi mediado pelas professoras da UEI.

Aguiar; Ozella (2013, p. 302), apontam que “[...] o homem, ser social e singular, síntese de múltiplas determinações, nas relações com o social (universal) constitui sua singularidade através das mediações sociais (particularidades/circunstâncias específicas)”. Para os autores, a relação do homem com o meio é determinada pelos diferentes tipos de mediações. De modo que o ser humano isolado, além de não conseguir interagir ele não se constituirá como tal, porque é na relação com o outro que ele se humaniza.

Desse modo, as relações mantidas por Maria (2021) com as professoras foi um fator determinante, para que ela pudesse desenvolver um olhar mais crítico em relação a própria construção da sua prática no que se refere a que tipo de profissional Maria (2021) desejava se tornar, podendo assim dizer que a Configuração do Programa Residência Pedagógica favoreceu uma formação que partiu do universal (social – professoras) para o particular (Maria – individual). Maria (2021) fala sobre as impressões da equipe da escola acerca do Programa, vejamos:

*[...] o **Residência era muito bem visto dentro da escola, já tinha mesmo de todas as professoras queriam que a gente passasse por cada sala delas** [...].*

Esse relato expressa a satisfação de Maria (2021) ao perceber como o Residência Pedagógica era “bem visto dentro da escola”, demonstrando que isso estreitou os vínculos entre os residentes e as professoras, beneficiando também os alunos, por meio das vivências em diversos projetos. É notável, portanto, que o PRP se constituiu como uma experiência ímpar para a egressa, visto que pode aprender com as professoras,

construindo um novo olhar sobre a docência na Educação Infantil, com experiência no ambiente escolar proporcionada pelo programa.

4.1.4 A experiência foi a maior afetação

Esse indicador aglutina pré-indicadores que nos ajudaram, após a interpretação, a desvelar que a experiência no ambiente escolar mediada pela Configuração do Programa Residência Pedagógica se constituiu como a maior afetação. Sobre a experiência no PRP, Maria (2021) afirma que:

[...] essa edição eu gostei muito e até indiquei muito também. Tive a minha experiência e passei [...] para os outros, porque muitos também tem esse medo, esse receio de participar de programas [...] eu pude ver que foi uma das melhores escolhas que eu fiz durante a graduação.

Maria (2021) revela que as experiências no Programa foram tão significativas que ela considera **“uma das melhores escolhas que eu fiz durante a graduação”** e que se constituíram como afetações necessárias para compartilhar com os colegas, já que muitos segundo a egressa têm medo, assim como ela também o teve, em virtude, do Residência Pedagógica, ser um novo programa formativo. Conjecturamos que a egressa passou a entender que socializando as vivências gerariam motivações para os colegas participarem do programa.

Consideramos essa fala tão carregada de significações que nos despertou o desejo de entender por que participar do Residência Pedagógica foi uma das melhores escolhas durante a graduação, a resposta dela **“tive a oportunidade de fazer mais questionamentos e buscar respostas”** a partir dessa colocação indagamos que tipo de questionamentos e respostas ela conseguiu obter. Vejamos o que Maria (2021) respondeu:

[...] dúvidas durante a graduação, sobre o curso de Pedagogia em si, a profissão, como professora [...] tinha dúvidas de como era, justamente trabalhar dentro de uma sala de aula e principalmente [...] de uma escola pública [...] eu só tinha mais contato com redes privadas.

Esses relatos nos fazem compreender que, para a egressa, participar do PRP foi uma das melhores coisas que ela fez durante a graduação, porque teve a oportunidade de experienciar a sala de aula de uma escola pública por um maior período de tempo, já que

foram 100 (cem) horas de regência, como ela afirma: ***“eu só tinha mais contato com redes privadas”***. Nesse sentido, Maria (2021) foi significando que a sua atuação no Residência possibilitou pensar os conhecimentos e atitudes sobre o fazer docente, uma vez que estava imersa no contexto escolar público que era objeto de interesse da egressa.

Nessa direção, concordamos com Tardif (2008, p.241) quando diz: “o principal desafio para a formação de professores, nos próximos anos será o de abrir um espaço maior para os conhecimentos práticos dentro do próprio currículo”.

Apesar de ser uma citação de 2008, consideramos procedente no contexto atual, a necessidade de uma formação que esteja imbricada a teoria e prática e dessa forma os licenciandos possam construir saberes docentes que são tão necessários no exercício da sua futura profissão, dentre outros motivos, porque existem saberes que apenas são construídos na prática, mas com o auxílio da teoria, por isso falamos em unidade. É importante destacar que o Residência Pedagógica não faz parte do currículo prescritivo nas licenciaturas, porém a sua configuração oportuniza aos residentes um maior tempo de imersão na escola, como também de encontros semanais na UERN.

4.1.5 Encontros Semanais na UERN: momentos para significar as ações realizadas na Escola

Esse indicador agrupa pré-indicadores que revelam as significações constituídas pelas egressas sobre os encontros semanais na UERN. Sobre esses encontros, elas relatam que:

[...] encontrávamos nas reuniões [...] para discutir o que foi feito [...] então é um pouco cansativo [...] esse ponto teórico, mas [...] acho que é justo, é importante que participamos. (ADEMILZA, 2021)

[...] era muito significativo ter esses momentos se não tivesse [...] a gente ia tá lá apenas colocando em prática algo que a gente fizesse sem resignificar nada e sem significar também [...] não teria muito sentido. (MARIA, 2021)

Os trechos das falas destacados sinalizam que as egressas consideram os encontros semanais bastantes significativos, tinham a oportunidade de discutir as ações desenvolvidas em sala de aula, bem como ouvia os compartilhamentos de ações de outros residentes, esses momentos foram de variadas e ricas experiências compartilhadas que contribuíam para a qualificação e formação de todos os envolvidos, além dos residentes tinham os preceptores e coordenadores com experiência em sala de aula.

Esses encontros foram geradores de reflexão, de um repensar sobre as ações em

sala de aula, de aprender novas metodologias, dinâmicas de aula e de significar as ações realizadas na escola, pois como Maria (2021) relatou se não tivesse esses encontros “***a gente ia tá lá apenas colocando em prática algo que a gente fizesse sem ressignificar nada e sem significar [...]***”.

Segundo Ademilza (2021) os encontros foram um pouco cansativo, mas ela considerava justo e importante participar a partir desse trecho percebemos a contradição na forma de pensar da egressa, ela considerava cansativo, mas percebia a importância desse momento para a sua formação isso condiz com o que escreveu Konder (2008, p. 7-8) sobre a contradição: “[...] o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação”. Nesse sentido, a dialética nos faz entender que a contradição é necessária para compreendermos o sujeito em suas constituições.

Ademilza (2021) nos fala sobre os estudos, suas relações com a prática, bem como com a sua formação nos encontros semanais, vejamos:

[...] a teoria ela não anda sozinha e a prática também não é um conjunto, elas não se separam. Então quando as professoras traziam aula sobre planejamento [...] logo quando [...] entrei tava discutindo sobre a BNCC então um tema que tem que ter todo um estudo, uma coisa que é nova.

Para a egressa a teoria e a prática formam uma unidade e por isso não se separam, nos encontros semanais, por exemplo, ela teve esse suporte teórico que auxiliava nas ações desenvolvidas na escola, por isso Ademilza (2021) cita alguns desses estudos, como: o de planejamento e da BNCC.

Nessa perspectiva, o Residência Pedagógica oportunizou as egressas a conhecerem uma das políticas educacionais: a BNCC que serve como base para os currículos das escolas nas três etapas da Educação Básica e para tornar efetivo esse documento os professores e egressas na condição de futuros docentes precisam conhecê-lo, isso porque serão agentes ativos na implementação da base.

As ações desenvolvidas na escola associada aos encontros semanais contribuíram para as egressas desenvolverem uma maior segurança nas práticas profissionais.

4.1.6 Misturar a Educação Infantil com o Ensino Fundamental: possibilitou confiança nas Práticas Profissionais.

Esse indicador é constituído por pré-indicadores que nos ajudaram, depois da interpretação, a desvelar as significações das egressas acerca da possível confiança que o Residência Pedagógica dá para as práticas profissionais. Sobre isso, vejamos o que relatam as egressas:

[...] contribuiu para Educação Infantil [...] a minha vida pessoal [...] a minha vida profissional. (MARIA, 2021)

[...] como eu no Residência fazia parte da Educação Infantil [...] inicialmente fui chamada para trabalhar na educação infantil [...] (MARIA, 2021)

[...] no outro dia [...] disseram que [...] iria assumir uma sala do Ensino Fundamental aí eu endoidei [...] passei tanto tempo [...] significando, ressignificando meus saberes [...] na educação infantil e agora eu ia lidar com ensino fundamental. (MARIA, 2021)

Pude trazer também os conhecimentos do Residência, porque [...] do Ensino Fundamental então com a troca de conhecimentos, com as conversas, com os diálogos que a gente teve durante o Residência Pedagógica [...] pude me aproximar mais, lembrando tudo isso que era visto, tudo isso que foi tratado [...] e trazendo para a minha sala de aula. (MARIA, 2021)

Contribuí ainda, porque [...] participei do projeto Reforço que era direcionado para alunos com dificuldades tinha toda uma metodologia diferenciada para atender a eles hoje eu utilizo algumas dessas práticas com os meus alunos da aula de reforço. (ADEMILZA, 2021)

As egressas reconhecem a importância do Residência Pedagógica para a sua constituição, significando como um diferencial para a sua formação pessoal e também profissional, já que quando colaboraram com a nossa pesquisa estavam atuando, logo que concluíram o curso iniciaram suas atividades profissionais. Maria (2021) relata a oportunidade profissional que teve, pois como ela participava do PRP na Educação Infantil foi convocada, inicialmente, para trabalhar nessa etapa da educação básica, mas acabou assumindo uma sala de aula no Ensino Fundamental, o que foi bastante desafiador, ela afirma: *[...] passei tanto tempo [...] significando, ressignificando meus saberes [...] na educação infantil e agora eu ia lidar com ensino fundamental.* Quanto a Ademilza (2021), as vivências na escola com o projeto Reforço Escolar contribuíram para as práticas profissionais dela enquanto professora de aula de reforço.

Maria (2021) se sentiu desafiada quando assumiu uma turma do Ensino Fundamental e fala sobre a importância do Residência Pedagógica nesse processo, pois

nos encontros semanais havia a mistura dos residentes que participavam da Educação Infantil com os residentes do Ensino Fundamental, ou seja, foi uma formação coletiva baseada nas relações com o outro e com a natureza, por isso houve momentos de trocas de conhecimentos, diálogos que favoreceu a construção de novos conhecimentos que ela pode fazer uso na sua sala de aula não na condição de aluna, mas de professora titular de uma turma.

De acordo com Barbosa (2011, p. 23-24): “a aprendizagem se desenvolve através das interações sociais, já que o ser humano é uma síntese de múltiplas determinações, transformando e sendo transformado pelos inúmeros processos de desenvolvimento que compõem essas relações”.

Nesse sentido, os processos vivenciados no PRP foram bastante significativos, as egressas estabeleceram relação com os sujeitos da instituição escolar, bem como com os participantes do programa, constituindo vivências, saberes, conceitos. Elas destacam a totalidade desses processos que favoreceu o desenvolvimento da confiança nas práticas profissionais. Sobre isso Maria (2021) relata:

[...] mais confiante dentro de uma sala de aula ele me deixou mais confiante mesmo no [...] trabalho, na minha posição, durante as minhas práticas [...] modo que eu gosto de trabalhar, do modo que eu acho que esteja referente a cada sala de aula [...].

[...] mais foi mesmo essa confiança em mim eu durante o programa pude confiar mais em mim para profissão, em mim como professora mesmo.

Esse relato revela zonas de sentidos referentes as mediações do PRP para o processo de desenvolvimento da confiança das egressas para a realização de suas práticas pedagógicas como profissionais. Inferimos que a formação inicial quando materializada na prática favorece a construção de saberes necessários ao exercício da profissão docente. Segundo Gatti (2013/2014, p.43) [...] “os professores desenvolvem sua condição de profissionais tanto pela sua formação básica na graduação, como por suas experiências com a prática docente, iniciada na graduação e concretizadas no trabalho das redes de ensino” [...]. Nesse sentido, a formação inicial não ocorre de forma isolada, mas em consonância com as experiências práticas, no entanto é no contexto em que o profissional estiver inserido que será possível apreender a totalidade do que é preciso ser feito enquanto professor.

Diante disso, a Configuração do Programa Residência Pedagógica ao abarcar as

duas etapas da Educação Básica em um mesmo subprojeto, potencializou processos de aprendizagem e desenvolvimento das práticas pedagógicas das egressas. Nesse sentido, quando se entrecruzam os saberes construídos durante a formação inicial, por meio também do Residência Pedagógica, os saberes do presente, construídos na prática de sala de aula, mesclam-se conhecimentos, sentimentos e experiências. (SOARES, 2011).

Os processos experienciados pelas egressas dessa pesquisa, no Residência Pedagógica, possibilitou reflexões sobre as suas dificuldades e também sua capacidade de enfrentá-las e/ou superá-las. Para ilustrar, destacamos a condição de serem voluntárias, chegando a recorrer a caronas para chegar até a escola; a carga horária a ser cumprida e mesmo enfrentando os desafios elas reconhecem a importância do Residência Pedagógica para a sua formação, isso porque as egressas foram afetadas positivamente com a experiência na escola oportunizada pelo Programa, sendo assim as dificuldades não se sobressaíram.

Segundo Bock (1999, p. 30) “não há natureza pronta. Não há aptidões. A única aptidão do homem é desenvolver várias aptidões”. Diante disso, apreendemos que as zonas de sentidos das egressas desta pesquisa revelam que a configuração do Programa Residência Pedagógica, subprojeto: Pedagogia, se constituiu como um programa diferenciado de articulação teórico-prático, portanto, as mediações constitutivas da Escola e da Universidade contribuíram para o desenvolvimento de habilidades e competências que perpassam a formação inicial, contribuindo para as práticas profissionais das egressas.

Desse modo, o Programa Residência Pedagógica se constituiu como elemento mediador no processo de formação das egressas, dentre outros motivos, porque a sua configuração lhes oportunizou vivenciar a escola de modo mais intenso e duradouro e nesse percurso formativo elas também enfrentaram dificuldades.

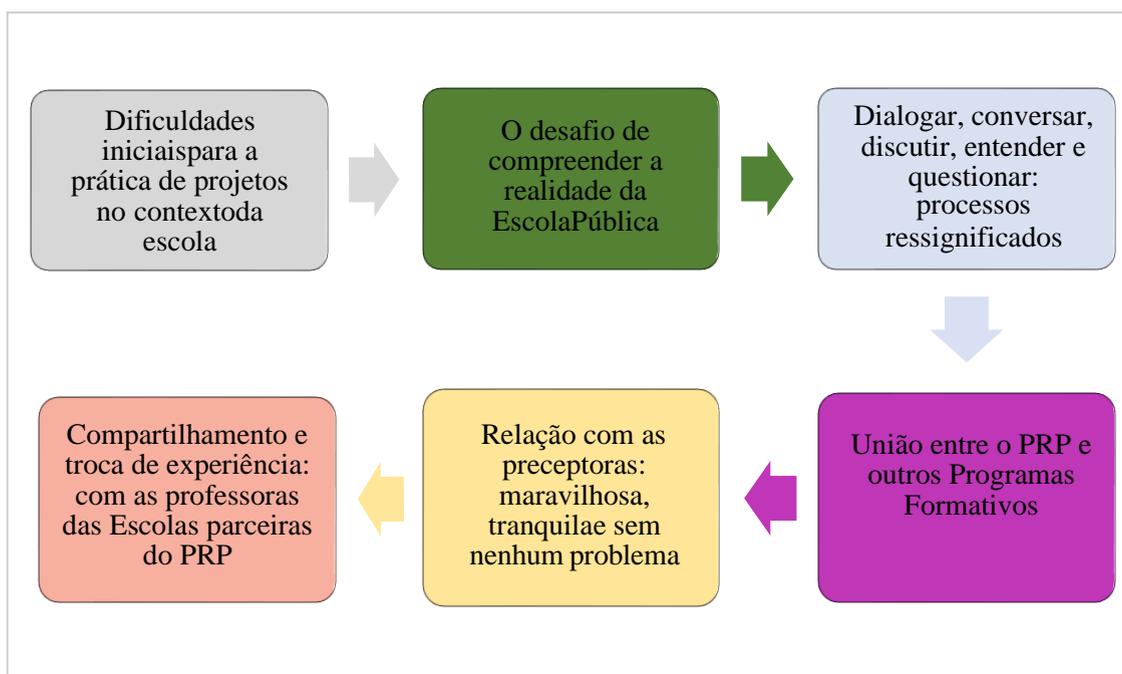
4.2 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO 2: RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: POSSIBILIDADES DE ATIVAÇÃO DA ZDP.

[...]a partir do programa foi que [...] pude me abrir[...] conversar, [...] dialogar [...] questionar [...] eu também não tinha muitos questionamentos,mas [...] pude fazer [...] questionamentos e procurar [...] respostas [...] talvez se [...] não tivesse participado teria terminado a graduação sem elas. (MARIA, 2021).

Essa epígrafe revela as zonas de sentido de Ademilza (2021) por meio das relações sociais que manteve com os sujeitos do Residência Pedagógica e da Escola potencializou o desenvolvimento da ZDP. Ademilza (2021) relata que [...] *pude me abrir [...] conversar [...] dialogar [...] questionar* [...] sinalizando que as relações com os pares foram tão saudáveis a ponto dela se sentir encorajada a esclarecer as suas dúvidas, questionar, dialogar e com isso construiu saberes necessários para a sua formação docente.

O segundo núcleo de significação é resultado da sistematização de seis indicadores, como mostra a figura 11 resultado da aglutinação de 36 (trinta e seis) pré-indicadores. Os indicadores interpretados nos direcionam para as significações constituídas por Maria (2021) e Ademilza (2021) acerca das possibilidades, potencializadas pelo Residência Pedagógica para a ativação da ZDP.

Figura 11: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 2



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Esses indicadores revelam os sentidos e significados constituídos por Maria (2021) e Ademilza (2021) acerca dos desafios enfrentados no contexto escolar e a potência positiva das relações afetivas com as preceptoras e professoras das escolas parceiras do PRP para a ativação da ZDP.

4.2.1 Dificuldades iniciais para a prática de projetos no contexto da escola

Esse indicador aglutina pré-indicadores que se relacionam com as reflexões das egressas frente as dificuldades iniciais para a prática de projetos no contexto da escola. Sobre isso, Ademilza (2021) retrata:

[...] não tem muito recurso a gente entende a questão dos recursos que é muito precária essa questão então a gente acaba planejando muito de acordo com a vivência do aluno, tentando trazer o máximo para aquela realidade daquela escola [...]

Essa fala expressa uma das dificuldades vivenciadas pela egressa na escola, a precariedade de recursos, mas também que não impossibilitou as ações na sala de aula, o planejamento se deu de acordo com essa realidade e com as vivências dos alunos. É importante salientar que o planejamento é a ação que antecede o fazer pedagógico, por isso é necessário planejar de acordo com a realidade em que se está inserido, bem como com as diretrizes propostas pela BNCC, pois esse documento estabelece as aprendizagens que precisam ser trabalhadas em cada etapa da Educação Básica. Sobre as dificuldades na escola Batista;Carvalho; Barbosa (2014, p. 21) esclarecem que:

[...] Compreendemos que vivenciar a escola com todos os seus limites e possibilidades, apontam para os futuros docentes que a profissionalidade docente exige de todos nós uma ação cidadã, o que implica em busca de transformações [...]

Ao vivenciar os limites, dificuldades ou desafios na escola as egressas passam a compreendê-la como um contexto social, histórico e desafiador, mas passível de mudança e transformação, sendo os agentes transformadores os próprios sujeitos que formam essa instituição e as egressas que estiveram inseridas nesse ambiente. Desse modo, sujeito e escola estão imbricados em um processo de constituição mútua.

As egressas apontaram outras dificuldades:

Projetos [...] inicialmente [...] muito difíceis a serem pensados [...] Colocar em prática [...] aí foi através disso né foi através das dificuldades. É... quais eram as didáticas a serem trabalhadas, o método a ser trabalhado, identificar quais seriam as melhores metodologias a serem trabalhadas em cada sala de aula. (MARIA, 2021)

[...] no começo [...] senti [...] pouco de dificuldade [...] trabalhava com os alunos dos 4º e 5º anos [...] pela vivência deles [...] alunos fora de faixa também, muitos deles [...] era um pouquinho maior que eu [...] ficava um pouco apreensiva, mas depois fui me adaptando [...]

*conhecendo [...] interagindo [...] (ADEMILZA, 2021)
 [...] dificuldades com relação aos alunos foi também a indisciplina [...] em relação a alguns alunos [...] (ADEMILZA, 2021)*

Maria (2021) expressa as dificuldades iniciais na elaboração e na prática de projetos, pois, foi um projeto para abarcar a necessidade de cada sala de aula da UEI. O desafio foi abranger as diversas áreas do conhecimento e ações, de modo que alcançasse a totalidade das salas. Acreditamos que foi um desafio que potencializou o processo de aprendizagem e desenvolvimento das residentes.

Nessa direção, destacamos Tardif (2002, p. 52) que afirma: “no contexto de projetos pedagógicos de duração mais longa, o treinamento e a formação de estagiários e de professores iniciantes, todas essas são situações que permitem objetivar os saberes da experiência.” [...] Desse modo, torna-se necessário a imersão do licenciado no contexto escolar para desenvolver os saberes experienciais que surgem a partir das situações cotidianas e/ou pedagógicas da escola.

Ademilza (2021) também encontrou obstáculos para a prática de projetos na escola, isso porque os alunos apresentavam dificuldades de comportamento: “[...] *a indisciplina em relação a alguns alunos*[...]” e também de aprendizagem “[...] *alunos fora de faixa* [...]”. A aprendizagem decorre de vários ambientes, como: o social, o familiar, o cultural e os alunos acabam levando essa aprendizagem para o contexto da escola e, principalmente para a sala de aula, e, muitas vezes, a aprendizagem é afetada negativamente devido a comportamentos inadequados dos alunos. Nessa perspectiva, Vigotski (1984, p. 87) esclarece que:

A educação recebida, na escola, e na sociedade de um modo geral cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos, a atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e conseqüentemente o comportamento da criança na escola.

Neste contexto, a educação obtida no social por meio da escola, da família e da sociedade é fundamental na constituição do indivíduo, influenciando, inclusive, na sua aprendizagem e no desenvolvimento, uma vez que é na relação com o outro, vai internalizando as formas culturais e sociais, portanto, a aprendizagem e o desenvolvimento se dão de fora (social/objetividade) para dentro (indivíduo/subjetividade). No caso, a aprendizagem e o desenvolvimento caminham

juntos, um impulsiona o outro.

Corroborando com esse pensamento Oliveira (1992, p. 33) afirma que: “a aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que somente podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas”. Nesse sentido, a relevância das relações sociais e da cultura para a promoção do desenvolvimento torna-se bem maior.

Para Vigotski o desafio de pensar na aprendizagem e no desenvolvimento no contexto de sala de aula é que o professor ou futuro professor perceba as dificuldades de aprendizagem e trabalhe a partir delas, Ademilza (2021) fala: *alunos fora de faixa também, muitos deles [...] era um pouquinho maior que eu [...] ficava um pouco apreensiva, mas depois fui me adaptando [...] conhecendo [...] interagindo*. A egressa buscou conhecer e interagir com os alunos (re) significando os seus conceitos e vencendo os medos que sentia pôr os alunos serem maiores que ela. Atrelado a isso teve a indisciplina, portanto, estreitou o vínculo entre eles e a egressa, favoreceu uma relação mais saudável, suscitando melhorias no comportamento e conseqüentemente na aprendizagem de ambos.

Diante das dificuldades vivenciadas pelas egressas se tornou desafiador compreender a realidade de uma escola pública.

4.2.2 O desafio de compreender a realidade de uma escola pública

Esse indicador é formado por pré-indicadores que nos revelam os desafios enfrentados pelas egressas para compreender a realidade da escola pública. Maria (2021) diz:

[...] nunca tinha passado por realidades como essa é triste [...] ver que, às vezes, a criança quer, busca, mas que não há condições [...] favoráveis. [...] pude ser mais humana [...] digo assim, porque muitas vezes [...] até me emociono muito quando falo [...] passar por aquela realidade [...] não é fácil [...] vê aquelas crianças [...] e situações que você, às vezes, fica [...] sem chão [...]

As falas de Maria (2021) sobre a realidade da escola pública estiveram sempre emocionadas, ao relatar que *[...] nunca tinha passado por realidade como essa [...]* e *[...] pude ser mais humana [...]* revela a sua historicidade, pois no seu percurso formativo *[...] tinha tido mais contato com redes privadas [...]* mesmo diante do que popularmente chamamos de “choque de realidade” houve mudanças qualitativas na sua constituição formativa, pois revela que se tornou mais humana, mais sensível diante dos desafios

vivenciados na escola pública.

Nesse sentido, o Residência Pedagógica se torna um programa inovador na formação inicial das egressas, pois proporcionou a imersão na escola pública, ainda na graduação, contribuindo para uma construção mais alargada do que é a escola, do que é a docência e dos desafios de uma escola pública e não como um programa que potencializa a instrumentalização técnica de ensino.

Destacamos mais uma fala emocionada da egressa [...] *passar por aquela realidade [...] não é fácil [...] vê aquelas crianças [...] e situações que você, às vezes, fica [...] sem chão [...]* sinaliza que vivenciar a realidade de uma escola pública gerou afetação positiva, pois a egressa se sensibilizou com a realidade dos alunos, de tal modo que chorou durante a entrevista ao relatar todo esse trecho.

Como foi bastante recorrente a fala emocionada tivemos que estudar um pouco sobre esse assunto e descobrimos que na perspectiva Sócio-Histórica, a emoção é suscetível a mudança, conforme o momento e o acontecimento na vida do indivíduo, no caso da egressa como foram as primeiras vivências mais duradouras no contexto escolar público a reação dela foi se emocionar, mas o que a emociona hoje pode não a emocionar amanhã. As emoções e os sentimentos fazem parte da dimensão afetiva que não pode se separar da dimensão biológica e cognitiva (mental) que constituem o indivíduo, conforme esclarece Soares (2006, p. 56):

Para a Psicologia Sócio-Histórica, o ser humano não se reduz, portanto, a uma estrutura cognitiva, como definem muitas teorias pedagógicas e psicológicas. Ao mesmo tempo que se configura como um ser cognitivo, ele é, também, um ser afetivo, ou seja, ele é atravessado por emoções e sentimentos.

Neste sentido, afeto e cognição se inter-relacionam dialeticamente no processo de constituição do humano. Nesse sentido, destacamos também Vigotski (2004, p. 139) ao relatar que “ao sermos afetados, se alterem as conexões iniciais entre mente e corpo, pois os componentes psíquicos e orgânicos da reação emocional se estendem a todas as funções psicológicas superiores iniciais que se produziram, surgindo uma nova ordem e novas conexões”. Compreendemos, portanto, que Maria (2021) ao ser afetada por essa nova realidade ela passa a mudar as suas formas de agir, de pensar e de sentir a escola pública, uma vez que mudam as conexões entre o corpo e a mente.

Maria (2021) ainda relata sobre os desafios do ser professor na escola pública:

[...] a realidade não é fácil, [...] ser professora não é só ser professora você não está ali apenas para ensinar você, às vezes, aprende mais do que ensina, que você tem que viver a realidade do local onde você está, no qual você está inserido [...] as práticas por mais planejamentos [...] vão sempre estar em modificações, porque [...] acontece algo que não é esperado, seja ele positivo ou negativo [...] [...] O professor precisa estar sempre inovando muito, estudando muito, sempre [...] atualizando.

A afirmação [...] *você não está ali apenas para ensinar* [...] ampliou o significado da docência, pois por meio das ações desenvolvidas pedagógicas Maria (2021) percebeu que essa profissão permite aprender com os alunos; que é preciso viver a realidade do local; os planejamentos estarão sempre em modificações, porque surgem situações que fogem do que foi planejado. As significações constituídas por Maria (2021) estão em consonância com as ideias de Freire (2011, p. 12) vejamos:

[...] quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos e nem formar é ação pela qual um sujeito criador da forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado [...]. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Concatenando as falas de Maria (2021) e a citação do autor inferimos que a egressa reconhece o professor como um ser inacabado, e que precisa está em constante processo de formação, para conseguir compreender e intervir no contexto complexo que é a sala de aula, portanto, Maria (2021) compreende que a prática docente não se detém apenas a ensinar, mas também a compromissos com a prática pedagógica pautados no diálogo e questionamentos.

4.2.3 Dialogar, conversar, discutir, entender e questionar: processos ressignificados

Esse indicador aglutina pré-indicadores que quando articulados e interpretados nos ajudam a desvelar que os processos de dialogar, entender e questionar da egressa passam a ser ressignificados. Maria (2021) expressa:

[...] eu também não tinha muitos questionamentos, mas [...] pude fazer [...] questionamentos e procurar [...] respostas [...] talvez se [...] não tivesse participado teria terminado a graduação sem elas. [...] me mostrei outra pessoa não discutia muito [...] não dialogava [...] com essa questão [...] da educação [...]

Estas falas mostram que as mudanças advindas da participação no Residência Pedagógica não aconteceram de forma mecânica e linear, Maria (2021), por exemplo, nos informou no decorrer da entrevista que teve dificuldades de compreender a realidade de uma escola pública; de elaborar e executar projetos pedagógicos; enfrentou obstáculos por ser voluntária, tendo que, muitas vezes, recorrer a caronas então quando ela diz que [...] ***me mostrei outra pessoa*** [...] revela o processo até isso acontecer, podemos a partir de Vigotski (2007) dizer que ela teve saltos qualitativos, ou seja, ela alcançou um nível de desenvolvimento real, potencializado pela sua participação no Residência Pedagógica.

Quando Maria (2021) falou [...] ***eu não tinha muitos questionamentos, mas pude fazer questionamentos e procurar respostas*** [...] nos despertou o desejo de entender que tipo de questionamentos e respostas obteve e ela esclareceu: [...] ***tinha dúvidas de como era, justamente trabalhar dentro de uma sala de aula e principalmente [...] de uma escola pública***[...]. Essas falas revelam a significância do programa para a constituição formativa da egressa, pois imersa na escola ela pode observar e exercer a docência na escola pública.

O contato direto com a realidade da escola proporcionou diversas situações potencializadoras de desenvolvimento, destacamos atividade realizadas em colaboração com outros programas formativos.

4.2.4 União entre o PRP e outros Programas Formativos

O Programa Residência Pedagógica dispunha de encontros semanais na Universidade, abrangendo estudos teóricos, encontros conjuntos com outros programas, como o PIBID, e o LE FREIRE, nos quais foram promovidos diálogos, trocas de experiências e estudos voltados à docência, potencializando com isso, aprendizagens concernentes a formação das residentes. Esse indicador é formado por pré-indicadores que desvelam as significações das egressas sobre a união do PRP com outros programas formativos. Sobre isso, Maria (2021) disse:

[...] gostava muito quando fazia a união dos programas, porque quanto mais gente [...] tinha algo a ser relatado [...] a ser discutido e era algo que sempre vinha a fazer a gente pensar muito. Cada um teria sua realidade, seu modo de trabalho, mas que era algo a ser pensado, algo a ser discutido, novos assuntos também, metodologias principalmente metodologias a serem trabalhadas.

Estas falas indicam significações acerca da união do PRP com outros programas formativos, destacam que a dinâmica desses encontros permitia que as discussões sobre as ações desenvolvidas na escola fossem ampliadas, uma vez que cada um socializava a sua experiência e dessa forma eles aprendiam uns com os outros, contribuindo para [...] **a gente pensar muito** [...], pois havia diálogo, reflexão, colaboração, de modo que essas experiências compartilhadas coletivamente qualificavam a formação dos futuros professores.

Maria (2021) ao relatar [...] *cada um teria a sua realidade, seu modo de trabalhar* parece perceber que cada indivíduo é singular em suas práticas pedagógicas compreendemos que o ser humano se constitui e tem constituída as suas formas de sentir, pensar e agir que é singular, subjetivo sob determinações presentes no meio social em que vive, conforme explica Lukács (1979, p. 17): “não se pode considerar o ser social como independente do ser da natureza, como antíteses que se excluem”. De tal modo, que as experiências vivenciadas pela união do PRP com outros programas formativos contribuíram para a constituição delas, gerando mudanças. As egressas, com entusiasmo, nomearam algumas dessas contribuições, o que nos remete a percepção de que elas foram afetadas e que o convívio com diversos estagiários e realidades diferentes, potencializou mudanças no processo de aprendizagem durante o programa. Elas dizem:

[...] contribuíram muito, porque temos as experiências dos próprios docentes que estão ali à frente para dar aquele encaminhamento [...] os colegas que estavam no programa e também os colegas de outros programas. (MARIA,2021)

[...] contribuiu bastante quando juntava também com o PIBID que trazia as discussões [...] (ADEMILZA, 2021)

Elas percebem a importância das mediações dos docentes para a sua formação docente e nesse sentido destacamos sob a perspectiva Vigotskiana que o elemento mediador que intervém na relação do sujeito com o meio, é no caso, o mais experiente, como citado por Maria (2021) [...] **contribuíram muito, porque temos as experiências dos próprios docentes** [...]. Essa fala expressa que é necessário que no processo de aprendizagem haja interação entre os pares mais experientes e os menos experientes, pois isso pode gerar mudanças qualitativas e estimula o desenvolvimento do indivíduo. (VIGOTSKI, 2007).

Nessa perspectiva, o Residência Pedagógica por meio da sua configuração favoreceu a ativação da ZDP através das relações com os pares: colegas residentes e de

outros programas formativos, as preceptoras, orientadoras e sujeitos da escola. Nesse processo a mediação do par mais experiente é fundamental, e as relações afetivas com esses pares tem um papel importante.

4.2.5 Relação com as preceptoras: maravilhosa, tranquila e sem nenhum problema

Esse indicador aglutina pré-indicadores que discutem os sentidos e significados produzidos por Maria (2021) e Ademilza (2021) acerca das relações constituídas com as preceptoras. Sobre isso, vejamos o que elas dizem:

[...] Chegava junto, dizia como poderia ser trabalhado, de acordo também com o meu propósito, [...] porque eu tinha os meus objetivos, ela tinha as questões dela [...] (MARIA, 2021)

[...] sempre muito presente quando a gente tava planejando [...] ela deixou a gente muito livre, mas [...] dizia: vamos seguir [...] essa linha, a escola tá precisando disso [...] (ADEMILZA, 2021)

As falas descritas revelam parte das mediações que envolvem as preceptoras no planejamento das aulas, nas orientações com base nas necessidades da escola e como poderia ser trabalhado os conteúdos, nesse sentido o que nos chamou atenção foi a fala de Maria (2021) [...] *de acordo também com o meu propósito* [...] sinaliza que ela teve a oportunidade de interagir com a preceptora, de modo que uma foi aprendendo com a outra e havia o respeito pelas ideias da egressa e isso nos fez lembrar as colocações de Paulo Freire (1987, p. 68) “não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes” não existia, portanto, uma hierarquização de saberes, mas uma parceria entre elas, tornando o trabalho da egressa mais significativo, já que tinha todo esse apoio e incentivo.

Percebemos também, momentos nos quais estão presentes ativações da ZDP. Acreditamos que as relações afetivas entre as egressas e preceptoras fortaleceu a relação entre teoria e prática nas escolas parceiras do PRP. Sobre suas relações com as preceptoras elas reiteram:

[...] foi uma relação [...] muito tranquila, uma relação simplesmente que realmente eu ficava muito à vontade. Não tive nenhum problema em relação à [...] nenhuma preceptora, nenhuma questão [...] de medo, de receio [...] chegava lá [...] perguntava, sem nenhum problema. (MARIA, 2021)

[...] foi uma experiência maravilhosa com ela em todos os sentidos assim em nos ajudar [...] (ADEMILZA, 2021)

As minhas experiências com elas foram muito boas, porque antes mesmo de entrar no RESPED eu participei do estágio não obrigatório

como eu já falei anteriormente. Na primeira escola que eu atuei como auxiliar de sala eu tive uma convivência muito boa [...] [...] na segunda escola que eu, infelizmente, fui transferida eu fui para escolae assim a gente não convivia com as professoras, a gente não participava das reuniões diretamente de planejamento [...] (ADEMILZA, 2021)

As falas das egressas retratam as constituições afetivas com as preceptoras, condizente a isso Soares (2006, p. 57) esclarece que: “a afetividade é um grande elemento mediador presente nos espaços das relações sociais do sujeito”, ou seja, a afetividade atravessa todas as relações sociais e pode gerar uma potência positiva ou negativa. No caso das egressas, as relações afetivas geraram sentimentos de segurança e confiança.

Para Ademilza (2021) a relação com as preceptoras foi ainda mais significativa, pois havia vivenciado uma experiência bem diferente, no estágio curricular não obrigatório⁷, uma vez que a condição de auxiliar de sala, não participava das reuniões de planejamento junto com as professoras, imagine planejar. Nessa perspectiva, participar do PRP e ter autonomia para pensar na realidade da sala de aula, planejar e executar os planos de aula foi bastante significativo para a sua formação docente. As egressas além de contarem com as mediações das preceptoras reconhecem a importância das professoras das escolas no seu processo de formação.

4.2.6 Compartilhamento e troca de experiência: com as professoras das Escolas parceiras do PRP

Este indicador aglutina pré-indicadores onde as egressas reconhecem a importância das mediações das professoras parceiras do PRP no seu processo de constituição docente. Sobre isso, observemos as falas de Maria (2021):

*[...] cada pessoa [...] tem o seu jeito de trabalhar, mas [...] você pode adquirir [...] tanto as melhores coisas [...] como as piores [...] porque serve como aprendizado.
[...] momentos bons e ruins você [...] pode estar [...] acolhendo [...] para a sua prática sejam eles positivos ou negativos.
[...] tem vários modos de trabalhar onde você pode adquirindo o que [...] combina mais com a sua [...] prática docente.*

⁷ Esse tipo de estágio não é ofertado pelo curso de Pedagogia/UERN, bem como não faz parte da carga horária do curso. É opcional é oferecido pela Prefeitura do Município como um complemento na formação docente.

Os relatos revelam que Maria (2021) pode fazer observações em todas as salas de aula da UEI, afirmou durante a entrevista: *os residentes [...] alternavam as salas de aula, para [...] contemplar todas*, por isso foi possível conhecer o trabalho de cada professora e nesse sentido as docentes, na condição, de mais experientes potencializaram a ativação da ZDP da egressa, que ao perceber a singularidade de cada professora no exercício da docência foi construindo novas aprendizagens [...] *serviu como aprendizado* [...]. Dessa forma, o conhecimento apreendido com cada professora mediou a construção da identidade docente de Maria (2021), veja que ela relata: [...] *pode estar [...] acolhendo [...] para a sua prática*. Nesse sentido, destacamos o conceito de ZDP, segundo Zanella (2001, p. 113):

Consiste no campo inter psicológico onde significações são socialmente produzidas e particularmente apropriadas, constituído nas e pelas relações sociais em que os sujeitos se encontram envolvidos com problemas ou situações em que há o embate, a troca de ideias, o compartilhar e confrontar pontos de vista diferenciados

A ZDP ocorre quando as significações são constituídas a partir das interações sociais, nesse caso destacamos as trocas de ideias e de experiência entre as professoras e as egressas, contribuindo para desenvolver os processos mentais. Sobre isso, Ademilza (2021) diz:

[...] tinha esse receio [...] no Residência [...] de que acontecesse meio que as professoras tivessem algum receio com a gente, pôr a gente está lá. Mas não,foi gratificante tudo, tudo, tudo, porque a gente sempre foi muito bem recebido [...] as professoras compartilhavam com a gente, conversava muito com a gente, dava dicas [...]
Então [...] tinha esse receio [...] ser deixada um pouco pra escanteio, como se eu não fizesse parte da escola, mas não no Residência foi totalmente diferente foi uma coisa assim gratificante. Realmente você se sentir querida,as professoras colocavam logo um sorriso e diziam ai que bom que vocês vieram! Como é bom vocês estarem aqui!
[...] tanto você aprende, como você também pode levar também coisas novas que às vezes as professoras também meias que não tem tempo a gente sabe como é difícil um professor fez uma pessoa que trabalha no município, no estado de se reciclar também. Então, a gente também acaba levando coisas novas para escola também.

Essas falas nos faz entender que as expectativas com relação as professoras foram superadas, pois Ademilza (2021) tinha vivenciado uma experiência negativa no estágio curricular não obrigatório, vejamos: [...] *a gente não convivia com as professora, a gente não participava das reuniões diretamente de planejamento [...]*

ela temeu passar pela mesma situação, mas foi diferente segundo a egressa as professoras parceiras do PRP compartilhavam, conversavam e davam dicas para ela inferimos que esse momento para a egressa foi bastante significativo, pois se sentiu acolhida, valorizada e bem aceita, gerando motivações necessárias para a construção de saberes docentes. Entendemos, portanto, que as significações constituídas pelas egressas dependem também das relações vivenciadas por elas no contexto da escola.

O que nos chamou atenção também foi a troca de experiência: [...] *tanto você aprende, como também pode levar coisas novas para escola* [...] percebemos que ao atuar sobre essa realidade a egressa a transforma ao mesmo tempo, em que se transforma e nesse movimento dialético é que a egressa se constitui e é constituída, iniciando um novo movimento de aprendizagem. Assim, de acordo com Espinosa (2008), a potência de se transformar e ser transformado aumenta quando duas ou mais pessoas unem suas forças para realizar um objetivo comum. Nesse sentido, percebemos que a troca de experiência entre a egressa e a escola geraram mais poder para pensar, sentir e agir.

O movimento de interpretações, neste núcleo revelou que a inserção das egressas na escola contribuiu, para que pudessem refletir sobre os desafios da docência e associado a isso vivenciaram as dificuldades enfrentadas na escola pública durante as ações desenvolvidas nela como: a precariedade de recursos, a elaboração e execução de projetos pedagógicos e ainda pensar e buscar estratégias para vencer as dificuldades apresentadas pelos alunos relativas a indisciplina e ao processo de aprendizagem.

Diante disso, as egressas desta pesquisa, do Residência Pedagógica, subprojeto: Pedagogia/UERN, constituíram novos sentidos sobre a docência e a escola pública, com base nas experiências vivenciadas por elas e mediadas pelas preceptoras e professoras das escolas parceiras do PRP. As relações entre elas desenvolveram a ativação da ZDP, por meio da troca de experiências e constantes diálogos, ou seja, uma formação que se deu no âmbito coletivo e isso nos faz lembrar as colocações Nóvoa (2002, p. 39): “A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando”. Desse modo, ao compartilharem significados sobre as suas práticas educativas promovem o desenvolvimento tanto dos professores quanto das egressas.

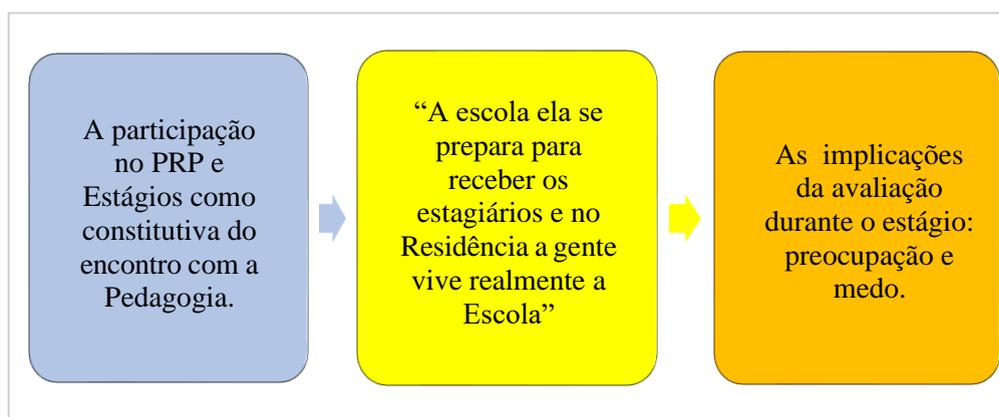
4.3 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO 3: PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA *VERSUS* ESTÁGIOSUPERVISIONADO

[...] debatia muito [...] com os outros colegas da faculdade a escola ela se prepara para receber os estagiários [...] e no Residência a gente vive realmente a escola, porque a gente tá toda semana lá, toda semana conversando, trocando experiências [...] (ADEMILZA, 2021)

A epígrafe acima traz as significações sobre o tempo que as egressas passaram na escola mediado pela Configuração do Programa Residência Pedagógica. Quando a egressa afirma que [...] *a escola ela se prepara para receber os estagiários* [...] supomos que não haja um conhecimento real da instituição por se tratar de uma preparação, mas quando a egressa teve a oportunidade de participar do Residência começou a viver [...] *realmente a escola* [...] e com isso construiu conhecimentos sobre a totalidade do contexto social e histórico dessa instituição social.

As falas sobre o Estágio foram tão contundentes e recorrentes, que organizamos esse núcleo. Então, ele foi formado por três indicadores como mostra a figura 12 que por sua vez foram constituídos por meio da aglutinação de 21 (vinte e um) pré-indicadores.

Figura 12: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 3



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os indicadores interpretados apresentam as significações constituídas por Maria (2021) e Ademilza (2021) acerca da participação no PRP e nos estágios que geraram potências positivas no encontro com a Pedagogia, no entanto elas estabelecem significativas diferenças entre esses dois momentos formativos, destacando, inclusive as implicações da avaliação durante o estágio.

4.3.1 A participação no PRP e Estágios como constitutiva do encontro com a Pedagogia

Esse indicador aglutina pré-indicadores que desvelam as significações das egressas sobre a participação no Residência e nos Estágios como mediadores do encontro com a Pedagogia. Sobre isso, vejamos o que elas dizem:

[...] me encontrei dentro da Pedagogia [...] inicialmente não era o que eu queria mais me encontrei [...] tive a oportunidade de participar dos estágios [...] ainda veio o RESPED para poder aprimorar mais ainda esse momento que é tão significativo para mim. (MARIA, 2021)

[...] cursei Pedagogia e me encontrar no curso eu acho que isso foi o mais importante [...], principalmente no Ensino Fundamental [...] e isso foi muito gratificante, destaco nesse ponto o RESPED. (ADEMILZA, 2021)

[...] acho que eu realmente decidi é aqui que eu escolhi ser professor [...] foi na graduação [...] as experiências [...] tive, que eu pude ter com o estágio não obrigatório, estágios e também do Residência. A teoria unindo a prática [...] (ADEMILZA, 2021)

Essas falas sinalizam que a participação das egressas nos estágios e no PRP geraram potências positivas para o encontro delas com o curso de Pedagogia. A fala de Maria (2021) nos chamou atenção *[...] me encontrei dentro da Pedagogia [...] inicialmente não era o que eu queria,mas me encontrei [...]* esse encontro foi gerado, dentre outros motivos, pela inserção na escola e isso reitera a necessidade não do predomínio da teoria, mas sim de uma articulação da teoria e prática na formação inicial. Nessa perspectiva, nos reportamos as colocações de Pimenta e Lima (2008, p. 56) que retratam a necessidade da:

[...] relação entre os saberes teóricos e os saberes práticos ocorra durante todo o percurso da formação, garantindo, inclusive, que os alunos aprimorem sua escolha de serem professores a partir do contato com as realidades de sua profissão.

Segundo as autoras a relação teórico-prático deve acontecer durante todo o decurso da formação inicial, pois essa aproximação possibilita ao licenciando articular os conhecimentos, os saberes que tem com a prática em sala de aula, conhecendo a realidade da escola, da sua profissão, favorece também a construção da identidade docente, bem como a de saber se a docência é a profissão que quer seguir. Sobre isso Ademilza (2021) diz: *[...] escolhi ser professora [...] foi na graduação [...] as experiências [...] tive, que eu pude ter com o estágio não obrigatório, estágios e também do Residência,* rompendo com a ideia de vocação a ideia do ser professor por vocação, sobre isso Bock (1997, p.37) afirma:

Não há nada em termos de habilidade, faculdade, valores, aptidões ou tendências que nasçam com o ser humano. As condições biológicas hereditárias do homem são a sustentação de um desenvolvimento sócio histórico, que lhe imprimirá possibilidades, habilidades, aptidões, valores e tendências historicamente conquistados pela humanidade e que se encontra condensados nas formas culturais desenvolvidas pelo homem em sociedade.

A fala de Ademilza (2021) [...] *escolhi ser professora* [...] revela que a escolha pela docência é mediada pela influência dos aspectos sociais, culturais, históricos e familiares, como também dos aspectos subjetivos que se articulam, constituindo a totalidade do sentir, pensar e agir do indivíduo sobre a escolha da profissão.

Ademilza (2021) ainda relata que se encontrou no curso, e em especial no Ensino Fundamental e, destaca o PRP, dessa forma as vivências na escola foram significativas para o encontro com uma das etapas da Educação Básica, pois como o campo educacional é abrangente participar do Residência lhe proporcionou esse encontro com o ensino fundamental. Apesar de serem momentos formativos importantes na formação das egressas elas estabelecem diferenças significativas entre o Estágio e o PRP.

4.3.2 “A Escola ela se prepara para receber os estagiários e no Residência a gente vive realmente a Escola”

Esse indicador aglutina pré-indicadores que se relacionam com reflexões das egressas sobre as vivências nos estágios e no PRP. Nessa perspectiva, destacamos o parecer CNE/CP n. 5/2005 que discorre sobre as Diretrizes do Curso de Pedagogia, evidenciando o estágio, observemos:

O estágio curricular pressupõe atividades pedagógicas efetivadas em um ambiente institucional de trabalho, reconhecido por um sistema de ensino, que se concretiza na relação interinstitucional, estabelecida entre um docente experiente e o aluno estagiário, com a mediação de um professor supervisor acadêmico. Deve proporcionar ao estagiário uma reflexão contextualizada, conferindo-lhe condições para que se forme como autor de sua prática, por meio da vivência institucional sistemática, intencional, norteada pelo projeto pedagógico da instituição formadora e da unidade campo de estágio. (BRASIL, 2006, p. 15)

De acordo com o parecer, o estágio para ser efetivado depende do estagiário,

professor da escola e o professor acadêmico, de modo que o licenciando desenvolva a observação e a prática na escola por meio de atividades pedagógicas que envolvem diretamente os alunos. O Estágio é, portanto, um componente curricular obrigatório nos cursos de formação de professores, diferente do PRP que há uma seleção.

Sobre o estágio, Ademilza (2021) e Maria (2021) relatam que:

[...] o prazo curto do estágio [...] a gente passa uma semana observando [...]percebo que a escola [...] meio que se prepara para receber a gente [...] se organiza, às vezes, até demais para receber a gente [...] acaba não passando uma naturalidade. (ADEMILZA, 2021) Depois disso a gente passa uma semana planejando [...] e na outra [...] já começa a regência [...] (ADEMILZA, 2021)

[...] não tem um período [...], de conhecer mais a turma, se identificar [...] com a turma, porque você tem que conhecer a turma, você tem que conversar com a professora, entender como funciona toda a escola[...](ADEMILZA,2021)

[...]os contatos que eu tive com escolas públicas foi justamente durante o estágio e o momento do estágio é um momento ali rápido, porque a gente sabe que não tem algo mais fixo e de mais tempo, de mais duração. (MARIA,2021)

As falas das egressas sinalizam a insatisfação com o tempo ofertado pelo estágio, pois observam, planejam e realizam a regência no período de três semanas tempo insuficiente para [...] *entender como funciona toda a escola* [...] como afirmou Ademilza (2021), no entanto Maria (2021) reconhece que os contatos que teve com a escola pública foi por meio do estágio, mesmo não sendo de longa duração.

Sobre as vivências nos estágios e no PRP, as egressas informaram:

[...] por mais que seja o momento sim de aprendizagem [...] é diferente você está no estágio supervisionado. está em um programa é [...] diferente e fora o contato [...] as conversas [...] o diálogo. No estágio não, cada um tem seu momento e chega um dia em que a gente vai fazer a discussão com todos e finalizando já depois de tudo. Então [...] não vai significando dia após dia, semana após semana. (MARIA, 2021)

[...] vai adquirir experiência, conhecimento, porque [...] somente o estágio obrigatório não têm como, infelizmente [...] dizer assim [...] quero ser professora a partir do estágio, porque é muito curto. (MARIA, 2021)

[...] no Residência [...] tem um período maior de conhecimento [...] a gente passa aquele ano inteiro com as professoras, interagindo com os alunos, com elas [...] que já têm experiências, você que está adquirindo. (ADEMILZA, 2021)

Maria (2021) reconhece a importância do estágio como um momento de

aprendizagem no seu processo formativo, porém ao relatar *está em um programa é [...] diferente e fora o contato [...] as conversas [...] o diálogo. No estágio não, cada um tem seu momento* inferimos que o outro desafio encontrado no estágio pela egressa se constituiu na ínfima relação com os pares, porém isso não foi o suficiente para fazê-la desistir, muito pelo contrário associado ao pouco tempo de estágio ela buscou se aperfeiçoar na área, participando do Residência Pedagógica. Os relatos destacados ainda sinalizam que o Residência Pedagógica em virtude da sua Configuração possibilitou a construção de um conhecimento mais totalizante da escola, como relatou Ademilza (2021) [...] *tem um período maior de conhecimento* [...].

Para Maria (2021), o estágio não tem a mesmas significações que o PRP/Pedagogia/UERN na identificação com a profissão docente, ela disse [...] *somente o estágio obrigatório não têm como, infelizmente [...] dizer assim [...] quero ser professora a partir do estágio, porque é muito curto*. Essa fala ajuda a revelar que Maria se encontrou na profissão, dentre outros motivos, quando participou do PRP.

Embora, diferentes, os dois aproximam o licenciando da realidade escolar, no entanto, o tempo disponibilizado pelo PRP se configura como um diferencial na formação das egressas, potencializando, inclusive, o encontro com a profissão. De acordo com Imbernón (2011, p. 63)

Uma bagagem sólida no âmbito científico, cultural, contextual, psicopedagógico e pessoal que deve capacitar o futuro professor ou professora a assumir a tarefa educativa em toda a sua complexidade, atuando reflexivamente com a flexibilidade e o rigor necessários, isto é, apoiando suas ações em uma fundamentação válida para evitar cair no paradoxo de ensinar a não ensinar.

Concatenando a citação com as falas das egressas inferimos que o contato por um maior período de tempo com as escolas, a constante interação com os professores, preceptores, orientadores e sujeitos da escola lhes possibilitou, construir, conhecimentos sólidos sobre o processo de ensinar e aprender que irão incidir nas suas vivências posteriores. Maria (2021) destaca que no estágio não tinha esse momento de interação e de troca de experiência [...] *no estágio não, cada um tem seu momento e chega um dia em que a gente vai fazer a discussão com todos e finalizando já depois de tudo*. Nesse sentido, ela se sentiu sozinha durante o estágio, diferente do PRP que havia os encontros semanais [...] *era muito significativo ter esses momentos se não tivesse [...] a gente ia tá*

lá apenas colocando em prática algo que a gente fizesse sem ressignificar nada e sem significar também [...] não teria muito sentido. Conjecturamos através dessa fala que o estágio se constituiu como uma instrumentalização técnica de ensino associado a isso o processo avaliativo que causou apreensão na egressa.

4.3.3 As implicações da avaliação durante o estágio: preocupação e medo

Esse indicador aglutina pré-indicadores que revela as significações produzidas por Ademilza (2021) sobre a avaliação no estágio.

[...] a gente fica muito preocupado também com [...] a nossa avaliação. Tem um professor nos observando, tem o professor da faculdade que vai lá nos observar [...] isso não traz uma experiência que o Residência Pedagógica me trouxe.

[...] questão da avaliação no estágio [...] você se robotiza demais [...] quer fazer tão bem, tão perfeito não que no Residência você não faça, porque você faz, mas na hora que [...] tem dois professores [...] lhe observando, [...] tem medo que tudo saia errado que [...] faça um planejamento, falta alguma coisa [...] vou tirar uma nota ruim.

[...] no estágio obrigatório [...] por querer muito uma nota, às vezes, [...] até exagera [...] quer muito impressionar, tanto os professores da faculdade que vai nos observar como os professores que estão dentro da sala [...] a gente acaba tirando dinheiro do nosso próprio bolso e investindo em muitas coisas [...]

Ademilza (2021) sinaliza que a avaliação do Estágio gerou potências negativas, como no estágio a avaliação se dá por meio de uma nota, o medo a deixou mais apreensiva, por isso reconhece que tentou fazer tudo perfeito e até exagerou, tentando [...] *impressionar, tanto os professores da faculdade que vai nos observar como os professores que estão dentro da sala [...]*, pois o seu objetivo naquele momento era o seu desempenho e *isso não traz uma experiência que o Residência Pedagógica me trouxe*, pois a avaliação no Residência Pedagógica não se deu por meio de uma nota e se o fosse os medos, as dúvidas, as angústias eram compartilhados de forma coletiva e produtiva.

O estágio é um momento de oferecer ao licenciando a oportunidade de articular a teoria e prática, de aprender sobre a profissão docente, de refletir sobre as teorias estudadas, de construir novos conhecimentos a partir da prática, todavia para isso é preciso haver compromisso e responsabilidade por parte do licenciando nas atividades que são propostas pelo estágio e que perpassam uma nota.

A dimensão da avaliação das aprendizagens no estágio é necessária, uma vez

que é por meio dela que o estagiário reflete sobre as suas aprendizagens e dificuldades que foram sendo construídas no exercício da docência e em diálogo com o professor da Universidade e da sala de aula, ele vai avançando para uma prática docente de melhor qualidade. É essa avaliação que necessitamos, com base na escuta sensível aos estagiários e juntos pensarem sobre a complexa realidade de sala de aula, em meios para intervir e contribuir com um ensino de qualidade.

Com base no movimento de análise e interpretação, esse núcleo revelou que o Residência Pedagógica e os Estágios embora com perspectivas diferentes aproximam o licenciando da realidade escolar, contribuiu para o encontro com o curso de Pedagogia e o PRP proporcionou um encontro com a profissão, em virtude da sua Configuração.

No núcleo 3 foi possível desvelar a insatisfação das egressas com a carga horária ofertada pelo estágio destacamos que é necessário não apenas mudar a carga horária do estágio é preciso rever a condução das atividades durante esse período, pois sabemos que vários casos de estágio se caracterizam com o estagiário sentado no “fundo” da sala com um caderno e fazendo os registros de suas observações entendemos que esse tipo de estágio já não atende as necessidades da escola, pois ela precisa que o estagiário seja parceiro do professor e acreditamos que muitos professores recusam a receber os estagiários, porque não se tem essa parceria, apenas o estagiário vai na escola observa, planeja, realiza a regência, um projeto de intervenção, finalizando com um relatório.

Por fim, foi possível desvelar que a avaliação do estágio causou medo e apreensão por isso havia uma preocupação exacerbada de Ademilza (2021) com o seu desempenho a ponto de procurar artifícios para surpreender os professores e não foi isso que o Residência Pedagógica proporcionou a egressa, já que a avaliação não era mediante uma nota. Ressaltamos que as aprendizagens oportunizadas por esses momentos formativos devem perpassar uma nota.

Os três núcleos estiveram interligados, porém para efeito didático realizamos o movimento analítico – interpretativo por indicador que em síntese revelaram que existem contradições nas significações das egressas no que concerne a carga horária que foi difícil de ser cumprida, mas elas reconhecem que a Configuração do Programa oportunizou experienciar a escola de forma mais intensa e duradoura, contribuindo para conhecer a totalidade do contexto social, cultural e histórico da escola no qual se efetiva a profissão docente, destacando que a experiência foi a maior afetação.

Um dos motivos que levou as egressas a buscarem o programa foi justamente a

necessidade de ter uma formação a partir da prática social de ensinar e foi isso que elas encontraram no programa, puderam observar, conhecer e desenvolver ações pedagógicas, mediadas pelas condições objetivas da escola, e, também pelas preceptoras, professoras orientadoras, professoras das escolas parcerias do PRF por meio da troca de experiência, de diálogos, as egressas foram significando a atuação na escola, foram bem acolhidas, apoiadas e respeitadas, condições necessárias para potencializar a aprendizagem e o desenvolvimento das egressas por intermédio desses pares mais experientes.

Foi revelado também que a dinâmica do PRP no que se refere aos encontros semanais e com outros programas formativos foram significativos para desenvolver ações na escola, bem como para ampliar os saberes, conhecimentos e atitudes do fazer docente as egressas destacam a potência positiva desses encontros para as suas práticas profissionais, portanto, os conhecimentos construídos durante o PRP incidem nas vivências profissionais das egressas.

As significações constituídas por egressas acerca da sua atuação no PRP não se deram apenas de forma harmoniosa, revelam dificuldades, como a de serem voluntárias; dificuldades iniciais na prática de projetos e para compreenderem a realidade de uma escola pública, mas que essas situações foram geradoras de aprendizagem e desenvolvimento de saberes docentes.

Foi revelado ainda que o Estágio e o PRF são importantes na formação inicial, favorecem o contato com o contexto escolar, porém destacam a importância da Configuração do Programa ao possibilitar que as vivências na escola ocorram por um período maior se comparado com o estágio, esse tempo mais duradouro estreita vínculos com os sujeitos da escola, podem contar com as mediações das preceptoras, orientadoras e professoras da escola, esses são alguns dos motivos que levou as egressas a se identificarem com a profissão docente.

SEÇÃO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Organização de evento
Na Universidade
Contemplando as ações formativas
Com planejamento e responsabilidade.
Formação para a preceptora e para a
residente
Participar desse programa foi excelente.

Além dos encontros na Escola
Tivemos estudos na Universidade
Que foram realizados
Com responsabilidade
Em prol de uma Educação de Qualidade.

O Residência Pedagógica
Movimentou minhas habilidades e
conhecimentos
Que estavam adormecidos há tempos
Fez-me construir sonhos
Sonho que parecia inalcançável
Até que conheci uma professora
formidável
Seu nome é Antônia Batista Marques
Que acreditou, incentivou e me
impulsionou
A investir tempo na minha formação
E por ela tenho uma imensa gratidão.

Shirley Freitas, 2020.

SESSÃO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entre todos,
se entretendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.
- João Cabral de Melo Neto

Nessa seção, apresentamos nossas considerações finais, considerando que é somente a conclusão de um ciclo. Iniciamos, expondo as afetações sentidas por nós, por meio da epígrafe que introduz a seção. Em seguida, apresentamos uma síntese sobre os achados da pesquisa, por fim explicitamos proposições resultantes dos nossos estudos.

Na epígrafe acima, o ser humano é metaforizado como o galo que não se constitui de forma isolada “um galo sozinho não tece uma manhã”, mostrando a incompletude do ser. Ao estudar sobre a Psicologia Sócio-Histórica e realizarmos a nossa pesquisa a partir dela, pudemos ter consciência desse processo somos constituídos e constituintes nas e pelas relações sociais. O ser humano por ser social e histórico está em constante processo de mudança e transformação nesse movimento dialético ele vai organizando as suas formas de pensar, sentir e agir “e o lance a outro” o verbo lançar indica o movimento do canto do galo a outro.

Nessa perspectiva, alcançar o objetivo de apreender as significações constituídas por egressas do curso de Pedagogia da UERN acerca do Programa Residência Pedagógica não foi fácil, contamos com duas egressas que participaram do PRP/ Pedagogia/ UERN, com a mediação da orientadora a professora Dra. Antônia Batista Marques, assim como estudos intensos e complexos de textos, dissertações e artigos sobre a Sócio-Histórica, sem nos desprender da nossa historicidade, para nos aproximar das zonas de sentido das egressas. Foi um processo resultante de vários fios de sol que se entrelaçaram para a realização da manhã, metaforizada como a dissertação.

Foi um processo desafiador, de um lado a nossa condição de pesquisadora

iniciante nessa base teórica-metodológica, por outro lado cumprir com a função de mãe, esposa, dona de casa e professora em ensino remoto. Em alguns momentos chegamos a pensar, que não íamos conseguir, diante de tantas demandas e pela complexidade do nosso objeto de estudo, mas ouvíamos os cantos dos galos que geraram potências positivas, para seguirmos em frente. Hoje, ao escrevermos estas considerações que intitulamos de finais, mas que são provisórias percebemos o quanto aprendemos e desenvolvemos nas dimensões: pessoal, profissional e científica. Nos faz reconhecer que sozinha não teria tecido a manhã que não é minha, mas de todos os fios de sol.

No contexto da escuridão em que estamos vivendo, de Pandemia de Covid-19 precisamos, ainda mais, de fios de sol para aplacar o anoitecer e desejávamos sentir esses fios de sol mais de perto, no entanto, ficamos impossibilitadas devido o isolamento social. Por isso, realizamos as entrevistas do tipo reflexiva com as egressas de forma virtual, assim como as orientações que se deram pela *plataforma do Google Meet* ou *WhatsApp* é um novo contexto histórico e social, que possibilitou reafirmar que o ser humano é ativo, criativo e passível de mudança, sendo afetado e com capacidade de afetar a realidade no qual ele vive.

Para analisar as informações produzidas através da entrevista reflexiva utilizamos a proposta dos Núcleos de Significação que nos possibilitou entender o fenômeno estudado, nos fazendo avançar do aparente “grito do galo” para uma aproximação das zonas de sentido das egressas. Desse modo, realizamos o movimento analítico-interpretativo por indicador, porém estabelecendo relação entre eles, no movimento de apreensão dos sentidos e significados das egressas acerca do Programa Residência Pedagógica que não se deu de forma isolada, mas articulada dialeticamente.

No movimento analítico-interpretativo utilizamos as categorias do Materialismo Histórico Dialético: A historicidade e a mediação e da Psicologia Sócio-Histórica: Pensamento e Linguagem, ZDP e Sentidos e Significados, aparentemente separadas, mas todas estiveram imbricadas, formando uma “teia tênue” nos auxiliando na compreensão da realidade material e objetiva vivida pelas egressas. As categorias e a Psicologia Sócio-Histórica não nos serviram apenas para tecer esta dissertação e/ou aprender as significações das egressas, mas perpassou a nossa constituição formativa e acadêmica, envolvendo a totalidade do nosso ser. Após o movimento de análise e interpretação das informações produzidas constituímos três núcleos de significação.

No núcleo 1 – **A Configuração do Programa Residência Pedagógica e suas**

contribuições na formação das egressas apreendemos que a Configuração do PRP potencializou mudanças nos processos de aprendizagem e desenvolvimento das egressas. Um dado interessante é que essas mudanças perpassaram a formação inicial, incidiram nas práticas profissionais das egressas. Este núcleo traz as zonas de sentido acerca das contribuições do PRP mediadas pela forma como é estruturado. As falas das egressas expressam que o PRP se constituiu como um programa diferenciado de articulação teórico-prático, abrangendo, inclusive, uma Unidade de Educação Infantil; gerou oportunidades das egressas conhecerem o contexto escolar na totalidade e a prática na escola se constituiu como a maior afetação; Desafios enfrentados: cumprir a carga horária de 440h e a de serem voluntárias; A dimensão coletiva do programa contribuiu para as práticas profissionais das egressas.

A análise interpretativa da totalidade dessas significações nos permite inferir que o Programa Residência Pedagógica se constituiu como um diferencial na formação, a sua Configuração contribuiu, para que as instituições formativas: Escola e Universidade (PRP/ Pedagogia/UERN) mediassem a formação pessoal e profissional das egressas. Nessa perspectiva, elas puderam conhecer a totalidade do contexto social, cultural e histórico da escola no qual se efetiva a atividade docente e a partir do movimento dialético articularam a teoria e prática; construíram novos conhecimentos, sem desprender dos saberes construídos ao longo da sua historicidade.

Um dos motivos que levou as egressas a buscarem o programa foi a necessidade de ter uma formação além dos esquemas apriorísticos da educação, isso justifica a afirmação [...] *queria sentir mesmo a prática [...] a prática para mim foi um dos pontos mais importantes que eu destaco do Residência* o PRP proporcionou uma formação imbricada com o contexto escolar que possibilitou as egressas a desenvolverem atitudes, a construir saberes e conhecimentos, contribuindo para formar novos sentidos e significados sobre a docência, sobre a escola.

Esses achados nos levaram a refletir sobre a necessidade de os cursos de licenciatura organizarem um currículo vinculado a realidade escolar, favorecendo a construção de novos saberes, novas práticas e novos profissionais. Entendemos que as transformações nas práticas dos futuros professores vão refletir também em uma qualidade de ensino e conseqüentemente no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, mas só se efetivam quando se tem uma formação de qualidade que não se limite ao contexto da Universidade.

Nesse sentido, destacamos que o PRP se constituiu como novo caminho na formação inicial, contribuiu para potencializar as ações desenvolvidas na escola; dispunha de encontros semanais na UERN que contava com as preceptoras, professoras orientadoras e os residentes que participavam de duas etapas da educação básica: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Essa estruturação proporcionou momentos formativos em espaços de formação coletiva os quais oportunizam aprendizagens mediadas pelo compartilhamento das ações desenvolvidas na escola e esses momentos incidiram nas práticas profissionais das egressas *Pude trazer também os conhecimentos do Residência, porque [...] do Ensino Fundamental então com a troca de conhecimentos, com as conversas, com os diálogos que a gente teve durante o Residência Pedagógica [...] e trazendo para a minha sala de aula*, portanto, O PRP medeia a identidade profissional das egressas.

As significações expressas pelas egressas acerca da forma como o Programa Residência Pedagógica está estruturado também inclui as dificuldades enfrentadas nesse percurso formativo, como a de serem voluntárias e a de cumprirem uma carga horária de 440h, sendo possível perceber as contradições. De um lado, o cumprimento da carga horária, a oportunizou o desenvolvimento da prática na escola que foi de interesse das egressas e de outro, por serem voluntárias, enfrentaram situações adversas. Na condição de voluntárias não dispunham de ajuda financeira para chegar à escola, se submeteram, por vezes, a caronas, mas mantiveram o compromisso consigo, com as escolas parceiras e com o PRP. Portanto, apesar de elas relatarem a dificuldade de cumprir a carga horária, mas reconhecem a contribuição do programa para a sua constituição pessoal e profissional. Quer dizer, a carga horária não impediu que o programa contribuísse na sua formação, ao contrário gerou oportunidades de vivenciar a realidade escolar de modo mais intenso e duradouro.

Em síntese, os achados desse núcleo revelam que, apesar das contradições determinadas pela realidade vivenciada no programa: serem voluntárias, a carga horária de 440h as egressas se sentem afetadas positivamente pela Configuração do Programa Residência Pedagógica, uma vez que, esta, proporcionou uma formação imbricada com o contexto escolar, contribuindo para o planejamento e execução de atividades exitosas em suas práticas profissionais.

No Núcleo: **Residência Pedagógica: Possibilidades de Ativação da ZDP** apreendemos que as significações das egressas sobre as relações afetivas com as

preceptoras e professoras das escolas parceiras do PRP potencializou a ativação da ZDP, e que a relação com esses pares foi permeada por afetos que geraram sentimentos de confiança. Em suas falas, elas reconhecem a importância da mediação dos pares mais experientes para sua constituição docente.

As zonas de sentido das egressas revelam que a relação com as preceptoras foi de parceria, de orientação no planejamento, na realização das aulas em conformidade com as necessidades da escola. Nesse sentido, as preceptoras contribuíram para o desenvolvimento de processos psicológicos das egressas por meio das mediações, fortalecendo os vínculos afetivos, criando uma relação de amizade. O PRP proporcionou a inserção das egressas nas escolas, ainda na graduação, oportunizando-as vivências e experiências potencializadoras de aprendizagens sobre os saberes docentes com a mediação das preceptoras e professoras das escolas parceiras do programa.

O Programa Residência Pedagógica mostrou seu potencial formador por meio de diálogo reflexivo com outros programas formativos, como o PIBID e projetos de Extensão da Faculdade de Educação da UERN, como o LEFREIRE. O PRP se constituiu como uma formação diferenciada que gerou oportunidades de trocas de experiência, diálogos, de reflexão sobre a prática docente, estudos, contribuindo para a formação das residentes.

Esses encontros potencializaram o desenvolvimento dos processos psicológicos, mediante as relações sociais entre as egressas e os pares é importante destacar que mesmo as egressas tendo essa formação mediada pelo PRP, não estão prontas, mas vão se constituindo todos os dias em um movimento que é social, histórico e cultural, por isso a formação do professor precisa ser contínua e permanente.

As significações apreendidas nesse núcleo revelam que as mediações das preceptoras, e as demais professoras das escolas parceiras do PRP se constituíram como potências positivas na formação das egressas, haja visto que elas puderam contar com os direcionamentos, o acompanhamento, as orientações para o desenvolvimento de atividades, como: elaboração dos planos de aula; execução das aulas, enfim de todas ações que foram desenvolvidas na escola e em outros espaços.

O que se tornou significativo para a formação das egressas foram as trocas de ideias, de conhecimentos, de refletir sobre a realidade da escola e sobre o ato de planejar com os pares mais experientes, potencializando a aprendizagem e o desenvolvimento das egressas. É importante destacar que as relações afetivas que mantiveram nesses espaços

formativos, são condições necessárias para a constituição de novos sentidos, portanto essas relações contribuíram para a formação de novos sentidos sobre a escola e à docência.

As interpretações realizadas neste núcleo revelam que as aprendizagens docentes são tecidas a partir de afetações positivas e também negativas, potencializadas pelas relações afetivas entre as egressas e os pares mais experientes envolvidos nesse processo. Essa dinâmica contribuiu para a reflexão sobre os desafios da docência em pleno desenvolvimento na escola, bem como para buscar formas de superações das dificuldades enfrentadas na sala de aula.

O Núcleo: **Programa Residência Pedagógica versus Estágio Supervisionado** revela as significações das egressas referentes a participação no PRP e no componente curricular estágio supervisionado ofertado nos cursos de licenciatura. Essas significações envolvem três aspectos que se inter cruzam: a inserção na escola, nos moldes do programa, foi fator determinante para o encontro delas com o curso de Pedagogia; insatisfação com o formato do estágio supervisionado, em relação a sua carga horária e a oportunidade que o PRP proporcionou em relação a possibilidade de um conhecimento mais totalizante sobre a escola.

Nesse sentido, participação nos estágios supervisionados e no PRP potencializaram o encontro com o curso de Pedagogia, no entanto como a estrutura e a dinâmica do Programa Residência Pedagógica dispôs de uma carga horária maior possibilitou as egressas, por mais tempo, conhecer a escola em sua amplitude. Elas puderam contar com as mediações das preceptoras e demais professoras das escolas parceiras; com as professoras orientadoras da UERN, colegas residentes e de outros programas formativos, enfim com todos os envolvidos no PRP a totalidade dessas mediações, potencializou o encontro com a profissão docente.

Nesse entendimento, o formato do Estágio Supervisionado como componente curricular não traz na sua dinâmica condições suficientes para o conhecimento da complexidade do contexto social, histórico e cultural da escola, sendo assim necessário rever a condução das atividades nesse período formativo, pois o estagiário vai na escola observa, planeja em consonância com a professora titular da sala, realiza a regência, um projeto de intervenção e escreve o seu relatório para obter uma nota.

O professor regente de sala de aula, nem sempre, tem acesso a esse relatório e a sua prática pedagógica, por vezes, é exposta entre as quatro paredes da Universidade o

que tem nos gerado algumas dúvidas: Que feedback os professores regentes têm sobre o que é observado em sua própria sala de aula? Como a Universidade tem cumprido a sua função de pesquisa e extensão? É só usando o espaço escolar em benefício da formação inicial? Os professores são convidados pelos professores de estágio a compartilharem as suas práticas na Universidade? Que tipo de extensão é essa? Esperamos que as respostas para esses questionamentos se deem na prática, porque o discurso vazio não tem contribuído para mudar essa realidade.

O movimento de análise interpretativa, intra e internúcleos sobre as significações das egressas acerca do Programa Residência Pedagógica, nos possibilitou sintetizar três zonas de sentido: a) O Programa Residência Pedagógica perpassa a formação inicial, contribuindo para as práticas profissionais das egressas; b) A dimensão coletiva do PRP se constituiu como um diferencial, gerando potências positivas na constituição formativa das egressas; e c) O Programa Residência Pedagógica, nos termos das significações das egressas, tem uma contribuição mais efetiva para a formação docente do que a participação no Estágio Supervisionado na sua estrutura e dinâmica.

A partir desses achados sintetizamos proposições em duas direções: a continuidade dos estudos sobre o objeto e a possibilidade de servir com apoio para ações de caráter institucionais MEC e IES. Sugerimos a realização de pesquisas que envolvam: as significações das egressas do PRP acerca do processo de inserção profissional à docência; a dimensão subjetiva das relações afetivas entre os (as) residentes e as demais pessoas envolvidas no subprojeto o qual estão vinculados (as) e as relações entre o PRP e os componentes curriculares Estágios Supervisionados. Quanto as ações de caráter institucionais sugerimos: que esses resultados e de outras pesquisas subsequentes sejam socializados de forma massificante, de modo que as autoridades competentes possam em vez de diminuir as oportunidades de mais estudantes participarem do PRP possa ampliar; que os cursos de licenciatura façam um estudo e na medida do possível aproveitem as experiências na reformulação do currículo, referentes aos componentes curriculares estágios supervisionados.

Por fim, além do desejo de darmos continuidade a esses estudos, almejamos publicizar parte da nossa pesquisa em periódicos, conscientes de que as discussões realizadas e os resultados alcançados precisam ser compartilhados com a comunidade científica. Destacamos aqui, as mediações constituídas na participação como preceptora na Programa Residência Pedagógica, subprojeto: Pedagogia/UERN, no Grupo de Pes-

quisas e Estudos em Educação e Subjetividade - GEPES/UERN, como também no Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC/UERN que foram necessárias para a nossa constituição pessoal, profissional e acadêmica.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. Reflexões a partir da Psicologia Sócio-Histórica sobre a categoria consciência. **Cadernos de Pesquisa**, n. 110, p. 125-142, jul. 2000.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira et al. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, Ana Mercês B.; GONÇALVES, Maria da Graça M. (orgs.). **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 54-72.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. **Consciência e atividade: categorias fundamentais da Psicologia Sócio-Histórica**. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina;

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; MACHADO Virgínia Campos. Psicologia Sócio-Histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 33, n. 2, p. 261-270, abr./jun. 2016.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006.

AGUIAR, Wanda M. Junqueira; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de Significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155, p. 56-75, jan./jun. 2015.

ANDERY, Maria Amália Pie Abid. et al. Introdução - Olhar para a história: caminho para a compreensão da ciência hoje. In: ANDERY, Maria Amália Pie Abid. et al. **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p. 9-15.

ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Professores iniciantes: egressos de programas de iniciação à docência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, 2018.

BARBEDO, Isabela Djanina. **Programa Residência Pedagógica – UNIFESP: um estudo da inserção profissional à docência**. 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2018.

BARBOSA, Sílvia Maria Costa. **Atividade do professor em sala de aula: uma análise**

das estratégias de ensino a partir da psicologia Sócio-Histórica. 2011. 225 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo - SP, 2011.

BATISTA, Maria do Socorro da Silva; CARVALHO, Ana Maria de; BARBOSA, Silvia Maria Costa. O espaço escolar e o PIBID: Experiências que se articulam na formação docente. In: CARVALHO, Ana Maria de; SOARES, et al, (Org). **Concepções e práticas de formação de professores: a experiência do PIBID UERN**. Mossoró: UERN, 2014.

BOCK, Ana Maria Bahia. Formação do Psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. In: **Psicologia, Ciência e profissão**, v. 17, n. 2, p. 37-42, 1997.

BOCK, Ana Maria Bahia. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para a Psicologia atual. **Revista Psicologia para América Latina**, México, n.1, fev. 2004.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Aventuras do Barão de Munchausen na Psicologia**. São Paulo: Cortez, 1999.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. **Edital CAPES 06/2018** - Dispõe sobre a Residência Pedagógica. Disponível em <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018-residencia-pedagogica.pdf>. Acesso em: mar. 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: **Diário Oficial da União**, 1996. Disponível em: <https://proplan.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/7/2014/09/LEIn%C2%B0-9.394-de-20-de-dezembro-de-1996.pdf>. Acesso em: 12 agosto 2020

COELHO, Geide Rosa; AMBRÓZIO, Rosa Maria. O ensino por investigação na formação inicial de professores de Física: uma experiência da Residência Pedagógica de uma Universidade Pública Federal. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 490-513, ago. 2019.

CONCEIÇÃO, Carla Patrícia Ferreira da. **A inserção profissional do egresso do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)**. 2018. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2018.

DUARTE, Newton. **A Individualidade Para-Si**: contribuição a uma teoria histórico social da formação do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 1993.

ESPINOSA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, ago. 2002.

FONTOURA, Helena. Formação de Professores para a Justiça Social: uma reflexão sobre a docência na Residência Pedagógica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Unesp, Araraquara, v. 12, n. 01, jan./mar. 2017

FURTADO, Odair. (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015, p. 117- 135

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GATTI, B. A. A formação inicial de professores para a Educação Básica: as licenciaturas. **Revista USP**, n. 100, dez./jan./fev./ 2013/2014, p. 22-46.

GIROTTO, Cyntia Graziella G.S; CASTRO, Rosane M. de. **O estágio curricular e a didática formação de professores: desafios e possibilidades**. Educação Santa Maria, v. 38, n. 1, p. 177-190, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4094/4540>. Acesso em: 22 junho. 2021.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A Psicologia como Ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós-moderno. In: BOCK. Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. (org.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015. p. 67-92.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividade, complexidade e pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Thomson, 2005.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo, SP: Cortez, 2011

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária**. São Paulo: Cortez, 2016.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 6. reimp. da 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

(Coleção Primeiros Passos: 23).

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.

LUKÁCS, George. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: LECH, 1979.

LURIA, Alexander Romanovich. A palavra e o Conceito. *In: Curso de Psicologia Geral*. Riode Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. v. IV, p. 17-51.

LURIA, Alexandre Romanovich. Vigotski. *In: VYGOTSKY, Lev Semenovitch; LURIA, Alexandre Romanovich; LEONTIEV, Alexis. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 21-37.

MARQUES, Antônia Batista; GÓIS, Francisca Lacerda de; BARBOSA, Sílvia Maria da Costa. **Teoria Sócio-Histórica**: a contribuição de Vigotski para a educação. Fortaleza- CE: Ed. UECE, 2017.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2013.

NÓVOA, António. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Faculdade de Psicologia de Lisboa, Portugal: Educa, 2002.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Teorias psicogenéticas em discussão**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1992

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sóciohistórico**. São Paulo: Spione, 2009. (Série Pensamento e ação no magistério).

PIMENTA, S.G. (org.). **O estágio e à docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 3ª ed.

São Paulo: Cortez, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores: unidade teoria e prática?** 11. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012

PPP. Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia. UERN. 2009.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: **uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. Buenos Aires: Clacso; São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAVOIA, Mariângela Gentil. **Psicologia Social**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, Sujeito e História**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

SILVA, Nathalya Marillya de Andrade. **O conceito de natureza a partir das representações sociais dos participantes da Residência Pedagógica**. 2019. 80f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

SIRGADO, Angel. Pino. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, v.21, n. 71, p. 45-78, 2000.

SOARES, Júlio Ribeiro. **Vivência pedagógica: a produção de sentidos na formação do professor em serviço**. 2006. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). São Paulo, 2006.

SOARES, Júlio Ribeiro Soares; BARBOSA, Sílvia Maria Costa. O movimento do sujeito na pesquisa qualitativa de autoconfrontação simples e cruzada. In ALVES–Mazzotti; FUMES, Neiza de Lourdes F.; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de (org.). **Estudos sobre a atividade docente: aspectos teóricos e metodológicos em questão**. São Paulo: EDUC; EDUFAL, 2010.

SOARES, Júlio Ribeiro. **Atividade docente e subjetividade: sentidos e significados constituídos pelo professor acerca da participação dos alunos em atividades de sala de**

aula.2011. 327 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2011.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. *In*: SZYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2011, p. 9-64.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escolhidas III**. Madrid: Visor, 1995.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Teoria e método em Psicologia**. Tradução de Claudia Berliner. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Psicologia e Pedagogia).

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **O significado histórico da crise na Psicologia**. *In* Teoria e método em Psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Psicologia concreta do homem. *In*: **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 71, jul. 2000.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev. S. **Psicologia pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, Lev. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (Textos de psicologia)

ZANELLA, Andrea Vieira. Vygotski: **contexto, contribuições a psicologia e o conceito de zona de desenvolvimento proximal**. Itajai: UNIVALI, 2001

ANEXOS



Governo do Estado do Rio Grande do Norte

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE / DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC.

Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP: 59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN Tel.: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314-3452

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, Egressa do Programa Residência Pedagógica, do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Central, afirmo que:

- 1) Fui convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada de “**Programa Residência Pedagógica: as significações constituídas por egressas do curso de Pedagogia da UERN**” desenvolvida por Shirley Karla Alencar da Costa Freitas e orientado pela professora Dra. Antônia Batista Marques cujo objetivo geral consiste em apreender as significações constituídas por egressas do curso de Pedagogia da UERN acerca do Programa Residência Pedagógica.
- 2) O projeto de pesquisa foi a mim apresentado e, além do objetivo geral, seus procedimentos metodológicos foram devidamente esclarecidos;
- 3) Foi garantido a mim o livre acesso a todos os dados produzidos por meio dos procedimentos metodológicos utilizados na realização do citado trabalho de pesquisa, assim como terei direito ao esclarecimento acerca das informações das quais eu possa ter dúvidas com relação ao meu envolvimento nesse processo;
- 4) Além de estar ciente de todo o processo metodológico da pesquisa e de sua publicação, sei também que serão resguardados todos os dados referentes à minha privacidade, de modo que jamais o pesquisador criará meios que possibilitem a minha identificação nesse trabalho. Tudo aquilo o que diz respeito à minha identidade sei que será mantido sob sigilo;
- 5) Caso decida por não mais participar dessa pesquisa, poderei retirar-me dela a qualquer momento sem que isso signifique nenhum tipo de prejuízo para mim. Não há, inclusive, necessidade de justificar tal desistência.

Ciente de que o referido projeto não apresenta nenhuma perspectiva de desconforto ou risco à minha participação no seu desenvolvimento, **ACEITO, DE FORMA LIVRE E ESCLARECIDA**, participar dessa pesquisa com o intuito de contribuir com a sua realização naquilo o que me couber como bolsista de iniciação a docência.

Mossoró / RN, _____ de _____ de 2021.

 Sujeito Participante da Pesquisa

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA REFLEXIVA

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REFLEXIVA

1ª entrevista

DATA: 05 de janeiro de 2021

HORÁRIO: 16h00 às 16h37

LOCAL: Webconferência (Google Meet)

ENTREVISTADA: Ademilza

PESQUISADORA: Boa tarde, Ademilza! (risos)

ENTREVISTADA: Boa tarde! (risos)

PESQUISADORA: Inicialmente gostaria de agradecer a sua participação na nossa pesquisa e dizer que é uma satisfação poder ouvir suas significações sobre o RESPED. Ademilza o título da nossa pesquisa é: Programa Residência Pedagógica: As significações constituídas por egressas do Curso de Pedagogia da UERN. Para a escolha das egressas minha orientadora e eu definimos alguns critérios, como: Ter participado do Programa Residência Pedagógica; Ter disponibilidade e interesse de participar da nossa pesquisa; ser egressa da Escola Estadual como é o seu caso e a outra da UEI. E, você foi feliz e atendeu a todos os critérios (risos).

ENTREVISTADA: (risos)

PESQUISADORA: Então, Ademilza eu gostaria que você falasse um pouco sobre você, os seus dados pessoais, como foi a sua vida estudantil e aí você pode destacar a sua vida acadêmica, pode ser?

ENTREVISTADA: Pode ser. É... (coloca o dedo no queixo e olha para cima). Bom eu me chamo (olha para baixo) Ademilza. Tenho 26 anos. É... (olha para cima). Sempre estudei em escola pública eu... (olha para baixo), mas eu não queria ser professora quando era criança (risos) nunca quis, mas no decorrer (usa as mãos para expressar tempo decorrido) eu fui ressignificando (usa as mãos) o significado de ser professor (usa as mãos), o que é ser professor à medida em que o tempo foi passando (usa a mão para indicar essa expressão) eu fui vendo a importância real e uma das coisas que talvez me motivou muito (aponta para si) a continuar estudando e a ser professor eu acho que foi muito por causa da minha avó. Minha avó ela... (coloca a mão no queixo) o meu bisavô não permitiu que ela continuasse os estudos dela, porque ela era mulher (risos) e ele não queria que minha avó “sustentasse” (abre aspas) o marido. No caso minha avó tinha que ser sustentada pelo marido. E minha vó queria ser professora (usa as mãos) e eu via isso nela: minha filha a única que eu posso lhe dar é a educação que eu não pude ter. Então eu acho que foi muito eu fui muito nesse ponto sabe do que é ser professor, de buscar uma formação (usa as mãos). Pedagogia não era minha primeira opção de curso era minha segunda opção a primeira Psicologia ou aliás (olha para cima) era a minha terceira opção, porque eu também queria muito fazer História e eu inclusive eu passei em História na UFRN, mas infelizmente por questões financeiras eu não tive como me deslocar até Natal (usa as mãos) para fazer o curso. Então, eu tive a oportunidade de ingressar no curso de Pedagogia que já era minha terceira opção e estava entre as áreas afins. Então, cursei Pedagogia me encontrei no curso eu acho que isso foi o mais importante para mim, principalmente o Ensino Fundamental. Eu me encontrei no Ensino Fundamental e isso foi muito gratificante, nesse ponto o RESPED. Então a vontade de ter uma graduação, de me encontrar numa área em que eu me encontrasse realmente, que eu gostasse de participar (usa as mãos), que eu me envolvesse de uma maneira que está à frente de uma sala de aula seja para mim gratificante, porque eu acredito que antes do valor econômico né? (usa as mãos). Da questão financeira eu acho que é você também é querer estar nessa profissão (usa uma mão para expressar esse desejo), você quer ser aquilo que você escolheu no seu âmbito profissional que eu acho que isso para mim é que é importante.

PESQUISADORA: Ademilza você falou que a escolha em cursar Pedagogia se deu dentre outros motivos por uma questão familiar, especialmente ligada à sua avó.

ENTREVISTADA: Sim (balança a cabeça, afirmando)

PESQUISADORA: Que outros fatores contribuíram para que você se encontrasse na profissão do ser

professor a qual você se referiu?

ENTREVISTADA: Do ser professor (coloca a mão no queixo e olha para cima). Eu acho que eu me encontrei realmente para falar a verdade no decorrer da graduação. Eu acho que eu realmente decidi assim (balança a cabeça, afirmando) é aqui que eu escolhi ser professor é aqui que eu vou ficar acho que foi na graduação mesmo com as experiências que eu tive, que eu pude ter com o estágio não obrigatório que eu participei, dos estágios e também do Residência (abre bem os olhos). A teoria unindo a prática (usa as mãos) eu acho que foi ali foi na graduação mesmo que descobri que eu queria (usa as mãos) realmente ser professor.

PESQUISADORA: Ademilza você já tinha participado de outro programa formativo?

ENTREVISTADA: Não. O Residência foi o primeiro Programa Formativo que participei (balança a cabeça, afirmando) nunca tinha participado de nenhum.

PESQUISADORA: Ademilza e quais foram os motivos que lhe fizeram participar do RESPED?

ENTREVISTADA: Eu vim ingressar no Residência Pedagógica eu acho que nos últimos períodos do curso (olha para cima) acho que eu entrei no sexto ou foi no sétimo eu não me recordo (olha para baixo) o que me fez querer entrar no Residência Pedagógica foi justamente querer adquirir mais essa experiência da formação docente (usa as mãos), de estar à frente de uma sala de aula, é... (olha para cima) vivenciar mais a sala de aula (usa as mãos), porque assim por mais que eu tenha participado do estágio não obrigatório (abre bem os olhos) eu não estava frente de uma sala de aula (gesticula com uma das mãos), eu não planejava uma aula, digamos assim que eu era meio que uma espectadora (usa as mãos para demonstrar algo parado) lá apenas, porque eu assisti aula da professora e eu auxiliava uma criança (usa as mãos) muitas vezes essa criança, é... (olha para baixo) teve a última criança até que auxiliiei que tinha síndrome (usa as mãos para indicar) ela não falava, ela não andava, ela... Enfim então era assim como uma espécie de cuidadora dele eu não exercia nenhum papel pedagógico ali, (bem enfática e abre bem os olhos) por mais que eu tentasse (usa as mãos), por mais que como é que eu posso dizer eu tentasse. Eu até tentei falei com assistente do AEE (usa as mãos) para ver o que eu podia fazer do ponto de vista pedagógico, mas não era muito possível, porque se eu fazia alguma coisa com ele, ele engolia (faz o gesto de engolir) e eu acho que o meu medo (aponta com a mão para si) maior era esse dele engolir, a cola, se eu tentasse manusear a mão dele. Então eu vi que aquilo não era é... (olha para cima) eu não estava sentindo que estivesse contando para minha formação (aponta para si com as duas mãos) enquanto professora. Aí surgiu alguns amigos já tinham comentado do Residência Pedagógica e tal e isso foi despertando em mim (usa as mãos) essa vontade de querer está também. Eu quero ter essa experiência de estar mais à frente da sala de aula (usa uma das mãos), eu quero ter essa experiência de planejar uma aula (bem enfática) e tal, vivenciar realmente a escola, porque a gente não vivencia (balança a cabeça, negando) e o que eu costumava dizer também (olha para cima) é que o estágio obrigatório (abre bem os olhos) ele é muito curto, o período dele é muito curto (abre bem os olhos) e eu meio que sinto que os dois estágios que eu estive (aponta as duas mãos para si) na escola eu meio que sinto que a escola ela tá um pouco maquiada (usa as mãos) para nos receber. As professoras todas, elas se mobilizam (usa as mãos para expressar) para gente nos receber, vai vir tantos (usa uma das mãos), tantos alunos fazer estágio aqui. Então vamos fazer isso, assim, assim e assim. Então meio que você não vivencia a realidade realmente da escola e eu acho que também é... (olha para cima) a gente (usa as duas mãos e aponta para si) fica muito preocupado também com a avaliação, a nossa avaliação (aponta para si). Tem um professor nos observando, tem o professor da faculdade que vai lá nos observa. Então, eu acho que isso não traz uma experiência que o Residência Pedagógica me trouxe (abre bem os olhos).

PESQUISADORA: Ademilza me fale um pouco como foram essas experiências vivenciadas na escola.

ENTREVISTADA: (Usa as mãos para indicar as ações). Eu tava na escola toda semana, eu tava planejando toda semana, eu tava na faculdade fazendo planejamentos e tal então no decorrer desse ano que eu passei lá na escola eu pude vivenciar realmente o que é uma escola (usa as mãos para indicar algo grande). Você planejar uma aula e você chegar lá e não tem aula (risos), não tem luz (risos), o projetor tá quebrado (risos). Então você tem que... uma vez a gente planejou uma aula bem dinâmica eu fiz um slide, eu nunca tinha perdido tanto tempo fazendo um slide (risos). Aquela coisa bem dinâmica (usa as mãos) aquela interação e tudo, botei vídeo, botei tudo pra ter aquela interação com os alunos e tal, chegando lá não tem luz (risos) você tem que adaptar tudo aquilo (usa as mãos) em menos de 30 minutos (estala os dedos), porque a aula vai começar e os alunos tão lá esperando você então você tem que tirar um coelho da cartola (faz o gesto). Eu acho que era isso que eu buscava no Residência Pedagógica e que eu encontrei

(abre bem os olhos). Está na sala de aula, você está frente de uma sala de aula, você vivenciar a escola sem maquiagem mesmo.

Uma vez uma supervisora de um estágio não obrigatório que eu fiz disse uma vez ela disse, na verdade quem me conhece talvez até a Professora Antônia vai concordar eu sou muito participativa (faz gestos com as mãos), eu sou muito de me meter nas coisas e eu não consigo ficar queita no estágio não obrigatório eu não consegui estar ali com uma pura auxiliar eu queria sabe me intrometer mais (balança positivamente a cabeça), ajudar mais e eu acabava saindo do auxiliar e tentava um pouco ajudar. Olhe professora eu tô notando que esse aluno ele tá com muita dificuldade, ele tá me perguntando muito e tal e não sei o quê, aí vamos aqui. Oh, professora esse aluno tá com dificuldade, tá com problema. Eu percebia muito a sala de aula (faz o gesto com uma das mãos) aí a supervisora chegou e disse assim: “às vezes, Ademilza, a gente tem que entender que a gente não tá lidando com 500 crianças na sala de aula numa escola, a gente tá lidando com 500 famílias e que essas crianças também tem problemas, essas crianças também tem uma vida fora (usa as mãos) tem um pai que não ajuda, um pai que é separado, uma mãe, uma família desestruturada e a gente ver isso”. Então na escola mesmo é que a gente vai entender principalmente (olha para cima) acho que eu tô falando muito rápido né (risos)?

PESQUISADORA: Não, Ademilza (risos). Pode continuar. Estou entendendo

ENTREVISTADA: E eu acho que no Residência que teve um dos projetos que era o Reforço Escolar (levanta a sobrancelha) eu percebia muito isso, eu percebi que as crianças que precisavam de um reforço escolar eram crianças que tinham, muitas vezes, uma família desestruturada, às vezes tinha algum déficit e a família não aceitava. Então eu acho que é mais isso esse diagnóstico, buscar essa vivência maior na escola. O Residência Pedagógica para mim foi isso buscar uma vivência maior na escola, uma experiência para minha formação enquanto docente.

PESQUISADORA: Ademilza você falou sobre a importância desse tempo maior na escola para conhecer as potencialidades e os problemas dessa instituição e esse conhecimento contribuiu para a sua formação docente. Agora, gostaria que você falasse um pouco sobre os encontros semanais na UERN. Como esses encontros contribuíram para a sua formação.

ENTREVISTADA: Eu acredito que sim, porque eu acho que a teoria ela não anda sozinha e a prática também não (risos), é um conjunto, elas não se separam. Então quando as professoras traziam aula sobre planejamento (faz gesto com as mãos) você já ficava um pouco, né? Aquela coisa, logo quando eu entrei (olha para cima) tava discutindo sobre a BNCC então um tema que tem que ter todo um estudo, uma coisa que é nova. Nem todo mundo tá ainda ligado o que é realmente a BNCC (usa as mãos). Então eu acho que sim contribuiu bastante nesse ponto. Quando juntava com o PIBID que trazia as discussões e tal. Então, eu acho que sim eu acredito que contribuíram bastante.

PESQUISADORA: Ademilza como você falou a teoria estar aliada à prática, formando uma unidade e um dos objetivos do programa é justamente esse de aperfeiçoar a formação dos discentes por meio do desenvolvimento de projetos que conduzam o licenciando a exercer de uma forma mais ativa a relação entre teoria e prática. Nesse sentido, gostaria que você falasse um pouco como foram as experiências vivenciadas na escola, na Universidade e em outros espaços.

ENTREVISTADA: Bom, eu acho que um dos projetos que eu acredito que eu tive uma vivência maior foi o reforço escolar e toda uma questão do... como é que eu posso dizer (olha para cima e estala os dedos) entender o quê aqueles alunos estavam tendo aquela dificuldade e entender como é que eu posso dizer...

PESQUISADORA: A realidade do aluno?

ENTREVISTADA: A realidade do aluno (balança positivamente a cabeça), a minha realidade também, o que eu posso fazer para contribuir para a formação dele, que é que eu posso fazer, para que eu possa transmitir melhor aquele conhecimento que aquele alunão tá conseguindo acompanhar a turma, o porquê que ele não tá conseguindo acompanhar a turma. Também (coloca o dedo no queixo e olha para o lado) o Resignificando a prova Brasil também eu acho que foi um dos projetos que foi bem interessante (olha para cima), porque a gente saía um pouco daquela escola formal (faz um gesto com as mãos), aquela escola é... regrada não é bem regrada a palavra (olha para cima) , mas que os conteúdos os alunos pudessem (junta as mãos) entender na vida deles, por exemplo, as formas geométricas (faz gesto, usando as mãos), por que eu tenho que estudar as formas geométricas? Porque muitas vezes os alunos né? Ah, por que eu vou estudar isso? (Franzi a testa). O que isso vai contribuir pra minha vida e tal? Então trazer essas ressignificações:

Onde vou encontrar formas geométricas? Por que que elas são importantes? Porque elas estão no nosso cotidiano? Na UERN eu posso pontuar também uma experiência que foi o SEMANAARTE eu me lembro que a gente lá nas apresentações quiete a Feira de Profissões eu vi que teve uns alunos que disse: “ah, eu não quero ser professor não! (Franzi a testa). Não quero ser pedagogo e cuidar de criança! Vocês só cuidam de criança! (Franzi a testa) Eu disse não! (usa as mãos). Não é só cuidar de criança muito pelo contrário fui apresentar o projeto e você já ver que eles começam a ter outra ideia: “olhe, não é isso que eu pensava” (aponta para a testa). “Pedagogia não é cuidar de criança, não é ser babá de criança tem todo um processo educacional por trás disso, tem toda uma importância na formação de uma pessoa desde a infância até a você chegar na sua formação acadêmica e tal. Então eu acho que umas experiências que posso destacar.

PESQUISADORA: Ademilza você falou um pouco das suas experiências na escola e na Universidade e como sabemos o Residência Pedagógica tinha uma carga horária a ser cumprida de 440h e que era distribuída entre ambientação, planejamento, encontros na escola, na universidade e também em outros espaços. Como você se sentiu em estar toda semana na escola e na UERN.

ENTREVISTADA: Eu confesso (olha para cima) que pra escola eu ia com mais vontade (risos) não sei se é porque eu ia ter uma prática maior (faz um gesto de algo grande) aquela coisa, porque na UERN eu já ia um pouco cansada não sei porque eu já estava lá de manhã e também tem muita questão da teoria e tal (abre bem os olhos). E eu queria sentir mesmo a prática eu acho que a prática para mim foi um dos pontos mais importantes que eu destaquei do Residência, mas eu gostava de ir sim (olha para cima) eu, eu acho até interessante essa dinâmica, porque por mais que a gente não tivesse todos os dias na escola, mas toda semana a gente tava, então toda semana a gente se encontrava (faz os gestos com as mãos) para planejar, a gente se encontrava para executar o planejamento, nos encontrávamos nas reuniões conjuntas (usa uma das mãos para indicar o todo) né? Com todo mundo para discutir o que foi feito e tal. Então é um pouco cansativo né esse ponto teórico, mas não é uma coisa que a gente diz dispensa isso. Não, eu dispensa participar. Não. Eu acho que é justo, é importante que participamos.

PESQUISADORA: Ademilza você encontrou outros desafios ao participar do Programa Residência Pedagógica?

ENTREVISTADA: Desafios em qual sentido? (coloca a mão no queixo e olha para cima)

PESQUISADORA: No sentido de dificuldades. Quais foram as dificuldades que você enfrentou ao participar desse programa formativo.

ENTREVISTADA: Quando eu entrei (olha para baixo) eu participava do estágio não obrigatório eu ganhava uma bolsa de R\$ 940 e quando eu resolvi participar do Residência (passa a mão na sobrancelha) eu disse: eu sei que o dinheiro ajuda muito (faz o gesto com uma mão), é uma coisa que vai me fazer falta, mas era uma coisa que eu precisava buscar pra mim (com uma mão aponta para si), porque eu queria essa formação pra mim. Queria essa experiência até encontrar ainda mais na profissão que eu quero exercer. Eu sentei, eu conversei (usa as mãos para indicar com quem conversou) com os meus avós, com os meus pais e disse: olha é o seguinte tem uma oportunidade que vai ser bom pra minha formação, pra o meu profissional. Então eu acho que eu tenho que ir! Então acho que a dificuldade também é que a escola é do outro lado de Mossoró (risos) eu moro no Sumaré a escola é no Santo Antônio, mas eu acho que a maior dificuldade mesmo que eu encontrei foi por eu ser voluntária e a distância, mas em outros quesitos não (balança negativamente a cabeça). Eu até tive uma esperancinha (risos) de ser bolsista e tal, mas infelizmente com o governo que estamos (olha para baixo), enfim..., (bate palmas), mas somente isso a dificuldade foi por eu ter sido voluntária e à pela distância, mas em outro ponto não eu não senti nenhuma dificuldade não.

PESQUISADORA: Você teria, Ademilza, alguma sugestão para a nova edição do Programa Residência Pedagógica?

ENTREVISTADA: Uma nova sugestão (olha para cima). Assim, eu fiquei bastante contente (olha para cima), eu me senti bastante contemplada com a versão que eu participei. É... (olha para cima). Não é uma carga horária fácil de ser cumprida, principalmente pra mim que eu entrei já no último ano (usa as mãos). Então para mim foi meio que uma correria (usa as mãos), para que eu conseguisse cumprir essa carga horária, mas eu não mudaria não (balança a cabeça negativamente), porque você tá passando na escola (bate uma mão na outra), você tá passando um planejamento (bate uma mão na outra), você tá adquirindo conhecimento (usa as mãos) também na faculdade (usa as mãos), convivendo com outras pessoas, com outros profissionais que estão ali buscando os mesmos objetivos que você. Então eu (aponta com as mãos para si) particularmente não mudaria não.

PESQUISADORA: Ademilza me fale um pouco como se constituiu a sua relação com a preceptora.

ENTREVISTADA: Maravilhosa (risos). Todas, todas, todas, mas assim eu posso falar né que tive uma convivência maior com Tati, mas foi maravilhosa assim, principalmente pelo fato de eu ser voluntária. Muitas vezes, Tati me deu carona. Ademilza você tem como vir? Se você não tiver dinheiro. Nós estamos aqui. Ela sempre muito presente (usa as mãos) quando a gente tava planejando. A gente dizia: Tatiana o que você acha da gente seguir tal caminho (usa as mãos)? Ela sempre deixou a gente muito livre, mas também dizia: vamos seguir por essa linha, a gente tá precisando disso, a escola, vamos buscar (usa as mãos). Então ela sempre esteve muito presente desde o primeiro dia que eu ingressei no Residência (junta as mãos). Então, posso dizer que foi uma experiência maravilhosa com ela em todos os sentidos (junta as mãos) assim em nos ajudar. Às vezes a gente tinha umas ideias (usa as mãos): Tatiana acho que vai ser um pouco difícil para gente executar na escola, por questão de recurso (usa as mãos) e ela dizia: “não, mas vamos ver! Eu vou ver se eu dou um jeito”. E, muitas vezes conseguia (abre bem os olhos). Então eu acho que isso eu não (balança negativamente a cabeça) tenho do que falar foi muito gratificante trabalhar com ela, com todos (gesto para indicar todos) os meus colegas, com todomundo, eu nunca me senti rejeitada por ninguém. Então foi gratificante para mim com todos em geral, mas em especial com Tatiane foi muito bom (risos).

PESQUISADORA: Ademilza e como foi a vivência na escola com os alunos dentro da sala de aula?

ENTREVISTADA: Olha, (olha para cima) no começo eu senti um pouco de dificuldade quando a gente trabalhava (olha para baixo) com os alunos dos 4º e 5º anos, eu acho que pela vivência deles, por ser uma escola que não é muito (olha para cima), sei nem se pode dizer isso deixo eu procurar outra palavra (olha para baixo), que eles tinham muita dificuldade com a pluralidade que se encontrava na escola (levanta a sobrancelha). Muitas vezes os alunos chegavam e diziam: “tia teve tiroteio na rua lá de casa”; “tia olha a polícia não sei o quê” (franze a testa). Então, o que acontecia na vida deles fora da escola. Eram alunos (olha para cima) fora de faixa também, muitos deles, às vezes, era um pouquinho maior que eu (risos) e eu ficava um pouco apreensiva, mas depois fui me adaptando, fui conhecendo-os, fui interagindo mais, fui conversando, sempre antes ou depois. Antes de começar as aulas, às vezes eu me encontrava conversando com eles, perguntava como é que eles estavam e tal. Então uma das minhas dificuldades com relação aos alunos foi isso: mais de indisciplina assim em relação a alguns alunos (usa as mãos), mas em geral foi muito bom a gente sempre foi muito bem recebido pelos funcionários, pelas professoras, por eles também sempre foram muito receptivos com a gente.

PESQUISADORA: Ademilza você falou que foi bem recebida pelos professores da escola. Gostaria que você falasse dessa relação com as professoras.

ENTREVISTADA: As minhas experiências com elas foram muito boas, porque antes mesmo de entrar no RESPED eu participei do estágio não obrigatório (olha para baixo) como eu já falei anteriormente. Na primeira escola que eu atuei como auxiliar de sala eu tive uma convivência muito boa (gesticula com as mãos, para indicar as pessoas com quem teve boas relações) com as professoras, com a direção da escola sempre foi muito participativa. Então, ela sempre me chamava Ademilza isso é bom para você e tal (usa as mãos) só que na segunda escola que eu, infelizmente, fui transferida (olha para baixo) eu fui para escola e assim a gente não (olha para cima) convivia com as professoras a gente não (balança negativamente a cabeça) participava das reuniões diretamente de planejamento como acontecia na escola anterior (usa uma das mãos para se reportar a outra escola) que tinha trabalhado. É... (olha para cima) para você ter uma noção a gente nem sentava junto na hora do intervalo (balançou negativamente a cabeça), elas na sala dos professores, a gente não entrava, a gente passava o intervalo distante delas e eu tinha esse receio também no Residência (abre bem os olhos), tanto que eu tinha esse medo de que acontecesse meio que as professoras tivessem algum receio com a gente, por a gente está lá (usa as mãos). Mas não, foi gratificante tudo, tudo, porque a gente sempre (olha para cima) foi muito bem recebida lá, as professoras compartilhavam com a gente (usa as mãos), conversava muito com a gente, dava dicas: dizia: “olha que legal essa atividade que vocês trouxeram! Olha vocês podem fazer assim também ou vocês podem adaptar para determinada turma. Como você trabalha no quarto ano você pode adaptar para trabalhar no segundo tranquilamente. Então eu tinha esse receio (balançou positivamente a cabeça) quando eu entrei e sofrer novamente essa... rejeição, ser deixada um pouco pra escanteio, como se eu não fizesse parte da escola (usa as mãos), mas não no Residência foi totalmente diferente foi uma coisa assim gratificante. Realmente você se sentir querida, as professoras colocavam logo um sorriso (dá um sorriso e usa as mãos) e diziam ai que bom que vocês vieram (risos)! Como é bom vocês estarem aqui! Então foi sempre muito gratificante (balança positivamente a

cabeça) assim não era uma coisa que você dizia: Ai, meu Deus eu vou ter que ir de novo, mas não sempre bem recebida por todos, do porteiro ao diretor tudo enfim. Foi muito foi muito bom

PESQUISADORA: Ademilza e qual a importância do Residência Pedagógica para o seu desenvolvimento enquanto pessoa?

ENTREVISTADA: Eu acho que a questão (Olha para cima) mais humana aquela coisa de sair muito da teoria, você buscar entender que aquela criança tá passando, o que que seu aluno tá passando naquele dia (usa as mãos). Ser professor não é chegar é aula tal, conteúdo tal (gestos que representam a escrita), mas é também você entender, porque aquela criança está com dificuldade (franzi a testa), você buscar saber mais sobre ela (coloca a mão no queixo). Então eu acho que esse lado mais humano (usa as mãos), mais afetividade né na escola, ou seja, não podemos falar da Pedagogia sem o amor. E, realmente não tem (balança negativamente a cabeça), porque chegar na escola não é só você dá aquele conteúdo e pronto. Não é! Uma vez achei engraçado (risos) que assim a gente subestima muitas as crianças (risos), a gente acha que eles não vão entender, a gente acha ah, esse conteúdo é muito pesado para eles, mas não você chega lá e você, uma vez a gente tá falando de políticas públicas com crianças do segundo ano e eles falandoda maneira deles (usa as mãos) aí eu queria que a escola fosse assim, tivesse mais conforto (usa as mãos), porque às vezes a escola falta água, a gente às vezes subestima muitos nossos alunos né e de modo geral.

PESQUISADORA: Ademilza você teria algo a mais a acrescentar, a falar sobre o Residência Pedagógica?

ENTREVISTADA: Eu só tenho a agradecer mesmo pela oportunidade de ter participado do programa, do conhecimento que eu adquiri pela experiência (abre bem os olhos). Eu costumo dizer que eu vivenciei muito uma escola sem maquiagem (faz o gesto) que a gente está acostumada a ver a escola, porque é uma escola que você tá lá o ano inteiro (usa as mãos) então não tem como maquiara escola. Então eu só tenho que agradecer as supervisoras (faz o gesto com as mãos), as preceptoras (olha para a pesquisadora), os meus colegas que sempre foram muito parceiros e a experiência eu acho que o que eu levo do Residência é experiência, muitas vezes, até puxava a orelha de alguns colegas (faz o gesto e sorrir). Olha tem que levar mais a sério. Então, o Residência só veio a acrescentar mesmo na minha formação (aponta para si), enxergar mais a escola, ter mais experiência. Como eu falei no começo me faltava a prática (usa as mãos), estar à frente de uma sala de aula (abre bem os olhos). Depois que a gente perde um pouco a timidez, às vezes, tinha duas professoras ali na sala (faz o gesto com as mãos), vendo você dando aula e eu ficava do mesmo jeito já não tinha preocupação: Ai meu Deus, tem um professor me observando (aponta com as mãos para si), ela tem mais experiência que eu (usa as mãos), ela vai me criticar, ela vai me julgar. Não. Ela estava lá e muitas vezes, ela vai chegava pra mim: “Muito bom, eu gostei da aula” ou então: “me passe isso aqui pra mim e tal”; “vamos ver aqui”; “aí eu gostei disso aqui que você fez e tal” me davam sugestões: Você pode adicionar isso, aquilo, outro ou mudar. Então para mim (aponta para si) foi muito importante essa experiência então eu recomendo! Um as colegas minhas vieram logo quando começou antes, infelizmente (olha para cima) elas não vão ter a oportunidade que nós tivemos de estar na sala de aula e tal (usa as mãos). Foi antes da pandemia que tinha aberto o processo elas chegaram e perguntaram e aí você participou da residência né? E aí o que você me diz? Eu posso? Eu participo? Olha por mim você já estaria lá (usa as mãos), porque é uma coisa que vocês vão guardar para o resto da sua vida profissional (usa as mãos), uma coisa que você vairealmente vocês vão adquirir realmente uma experiência, um conhecimento, porque o estágio somente o estágio obrigatório vocês não têm como (balança negativamente a cabeça), infelizmente, vocês não têm como dizer assim eu quero ser professora a partir do estágio, porque é muito curto. Então, só tenho a agradecer mesmo e indicar que os colegas futuros Respedianos aí para participar (risos).

PESQUISADORA: Agradeço a sua participação

ENTREVISTADA: Por nada. Precisando é só falar (risos)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REFLEXIVA

1ª entrevista

DATA: 06 de janeiro de 2021 HORÁRIO: 16h20 às 16h46

LOCAL: Webconferência (Google Meet)

ENTREVISTADA: Maria

PESQUISADORA: Boa tarde, Maria!

ENTREVISTADA: Boa tarde!

PESQUISADORA: Maria sou aluna do Mestrado em Educação, da linha de pesquisa: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional. O título da minha pesquisa é: Programa Residência Pedagógica: As significações constituídas por egressas do curso de Pedagogia da UERN. Para a escolha das egressas Maria minha orientadora e eu pensamos em alguns critérios, como por exemplo: 1-Ter participado do Programa Residência Pedagógica, subprojeto: Pedagogia nos anos de 2018 e 2019. 2 – Apresentar interesse e disponibilidade em participar da entrevista e que tenha sido residente da UEI e a outra egressa residente da Escola Estadual, ambas parceiras do RESPED. E, veja que bacana você atendeu a todos os quesitos (risos) e já agradeço a Maria a sua participação na nossa pesquisa. Será um prazer ouvir as suas significações sobre o RESPED. Então, Maria gostaria que você falasse um pouco sobre você os seus dados pessoais, como foi a sua vida estudantil, pode destacar também a sua vida acadêmica. Pode ser?

ENTREVISTADA: Pode sim.

PESQUISADORA: Pronto pode ficar à vontade.

ENTREVISTADA: É... me chamo Maria né. É... tenho 22 anos estou recém formada né em Pedagogia (levanta a sobrancelha) na UERN. Tive a participação no RESPED como voluntária (levanta as sobrancelhas) é... (olha para baixo) me encontrei (levanta a sobrancelha) dentro da... Pedagogia (levanta as sobrancelhas) né. Inicialmente não era o que eu queria mais (balança negativamente a cabeça) me encontrei e a partir do momento que eu me encontrei eu tive a oportunidade de participar dos estágios, claro e ainda veioo RESPED (balança positivamente a cabeça) para poder aprimorar mais ainda esse momento que é tão significativo para mim (levanta as sobrancelhas) né. Não é à toa (risos) que foi tema da minha monografia né o estágio e ... (olha para baixo) foi um momento de muita significação em todos os sentidos né (passa a mão no queixo). Na minha vida acadêmica eu tive essas oportunidades né de participar de outros programas, porque também teve encontros junto com o Pibic, os seminários, teve momentos de socialização (usaas mãos) né? Então sempre aprimoramento mesmo dessas questões (abre bem os olhos).

PESQUISADORA: Maria você falou que cursar Pedagogia não era inicialmente o que você queria, mas que você se encontrou na profissão, não é isso? Então, me fale um pouco como se deu esse encontro com a Pedagogia, com a profissão.

ENTREVISTADA: É... me chamo Maria né. É... tenho 22 anos estou recém formada né em Pedagogia (levanta a sobrancelha) na UERN. Tive a participação no RESPED como voluntária (levanta as sobrancelhas) é... (olha para baixo) me encontrei (levanta a sobrancelha) dentro da... Pedagogia (levanta as sobrancelhas) né. Inicialmente não era o que eu queria mais (balança negativamente a cabeça) me encontrei e a partir do momento que eu me encontrei eu tive a oportunidade de participar dos estágios, claro e ainda veioo RESPED (balança positivamente a cabeça) para poder aprimorar mais ainda esse momento que é tão significativo para mim (levantaas sobrancelhas) né. Não é à toa (risos) que foi tema da minha monografia né o estágio e ... (olha para baixo) foi um momento de muita significação em todos os sentidos né (passa a mão no queixo). Na minha vida acadêmica eu tive essas oportunidades né de participar de outros programas, porque também teve encontros junto com o Pibic, os seminários, teve momentos de socialização (usaas mãos) né? Então sempre aprimoramento mesmo dessas questões (abre bem os olhos).

PESQUISADORA: Maria você falou que cursar Pedagogia não era inicialmente o que você queria, mas que você se encontrou na profissão, não é isso? Então, me fale um pouco como se deu esse encontro com a Pedagogia, com a profissão.

ENTREVISTADA: Foi sim. Porque (olha para cima) inicialmente eu queria Psicologia só que eu queria Psicologia Infantil. Então, pra mim era sempre ligada à Psicologia Infantil (faz o gesto com uma mão) só que em nenhum momento me veio a atender a Pedagogia em si. Na verdade, eu nunca tinha pensado (balança a cabeça negativamente e (faz gesto com uma das mãos), não foi algo que foi recusado, é porque eu não havia pensado sobre isso (faz gesto com uma das mãos). Então, no momento que falaram (usa uma das mãos) né, por que não faz Pedagogia? E aí fiz Pedagogia iniciei e comecei a gostar vi (abre bem os olhos e levanta as sobrancelhas) que era meio o que eu realmente procurava né. Porque o que é que eu dizia: Ah, eu quero entender a mente de uma criança (balança a cabeça) eu quero ajudar uma criança minha ideia era essa, mas nunca tinha passado pela minha cabeça de ajudar na parte educacional (risos) né. Além da Educacional que sabemos que tem vários outras né questões que a gente trabalha (risos) também que a gente vira médica, vira psicóloga, vira tudo (levanta as sobrancelhas e rir) quando vira professor, mas essa questão mesmo de ajudar na parte educacional da criança né no desenvolvimento Educacional dela. E aí a partir do momento que realmente quando eu tive o contato é... com as crianças né (abre bem os olhos). Porque até então, não é aquela questão (olha para baixo) de separação de teoria e prática claro. Não é separação, mas adianta dizer que no momento que você está no local (movimenta uma das mãos) né? Você está inserido *in lócus* aí sim (balança positivamente com a cabeça) é quando você realmente pode identificar se é ou não o que você realmente (levanta as sobrancelhas) tá buscando. E aí foi que eu me encontrei a partir dos momentos das PPPs quando eu pude é ... assumir uma sala de aula (levanta as sobrancelhas) e depois de assumir quis assumir novamente ainda em graduação, porque eu não mesentia tão confiante ainda e foi quando eu busquei o programa.

PESQUISADORA: Maria o Programa Residência Pedagógica é voltado para a formação de professores e aproxima a Universidade da Escola. A UERN, participou do primeiro edital e você, Maria pode vivenciar esse momento junto conosco. Nesse sentido, gostaria que você falasse sobre essa edição do Programa Residência Pedagógica.

ENTREVISTADA: Pronto. É... não participei de primeira né, por medo mesmo de ser um programa novo então não saberia (balança a cabeça negativamente) também, não conhecia de fatos os professores. Como se dava o programa, qual era a proposta mesmo que ele tinha (franzi a testa). Foi algo muito rápido, também suas seleções (franzi a testa), as confirmações também, mas teve alunos da minha sala de aula durante a graduação que entraram (levanta as sobrancelhas) e a partir desse momento foi que eu pude perceber um pouco, me aproximei um pouco mais (levanta as sobrancelhas) do Residência mesmo não estando é... no programa, porque eu buscava saber o que eles faziam, buscava entender o que é que eles pretendiam, o que o programa queria, quem eram os professores, quem participava, qual era o propósito, qual o objetivo que o programa realmente tinha, se batia (movimenta a cabeça) com que era dito né. E aí, através disso, através também dos alunos que passavam para mim tudo que era trabalhado lá dentro do programa que eu tive interesse. Então, quando abriu novamente novas vagas (movimenta uma das mãos), na segunda abertura né foi que pude (movimenta uma das mãos) me inscrever e voluntariamente (movimenta a cabeça) aceitei participar, porque era um momento em que eu sabia que não iam ter muitos, eu estava já no término da graduação então era agora ou agora (movimenta a cabeça) e era o que eu queria então tinha que buscar né? A gente aprende muito durante a graduação (franzi a testa) que tem que participar dos programas, tem que participar do que é oferecido é... e é verdade né? A partir do programa foi que eu vi, fiquei pensando que tive muitas oportunidades que eu perdi a partir dele eu percebi, mas que eu fiquei muito agradecida né ao programa mesmo participando voluntariamente dessa edição (movimenta a mão lentamente) que mostrou que tem seus objetivos e objetivos que foram alcançados né? Achei incrível como foi dito também (movimenta uma das mãos bem devagar) que eu pude participar da UEI né na educação infantil que poucos programas né tem a educação infantil é... que tem educação infantil para ser atuado né? Esses programas políticos e tal, mas essa edição eu gostei muito (levanta as sobrancelhas) e até indiquei muito também. Tive a minha experiência (aponta para si) e passei exatamente isso para os outros, porque muitos também tem esse medo esse receio (franzi a testa) de participar de programas. Mas a partir desse eu pude ver que foi uma das melhores escolhas que eu fiz durante a graduação (faz o gesto com uma das mãos).

PESQUISADORA: Maria você falou que participar do Programa Residência Pedagógicas foi uma das melhores escolhas que você fez durante a graduação. Você poderia falar um pouco mais sobre isso?

ENTREVISTADA: Porque foi um momento, foi um momento em que eu pude... sei lá eu me sentia muito à vontade, eu me sentia muito à vontade no Programa com os professores durante as aulas que tinham na Universidade, com os preceptores (levanta as sobrancelhas) todos, todos me deixaram muito à vontade (movimenta uma das mãos). É como até a professora Antônia muitas vezes citava (risos) é... eu me mostrei (aponta com uma mão para si) outra pessoa eu era muito na minha, eu não discutia muito (franzi a testa) é... não

dialogava muito (coça o olho com um dedo) com essa questão é... da educação em si (levanta as sobrancelhas) né? E a partir do (coça o olho com um dedo) programa foi que eu pude me abrir, para conversar, para dialogar é ... questionar também, porque eu também não tinha muitos questionamentos, mas eu pude fazer mais questionamentos (bem enfática) e procurar as minhas respostas coisa que se talvez eu não tivesse participado teria terminado a graduação sem elas (sorrir e levanta as sobrancelhas).

PESQUISADORA: Maria e quais foram os desafios que você enfrentou durante a sua participação no Programa Residência Pedagógica?

ENTREVISTADA: Desafios é... lógico como voluntária eu tinha que dar meus pulos para ir à escola por mais “perto” (abre aspas) que ainda fosse (coloca o dedo na boca). E, aí muitas vezes no desespero por caronas é... (pensando) tinha dias também que às vezes não batia com as minhas caronas é... (olha para cima e coloca o dedo na boca) tive também o receio por ser uma escola pública, porque durante a minha vida estudei em escola particular e aí os contatos que eu tive com escolas públicas foi justamente durante o estágio e o momento do estágio (movimenta uma das mãos) é um momento ali rápido né, (coloca a mão no queixo) porque a gente sabe que não tem algo mais fixo e de mais tempo, de mais duração e foi aí que eu percebi (movimenta uma das mãos) que eu precisava ter mais momentos desses, precisava entender mais essa realidade que eu não (aponta para si com uma mão) tive né e o meu desafio (aponta para si) foi esse foi entender, foi compreender, foi participar dessa realidade que é totalmente diferente (movimenta a cabeça) né de particular. Os meus maiores desafios no programa foram esses mesmos essa questão de ser voluntária (aponta para si) e buscarestar, participar em todos os momentos e desse momento da questão mesmo pública.

PESQUISADORA: Maria você falou sobre os desafios que encontrou durante a sua participação no Residência Pedagógica o primeiro por ser voluntária e o segundo por conhecer a realidade de uma escola pública. Diante desses desafios e de suas vivências no programa quais são as suas sugestões para a próxima edição do programa?

ENTREVISTADA: Na verdade, assim é porque nos meus desafios (aponta com uma mão para si) as sugestões não são não para o programa, não é para essa parte, seria mais para quem participa né se alguém passar pela mesma dificuldade que eu passei (aponta para si) nesses mesmos pontos que eu citei é não desistir né, mas que no final dá certo.

PESQUISADORA: Maria você falou que uma das dificuldades foi o fato de você ser voluntária, ou seja, você teve custear as idas vindas a escola e a UERN semanalmente quando não conseguia carona. Gostaria que você falasse um pouco sobre isso.

ENTREVISTADA: Shirley o valor ajudaria não vou mentir que ajudaria, mas sabemos a realidade né? E, diante da realidade, infelizmente não há muito o que ser feito né (movimenta uma das mãos)? O que deveria ter mesmo era mais bolsas, ter mais oportunidades assim para essas pessoas né? Mais bolsistas, mas sabemos que de antemão não é do programa em si né? Vem de toda essa questão política (olha para baixo). E aí vem mais, por isso mesmo de ofertar, seria ofertar mais mesmo, mas infelizmente sabemos que por mais tentativa que a gente já tenha, porque eu já vi o quanto tentaram até para que eu pudesse ser bolsista, mas não (balança negativamente a cabeça) deu certo.

PESQUISADORA: Maria o Programa Residência Pedagógica faz parte das políticas públicas e apresenta como um dos objetivos aperfeiçoar a formação dos discentes dos cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortalecem o campo da prática e assim o licenciando possa exercer de uma forma mais ativa a relação entre a teoria e a prática, utilizando coletas de dados, diagnósticos sobre o ensino-aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias. Então, Maria eu gostaria que você relatasse como foram as experiências vivenciadas no Programa Residência Pedagógica.

ENTREVISTADA: Passei por muitos projetos né (coloca a mão no queixo) que não havia passado não tive oportunidade, tive a oportunidade durante o programa (coloca a mão no queixo) é... projetos que inicialmente foram muito difíceis a serem pensados né? Colocar em prática (bem enfática) porque como na minha época era de diversidade (levanta as sobrancelhas) aí você diz que é muito amplo. É muito amplo. Talvez seja essa dificuldade né de trazer (risos), enxugar ali (faz um gesto) para você trabalhar com as crianças essa questão da diversidade. E, aí foi através disso né foi através das dificuldades. É... quais eram as didáticas (franzi a testa) a serem trabalhadas, o método a ser trabalhado, identificar quais seriam as melhores metodologias a serem trabalhadas em cada sala de aula, porque a gente não ficava só em uma sala de aula né (movimenta a cabeça).

A gente ficava passando por toda a escola (levanta as sobrancelhas) então toda sala de aula é individual né? Além das crianças também serem né (movimenta a cabeça) e terem a sua particularidade (passa a mão no pescoço). E, aí minhas experiências foram tipo superadas, as minhas expectativas elas foram bem baixas em relação ao que eu tive (aponta para si) né? No final, eu fiquei muito feliz assim, porque foi superada mesmo né, porque como eu disse eu tinha os comentários já de participantes. E aí eu vi que havia muita dificuldade inicialmente né? O que eu tive medo até como eu disse no receio de ser de algo novo (movimenta uma das mãos), de funcionar (gesto com uma das mãos), de dá certo e eu vi aqui que ainda havia muitos problemas né durante essa questão da prática em si. Mas eu vi que era por compromisso então eu tive que ter o compromisso de estar ali (movimento de mãos), de estar à frente (movimento de uma das mãos), de participar (gesticula com uma das mãos), de me manter, não me manter ausente é porque a partir do momento que se mantém ausente (levanta as sobrancelhas) você para de fazer com que o objetivo seja alcançado.

PESQUISADORA: Maria sobre os encontros que aconteciam semanalmente na UERN você pode relatar como eram esses encontros? Como eles contribuíram para o desenvolvimento dessa prática na escola?

ENTREVISTADA: Sim, com certeza. Contribuíram muito, porque temos as experiências né dos próprios docentes que estão ali à frente para dar aquele encaminhamento, mas também tínhamos os colegas que estavam no programa e também os colegas de outros programas é... gostava muito quando fazia a união dos programas, porque quanto mais gente, mais você tinha algo a ser relatado, algo a ser discutido e era algo (olha para baixo) que sempre vinha a fazer a gente pensar muito. É... coisas que vinham a discussão que no final você não tinha o resultado né? Não adianta você buscar uma resposta que você não ia obter ali. Cada um teria sua realidade, seu modo de trabalho, mas que era algo a ser pensado, algo a ser discutido, novos assuntos também, metodologias principalmente metodologias a serem trabalhadas (passa a mão no pescoço), às vezes com coisas dos temas pequenos que faziam grandes projetos (usa uma das mãos). Além da diversidade, também de questão como eu disse da UEI misturar Educação Infantil com Ensino Fundamental (usa as mãos). E aí toda a parte da Educação Básica né? (levanta as sobrancelhas). Essa mistura que vinha a fazer você refletir né? Você ressignificar (franzi a testa) também muitos dos seus conhecimentos, as suas atitudes, os seus planejamentos que houve sim momentos de você planejar algo e não dá certo, você planeja algo a ser desfeito, porque nós sabemos que existe isso, mas que no final né era algo melhor a ser trabalhado (levanta as sobrancelhas). Então, era muito significativo ter esses momentos se não tivesse até, porque a gente ia tá lá apenas colocando em prática algo que a gente fizesse sem ressignificar nada e sem significar (movimenta a cabeça) também então não teria muito sentido.

PESQUISADORA: Você falou sobre a importância da dinâmica relacional durante os encontros semanais para ressignificar conhecimentos, atitudes e planejamentos. Maria e como foram as relações com as preceptoras?

ENTREVISTADA: Ótimas. Como eu disse eu me sentia muito à vontade é... no momento que me desesperava ela chegava lá, tava lá comigo, dizia que não precisava disso e que era assim mesmo (passa a mão no braço), ajudava (usa as mãos), que sabia a realidade (levanta as sobrancelhas), claro né. Que estava ali todos os dias. Chegava junto, dizia como poderia ser trabalhado, de acordo também com o meu propósito (aponta para si), claro, né, porque eu tinha os meus objetivos, ela tinha as questões dela, mas ela que sabia a realidade que a sala de aula enfrentava né de fato. Então, foi uma relação muito, muito, muito tranquila, uma relação simplesmente que realmente eu ficava muito à vontade. Não tive nenhum problema em relação à questão mesmo de nenhuma (balança a cabeça negativamente) preceptora, nenhuma (balança a cabeça) questão mesmo assim de medo, de receio. Não! Chegava lá, eu perguntava (balança a cabeça positivamente), sem nenhum problema.

PESQUISADORA: E o contato Maria com as demais professoras da UEI contribuiu para a sua formação, para o seu desenvolvimento? Fale um pouco sobre isso.

ENTREVISTADA: Sim. É... Cada uma como eu disse cada pessoa né trabalha de um jeito, tem o seu jeito de trabalhar, mas que você pode adquirir ali, você pode, no caso como é que eu posso dizer (coloca a mão no queixo e olha para cima) você pode pegar (usa umadas mãos) tanto as melhores coisas dessa pessoa como as piores. Porque serve (movimenta uma das mãos) como aprendizado não adianta você tá ali criticando uma pessoa que tá todo dia com aquela turma, que já tá há tantos anos de trabalho. Ah, essa professora fulana é assim ,assim, assim não adianta você criticar, porque você sabe que ela já tem um tempo sabe como ela trabalha que pessoas também passam por problemas que muitas vezes tem essa questão mesmo emocional que muitas pessoas não conseguem enxergar que você mesmo que já passou ainda vai passar por isso, mas que esses momentos bons (coça o rosto) e ruins você também pode estar ali acolhendo para você (aponta para si)

né já para a sua prática seja eles positivos ou negativos, pontos positivos ou negativos né você vai acolhendo para a sua prática. E, aí eu pude ver que cada professora também tinha sua singularidade (risos) em modo de ensinar muitas pronto uma trabalhava muito com a literatura, onde eu achava muito interessante, outra já trabalhava muito com o lúdico né. E, aí você tem vários modos de trabalhar onde você pode adquirindo o que você acha que combina mais com a sua prática(aponta para si), a sua prática docente.

PESQUISADORA: Maria qual a importância do Residência Pedagógica para o seu desenvolvimento pessoal?

ENTREVISTADA: Pessoal me deixar mais confiante né. Mais confiante dentro de uma sala de aula mesmo, porque quando você fala pessoal a gente não pode diferenciar o pessoal do caso do profissional né? O pessoal também está lá junto comigo ele me deixou mais confiante mesmo (levanta as sobrancelhas) no meu trabalho, na minha posição, durante as minhas práticas, do modo que eu gostode trabalhar, do modo que eu acho que esteja referente a cada sala de aula claro né. É ... Mais foi mesmo essa confiança em mim eu durante o programa pude confiar mais em mim para profissão, em mim como professora mesmo.

PESQUISADORA: Maria e como pessoa?

ENTREVISTADA: Como pessoa sofri muito né, sofri muito (passa a mão no pescoço) assim com a realidade. Como eu já havia dito né, mas pude ser mais humana (levanta as sobrancelhas) eu digo assim, porque muitas vezes é... até me emociono muito quando falo (nesse momento a entrevistada chora) porque você passa por aquela realidade que não é fácil, você vê aquelas crianças né e situações que você, às vezes, fica assim sem, sem chão né? Principalmente como eu disse eu nunca tinha passado por realidades como essa é triste você ver que, às vezes, a criança quer, busca, mas que não há condições né tão favoráveis a isso, mas que busco isso mesmo a questão humana de ver o outro né, de entender, de estar ali né. Não mais como profissional, mas como pessoa mesmo que ele tem, saiba que tem alguém. (Ela chorou durante todo esse trecho).

PESQUISADORA: Maria você tem algo a mais a acrescentar? Algo que gostaria de dizer?

ENTREVISTADA: Digo mais referente a aqueles que ainda não ingressaram em nenhum programa né? Que busque sim, principalmente o Residência Pedagógica (balança positivamente a cabeça) que é o que eu, eu posso dizer que vale muito a pena né, tanto para o desenvolvimento profissional como pessoal, principalmente.

PESQUISADORA: Maria muito obrigada pelas suas contribuições. Por enquanto encerramos por aqui.

ENTREVISTADA: Ok. Qualquer coisa pode falar sim sem problema nenhum. Eu que agradeço.

APÊNDICE 2 – APROFUNDAMENTO DAS ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REFLEXIVA – APROFUNDAMENTO

2ª entrevista

DATA: 08 de março de 2021 HORÁRIO: 16h20 às 16h56

LOCAL: Webconferência (Google Meet)

ENTREVISTADA: Ademilza

PESQUISADORA: Boa tarde, Ademilza!

ENTREVISTADA: Boa tarde! (risos)

PESQUISADORA: Muito obrigada por sua disponibilidade em nos atender mais uma vez. Hoje, vamos só aprofundar algumas questões da entrevista passada, tá certo?

ENTREVISTADA: OK

PESQUISADORA: Durante a primeira entrevista Ademilza você falou que o estágio obrigatório é um período muito curto e além disso tem a preocupação com a avaliação, pois tem um professor observando e também o professor da faculdade que vaim escola para observar e isso não lhe trouxe uma experiência que o Residência lhe proporcionou. Então gostaria que você falasse um pouco sobre isso.

ENTREVISTADA: Bom, primeiro (olha para cima) a questão do prazo curto que eu falo é porque assim a gente passa uma semana observando (usa uma das mãos) eu percebo que (olha para cima) a escola ela meio que se prepara para receber a gente (usa uma das mãos) , ela meio que se organiza (abre bem os olhos e usa uma das mãos), as vezes, até demais (gesticula para indicar algo grande) para receber a gente, ela sabe aquele período que a gente vai para lá e acaba não passando uma naturalidade (usa uma das mãos), muitas vezes, não sei nem se essa palavra (franzi a testa), mas é basicamente isso (olha para baixo) e depois disso a gente passa uma semana planejando, uma semana a gente observa, na outra a gente planeja e na outra semana a gente já começa a regência, a gente não tem um período muito (olha para cima) como é que eu posso dizer, de conhecer mais a turma (usa as mãos) , se identificar muito com a turma, porque você tem que conhecer a turma (usa as mãos),você tem que conversar com a professora, entender como funciona toda a escola também e a questão da avaliação no estágio é porque você quer muito, você se robotiza demais (usa as mãos para indicar algo fixo), você quer fazer tão bem, tão perfeitonão que no Residência você não faça, porque você faz, mas na hora que você tem dois professores (usa as duas para indicar os dois professores) ali lhe observando, você tem medo que tudo saia errado que você faça um planejamento, falta alguma coisa meu Deus (coloca as mãos na testa) eu vou tirar uma nota ruim. Às vezes a gente pensa que nosso planejamento uma coisa que eu aprendi muito (olha para cima) na faculdade, no Residência é que a gente se prende muito ao planejamento a gente quer que saia tal qual o nosso planejamento, mas não a gente tem que entender que é um planejamento (olha para cima), mas que tem que ter opção a, b, c, d e f, (usa as duas mãos) enfim tem que ter o alfabeto inteiro (risos) de opções para você adaptar (movimentam as mãos), para você refazer e por aí vai. Então é mais nesse sentido que eu falei que é um curto período (olha para cima), a gente tá lá eu sinto, muitas vezes, pelo menos nos dois primeiros estágios que foi dentro de uma escola (continua olhando para cima), dentro da sala de aula, senti muito isso que as professoras tinham muita aquela coisa aí eu faço isso, faço aquilo outro, com medo de, muitas vezes, aí eu não faço isso porque na escola a diretora não deixa (olha para cima),enfim. Já no Residência a gente tem um período maior de conhecimento (olha fixo para a pesquisadora) né a gente passa aquele ano inteiro (abre bem os olhos) com as professoras, interagindo com as professoras (movimenta as mãos) com os alunos (movimenta as mãos) e... (olha para cima e pensa) tem essa questão da observação que é um feedback, que é mais uma troca (usa as mãos para indicar vai e volta) de experiências, porque você tá lá com elas que já têm experiências, você que está adquirindo. Então tanto você aprende (aponta para si), como você também pode levar também coisas novas (movimenta as mãos) que às vezes as professoras também meias que não tem tempo (movimenta as mãos) a gente sabe como é difícil um professor fez uma pessoa que trabalha no município, no estado de se reciclar também (usa as mãos). Então, a gente (aponta para si) também acaba levando coisas novas para escola também. A gente não tem muito recurso a gente entende a questão dos recursos que é muito precária essa questão (olha para baixo) então a gente acaba planejando muito (movimentam as mãos) de acordo com a realidade do aluno, tentando trazer o máximo para aquela realidade daquela escola eu não posso (olha para cima) elaborar uma atividade, achando que eu vou ter todos (movimentam as mãos para indicar o todo) os materiais disponíveis que eu não vou ter (abre bem os olhos) então tenho que ter essa mentalidade e no estágio obrigatório a gente por querer muito uma nota (movimentam as mãos), às vezes, a gente até exagera a gente quer muito impressionar (usa as mãos), tanto os professores da faculdade

que vai nos observar como os professores que estão dentro da sala de aula aí a gente acaba tirando dinheiro do nosso próprio bolso (movimenta as mãos) e investindo em muitas coisas (movimenta as mãos) que a gente às vezes a gente parar para pensar: meu Deus (olha para baixo) eu vou passar 10 dias dando aula aquelas crianças, aquela turma e a gente às vezes esquece que quando acabar o nosso estágio a professora vai voltar a assumir a sala de aula e as Crianças elas prendem muito numa rotina (abre bem os olhos) é muito interessante isso, principalmente os alunos da educação infantil eles se prendem muito a rotina e se você sair um pouco dessa rotina acabou (movimenta as mãos) às vezes você tá no estágio a gente tinha muita essa dificuldade (olha para baixo): tia tá na hora de cantar (levanta a sobrancelha), tia tá na hora do lanche, porque eles são muito ligados (junta as mãos) a essa questão de normas, de regras, mas é basicamente isso que eu acho que o Residência ele me proporciona uma experiência sem maquiagem (movimenta as mãos) eu até falei uma vez para você e para a professora Antônia é uma experiência que você tá sem a maquiagem mesmo daquela coisa (movimenta as mãos), porque a gente sente e não é uma opinião só minha a gente debatia muito isso na sala de aula com os outros colegas da faculdade a escola ela se prepara para receber do estágio obrigatório e no Residência a gente vive realmente a escola (usa as mãos) porque a gente tá toda semana lá (movimenta as mãos para indicar várias ações), tá toda semana conversando, trocando experiência e debatendo (junta as mãos) mesmo que a gente pode melhorar, enfim tudo isso.

PESQUISADORA: Ademilza você também falou que o Residência Pedagógica não apresenta uma carga horária fácil, principalmente para você que entrou nos últimos períodos da graduação. Então, gostaria que você falasse sobre essa etapa de como foi cumprir essa etapa em tão pouco tempo.

ENTREVISTADORA: Como eu falei, anteriormente o Residência Pedagógica surgiu em mim (aponta para si) mais por um desejo de aprimorar conhecimento e tal e como eu entrei nos últimos períodos (olha para cima) aí eu tinha uma carga horária de 440 horas, sendo que 100 delas era regência, então você podia completar as outras 300 e pouco (movimenta as mãos) na faculdade, planejando (usa os dedos para explicar as ações) e tudo então tinha muita essa dificuldade da gente se organizar, porque geralmente o planejamento a gente fazia em conjunto então tinha essa questão de quando é que todas poderiam estar na escola (balança positivamente a cabeça) ou então senão na escola, na faculdade essa questão de se organizar (junta as mãos) para se juntar, para contar essas horas (risos), muitas vezes, porque assim as vezes a gente tinha planejado aconteceu alguma coisa e você não podia ir (balança negativamente a cabeça) você já perdi àquela hora (abre bem os olhos e levanta as sobrancelhas), aquele horário aí você tinha que repor na outra semana, porque senão você ficava no débito para não chegar no final muitas vezes faltando hora. Então, os eventos também ajudaram bastante (movimenta as mãos) na questão de colocar as horas, as reuniões na UERN também eu sempre tentava não faltar apesar de algumas vezes a gente nos últimos períodos (olha para cima) como é período de monografia, de pré-projeto de monografia a gente acaba se prendendo um pouco também a graduação (olha para o lado) mas é mais essa dificuldade. Agora eu soube que mudou um pouco essa questão do horário (movimenta as mãos) não é mais 440 horas (franzi a sobrancelha). É mais flexível, mas é mais essa questão de cumprir as 440 horas no período que eu entrei (aponta para si e olha para a pesquisadora bem fixo), porque a gente sabe que o Residência Pedagógica é recomendado a partir do 5º período e eu entrei no final do sexto período para o sétimo período (usa as mãos) já entrei já um período já mais curto (junta as mãos) do que o recomendado aí tem muita questão de se encontrar para fazer o planejamento (movimenta as mãos), tá na escola e principalmente o da regência que tem que ter as 100 horas o que eu não achei ruim você vivenciar a realidade de uma sala de aula e eu costumava dizer que antigamente eu tinha um certo medinho (treme as mãos para indicar medo) as pernas meio que tremiam (mexe as pernas) mas depois você vai (movimenta uma das mãos) e nem percebe que tem gente lhe observando, parece que a professora nem tá dentro da sala de aula (movimenta as mãos para indicar tanto faz) e você comanda mesmo a sala de aula (risos), mas era basicamente isso mesmo essa questão de cumpriras 440 horas no período que eu entrei, mas tirando isso foi show de bola (risos).

PESQUISADORA: Ademilza muito obrigada pelas contribuições.

ENTREVISTADA: Não há de que. Foi ótimo (risos).

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REFLEXIVA - APROFUNDAMENTO

2ª entrevista

DATA: 08 de março de 2021 HORÁRIO: 15h22 às 16h00

LOCAL: Webconferência (Google Meet)

ENTREVISTADA: Maria

PESQUISADORA: Boa tarde, Maria. Gostaria mais uma vez de agradecer a sua colaboração na nossa pesquisa. E, hoje agente vai só reforçar algumas questões que não ficaram tão claras durante a primeira entrevista. Então, Maria você falou que participar do Residência Pedagógica foi uma das melhores escolhas que você fez durante a graduação, dentre outros motivos, porque você pode fazer mais questionamentos e buscar respostas. Nesse sentido, gostaria que você falasse que questionamentos foram esses e que respostas você obteve.

ENTREVISTADA: Boa tarde. Sobre questionamentos e respostas, quando eu falei né? Eu me referi a dúvidas durante a graduação (levanta as sobrancelhas), sobre o curso de Pedagogia em si, a profissão, como professora. Então, é... eu falo de atuação dentro da sala de aula (levanta as sobrancelhas), principalmente quando eu me refiro a questionamentos, porque eu tinha dúvidas de como era, justamente trabalhar dentro de uma sala de aula e principalmente trabalhar dentro de uma sala de aula de uma escola pública (movimenta a cabeça) e como eu disse durante toda a minha entrevista eu só tinha mais contato com redes privadas. Então, os meus questionamentos eram quanto a atuação (passa a mão no pescoço) na docência (movimenta uma das mãos) numa rede pública.

PESQUISADORA: E, que respostas você obteve vivendo essa realidade da escola pública?

ENTREVISTADA: Que... Foi mais que afirmações (franzi um pouco a testa) dos comentários que eu recebia né de que a realidade não é fácil, de que ser professora não é só ser professora você não está ali apenas para ensinar você, às vezes, aprende mais do que ensina (levanta as sobrancelhas), que você tem que viver a realidade do local onde você está, no qual você está inserido, é... (olha para cima e passa a mão no pescoço) as práticas por mais planejamentos, no caso, por mais que você planeje, eles vão sempre estar em modificações, porque sempre acontece algo que não é esperado, seja ele positivo ou negativo, o que eu pude ver também é que você precisa estar sempre também inovando muito (movimenta as mãos), estudando muito, sempre está atualizando foram mais essas questões mesmo para obter como resposta.

PESQUISADORA: Maria além dessas respostas de que forma a Escola pública contribuiu para sua formação?

ENTREVISTADA: Pronto na formação (passa a mão no pescoço) eu trago tanto a profissional, como a pessoal eu não distingo elas duas (movimenta os dedos), não faço essa diferenciação. Então, ela veio contribuir mais em questão mesmo de prática (abre bem os olhos e levanta as sobrancelhas), principalmente teoria e prática não tem como dissociar isso. Entender a minha profissão (aponta para si), porque eu tinha muitos estudos (usa a mão para indicar muitos) né na teoria, como se fala tinha muitos estudos, mas foi realmente lá *in locus* né que eu consegui compreender (movimenta as mãos) o que é que esses estudos estavam dizendo, o que é que significavam, o que é que eles tratavam, quais eram as possibilidades (franzi a testa), as dificuldades que eles citavam. É... as renovações que tem que ter, as significações que nós também participamos né, que nós sentimos (aponta para si). Então, eu só digo assim a contribuição é totalmente essa de significar coisas que a gente talvez nunca tenha nem pensado ou imaginado que aconteceria (levanta as sobrancelhas).

PESQUISADORA: Durante a primeira entrevista você falou que não ficava só numa sala, mas passava por toda a escola. Gostaria que você falasse um pouco mais sobre essa questão.

ENTREVISTADA: Como o Residência era muito bem visto dentro da escola, já tinha mesmo de todas as professoras quererem que a gente passasse por cada sala delas (risos). Então foi pensando nisso também (olha para baixo) e a gente fez uma organização e rodízio então ficamos sim. É... os residentes sempre alternavam as salas de aula, para que pudesse contemplar todas as aulas que tinham, todos os ensinamentos, de todos os anos que a escola disponibilizava. E, foi muito gratificante até acredito que é bem mais do que se fosse somente uma sala, porque (passa a mão no cabelo) a gente pode ver individualmente o ensinar de cada professor e

aprender e quanto ao ensinar seja com questões positivas ou negativas, porque a gente tem também a contribuição de pontos que a gente pode achar negativo e trazer para o nosso jeito de trabalhar (aponta para si), de ser, de fazer a nossa prática. Porque existe muitas questões (franzi a testa) das pessoas falarem tipo assim a fulaninha (franzi a testa) não gosta de dá aula, a gente vê que ela não tem mais vontade, que não tá mais nem aí, não sei o quê, mas a gente tem que ver também é igual aluno, a gente tem que ver também tudo que tem por trás, toda a história e foi assim que a gente entendeu o ensinar de cada uma, porque tinha uma que trabalhava muito pela literatura e por que pela literatura (franzi a testa)? Aí quando você ia ver a professora gostava muito de literatura, ela poderia se expor mais assim de forma literária. Então, cada um tem seu jeito de ser a talvez eu não gostasse tanto realmente de utilizar literatura, mas eu pude ver que há pontos em que a literatura vai ser muito mais significativa (levanta as sobrancelhas) para os meus alunos do que se eu trouxesse de qualquer outra maneira. Então há pontos negativos e positivos que você vai trazer para sua realidade né para o seu jeito a partir de você, (aponta para si) da sua prática. Essa questão maior de conhecer mesmo todas as professoras, de como cada uma trabalhava para poder formar o meu jeito, o meu modo de trabalhar.

PESQUISADORA: De quanto em quanto tempo acontecia o rodízio?

ENTREVISTADA: De quanto em quanto tempo? Era (olha para cima e pensa) mais ou menos semanalmente, porque como eu entrei bem no finalzinho, nas correrias (franzi a testa) eu realmente ia muito, também por conta da carga horária e tipo toda vida que a gente ia, a gente vai essa semana era sempre o rodízio, eu vou um dia para essa sala de aula, no outro dia já vou para outra, a gente não ficava a semana inteira em uma, dificilmente acontecia, dependendo do plano de trabalho de cada professor que não se encaixava e a gente tinha que ficar na mesma sala.

PESQUISADORA: Maria você falou na primeira entrevista que o Programa Residência Pedagógica ele contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal, na medida em que ele deixou mais confiante dentro da sala de aula e no seu trabalho. Maria hoje você atua como professora?

ENTREVISTADA: Pronto atuei até dezembro, até dezembro do ano passado.

PESQUISADORA: Então me fale como o Residência Pedagógica contribuiu para o seu fazer pedagógico na condição de professora e não mais de aluna?

ENTREVISTADA: Pronto atuei até dezembro, até dezembro do ano passado. De professora, como eu no Residência fazia parte da Educação Infantil (levanta as sobrancelhas) eu inicialmente fui chamada para trabalhar na educação infantil só que quando é... fui lá para definir eles disseram que eu iria assumir uma sala de educação infantil. Quando foi no outro dia me disseram que eu iria assumir uma sala do Ensino Fundamental aí eu endoidei, comecei a pensar: Meu Deus eu passei tanto tempo realmente significando, ressignificando meus saberes, sendo que eu não prestava atenção que era sempre na educação infantil e agora eu ia lidar com ensino fundamental. Então, comecei a me desesperar achando que eu não conseguiria assumir uma sala de aula de ensino fundamental por ter passado todo esse tempo somente na educação infantil. Só que ao começar (olha para cima), a primeira semana foi algo que eu comecei a tratar de conhecer, da mesma forma que foi no Residência eu sempre falo muito que parecia que eu estava no Residência Pedagógica, porque eu tava ali, tentando entender (levanta uma das mãos) ainda como era aquele espaço (movimenta as mãos), como era ficar ali em frente aquela turma e foi quando eu pensei se eu tinha minhas dúvidas durante o Residência e pude tirar as minhas dúvidas (movimenta as mãos) e obter as minhas respostas e me fez mais confiante dentro do âmbito da Educação Infantil, porque não agora durante o ensino fundamental. Depois, da primeira semana eu tava totalmente confiante (balança a cabeça), não parecia (balança negativamente a cabeça) que tinha tido muitas experiências somente em educação infantil, pude trazer também os conhecimentos do Residência (balança a cabeça e abre bem os olhos), porque a minha turma não era do Ensino Fundamental, mas o Residência também tinha residentes que faziam parte do Ensino Fundamental então com a troca de conhecimentos, com as conversas, com os diálogos que a gente teve durante o Residência Pedagógica, eu pude me aproximar mais, relembro tudo isso que era visto, tudo isso que foi tratado no Residência e trazendo para a minha sala de aula (aponta para si). Muitos relatos de residentes que estavam lá no Ensino Fundamental se adequaram a minha sala de aula (levanta as sobrancelhas), muitas modificações, muitos planejamentos também, trabalhei até algumas práticas pedagógicas de residentes lá na sala de aula e foi bastante significativa para os alunos e aí foi desse jeito eu posso dizer da mesma forma que contribui pra Educação Infantil, pra a minha vida pessoal, pra a minha vida profissional eu pude trazer também para o Ensino Fundamental que foi o caso da minha atuação após o Residência Pedagógica. O Residência me causou (aponta para si) muitas coisas boas e produtividade, principalmente.

PESQUISADORA: Maria e se você não tivesse participado do Residência? (risos)

ENTREVISTADA: Eu tinha endoidado mais ainda (risos), porque se eu já me desesperei imagine se eu não tivesse tido essa experiência, porque se eu for levar a experiência somente do estágio supervisionado 2 (franzi a testa) é para dentro de sala de aula não vai ter as mesmas significações (balança a cabeça negativamente), porque você por mais que seja o momentosim de aprendizagem e tudo mais, por mais que seja tudo isso, é diferente você está no estágio supervisionado. E, você estão um programa é super diferente e fora o contato, fora as conversas, fora o diálogo. No estágio não, cada um tem seu momento e chega um dia (levanta as sobrancelhas) em que a gente vai fazer a discussão com todos e finalizando (abre bemos olhos) já depois de tudo. Então, você não vai significando dia após dia, semana após semana.

PESQUISADORA: Maria, mas você não tinha participado de nenhum programa formativo? O Residência foi o primeiro?

ENTREVISTADA: Isso (balança positivamente a cabeça).

PESQUISADORA: Muito obrigada pelas ricas contribuições na nossa pesquisa.

ENTREVISTA: Eu que agradeço

APÊNDICE 3 – BASE PARA O LEVANTAMENTO DOS PRÉ- INDICADORES

QUESTÕES	RESPOSTAS	PRÉ-INDICADORES
<p>1- Boa tarde, Maria! Maria sou aluna do Mestrado em Educação, da linha de pesquisa: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional. O título da minha pesquisa é: Programa Residência Pedagógica: As significações constituídas por egressas do curso de Pedagogia da UERN. Para a escolha das egressas Maria minha orientadora e eu pensamos em alguns critérios, como por exemplo: 1- Ter participado do Programa Residência Pedagógica, subprojeto: Pedagogia nos anos de 2018 e 2019. 2 – Apresentar interesse e disponibilidade em participar da entrevista e que tenha sido residente da UEI e a outra egressa residente da Escola Estadual, ambas parceiras do RESPED. E, veja que bacana você atendeu a todos os quesitos (risos) e já agradeço Maria a sua participação na nossa pesquisa. Será um prazer ouvir as suas significações sobre o RESPED. Então, Maria gostaria que você falasse um pouco sobre você os seus dados pessoais, como foi a sua vida estudantil, pode destacar também a sua vida acadêmica. Pode ser?</p>	<p>R1- Boa tarde! Pode sim! É... me chamo Maria né. É... tenho 22 anos estou recém formada né em Pedagogia (levanta a sobrancelha) na UERN. Tive a participação no RESPED como voluntária (levanta as sobrancelhas) é... (olha para baixo) me encontrei (levanta a sobrancelha) dentro da Pedagogia (levanta as sobrancelhas). Inicialmente não era o que eu queria mais (balança negativamente a cabeça) me encontrei e a partir do momento que eu me encontrei eu tive a oportunidade de participar dos estágios, claro e ainda veio o RESPED (balança positivamente a cabeça) para poder aprimorar mais ainda esse momento que é tão significativo para mim (levanta as sobrancelhas) né. Não é à toa (risos) que foi tema da minha monografia né o estágio e ... (olha para baixo) foi um momento de muita significação em todos os sentidos né (passa a mão no queixo). Na minha vida acadêmica eu tive essas oportunidades né de participar de outros programas, porque também teve encontros junto com Pibic, os seminários, teve momentos de socialização (usa as mãos) né? Então sempre aprimoramento mesmo dessas questões (abre bem os olhos).</p>	<p>1- [...] me encontrei dentro da Pedagogia.</p> <p>2- Inicialmente não era o que eu queria mais me encontrei e a partir do momento que eu me encontrei eu tive a oportunidade de participar dos estágios, claro e ainda veio o RESPED para poder aprimorar mais ainda esse momento que é tão significativo para mim.</p>
<p>2-Maria você falou que cursar Pedagogia não era inicialmente o que você queria, mas que você se encontrou na profissão, não é isso? Então, me fale um pouco como se deu esse encontro com a Pedagogia, com a profissão.</p>	<p>R2-Foi sim. Porque (olha para cima) inicialmente eu queria Psicologia só que eu queria Psicologia Infantil. Então, pra mim era sempre ligada à Psicologia Infantil (faz o gesto com uma mão) só que em nenhum momento me veio a atender a Pedagogia em si. Na verdade, eu nunca tinha pensado (balança a cabeça negativamente e faz gesto com uma das mãos), não foi algo que foi recusado, é porque eu não havia pensado sobre isso (faz gesto com uma das mãos). Então, no momento que falaram (usa uma das mãos) né, por que não faz Pedagogia? E aí fiz Pedagogia iniciei e comecei a gostar vi (abre bem os olhos e levanta as sobrancelhas) que era meio o que eu realmente procurava né. Porque o que é que eu dizia: Ah, eu quero entender a mente de uma criança (balança a cabeça) eu quero ajudar uma criança minha ideia era essa, mas nunca tinha passado pela minha cabeça de ajudar na parte educacional (risos) né. Além da Educacional que sabemos que tem vários outras né questões que a gente trabalha (risos) também que a gente vira médica, vira psicóloga, vira tudo (levanta as sobrancelhas e rir) quando vira professor, mas essa questão mesmo de ajudar na parte educacional da criança né no desenvolvimento Educacional dela. E aí a partir do momento que realmente eu tive o contato é... com as crianças né (abre bem os olhos). Porque até então, não é aquela questão (olha para baixo) de separação de teoria e prática claro. Não é separação, mas adianta dizer que no momento que você está no local (movimenta uma das mãos) né? Você está inserido in lócus aí sim</p>	<p>3- [...]E aí a partir do momento que realmente eu tive o contato é... com as crianças né. Porque até então, não é aquela questão de separação de teoria e prática claro.</p> <p>4- [...]no momento que você está no local. Você está inserido in lócus aí sim é quando você realmente pode identificar se é ou não o que você realmente tá buscando.</p> <p>5- E aí foi que eu me encontrei a partir dos momentos das PPPs quando eu pude é ... assumir uma sala de aula e depois de assumir quis assumir novamente ainda em graduação, porque eu não me sentia tão confiante ainda e foi quando eu busquei o programa.</p>

	<p>(balança positivamente com a cabeça) é quando você realmente pode identificar se é ou não o que você realmente (levanta as sobrancelhas) tá buscando. E aí foi que eu me encontrei a partir dos momentos das PPPs quando eu pude é ... assumir uma sala de aula (levanta as sobrancelhas) e depois de assumir quis assumir novamente ainda em graduação, porque eu não me sentia tão confiante ainda e foi quando eu busquei o programa.</p>	
<p>3- Maria o Programa Residência Pedagógica é voltado para a formação de professores e aproxima a Universidade da Escola. A UERN, participou do primeiro edital e você, Maria pode vivenciar esse momento junto conosco. Nesse sentido, gostaria que você falasse sobre essa edição do Programa Residência Pedagógica.</p>	<p>R3- Pronto. É... não participei de primeira né, por medo mesmo de ser um programa novo então não saberia (balança a cabeça negativamente) também, não conhecia de fatos os professores. Como se dava o programa, qual era a proposta mesmo que ele tinha (franzi a testa). Foi algo muito rápido, também suas seleções (franzi a testa), as confirmações também, mas teve alunos da minha sala de aula durante a graduação que entraram (levanta as sobrancelhas) e a partir desse momento foi que eu pude perceber um pouco, me aproximei um pouco mais (levanta as sobrancelhas) do Residência mesmo não estando é... no programa, porque eu buscava saber o que eles faziam, buscava entender o que é que eles pretendiam, o que o programa queria ,quem eram os professores, quem participava, qual era o propósito, qual o objetivo que o programa realmente tinha, se batia (movimenta a cabeça) com que era dito né. E aí, através disso, através também dos alunos que passavam para mim tudo que era trabalhado lá dentro do programa que eu tive interesse. Então, quando abriu novamente novas vagas (movimenta uma das mãos), na segunda abertura né foi que pude (movimenta uma das mãos) me inscrever e voluntariamente (movimenta a cabeça) aceitei participar, porque era um momento em que eu sabia que não iam ter muitos, eu tava já no término da graduação então era agora ou agora (movimenta a cabeça) e era o que eu queria então tinha que buscar né? A gente aprende muito durante a graduação (franzi a testa) que tem que participar dos programas, tem que participar do que é oferecido é... e é verdade né? A partir do programa foi que eu vi, fiquei pensando que tive muitas oportunidades que eu perdi a partir dele eu percebi, mas que eu fiquei muito agradecida né ao programa mesmo participando voluntariamente dessa edição (movimenta a mão lentamente) que mostrou que tem seus objetivos e objetivos que foram alcançados né? Achei incrível como foi dito também (movimenta uma das mãos bem devagar) que eu pude participar da UEI né na educação infantil que poucos programas né tem a educação infantil é... que tem educação infantil para ser atuado né? Esses programas políticos e tal, mas essa edição eu gostei muito (levanta as sobrancelhas) e até indiquei muito também. Tive a minha experiência (aponta para si) e passei exatamente isso para os outros, porque muitos também tem esse medo esse receio (franzi a testa) de participar de programas. Mas a partir desse eu</p>	<p>6-[...]É... não participei de primeira né, por medo mesmo de ser um programa novo então não saberia, não conhecia de fatos os professores, como se dava o programa, qual era a proposta mesmo que ele tinha. Foi algo muito rápido, também suas seleções, as confirmações também.</p> <p>7- [...] teve alunos da minha sala de aula durante a graduação que entraram e a partir desse momento foi que eu pude perceber um pouco, me aproximei um pouco mais do Residência mesmo não estando é... no programa.</p> <p>8- [...]buscava saber o que eles faziam, buscava entender o que é que eles pretendiam, o que o programa queria, quem eram os professores, quem participava, qual era o propósito, qual o objetivo que o programa realmente tinha, se batia com que era dito né. . E aí, através disso, através também dos alunos que passavam para mim tudo que era trabalhado lá dentro do programa que eu tive interesse.</p> <p>9- [...]então, quando abriu novamente novas vagas, na segunda abertura né foi que pude me inscrever e Voluntariamente aceitei participar,</p>

	<p>pude ver que foi uma das melhores escolhas que eu fiz durante a graduação (faz o gesto com uma das mãos).</p>	<p>porque era um momento em que eu sabia que não iam ter muitos, eu tava já no término da graduação então era agora ou agora.</p> <p>10- [...]A partir do programa foi que eu vi, fiquei pensando que tive muitas oportunidades que eu perdi a partir dele eu percebi, mas que eu fiquei muito agradecida né ao programa mesmo participando voluntariamente dessa edição que mostrou que tem seus objetivos e objetivos que foram alcançados né?</p> <p>11- Achei incrível como foi dito também que eu pude participar da UEI né na educação infantil que poucos programas né tem a educação infantil é... que tem educação infantil para ser atuado né?</p> <p>12- [...]Jessa edição eu gostei muito e até indiquei muito também. Tive a minha experiência e passei exatamente isso para os outros, porque muitos também tem esse medo, esse receio de participar de programas. Mas a partir desse eu pude ver que foi uma das melhores escolhas que eu fiz durante a graduação.</p>
<p>4- Maria você falou que participar do Programa Residência Pedagógicas foi uma das melhores escolhas que você fez durante a graduação. Você poderia falar um pouco mais sobre isso?</p>	<p>R4- Porque foi um momento, foi um momento em que eu pude... sei lá eu me sentia muito à vontade, eu me sentia muito à vontade no Programa com os professores durante as aulas que tinham na Universidade, com os preceptores (levanta as sobrancelhas) todos, todos me deixaram muito à vontade (movimenta uma das mãos). É como até a professora Antônia muitas vezes cita (risos) é... eu me mostrei (aponta com uma mão para si) outra pessoa eu era muito na minha, eu não discutia muito (franzi a testa) é... não dialogava muito (coça o olho com um dedo) com essa questão é... da educação em si (levanta as sobrancelhas) né? E a partir do (coça o olho com um dedo) programa foi que eu pude me</p>	<p>13- [...] foi um momento em que eu pude... sei lá eu me sentia muito à vontade, eu me sentia muito à vontade no Programa com os professores durante as aulas que tinham na Universidade, com os preceptores todos, todos me deixaram muito à vontade.</p>

	<p>abrir, para conversar, para dialogar é ... questionar também, porque eu também não tinha muitos questionamentos, mas eu pude fazer mais questionamentos (bem enfática) e procurar as minhas respostas coisa que se talvez eu não tivesse participado teria terminado a graduação sem elas (sorrir e levanta as sobrancelhas).</p>	<p>14- [...] eu me mostrei outra pessoa eu era muito na minha, eu não discutia muito é... não dialogava muito com essa questão é... da educação em si né? 15- [...] E a partir do programa foi que eu pude me abrir, para conversar, para dialogar é ... questionar também, porque eu também não tinha muitos questionamentos, mas eu pude fazer mais questionamentos e procurar as minhas respostas. 16- [...] talvez se eu não tivesse participado teria terminado a graduação sem elas.</p>
<p>5- Maria e quais foram os desafios que você enfrentou durante a sua participação no Programa Residência Pedagógica?</p>	<p>R5-Desafios é... lógico como voluntária eu tinha que dar meus pulos para ir à escola por mais “perto” (abre aspas) que ainda fosse (coloca o dedo na boca). E, aí muitas vezes no desespero por caronas é... (pensando) tinha dias também que às vezes não batia com as minhas caronas é... (olha para cima e coloca o dedo na boca) tive também o receio por ser uma escola pública, porque durante a minha vida estudei em escola particular e aí os contatos que eu tive com escolas públicas foi justamente durante o estágio e o momento do estágio (movimenta uma das mãos) é um momento ali rápido né, (coloca a mão no queixo) porque a gente sabe que não tem algo mais fixo e de mais tempo, de mais duração e foi aí que eu percebi (movimenta uma das mãos) que eu precisava ter mais momentos desses, precisava entender mais essa realidade que eu não (aponta para si com uma mão) tive né e o meu desafio (aponta para si) foi esse foi entender, foi compreender, foi participar dessa realidade que é totalmente diferente (movimenta a cabeça) né de particular. Os meus maiores desafios no programa foram esses mesmos essa questão de ser voluntária (aponta para si) e buscar estar, participar em todos os momentos e desse momento da questão mesmo pública.</p>	<p>17- [...] lógico como voluntária eu tinha que dar meus pulos para ir à escola por mais “perto” que ainda fosse. 18- [...]E, aí muitas vezes no desespero por caronas é... tinha dias também que às vezes não batia com as minhas caronas. 19- [...] o receio por ser uma escola pública, porque durante a minha vida estudei em escola particular [...] 20- [...]os contatos que eu tive com escolas públicas foi justamente durante o estágio e o momento do estágio é um momento ali rápido, porque a gente sabe que não tem algo mais fixo e de mais tempo, de mais duração. 21- [...] eu percebi que eu precisava ter mais momentos desses, precisava entender mais essa realidade que eu não tive né e o meu desafio foi esse foi entender, foi compreender, foi participar dessa realidade que é</p>

		totalmente diferente né de particular.
6- Maria você falou sobre os desafios que encontrou durante a sua participação no Residência Pedagógica o primeiro por ser voluntária e o segundo por conhecer a realidade de uma escola pública. Diante desses desafios e de suas vivências no programa quais são as suas sugestões para a próxima edição do programa?	R6- Na verdade, assim é porque nos meus desafios (aponta com uma mão para si) as sugestões não são não para o programa, não é para essa parte, seria mais para quem participa né se alguém passar pela mesma dificuldade que eu passei (aponta para si) nesses mesmos pontos que eu citei é não desistir né, mas que no final dá certo.	22- [...] as sugestões não são não para o programa, não é para essa parte, seria mais para quem participa né se alguém passar pela mesma dificuldade que eu passei nesses mesmos pontos que eu citei é não desistir né, mas que no final dá certo.
7- Maria você falou que uma das dificuldades foi o fato de você ser voluntária, ou seja, você teve custear as idas e vindas a escola e a UERN semanalmente quando não conseguia carona. Gostaria que você falasse um pouco sobre isso.	R7- Shirley o valor ajudaria não vou mentir que ajudaria, mas sabemos a realidade né? E, diante da realidade, infelizmente não há muito o que ser feito né (movimenta uma das mãos)? O que deveria ter mesmo era mais bolsas, ter mais oportunidades assim para essas pessoas né? Mais bolsistas, mas sabemos que de antemão não é do programa em si né? Vem de toda essa questão política (olha para baixo). E aí vem mais, por isso mesmo de ofertar, seria ofertar mais mesmo, mas infelizmente sabemos que por mais tentativa que a gente já tenha, porque eu já vi o quanto tentaram até para que eu pudesse ser bolsista, mas não (balança negativamente a cabeça) deu certo.	23- Shirley o valor ajudaria não vou mentir que ajudaria, mas sabemos a realidade né? 24- [...] O que deveria ter mesmo era mais bolsas, ter mais oportunidades assim para essas pessoas né? 25- Mais bolsistas, mas sabemos que de antemão não é do programa em si né? Vem de toda essa questão política. 26- [...], mas infelizmente sabemos que por mais tentativa que a gente já tenha, porque eu já vi o quanto tentaram até para que eu pudesse ser bolsista, mas não deu certo.
8- Maria o Programa Residência Pedagógica faz parte das políticas públicas e apresenta como um dos objetivos aperfeiçoar a formação dos discentes dos cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortalecem o campo da prática e assim o licenciando possa exercer de uma forma mais ativa a relação entre a teoria e a prática, utilizando coletas de dados, diagnósticos sobre o ensino-aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias. Então, Maria eu gostaria que você relatasse como foram as experiências vivenciadas no Programa Residência Pedagógica.	R8- Passei por muitos projetos né (coloca a mão no queixo) que não havia passado, não tive oportunidade, tive a oportunidade durante o programa (coloca a mão no queixo) é... projetos que inicialmente foram muito difíceis a serem pensados né? Colocar em prática (bem enfática) porque como na minha época era de diversidade (levanta as sobrancelhas) aí você diz que é muito amplo. É muito amplo. Talvez seja essa dificuldade né de trazer (risos), enxugar ali (faz um gesto) para você trabalhar com as crianças essa questão da diversidade. E, aí foi através disso né foi através das dificuldades. É... quais eram as didáticas (franzi a testa) a serem trabalhadas, o método a ser trabalhado, identificar quais seriam as melhores metodologias a serem trabalhadas em cada sala de aula, porque a gente não ficava só em uma sala de aula (movimenta a cabeça). A gente ficava passando por toda a escola (levanta as sobrancelhas) então toda sala de aula é individual né? Além das crianças também serem	27- Passei por muitos projetos né que não havia passado não tive oportunidade, tive a oportunidade durante o programa. 28- Projetos que inicialmente foram muito difíceis a serem pensados né? Colocar em prática [...] 29- [...] aí foi através disso né foi através das dificuldades. É... quais eram as didáticas a serem trabalhadas, o método a ser trabalhado, identificar quais seriam as melhores

	<p>né (movimenta a cabeça) e terem a sua particularidade (passa a mão no pescoço). E, aí minhas expectativas foram tipo superadas, as minhas expectativas elas foram bem baixas em relação ao que eu tive (aponta para si) né? No final, eu fiquei muito feliz assim, porque foi superada mesmo né, porque como eu disse eu tinha os comentários já de participantes. E aí eu vi que havia muita dificuldade inicialmente né? O que eu tive medo até como eu disse no receio de ser de ser de algo novo (movimenta uma das mãos), de funcionar (gesto com uma das mãos), de dá certo e eu vi aqui que ainda havia muitos problemas né durante essa questão da prática em si. Mas eu vi que era por compromisso então eu tive que ter o compromisso de estar ali (movimento de mãos), de estar à frente (movimento de uma das mãos), de participar (gesticula com uma das mãos), de me manter, não me manter ausente é porque a partir do momento que se mantém ausente (levanta as sobrancelhas) você para de fazer com que o objetivo seja alcançado.</p>	<p>metodologias a serem trabalhadas em cada sala de aula.</p> <p>30- [...] porque a gente não ficava só em uma sala de aula né. A gente ficava passando por toda a escola então toda sala de aula é individual né?</p> <p>31- [...] E, aí minhas expectativas foram tipo superadas, as minhas expectativas elas foram bem baixas em relação ao que eu tive né? No final, eu fiquei muito feliz assim, porque foi superada mesmo né[...]</p> <p>32- [...] eu vi aqui que ainda havia muitos problemas né durante essa questão da prática em si. Mas eu vi que era por compromisso então eu tive que ter o compromisso de estar ali, de estar à frente, de participar, de me manter, não me manter ausente é porque a partir do momento que se mantém ausente você para de fazer com que o objetivo seja alcançado.</p>
<p>9- Maria sobre os encontros que aconteciam semanalmente na UERN você pode relatar como eram esses encontros? Como eles contribuíram para o desenvolvimento dessa prática na escola?</p>	<p>R9-Sim, com certeza. Contribuíram muito, porque temos as experiências dos próprios docentes que estão ali à frente para dar aquele encaminhamento, mas também tínhamos os colegas que estavam no programa e também os colegas de outros programas é... gostava muito quando fazia a união dos programas, porque quanto mais gente, mais você tinha algo a ser relatado, algo a ser discutido e era algo (olha para baixo) que sempre vinha a fazer a gente pensar muito. É... coisas que vinham a discussão que no final você não tinha o resultado né? Não adianta você buscar uma resposta que você não ia obter ali. Cada um teria sua realidade, seu modo de trabalho, mas que era algo a ser pensado, algo a ser discutido, novos assuntos também, metodologias principalmente metodologias a serem trabalhadas (passa a mão no pescoço), às vezes com coisas dos temas pequenos que faziam grandes projetos (usa uma das mãos). Além da diversidade, também de questão como eu disse da UEI misturar Educação Infantil com Ensino Fundamental (usa as mãos). E aí toda a parte da Educação Básica né? (levanta as sobrancelhas). Essa mistura que vinha a fazer você refletir né? Você ressignificar</p>	<p>33- [...] contribuíram muito, porque temos as experiências dos próprios docentes que estão ali à frente para dar aquele encaminhamento, mas também tínhamos os colegas que estavam no programa e também os colegas de outros programas.</p> <p>34- [...] gostava muito quando fazia a união dos programas, porque quanto mais gente, mais você tinha algo a ser relatado, algo a ser discutido e era algo que sempre vinha a fazer a gente pensar muito.</p> <p>35- [...] Cada um teria sua realidade, seu modo de trabalho, mas</p>

		<p>questão mesmo assim de medo, de receio. Não! Chegava lá, eu perguntava, sem nenhum problema.</p>
<p>11- E o contato Maria com as demais professoras da UEI contribuiu para a sua formação, para o seu desenvolvimento? Fale um pouco sobre isso.</p>	<p>R11- Sim. É... Cada uma como eu disse cada pessoa né trabalha de um jeito, tem o seu jeito de trabalhar, mas que você pode adquirir ali, você pode, no caso como é que eu posso dizer (coloca a mão no queixo e olha para cima) você pode pegar (usa uma das mãos) tanto as melhores coisas dessa pessoa como as piores. Porque serve (movimenta uma das mãos) como aprendizado não adianta você tá ali criticando uma pessoa que tá todo dia com aquela turma, que já tá há tantos anos de trabalho. Ah, essa professora fulana é assim ,assim ,assim não adianta você criticar, porque você sabe que ela já tem um tempo sabe como ela trabalha que pessoas também passam por problemas que muitas vezes tem essa questão mesmo emocional que muitas pessoas não conseguem enxergar que você mesmo que já passou ainda vai passar por isso, mas que esses momentos bons (coça o rosto) e ruins você também pode estar ali acolhendo para você (aponta para si) né já para a sua prática seja eles positivos ou negativos, pontos positivos ou negativos né você vai acolhendo para a sua prática. E, aí eu pude ver que cada professora também tinha sua singularidade (risos) em modo de ensinar muitas pronto uma trabalhava muito com a literatura, onde eu achava muito interessante, outra já trabalhava muito com o lúdico né. E, aí você tem vários modos de trabalhar onde você pode adquirindo o que você acha que combina mais com a sua prática (aponta para si), a sua prática docente.</p>	<p>41- [...] Cada uma como eu disse cada pessoa né trabalha de um jeito, tem o seu jeito de trabalhar, mas que você pode adquirir ali, você pode, no caso como é que eu posso dizer você pode pegar tanto as melhores coisas dessa pessoa como as piores. Porque serve como aprendizado.</p> <p>42- [...] momentos bons e ruins você também pode estar ali acolhendo para você né já para a sua prática seja eles positivos ou negativos.</p> <p>43- [...] eu pude ver que cada professora também tinha sua singularidade em modo de ensinar [...]</p> <p>44- [...] você tem vários modos de trabalhar onde você pode adquirindo o que você acha que combina mais com a sua prática, a sua prática docente.</p>
<p>12- Maria qual a importância do Residência Pedagógica para o seu desenvolvimento pessoal?</p>	<p>R12-Pessoal me deixar mais confiante né. Mais confiante dentro de uma sala de aula mesmo, porque quando você fala pessoal a gente não pode diferenciar o pessoal do caso do profissional né? O pessoal também está lá junto comigo ele me deixou mais confiante mesmo (levanta as sobrancelhas) no meu trabalho, na minha posição, durante as minhas práticas, do modo que eu acho que esteja referente a cada sala de aula claro né. É ... Mais foi mesmo essa confiança em mim eu durante o programa pude confiar mais em mim para profissão, em mim como professora mesmo.</p>	<p>45- Pessoal me deixar mais confiante né. Mais confiante dentro de uma sala de aula [...]</p> <p>46- [...]ele me deixou mais confiante mesmo no meu trabalho, na minha posição, durante as minhas práticas, do modo que eu gosto de trabalhar, do modo que eu acho que esteja referente a cada sala de aula [...]</p> <p>47- [...] mais foi mesmo essa confiança em mim eu durante o programa pude confiar mais em</p>

		mim para profissão, em mim como professora mesmo.
13 - Maria e como pessoa?	R13-Como pessoa sofri muito né, sofri muito (passa a mão no pescoço) assim com a realidade. Como eu já havia dito né, mas pude ser mais humana (levanta as sobrancelhas) eu digo assim, porque muitas vezes é... até me emociono muito quando falo (nesse momento a entrevistada chora) porque você passa por aquela realidade que não é fácil, você vê aquelas crianças né e situações que você, às vezes, fica assim sem, sem chão né? Principalmente como eu disse nunca tinha passado por realidades como essa é triste você ver que, às vezes, a criança quer, busca, mas que não há condições né tão favoráveis a isso, mas que busco isso mesmo a questão humana de ver o outro né, de entender, de estar ali né. Não mais como profissional, mas como pessoa mesmo que ele tem, saiba que tem alguém. (Ela chorou durante todo esse trecho).	48- Como pessoa sofri muito né, sofri muito assim com a realidade. 49- Como eu já havia dito né, mas pude ser mais humana eu digo assim, porque muitas vezes é... até me emociono muito quando falo porque você passa por aquela realidade que não é fácil , você vê aquelas crianças né e situações que você, às vezes, fica assim sem, sem chão né? 50- [...] eu nunca tinha passado por realidades como essa é triste você ver que, às vezes, a criança quer, busca, mas que não há condições né tão favoráveis. 51- [...], mas que busco isso mesmo a questão humana de ver o outro né, de entender, de estar ali né.
14 Maria você tem algo a mais a acrescentar? Algo que gostaria de dizer?	R14-Digo mais referente a aqueles que ainda não ingressaram em nenhum programa né? Que busque sim, principalmente o Residência Pedagógica (balança positivamente a cabeça) que é o que eu, eu posso dizer que vale muito a pena né, tanto para o desenvolvimento profissional como pessoal, principalmente.	52- Digo mais referente a aqueles que ainda não ingressaram em nenhum programa né? Que busque sim, principalmente o Residência Pedagógica que é o que eu, eu posso dizer que vale muito a pena né, tanto para o desenvolvimento profissional como pessoal, principalmente.
15 Maria muito obrigada pelas suas contribuições. Por enquanto encerramos por aqui.	R15- Ok. Qualquer coisa pode falar sim sem problema nenhum. Eu que agradeço.	
1-Boa tarde, Maria. Gostaria mais uma vez de agradecer a sua colaboração na nossa pesquisa. E, hoje a gente vai só reforçar algumas questões que não ficaram tão claras durante a primeira entrevista. Então, Maria você falou que participar do Residência Pedagógica foi uma das melhores escolhas que você fez	R1-Boa tarde. Sobre questionamentos e respostas, quando eu falei né? Eu me referi a dúvidas durante a graduação (levanta as sobrancelhas), sobre o curso de Pedagogia em si, a profissão, como professora. Então, eu falo de atuação dentro da sala de aula (levanta as sobrancelhas), principalmente quando eu me refiro a questionamentos, porque eu tinha dúvidas de como era, justamente trabalhar	53- [...] eu me referi a dúvidas durante a graduação, sobre o curso de Pedagogia em si, a profissão , como professora. 54- [...] falo de atuação dentro da sala de aula,

<p>durante a graduação, dentre outros motivos, porque você pode fazer mais questionamentos e buscar respostas. Nesse sentido, gostaria que você falasse que questionamentos foram esses e que respostas você obteve.</p>	<p>dentro de uma sala de aula e principalmente trabalhar dentro da sala de aula de uma escola pública (movimenta a cabeça) e como eu disse durante toda a minha entrevista eu só tinha mais contato com redes privadas. Então, os meus questionamentos eram quanto a atuação (passa a mão no pescoço) na docência (movimenta uma das mãos) numa rede pública.</p>	<p>principalmente quando eu me refiro a questionamentos, porque eu tinha dúvidas de como era, justamente trabalhar dentro de uma sala de aula e principalmente trabalhar dentro da sala de aula de uma escola pública.</p>
<p>2-E, que respostas você obteve vivendo essa realidade da escola pública?</p>	<p>R2-Que... Foi mais afirmações (franzi um pouco a testa) dos comentários que eu recebia né de que a realidade não é fácil, de que ser professora não é só ser professora você não está ali apenas para ensinar você, às vezes, aprende mais do que ensina (levanta as sobrancelhas), que você tem que viver a realidade do local onde você está, no qual você está inserido, é... (olha para cima e passa a mão no pescoço) as práticas por mais planejamentos, no caso, por mais que você planeje, eles vão sempre estar em modificações, porque sempre acontece algo que não é esperado, seja ele positivo ou negativo, o que eu pude ver também é que você precisa estar sempre também inovando muito (movimenta as mãos), estudando muito, sempre está atualizando foram mais essas questões mesmo para obter como resposta.</p>	<p>55-[...] afirmações dos comentários que eu recebia né de que a realidade não é fácil, de que ser professora não é só ser professora você não está ali apenas para ensinar você, às vezes, aprende mais do que ensina, que você tem que viver a realidade do local onde você está, no qual você está inserido, é... as práticas por mais planejamentos, no caso, por mais que você planeje, eles vão sempre estar em modificações, porque sempre acontece algo que não é esperado, seja ele positivo ou negativo [...]</p> <p>56-[...] precisa estar sempre inovando muito, estudando muito, sempre está atualizando.</p>
<p>3- Maria além dessas respostas de que forma a Escola pública contribuiu para sua formação?</p>	<p>R3- Pronto na formação (passa a mão no pescoço) eu trago tanto a profissional, como a pessoal eu não distingo elas duas (movimenta os dedos), não faço essa diferenciação. Então, ela veio contribuir mais em questão mesmo de prática (abre bem os olhos e levanta as sobrancelhas), principalmente teoria e prática não tem como dissociar isso. Entender a minha profissão (aponta para si), porque eu tinha muitos estudos (usa a mão para indicar muitos) né na teoria, como se fala tinha muitos estudos, mas foi realmente lá <i>in lócus</i> né que eu consegui compreender (movimenta as mãos) o que é que esses estudos estavam dizendo, o que é que significavam, o que é que eles tratavam, quais eram as possibilidades (franzi a testa), as dificuldades que eles citavam. É... as renovações que tem que ter, as significações que nós também participamos né, que nós sentimos (aponta para si). Então, eu só digo assim a contribuição é totalmente essa de</p>	<p>57-[...] então, ela veio contribuir mais em questão mesmo de prática, principalmente teoria e prática não tem como dissociar isso.</p> <p>58- Entender a minha profissão, porque eu tinha muitos estudos né na teoria, como se fala tinha muitos estudos, mas foi realmente lá <i>in lócus</i> né que eu consegui compreender o que é que esses estudos estavam dizendo, o que é que significavam, o que é que eles tratavam, quais</p>

	<p>significar coisas que a gente talvez nunca tenha nem pensado ou imaginado que aconteceria (levanta as sobrancelhas).</p>	<p>eram as possibilidades, as dificuldades que eles citavam [...]</p> <p>59-[...] a contribuição é totalmente essa de significar coisas que a gente talvez nunca tenha nem pensado ou imaginado que aconteceria.</p>
<p>4- Durante a primeira entrevista você falou que não ficava só numa sala, mas passava por toda a escola. Gostaria que você falasse um pouco mais sobre essa questão.</p>	<p>R4-Como o Residência era muito bem visto dentro da escola, já tinha mesmo de todas as professoras quererem que a gente passasse por cada sala delas que a gente passasse por cada sala delas (risos). Então foi pensando nisso também (olha para baixo) e a gente fez uma organização e rodízio então ficamos sim. É... os residentes sempre alternavam as salas de aula, para que pudesse contemplar todas, todos os ensinos, de todos os anos que a escola disponibilizava. E, foi muito gratificante até acredito que é bem mais do que se fosse somente uma sala, porque (passa a mão no cabelo) a gente pode ver individualmente o ensinar de cada professor e aprender e quanto ao ensinar seja com questões positivas ou negativas, porque a gente tem também a contribuição de pontos que a gente pode achar negativo e trazer para o nosso jeito de trabalhar (aponta para si), de ser, de fazer a nossa prática. Porque existe muitas questões (franzi a testa) das pessoas falarem tipo assim a fulaninha (franzi a testa) não gosta de dá aula, a gente vê que ela não tem mais vontade, que não tá mais nem aí, não sei o quê, mas a gente tem que ver também é igual aluno, a gente tem que ver também tudo que tem por trás, toda a história e foi assim que a gente entendeu o ensinar de cada uma, porque tinha uma que trabalhava muito pela literatura e por que pela literatura (franzi a testa)? Aí quando você ia ver a professora gostava muito de literatura, ela poderia se expor mais assim de forma literária. Então, cada um tem seu jeito de ser a talvez eu não gostasse tanto realmente de utilizar literatura, mas eu pude ver que há pontos em que a literatura vai ser muito mais significativa (levanta as sobrancelhas) para os meus alunos do que se eu trouxesse de qualquer outra maneira. Então há pontos negativos e positivos que você vai trazer para sua realidade né para o seu jeito a partir de você, (aponta para si) da sua prática. Essa questão maior de conhecer mesmo todas as professoras, de como cada uma trabalhava para poder formar o meu jeito, o meu modo de trabalhar.</p>	<p>60- Como o Residência era muito bem visto dentro da escola, já tinha mesmo de todas as professoras quererem que a gente passasse por cada sala delas [...]</p> <p>61-[...] os residentes sempre alternavam as salas de aula, para que pudesse contemplar todas, todos os ensinos, de todos os anos que a escola disponibilizava.</p> <p>62- [...] foi muito gratificante até acredito que é bem mais do que se fosse somente uma sala, porque a gente pode ver individualmente o ensinar de cada professor e aprender e quanto ao ensinar seja com questões positivas ou negativas[...]</p> <p>63-[...] essa questão maior de conhecer mesmo todas as professoras, de como cada uma trabalhava para poder formar o meu jeito, o meu modo de trabalhar [...]</p>
<p>5- De quanto em quanto tempo acontecia o rodízio?</p>	<p>R5-De quanto em quanto tempo? Era (olha para cima e pensa) mais ou menos semanalmente, porque como eu entrei bem no finalzinho, nas correrias (franzi a testa) eu realmente ia muito, também por conta da carga horária e tipo toda vida que a gente ia, a gente vai essa semana era sempre o rodízio, eu vou um dia para essa sala</p>	<p>64-[...] mais ou menos semanalmente, porque como eu entrei bem no finalzinho, nas correrias eu realmente ia muito, também por conta da carga horária [...]</p>

	<p>de aula, no outro dia já vou para outra, a gente não ficava a semana inteira em uma, dificilmente acontecia, dependendo do plano de trabalho de cada professor que não se encaixava e a gente tinha que ficar na mesma sala.</p>	
<p>6- Maria você falou na primeira entrevista que o Programa Residência Pedagógica ele contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal, na medida em que ele deixou mais confiante dentro da sala de aula e no seu trabalho. Maria hoje você atua como professora? Então me fale como o Residência Pedagógica contribuiu para o seu fazer pedagógico na condição de professora e não mais de aluna?</p>	<p>R6- Pronto atuei até dezembro, até dezembro do ano passado. De professora, como eu no Residência fazia parte da Educação Infantil (levanta as sobranças) eu inicialmente fui chamada para trabalhar na educação infantil só que quando é... fui lá para definir eles disseram que eu iria assumir uma sala de educação infantil. Quando foi no outro dia me disseram que eu iria assumir uma sala do Ensino Fundamental aí eu endoidei, comecei a pensar: Meu Deus eu passei tanto tempo realmente significando, ressignificando meus saberes, sendo que eu não prestava atenção que era sempre na educação infantil e agora eu ia lidar com ensino fundamental. Então, comecei a me desesperar achando que eu não conseguiria assumir uma sala de aula de ensino fundamental por ter passado todo esse tempo somente na educação infantil. Só que ao começar (olha para cima) , a primeira semana foi algo que eu comecei a tratar de conhecer, da mesma forma que foi no Residência eu sempre falo muito que parecia que eu estava no Residência Pedagógica, porque eu tava ali, tentando entender (levanta uma das mãos) ainda como era aquele espaço (movimenta as mãos), como era ficar ali em frente aquela turma e foi quando eu pensei se eu tinha minhas dúvidas durante o Residência e pude tirar as minhas dúvidas (movimenta as mãos) e obter as minhas respostas e me fez mais confiante dentro do âmbito da Educação Infantil, porque não agora durante o ensino fundamental. Depois, da primeira semana eu tava totalmente confiante (balança a cabeça), não parecia (balança negativamente a cabeça) que tinha tido muitas experiências somente em educação infantil, pude trazer também os conhecimentos do Residência (balança a cabeça e abre bem os olhos), porque a minha turma não era do Ensino Fundamental, mas o Residência também tinha residentes que faziam parte do Ensino Fundamental então com a troca de conhecimentos, com as conversas, com os diálogos que a gente teve durante o Residência Pedagógica, eu pude me aproximar mais, lembrando tudo isso que era visto, tudo isso que foi tratado no Residência e trazendo para a minha sala de aula (aponta para si). Muitos relatos de residentes que estavam lá no Ensino Fundamental se adequaram a minha sala de aula (levanta as sobranças), muitas modificações, muitos planejamentos também, trabalhei até algumas práticas pedagógicas de residentes lá na sala de aula e foi bastante significativa para os alunos e aí foi desse jeito eu posso dizer da mesma forma que contribuiu pra Educação Infantil, pra a minha vida pessoal, pra a minha vida profissional eu pude trazer também para o Ensino Fundamental que foi o caso da minha</p>	<p>65-[...] como eu no Residência fazia parte da Educação Infantil eu inicialmente fui chamada para trabalhar na educação infantil [...]</p> <p>66-[...] quando foi no outro dia me disseram que eu iria assumir uma sala do Ensino Fundamental aí eu endoidei, comecei a pensar: Meu Deus eu passei tanto tempo realmente significando, ressignificando meus saberes, sendo que eu não prestava atenção que era sempre na educação infantil e agora eu ia lidar com ensino fundamental.</p> <p>67- Então, comecei a me desesperar achando que eu não conseguiria assumir uma sala de aula de ensino fundamental por ter passado todo esse tempo somente na educação infantil.</p> <p>68- Só que ao começar, a primeira semana foi algo que eu comecei a tratar de conhecer, da mesma forma que foi no Residência eu sempre falo muito que parecia que eu estava no Residência Pedagógica.</p> <p>69-[...] quando eu pensei se eu tinha minhas dúvidas durante o Residência e pude tirar as minhas dúvidas e obter as minhas respostas e me fez mais confiante dentro do âmbito da Educação Infantil, porque não agora durante o ensino fundamental.</p>

	<p>atuação após o Residência Pedagógica. O Residência me causou (aponta para si) muitas coisas boas e produtividade, principalmente.</p>	<p>70- Pude trazer também os conhecimentos do Residência, porque a minha turma não era do Ensino Fundamental, mas o Residência também tinha residentes que faziam parte do Ensino Fundamental então com a troca de conhecimentos, com as conversas, com os diálogos que a gente teve durante o Residência Pedagógica, eu pude me aproximar mais, lembrando tudo isso que era visto, tudo isso que foi tratado no Residência e trazendo para a minha sala de aula.</p> <p>71- Muitos relatos de residentes que estavam lá no Ensino Fundamental se adequaram a minha sala de aula, muitas modificações, muitos planejamentos também, trabalhei até algumas práticas pedagógicas de residentes lá na sala de aula[...]</p> <p>72- [...] contribuiu pra Educação Infantil, pra a minha vida pessoal, pra a minha vida profissional.</p> <p>73-O Residência me causou muitas coisas boas e produtividade, principalmente.</p>
<p>7- Maria e se você não tivesse participado do Residência? (risos)</p>	<p>R7- Eu tinha endoidado mais ainda (risos), porque se eu já me desesperei imagine se eu não tivesse tido essa experiência, porque se eu for levar a experiência somente do estágio supervisionado 2 (franzi a testa) é para dentro de sala de aula não vai ter as mesmas significações (balança a cabeça negativamente), porque você por mais que seja o momento sim de aprendizagem e tudo mais, por mais que seja tudo isso, é diferente você está no estágio supervisionado. E, você está em um programa é super diferente e fora o contato, fora as conversas, fora o diálogo. No estágio não, cada um tem seu momento e chega um dia (levanta as sobrancelhas) em que a gente vai fazer a discussão com todos e finalizando (abre bem os</p>	<p>74-Eu tinha endoidado, porque se eu já me desesperei imagine se eu não tivesse tido essa experiência, porque se eu for levar a experiência somente do estágio supervisionado 2 é para dentro de sala de aula não vai ter as mesmas significações [...]</p> <p>75-[...] porque você por mais que seja o momento sim de</p>

	olhos) já depois de tudo. Então, você não vai significando dia após dia, semana após semana.	aprendizagem e tudo mais, por mais que seja tudo isso, é diferente você está no estágio supervisionado. E, você está em um programa é super diferente e fora o contato , fora as conversas , fora o diálogo . No estágio não, cada um tem seu momento e chega um dia em que a gente vai fazer a discussão com todos e finalizando já depois de tudo. Então você não vai significando dia após dia, semana após semana.
8-Maria, mas você não tinha participado de nenhum programa formativo? O Residência foi o primeiro?	R8-Issso (balança positivamente a cabeça). Eu que agradeço.	
9-Muito obrigada pelas ricas contribuições na nossa pesquisa.	Eu que agradeço.	

QUESTÕES	RESPOSTAS	PRÉ-INDICADORES
<p>1- Inicialmente gostaria de agradecer a sua participação na nossa pesquisa e dizer que é uma satisfação poder ouvir as suas significações sobre o RESPED. Ademilza o título da nossa pesquisa é: Programa Residência Pedagógica: As significações constituídas por egressas do Curso de Pedagogia da UERN. Para a escolha das egressas minha orientadora e eu definimos alguns critérios, como: Ter participado do Programa Residência Pedagógica; Ter disponibilidade e interesse de participar da nossa pesquisa; Ser egressa da Escola Estadual como é o seu caso e a outra da UEI. E, você foi felizada e atendeu a todos os critérios (risos). Então, Ademilza eu gostaria que você falasse um pouco sobre você, os seus dados pessoais, como foi a sua vida estudantil e aí você pode destacar a sua vida acadêmica, pode ser?</p>	<p>R1- Pode ser. É... (coloca o dedo no queixo e olha para cima). Bom eu me chamo (olha para baixo) Ademilza. Tenho 26 anos. Sempre estudei em escola pública (olha para baixo), mas eu não queria ser professora, desde de criança eu nunca quis, porém no decorrer (usa as mãos para expressar tempo decorrido) eu fui ressignificando (usa as mãos) o significado de ser professor (usa as mãos), o que é ser professor à medida em que o tempo foi passando (usa a mão para indicar essa expressão) eu fui vendo a importância real e uma das coisas que me motivou muito (aponta para si) a continuar estudando e a ser professor foi por causa da minha avó. Minha avó ela... (coloca a mão no queixo) o meu bisavô não permitiu que ela continuasse os estudos dela, porque ela era mulher (risos) e ele não queria que minha avó “sustentasse” (abre aspas) o marido. No caso minha avó tinha que ser sustentada pelo marido. E minha vó queria ser professora (usa as mãos) e eu via isso nela: minha filha a única que eu posso lhe dar é a educação que eu não pude ter. Então eu fui muito nesse ponto sabe do que é ser professor, de buscar uma formação (usa as mãos). Pedagogia não era minha primeira opção de curso era minha segunda opção a primeira Psicologia ou aliás (olha para cima) era a minha terceira opção, porque eu também queria muito fazer História e eu inclusive eu passei em História na UFRN, mas infelizmente por questões financeiras eu não tive como me deslocar até Natal (usa as mãos) para fazer o curso. Então, eu tive a oportunidade de ingressar no curso de Pedagogia que já era minha terceira opção e estava entre as áreas afins. Então, cursei Pedagogia e me encontrar no curso foi o mais importante para mim, principalmente no Ensino Fundamental. Eu me encontrei no Ensino Fundamental e isso foi muito gratificante, destaco nesse ponto o RESPED. Então a vontade de ter uma graduação, de me encontrar numa área em que eu me encontrasse realmente, que eu gostasse de participar (usa as mãos), que eu me envolvesse de uma maneira que está à frente de uma sala de aula seja para mim gratificante, porque eu acredito que antes do valor econômico né? (usa as mãos). Da questão financeira eu acho que é você também é querer estar nessa profissão (usa uma mão para expressar esse desejo), você quer ser aquilo que você escolheu no seu âmbito profissional que eu acho que isso para mim é que é importante.</p>	<p>1- Sempre estudei em escola pública, mas eu não queria ser professora desde de criança que eu nunca quis, porém no decorrer eu fui ressignificando o significado de ser professor, o que é ser professor à medida em que o tempo foi passando eu fui vendo a importância real e uma das coisas que me motivou muito a continuar estudando e a ser professor foi por causa da minha avó [...] minha avó queria ser professora [...]</p> <p>2- Então, cursei Pedagogia e me encontrar no curso eu acho que isso foi o mais importante para mim, principalmente no Ensino Fundamental. Eu me encontrei no Ensino Fundamental e isso foi muito gratificante, destaco nesse ponto o RESPED.</p> <p>3- Então a vontade de ter uma graduação, de me encontrar numa área em que eu me encontrasse realmente, que eu gostasse de participar que está à frente de uma sala de aula seja para mim gratificante [...] Antes do valor econômico [...] você quer ser aquilo que você escolheu [...]</p>
<p>2- Ademilza você falou que a escolha em cursar Pedagogia se deu dentre outros motivos por uma questão familiar, especialmente ligada à sua avó. Que outros fatores contribuíram para que você se encontrasse na profissão do ser professor a qual você se referiu?</p>	<p>R2- Do ser professor (coloca a mão no queixo e olha para cima). Eu acho que eu me encontrei realmente para falar a verdade no decorrer da graduação. Eu acho que eu realmente decidi (balança a cabeça, afirmando) é aqui que eu escolhi ser professor é aqui que eu vou ficar foi na graduação mesmo com as experiências que eu tive, que eu pude ter com o estágio não obrigatório que eu participei, dos estágios e também do Residência (abre bem os olhos). A teoria unindo a prática (usa as mãos) eu acho que foi ali foi na graduação mesmo que descobri que eu queria (usa as mãos) realmente ser professor.</p>	<p>4- [...] acho que eu realmente decidi é aqui que eu escolhi ser professor é aqui que eu vou ficar foi na graduação mesmo com as experiências que eu tive, que eu pude ter com o estágio não obrigatório que eu participei, dos estágios e também do Residência. A teoria unindo a prática [...]</p>
<p>3- Ademilza você já tinha participado de outro programa formativo?</p>	<p>R3- Não. O Residência foi o primeiro Programa Formativo que participei (balança a cabeça, afirmando) nunca tinha participado de nenhum.</p>	

<p>4- Ademilza e quais foram os motivos que lhe fizeram participar do RESPED?</p>	<p>R4- Eu vim ingressar no Residência Pedagógica nos últimos períodos do curso (olha para cima) acho que eu entrei no sexto ou foi no sétimo eu não me recordo (olha para baixo) o que me fez querer entrar no Residência Pedagógica foi justamente querer adquirir mais essa experiência da formação docente (usa as mãos), de estar à frente de uma sala de aula, é...(olha para cima) vivenciar mais a sala de aula (usa as mãos), porque assim por mais que eu tenha participado do estágio não obrigatório (abre bem os olhos) eu não estava frente de uma sala de aula (gesticula com uma das mãos), eu não planejava uma aula, digamos assim que eu era meio que uma espectadora (usa as mãos para demonstrar algo parado) lá apenas, porque eu assisti aula da professora e eu auxiliava uma criança (usa as mãos) muitas vezes essa criança, é... (olha para baixo) teve a última criança até que auxiliiei que tinha síndrome (usa as mãos para indicar) ela não falava, ela não andava, ela... Enfim então era assim como uma espécie de cuidadora dele eu não exercia nenhum papel pedagógico ali, (bem enfática e abre bem os olhos) por mais que eu tentasse (usa as mãos), por mais que como é que eu posso dizer eu tentasse. Eu até tentei falei com assistente do AEE (usa as mãos) para ver o que eu podia fazer do ponto de vista pedagógico, mas não era muito possível , porque se eu fazia alguma coisa com ele, ele engolia (faz o gesto de engolir) e eu acho que o meu medo (aponta com a mão para si) maior era esse dele engolir, a cola, se eu tentasse manusear a mão dele. Então eu vi que aquilo não era é... (olha para cima) eu não estava sentindo que estivesse contando para minha formação (aponta para si com as duas mãos) enquanto professora. Aí surgiu alguns amigos já tinham comentado do Residência Pedagógica e tal e isso foi despertando em mim (usa as mãos) essa vontade de querer está também. Eu quero ter essa experiência de estar mais à frente da sala de aula (usa uma das mãos), eu quero ter essa experiência de planejar uma aula (bem enfática) e tal, vivenciar realmente a escola, porque a gente não vivencia (balança a cabeça, negando) e o que eu costumava dizer também (olha para cima) é que o estágio obrigatório (abre bem os olhos) ele é muito curto, o período dele é muito curto (abre bem os olhos) e eu meio que sinto que os dois estágios que eu estive (aponta as duas mãos para si) na escola eu meio que sinto que a escola ela tá um pouco maquiada (usa as mãos) para nos receber. As professoras todas, eles se mobilizam (usas as mãos para expressar) para gente nos receber, vai vir tantos (usa uma das mãos), tantos alunos fazer estágio aqui. Então vamos fazer isso, assim, assim e assim. Então meio que você não vivencia a realidade realmente da escola e eu acho que também é... (olha para cima) a gente (usa as duas mãos e aponta para si) fica muito preocupado também com a avaliação, a nossa avaliação (aponta para si). Tem um professor nos observando, tem o professor da faculdade que vai lá nos observar. Então, eu acho que isso não traz uma experiência que o Residência Pedagógica me trouxe (abre bem olhos).</p>	<p>5- [...] eu vim ingressar no Residência Pedagógica nos últimos períodos do curso acho que eu entrei no sexto ou foi no sétimo eu não me recordo o que me fez querer entrar no Residência Pedagógica foi justamente querer adquirir mais essa experiência da formação docente, de estar à frente de uma sala de aula, é... vivenciar mais a sala de aula.</p> <p>6- [...]porque assim por mais que eu tenha participado do estágio não obrigatório eu não estava frente de uma sala de aula, eu não planejava uma aula, digamos assim que eu era meio que uma espectadora [...] [...] não exercia nenhum papel pedagógico ali [...]</p> <p>7- [...] alguns amigos já tinham comentado do Residência Pedagógica e tal e isso foi despertando em mim essa vontade de querer está também. Eu quero ter essa experiência de estar mais à frente da sala de aula, eu quero ter essa experiência de planejar uma aula e tal, vivenciar realmente a escola, porque a gente não vivencia[...]</p> <p>8- [...] o estágio obrigatório ele é muito curto, o período dele é muito curto e eu meio que sinto que os dois estágios que eu estive na escola eu meio que sinto que a escola ela tá um pouco maquiada para nos receber.</p> <p>9- Então meio que você não vivencia a realidade realmente da escola e eu acho que também é... a gente fica muito preocupado também com a avaliação, a nossa avaliação. Tem um professor nos observando, tem o professor da faculdade que vai lá nos observar. Então, eu acho que isso não traz uma experiência que o Residência Pedagógica me trouxe.</p>
---	--	---

<p>5- Ademilza me fale um pouco como foram essas experiências vivenciadas na escola.</p>	<p>R5 (Usa as mãos para indicar as ações). Eu estava na escola toda semana, eu planejava toda semana, eu estava na faculdade fazendo planejamentos e tal então no decorrer desse ano que eu passei lá na escola eu pude vivenciar realmente o que é uma escola (usa as mãos para indicar algo grande). Você planejar uma aula e você chegar lá e não tem aula (risos), não tem luz (risos), o projetor tá quebrado (risos). Então você tem que... uma vez a gente planejou uma aula bem dinâmica eu fiz um slide, eu nunca tinha perdido tanto tempo fazendo um slide (risos). Aquela coisa bem dinâmica (usa as mãos) aquela interação e tudo, botei vídeo, botei tudo pra ter aquela interação com os alunos e tal, chegando lá não tem luz (risos) você tem que adaptar tudo aquilo (usa as mãos) em menos de 30 minutos (estala os dedos), porque a aula vai começar e os alunos tão lá esperando você então você tem que tirar um coelho da cartola (faz o gesto). Eu acho que era isso que eu buscava mais no Residência Pedagógica e que eu encontrei (abre bem os olhos). Está na sala de aula, você está frente de uma sala de aula, você vivenciar a escola sem maquiagem mesmo. Uma vez uma supervisora de um estágio não obrigatório que eu fiz disse uma vez ela disse, na verdade quem me conhece talvez até a Professora Antônia vai concordar eu sou muito participativa (faz gestos com as mãos), eu sou muito de me meter nas coisas e eu não consegui no estágio não obrigatório eu não consegui estar ali com uma pura auxiliar eu queria sabe me intrometer mais (balança positivamente a cabeça), ajudar mais e eu acabava saindo do auxiliar e tentava um pouco ajudar. Olhe professora eu tô notando que esse aluno ele tá com muita dificuldade, ele tá me perguntando muito e tal e não sei o quê, aí vamos aqui. Oh, professora esse aluno tá com dificuldade, tá com problema. Eu percebia muito a sala de aula (faz o gesto com uma das mãos) aí a supervisora chegou e disse assim: “às vezes, Ademilza, a gente tem que entender que a gente não tá lidando com 500 crianças na sala de aula numa escola, a gente tá lidando com 500 famílias e que essas crianças também tem problemas, essas crianças também tem uma vida fora (usa as mãos) tem um pai que não ajuda, um pai que é separado, uma mãe, uma família desestruturada e a gente ver isso”. Então na escola mesmo é que a gente vai entender principalmente (olha para cima) acho que eu tô falando muito rápido né (risos)?</p> <p>E eu acho que no Residência que teve um dos projetos que era o Reforço Escolar (levanta a sobrancelha) eu percebia muito isso, eu percebi que as crianças que precisavam de um reforço escolar eram crianças que tinham, muitas vezes, uma família desestruturada, às vezes tinha algum déficit e a família não aceitava. Então eu acho que é mais isso esse diagnóstico, buscar essa vivência maior na escola. O Residência Pedagógica para mim foi isso buscar uma vivência maior na escola, uma experiência para minha formação enquanto docente.</p>	<p>[...] estava na escola toda semana, eu planejava toda semana, eu estava na faculdade fazendo planejamentos e tal então no decorrer desse ano que eu passei lá na escola eu pude vivenciar realmente o que é uma escola.</p> <p>11- Eu acho que era isso que eu buscava mais no Residência Pedagógica e que eu encontrei. Está na sala de aula, você está frente de uma sala de aula, você vivenciar a escola sem maquiagem mesmo [...]</p> <p>12- O Residência Pedagógica para mim foi isso buscar uma vivência maior na escola, uma experiência para minha formação enquanto docente.</p>
<p>6- Ademilza você falou sobre a importância desse tempo maior na escola para conhecer as</p>	<p>R6 Eu acredito que sim, porque eu acho que a teoria ela não anda sozinha e a prática também não (risos), é um conjunto, elas não se separam. Então quando as professoras traziam aula sobre planejamento</p>	<p>13- Eu acredito que sim, porque eu acho que a teoria ela não anda sozinha e a prática também não,</p>

<p>potencialidades e os problemas dessa instituição e esse conhecimento contribuiu para a sua formação docente. Agora, gostaria que você falasse um pouco sobre os encontros semanais na UERN. Como esses encontros contribuíram para a sua formação.</p>	<p>(faz gesto com as mãos) você já ficava um pouco, né? Aquela coisa, logo quando eu entrei (olha para cima) tava discutindo sobre a BNCC então um tema que tem que ter todo um estudo, uma coisa que é nova. Nem todo mundo sabe o que é realmente a BNCC (usa as mãos). Então eu acho que sim contribuiu bastante quando juntava também com o PIBID que trazia as discussões e tal. Então, eu acho que sim eu acredito que contribuíram bastante.</p>	<p>é um conjunto, elas não se separam.</p> <p>14- [...] logo quando eu entrei tava discutindo sobre a BNCC então um tema que tem que ter todo um estudo, uma coisa que é nova. Nem todo mundo sabe o que é realmente a BNCC.</p> <p>15- [...] acho que sim contribuiu bastante quando juntava também com o PIBID que trazia as discussões e tal [...]</p>
<p>7- Ademilza como você falou a teoria estar aliada à prática, formando uma unidade e um dos objetivos do programa é justamente esse de aperfeiçoar a formação dos discentes por meio do desenvolvimento de projetos que conduzam o licenciando a exercer de uma forma mais ativa a relação entre teoria e prática. Nesse sentido, gostaria que você falasse um pouco como foram as experiências vivenciadas na escola, na Universidade e em outros espaços.</p> <p>A realidade do aluno?</p>	<p>R7- Bom, eu acho que um dos projetos que eu acredito que eu tive uma vivência maior foi o reforço escolar e toda uma questão do... como é que eu posso dizer (olha para cima e estala os dedos) entender o porquê que aqueles alunos estavam tendo aquela dificuldade e entender como é que eu posso dizer... A realidade do aluno (balança positivamente a cabeça), a minha realidade também, o que eu posso fazer para contribuir para a formação dele, que é que eu posso fazer, para que eu possa transmitir melhor aquele conhecimento que aquele aluno não tá conseguindo acompanhar a turma, o porquê que ele não tá conseguindo acompanhar a turma. Também (coloca o dedo no queixo e olha para o lado) o Ressignificando a prova Brasil também eu acho que foi um dos projetos que foi bem interessante (olha para cima), porque a gente saía um pouco daquela escola formal (faz um gesto com as mãos), aquela escola é... regrada não é bem regrada a palavra (olha para cima) , mas que os conteúdos os alunos pudessem (junta as mãos) entender na vida deles, por exemplo, as formas geométricas (faz gesto, usando as mãos), por que eu tenho que estudar as formas geométricas? Porque muitas vezes os alunos né? Ah, por que eu vou estudar isso? (Franzi a testa). O que isso vai contribuir pra minha vida e tal? Então trazer essas ressignificações, partindo da realidade dos alunos, para eles se envolverem nas aulas: Onde vou encontrar formas geométricas? Por que que elas são importantes? Porque elas estão no nosso cotidiano? Na UERN eu posso pontuar também uma experiência que foi o SEMANAARTE eu me lembro que a gente lá nas apresentações que teve a Feira de Profissões eu vi que teve uns alunos que disse: “ah, eu não quero ser professor não! (Franzi a testa). Não quero ser pedagogo e cuidar de criança! Vocês só cuidam de criança! (Franzi a testa) Eu disse não! (usa as mãos). Não é só cuidar de criança muito pelo contrário aí fui apresentar o projeto e você já ver que eles começam a ter outra ideia: “olhe, não é isso que eu pensava” (aponta para a testa). “Pedagogia não é cuidar de criança, não é ser babá de criança tem todo um processo educacional por trás disso, tem toda uma importância na formação de uma pessoa desde a infância até a você chegar na sua formação acadêmica e tal. Então eu acho que umas experiências que posso destacar.</p>	<p>16- [...] um dos projetos que eu acredito que eu tive uma vivência maior foi o Reforço Escolar entender o porquê que aqueles alunos estavam tendo aquela dificuldade e entender [...] A realidade do aluno, a minha realidade também, o que eu posso fazer para contribuir para a formação dele, que é que eu posso fazer, para que eu possa transmitir melhor aquele conhecimento.</p> <p>17- [...]o Ressignificando a prova Brasil também eu acho que foi um dos projetos que foi bem interessante, porque a gente saia um pouco daquela escola formal. [...] os conteúdos os alunos pudessem entender na vida deles [...] [...] Então trazer essas ressignificações, partindo da realidade dos alunos, para eles se envolverem nas aulas [...]</p>

<p>8- Ademilza você falou um pouco das suas experiências na escola e na Universidade e como sabemos o Residência Pedagógica tinha uma carga horária a ser cumprida de 440h e que era distribuída entre ambientação, planejamento, encontros na escola, na universidade e também em outros espaços. Como você se sentiu em estar toda semana na escola e na UERN.</p>	<p>R8- Eu confesso (olha para cima) que para escola eu ia com mais vontade, (risos) porque eu ia ter uma prática maior (faz um gesto de algo grande) aquela coisa, porque na UERN eu já ia um pouco cansada não sei porque eu já estava lá de manhã e também tem muita questão da teoria e tal (abre bem os olhos). E eu queria sentir mesmo a prática eu acho que a prática para mim foi um dos pontos mais importantes que eu destaco do Residência, mas eu gostava de ir sim (olha para cima) eu, eu acho até interessante essa dinâmica, porque por mais que a gente não tivesse todos os dias na escola, mas toda semana a gente tava, então toda semana a gente se encontrava (faz os gestos com as mãos) para planejar, a gente se encontrava para executar o planejamento, nos encontrávamos nas reuniões conjuntas (usa uma das mãos para indicar o todo) né? Com todo mundo para discutir o que foi feito e tal. Então é um pouco cansativo né esse ponto teórico, mas não é uma coisa que a gente diz dispenso isso. Não, eu dispenso participar. Não. Eu acho que é justo, é importante que participamos.</p>	<p>18- [...] confesso que para escola eu ia com mais vontade, porque eu ia ter uma prática maior aquela coisa, porque na UERN eu já ia um pouco cansada não sei porque eu já estava lá de manhã e também tem muita questão da teoria e tal. E eu queria sentir mesmo a prática eu acho que a prática para mim foi um dos pontos mais importantes que eu destaco do Residência.</p> <p>19- Mas eu gostava de ir sim eu, eu acho até interessante essa dinâmica, porque por mais que a gente não tivesse todos os dias na escola, mas toda semana a gente tava, então toda semana a gente se encontrava para planejar [...]</p> <p>20- Nos encontrávamos nas reuniões conjuntas né? Com todo mundo para discutir o que foi feito e tal. Então é um pouco cansativo né esse ponto teórico, mas não é uma coisa que a gente diz dispenso isso. Não, eu dispenso participar. Não. Eu acho que é justo, é importante que participamos.</p>
<p>9- Ademilza você encontrou outros desafios ao participar do Programa Residência Pedagógica?</p>	<p>R9- Desafios em qual sentido? (coloca a mão no queixo e olha para cima)</p>	
<p>10- No sentido de dificuldades. Quais foram as dificuldades que você enfrentou ao participar desse programa formativo.</p>	<p>R10- Quando eu entrei (olha para baixo) eu participava do estágio não obrigatório eu ganhava uma bolsa de R\$ 940 e quando eu resolvi participar do Residência (passa a mão na sobrancelha) eu disse: eu sabia o dinheiro ajudava muito (faz o gesto com uma mão), e que ia me fazer falta, mas era uma coisa que eu precisava buscar pra mim (com uma mão aponta para si), porque eu queria essa formação pra mim. Queria essa experiência até encontrar ainda mais na profissão que eu quero exercer. Eu sentei, eu conversei (usa as mãos para indicar com quem conversou) com os meus avós, com os meus pais e disse: olha é o seguinte tem uma oportunidade que vai ser bom pra minha formação, pra o meu profissional. Então eu acho que eu tenho que ir! Então acho que a outra dificuldade é que a escola é do outro lado de Mossoró (risos) eu moro no Sumaré a escola é no Santo Antônio, mas eu acho que a maior dificuldade mesmo que eu encontrei foi por eu ser voluntária e a distância, mas em outros quesitos não (balança negativamente a cabeça). Eu até tive uma esperancinha (risos) de ser bolsista e tal, mas infelizmente com o governo que estamos (olha para baixo), enfim..., (bate palmas), mas somente isso a dificuldade foi por eu ter sido voluntária e à pela distância, mas em outro ponto não eu não senti nenhuma dificuldade não.</p>	<p>21- Quando eu entrei eu participava do estágio não obrigatório eu ganhava uma bolsa de R\$ 940 e quando eu resolvi participar do Residência eu sabia que o dinheiro ajudava muito, e que ia me fazer falta, mas era uma coisa que eu precisava buscar pra mim, porque eu queria essa formação pra mim. Queria essa experiência até encontrar ainda mais na profissão que eu quero exercer.</p> <p>22- [...] a outra dificuldade é que a escola é do outro lado de Mossoró eu moro no Sumaré a escola é no Santo Antônio, mas eu acho que a maior dificuldade mesmo que eu encontrei foi por eu ser voluntária e a distância [...]</p>

<p>11- Você teria, Ademilza, alguma sugestão para a nova edição do Programa Residência Pedagógica?</p>	<p>R11 Uma nova sugestão (olha para cima). Assim, eu fiquei bastante contente (olha para cima), eu me senti bastante contemplada com a versão que eu participei. É... (olha para cima). Não é uma carga horária fácil de ser cumprida, principalmente pra mim que eu entrei já no último ano (usa as mãos). Então para mim foi meio que uma correria (usa as mãos), para que eu conseguisse cumprir essa carga horária, mas eu não mudaria não (balança a cabeça negativamente), porque você tá passando na escola (bate uma mão na outra), fazendo planos de aula (bate uma mão na outra), você tá adquirindo conhecimento (usa as mãos) também na faculdade (usa as mãos), convivendo com outras pessoas, com outros profissionais que estão ali buscando os mesmos objetivos que você. Então eu (aponta com as mãos para si) particularmente não mudaria não.</p>	<p>23- [...] assim, eu fiquei bastante contente, eu me senti bastante contemplada com a versão que eu participei. É... Não é uma carga horária fácil de ser cumprida, principalmente pra mim que eu entrei já no último ano. Então para mim foi meio que uma correria, para que eu conseguisse cumprir essa carga horária, mas eu não mudaria não[...]</p> <p>24- [...] porque você tá passando na escola, fazendo planos de aula, você tá adquirindo conhecimento também na faculdade, convivendo com outras pessoas, com outros profissionais que estão ali buscando os mesmos objetivos que você. Então eu particularmente não mudaria não.</p>
<p>12- Ademilza me fale um pouco como se constituiu a sua relação com a preceptora.</p>	<p>R13-Maravilhosa (risos). Todas, todas, todas, mas assim eu posso falar né que tive uma convivência maior com Tati, mas foi maravilhosa assim, principalmente pelo fato de eu ser voluntária. Muitas vezes, ela me deu carona. Ademilza você tem como vir? Se você não tiver dinheiro. Nós estamos aqui. Ela sempre muito presente (usa as mãos) quando a gente tava planejando. A gente dizia: Tatiana o que você acha da gente seguir tal caminho (usa as mãos)? Ela sempre deixou a gente muito livre, mas também dizia: vamos seguir por essa linha, a escola tá precisando disso, a escola, vamos buscar (usa as mãos). Então ela sempre esteve muito presente desde o primeiro dia que eu ingressei no Residência (junta as mãos). Então, posso dizer que foi uma experiência maravilhosa com ela em todos os sentidos (junta as mãos) assim em nos ajudar. Às vezes a gente tinha umas ideias (usa as mãos): Tatiana acho que vai ser um pouco difícil para gente executar na escola, por questão de recurso (usa as mãos) e ela dizia: “não, mas vamos ver! Eu vou ver se eu dou um jeito”. E, muitas vezes conseguia (abre bem os olhos). Então eu acho que isso eu não (balança negativamente a cabeça) tenho do que falar foi muito gratificante trabalhar com ela, com todos (gesto para indicar todos) os meus colegas, com todo mundo, eu nunca me senti rejeitada por ninguém. Então foi gratificante para mim com todos em geral, mas em especial com Tatiane foi muito bom (risos).</p>	<p>25- [...] todas, mas assim eu posso falar né que tive uma convivência maior com Tati, mas foi maravilhosa assim, principalmente pelo fato de eu ser voluntária. Muitas vezes, ela me deu carona [...]</p> <p>26- [...] sempre muito presente quando a gente tava planejando [...] ela sempre deixou a gente muito livre, mas também dizia: vamos seguir por essa linha, a escola tá precisando disso [...]</p> <p>27- [...] que foi uma experiência maravilhosa com ela em todos os sentidos assim em nos ajudar [...]</p> <p>28- [...] foi muito gratificante trabalhar com ela, com todos os meus colegas, com todo mundo, eu nunca me senti rejeitada por ninguém.</p>
<p>13-Ademilza e como foi a vivência na escola com os alunos dentro da sala de aula?</p>	<p>R13-Olha, (olha para cima) no começo eu senti um pouco de dificuldade quando a gente trabalhava (olha para baixo) com os alunos dos 4º e 5º anos, eu acho que pela vivência deles, por ser uma escola que não é muito (olha para cima), sei nem se pode dizer isso deixe eu procurar outra palavra (olha para baixo), que eles tinham muita dificuldade com a pluralidade que se encontrava na escola (levanta a sobrancelha). Muitas vezes os alunos chegavam e diziam: “tia teve tiroteio na rua lá de casa”; “tia olha a polícia não sei o quê” (franze a testa). Então, o que acontecia na vida deles fora da escola. Eram alunos (olha para cima) fora de faixa também, muitos deles, às vezes, era um pouquinho maior que eu</p>	<p>29- [...] no começo eu senti um pouco de dificuldade quando a gente trabalhava com os alunos dos 4º e 5º anos, eu acho que pela vivência deles [...] eram alunos fora de faixa também, muitos deles, às vezes, era um pouquinho maior que eu e eu ficava um pouco apreensiva, mas depois fui me adaptando, fui conhecendo eles, fui interagindo [...]</p> <p>30- [...] dificuldades com relação aos alunos foi também a</p>

	<p>(risos) e eu ficava um pouco apreensiva, mas depois fui me adaptando, fui conhecendo eles, fui interagindo mais, fui conversando, sempre antes ou depois. Antes de começar as aulas, às vezes eu me encontrava conversando com eles, perguntava como é que eles estavam e tal. Então uma das minhas dificuldades com relação aos alunos foi também a indisciplina assim em relação a alguns alunos (usa as mãos), mas em geral foi muito bom a gente sempre foi muito bem recebido pelos funcionários, pelas professoras, por eles também sempre foram muito receptivos com a gente.</p>	<p>indisciplina assim em relação a alguns alunos, mas em geral foi muito bom a gente sempre foi muito bem recebido pelos funcionários, pelas professoras, por eles também sempre foram muito receptivos com a gente.</p>
<p>14- Ademilza você falou que foi bem recebida pelos professores da escola. Gostaria que você falasse dessa relação com as professoras.</p>	<p>R14- As minhas experiências com elas foram muito boas, porque antes mesmo de entrar no RESPED eu participei do estágio não obrigatório (olha para baixo) como eu já falei anteriormente. Na primeira escola que eu atuei como auxiliar de sala eu tive uma convivência muito boa (gesticula com as mãos, para indicar as pessoas com quem teve boas relações) com as professoras, com a direção da escola sempre foi muito participativa. Então, ela sempre me chamava Ademilza isso é bom para você e tal (usa as mãos) só que na segunda escola que eu, infelizmente, fui transferida (olha para baixo) eu fui para escola e assim a gente não (olha para cima) convivia com as professoras a gente não (balança negativamente a cabeça) participava das reuniões diretamente de planejamento como acontecia na escola anterior (usa uma das mãos para se reportar a outra escola) que tinha trabalhado. É... (olha para cima) para você ter uma noção a gente nem sentava junto na hora do intervalo (balançou negativamente a cabeça), elas na sala dos professores, a gente não entrava, a gente passava o intervalo distante delas e eu tinha esse receio também no Residência (abre bem os olhos), tanto que eu tinha esse medo de que acontecesse meio que as professoras tivessem algum receio com a gente, por a gente está lá (usa as mãos). Mas não, foi gratificante tudo, tudo, tudo, porque a gente sempre (olha para cima) foi muito bem recebido lá, as professoras compartilhavam com a gente (usa as mãos), conversava muito com a gente, dava dicas: dizia: “olha que legal essa atividade que vocês trouxeram !Olha vocês podem fazer assim também ou vocês podem adaptar para determinada turma. Como você trabalha no quarto ano você pode adaptar para trabalhar no segundo tranquilamente. Então eu tinha esse receio (balançou positivamente a cabeça) quando eu entrei e sofrer novamente essa... rejeição, ser deixada um pouco pra escanteio, como se eu não fizesse parte da escola (usa as mãos), mas não no Residência foi totalmente diferente foi uma coisa assim gratificante. Realmente você se sentir querida, as professoras colocavam logo um sorriso (dá um sorriso e usa as mãos) e diziam ai que bom que vocês vieram (risos)! Como é bom vocês estarem aqui! Então foi sempre muito gratificante (balança positivamente a cabeça) assim não era uma coisa que você dizia: Ai, meu Deus eu vou ter que ir de novo, mas não sempre bem recebida por todos, do porteiro ao diretor tudo enfim. Foi muito foi muito bom.</p>	<p>31- As minhas experiências com elas foram muito boas, porque antes mesmo de entrar no RESPED eu participei do estágio não obrigatório como eu já falei anteriormente. Na primeira escola que eu atuei como auxiliar de sala eu tive uma convivência muito boa [...] [...] na segunda escola que eu, infelizmente, fui transferida eu fui para escola e assim a gente não convivia com as professoras, a gente não participava das reuniões diretamente de planejamento [...]</p> <p>32-[...] eu tinha esse receio também no Residência, tanto que eu tinha esse medo de que acontecesse meio que as professoras tivessem algum receio com a gente, por a gente está lá. Mas não, foi gratificante tudo, tudo, tudo, porque a gente sempre foi muito bem recebido lá, as professoras compartilhavam com a gente, conversava muito com a gente, dava dicas [...]</p> <p>33- [...] tinha esse receio quando eu entrei e sofrer novamente essa... rejeição, ser deixada um pouco pra escanteio, como se eu não fizesse parte da escola, mas não no Residência foi totalmente diferente foi uma coisa assim gratificante. Realmente você se sentir querida, as professoras colocavam logo um sorriso.</p>

<p>15-Ademilza e qual a importância do Residência Pedagógica para o seu desenvolvimento enquanto pessoa?</p>	<p>Eu acho que a questão (Olha para cima) mais humana, você buscar entender o que aquela criança tá passando, o que que seu aluno tá passando naquele dia (usa as mãos). Ser professor não é chegar é aula tal, conteúdo tal (gestos que representam a escrita), mas é também você entender, porque aquela criança está com dificuldade (franzi a testa), você buscar saber mais sobre ela (coloca a mão no queixo). Então eu acho que esse lado mais humano (usa as mãos), mais afetivo né na escola, ou seja, não podemos falar da Pedagogia sem o amor. E, realmente não tem (balança negativamente a cabeça), porque chegar na escola não é só você dá aquele conteúdo e pronto. Não é! Uma vez achei engraçado (risos) que assim a gente subestima muitas as crianças (risos), a gente acha que eles não vão entender, a gente acha ah, esse conteúdo é muito pesado para eles, mas não você chega lá e você, uma vez a gente tá falando de políticas públicas com crianças do segundo ano e eles falando da maneira deles (usa as mãos) aí eu queria que a escola fosse assim, tivesse mais conforto (usa as mãos), porque às vezes a escola falta água, a gente às vezes subestima muitos nossos alunos né e de modo geral.</p>	<p>34- [...] eu acho que a questão mais humana, você buscar entender o que aquela criança tá passando, o que que seu aluno tá passando naquele dia. Ser professor não é chegar é aula tal, conteúdo tal, mas é também você entender, porque aquela criança está com dificuldade, você buscar saber mais sobre ela. Então eu acho que esse lado mais humano, mais afetivo né na escola, ou seja, não podemos falar da Pedagogia sem o amor.</p>
<p>16- Ademilza você teria algo a mais a acrescentar, a falar sobre o Residência Pedagógica?</p>	<p>R16-Eu só tenho a agradecer mesmo pela oportunidade de ter participado do programa, do conhecimento que eu adquiri pela experiência (abre bem os olhos). Eu costumo dizer que eu vivenciei muito uma escola sem maquiagem (faz o gesto) que a gente está acostumada a ver a escola, porque é uma escola que você tá lá o ano inteiro (usa as mãos) então não tem como maquiagem a escola. Então eu só tenho que agradecer as supervisoras (faz o gesto com as mãos), as preceptoras (olha para a pesquisadora), os meus colegas que sempre foram muito parceiros e a experiência eu acho que o que eu levo do Residência é experiência, muitas vezes, até puxava a orelha de alguns colegas (faz o gesto e sorrir). Olha tem que levar mais a sério. Então, o Residência só veio a acrescentar mesmo na minha formação (aponta para si), enxergar mais a escola, ter mais experiência. Como eu falei no começo me faltava a prática (usa as mãos), estar à frente de uma sala de aula (abre bem os olhos). Depois que a gente perde a timidez, às vezes, tinha duas professoras ali na sala (faz o gesto com as mãos), vendo você dando aula e eu ficava do mesmo jeito já não tinha preocupação: Ai meu Deus, tem um professor me observando (aponta com as mãos para si), ela tem mais experiência que eu (usa as mãos), ela vai me criticar, ela vai me julgar. Não. Ela tava lá e muitas vezes, ela vai chegava pra mim: “Muito bom, eu gostei da aula” ou então: “me passe isso aqui pra mim e tal”; “vamos ver aqui”; “aí eu gostei disso aqui que você fez e tal” me davam sugestões: Você pode adicionar isso, aquilo, outro ou mudar. Então para mim (aponta para si) foi muito importante essa experiência então eu recomendo! Um das colegas minhas vieram logo quando começou antes, infelizmente (olha para cima) elas não vão ter a oportunidade que nós tivemos de estar na sala de aula e tal (usa as mãos). Foi antes da pandemia que tinha aberto o processo elas chegaram e perguntaram e aí você participou do residência né?</p>	<p>35- Eu só tenho a agradecer mesmo pela oportunidade de ter participado do programa, do conhecimento que eu adquiri pela experiência. Eu costumo dizer que eu vivenciei muito uma escola sem maquiagem que a gente está acostumada a ver a escola, porque é uma escola que você tá lá o ano inteiro então não tem como maquiagem a escola.</p> <p>36- [...]eu só tenho que agradecer as supervisoras, as preceptoras, os meus colegas que sempre foram muito parceiros e a experiência eu acho que o que eu levo do Residência a experiência [...]</p> <p>37- [...] Residência só veio a acrescentar mesmo na minha formação, enxergar mais a escola, ter mais experiência [...]</p> <p>38- Depois que a gente perde a timidez, às vezes, tinha duas professoras ali na sala, vendo você dando aula e eu ficava do mesmo jeito já não tinha preocupação: Ai meu Deus, tem um professor me observando, ela tem mais experiência que eu [...]</p> <p>39- Então para mim foi muito importante essa experiência então eu recomendo!</p> <p>40- [...] uma coisa que você vai adquirir realmente experiência,</p>

	<p>E aí o que você me diz? Eu posso? Eu participo? Olha por mim você já estaria lá (usa as mãos), porque é uma coisa que vocês vão guardar para o resto da sua vida profissional (usa as mãos), uma coisa que você vai adquirir realmente experiência, conhecimento, porque o estágio somente o estágio obrigatório vocês não têm como (balança negativamente a cabeça), infelizmente, vocês não têm como dizer assim eu quero ser professora a partir do estágio, porque é muito curto. Então, só tenho a agradecer mesmo e indicar que os colegas participem do RESPED. (risos).</p>	<p>conhecimento, porque o estágio somente o estágio obrigatório vocês não têm como, infelizmente, vocês não têm como dizer assim eu quero ser professora a partir do estágio, porque é muito curto.</p> <p>41- [...] só tenho a agradecer mesmo e indicar que os colegas participem do RESPED.</p>
17-Agradeço a sua participação.	R17 Por nada. Precisando é só falar (risos).	

QUESTÕES	RESPOSTAS	PRÉ-INDICADORES
<p>1-Boa tarde, Ademilza! Muito obrigada por sua disponibilidade em nos atender mais uma vez. Hoje, vamos só aprofundar algumas questões da entrevista passada, tá certo? Durante a primeira entrevista Ademilza você falou que o estágio obrigatório é um período muito curto e além disso tem a preocupação com a avaliação, pois tem um professor observando e também o professor da faculdade que vai na escola para observar e isso não lhe trouxe uma experiência que o Residência lhe proporcionou. Então gostaria que você falasse um pouco sobre isso.</p>	<p>R1- Bom, primeiro (olha para cima) o prazo curto do estágio que eu falo é porque assim a gente passa uma semana observando (usa uma das mãos) eu percebo que (olha para cima) a escola ela meio que se prepara para receber a gente (usa uma das mãos) , ela meio que se organiza (abre bem os olhos e usa uma das mãos), as vezes, até demais (gesticula para indicar algo grande) para receber a gente, ela sabe aquele período que a gente vai para lá e acaba não passando uma naturalidade (usa uma das mãos), muitas vezes, não sei nem se essa palavra (franzi a testa), mas é basicamente isso (olha para baixo) e depois disso a gente passa uma semana planejando, uma semana a gente observa, na outra a gente planeja e na outra semana a gente já começa a regência, a gente não tem um período muito (olha para cima) como é que eu posso dizer, de conhecer mais a turma (usa as mãos) , se identificar muito com a turma, porque você tem que conhecer a turma (usa as mãos), você tem que conversar com a professora, entender como funciona toda a escola também e a questão da avaliação no estágio é porque você quer muito, você se robotiza demais (usa as mãos para indicar algo fixo), você quer fazer tão bem, tão perfeito não que no Residência você não faça, porque você faz, mas na hora que você tem dois professores (usa as duas para indicar os dois professores) ali lhe observando, você tem medo que tudo saia errado que você faça um planejamento, falta alguma coisa meu Deus (coloca as mãos na testa) eu vou tirar uma nota ruim. Às vezes a gente pensa que nosso planejamento uma coisa que eu aprendi muito (olha para cima) na faculdade, no Residência é que a gente se prende muito ao planejamento a gente quer que saia tal qual o nosso planejamento, mas não a gente tem que entender que é um planejamento (olha para cima) , mas que tem que ter opção a, b, c, d e f, (usa as duas mãos) enfim tem que ter o alfabeto inteiro (risos) de opções para você adaptar (movimentam as mãos), para você refazer e por aí vai. Então é mais nesse sentido que eu falei que é um curto período (olha para cima), a gente tá lá eu sinto, muitas vezes, pelo menos nos dois primeiros estágios que foi dentro de uma escola (continua olhando para cima), dentro da sala de aula, senti muito isso que as professoras tinha muita aquela coisa aí eu faço isso, faço aquilo outro, com medo de, muitas vezes, aí eu não faço isso porque na escola a diretora não deixa (olha para cima), enfim. Já no Residência a gente tem um período maior de conhecimento (olha fixo para a pesquisadora) né a gente passa aquele ano inteiro (abre bem os olhos) com as professoras, interagindo com os alunos (movimenta as mãos) com elas (movimenta as mãos) e... (olha para cima e pensa) tem essa questão da observação que é um feedback, que é mais uma troca (usa as mãos para indicar vai e volta) de experiências, porque você tá lá com elas que já têm experiências, você que está adquirindo. Então tanto você aprende (aponta para si), como você também pode levar também coisas novas (movimenta as mãos) que às vezes as professoras também meio que não tem tempo (movimenta as mãos) a gente sabe como é difícil um professor fez uma pessoa que trabalha no município, no estado de se reciclar também (usa as mãos). Então, a gente (aponta para si) também acaba levando coisas novas</p>	<p>42- [...] o prazo curto do estágio que eu falo é porque assim a gente passa uma semana observando eu percebo que a escola ela meio que se prepara para receber a gente, ela meio que se organiza, às vezes, até demais para receber a gente, ela sabe aquele período que a gente vai para lá e acaba não passando uma naturalidade.</p> <p>43- Depois disso a gente passa uma semana planejando, uma semana a gente observa, na outra a gente planeja e na outra semana a gente já começa a regência [...]</p> <p>44- [...] não tem um período muito como é que eu posso dizer, de conhecer mais a turma, se identificar muito com a turma, porque você tem que conhecer a turma, você tem que conversar com a professora, entender como funciona toda a escola[...]</p> <p>45- [...] questão da avaliação no estágio é porque você quer muito, você se robotiza demais, você quer fazer tão bem, tão perfeito não que no Residência você não faça, porque você faz, mas na hora que você tem dois professores ali lhe observando, você tem medo que tudo saia errado que você faça um planejamento, falta alguma coisa meu Deus eu vou tirar uma nota ruim.</p> <p>46- [...] no Residência a gente tem um período maior de conhecimento né a gente passa aquele ano inteiro com as professoras, interagindo com os alunos, com elas e... tem essa questão da observação que é um feedback, que é mais uma troca de experiências, porque você tá lá com elas que já têm experiências, você que está adquirindo.</p>

	<p>para escola também. A gente não tem muito recurso a gente entende a questão dos recursos que é muito precária essa questão (olha para baixo) então a gente acaba planejando muito (movimenta as mãos) de acordo com a vivência do aluno, tentando trazer o máximo para aquela realidade daquela escola eu não posso (olha para cima) elaborar uma atividade, achando que eu vou ter todos (movimenta as mãos para indicar o todo) os materiais disponíveis que eu não vou ter (abre bem os olhos) então tenho que ter essa mentalidade e no estágio obrigatório a gente por querer muito uma nota (movimenta as mãos), às vezes, a gente até exagera a gente quer muito impressionar (usa as mãos), tanto os professores da faculdade que vai nos observar como os professores que estão dentro da sala de aula aí a gente acaba tirando dinheiro do nosso próprio bolso (movimenta as mãos) e investindo em muitas coisas (movimenta as mãos) que a gente às vezes a gente parar para pensar: meu Deus (olha para baixo) eu vou passar 10 dias dando aula aquelas crianças, aquela turma e a gente às vezes esquece que quando acabar o nosso estágio a professora vai voltar a assumir a sala de aula e as Crianças ela se prendem muito numa rotina (abre bem os olhos) é muito interessante isso, principalmente os alunos da educação infantil eles se prendem muito a rotina e se você sair um pouco dessa rotina acabou (movimenta as mãos) às vezes você tá no estágio a gente tinha muita essa dificuldade (olha para baixo): tia tá na hora de cantar (levanta a sobancelha), tia tá na hora do lanche, porque eles são muito ligados (junta as mãos) a essa questão de normas, de regras, mas é basicamente isso que eu acho que o Residência ele me proporciona uma experiência sem maquiagem (movimenta as mãos) eu até falei uma vez para você e para a professora Antônia é uma experiência que você tá sem a maquiagem mesmo daquela coisa (movimenta as mãos), porque a gente sente e não é uma opinião só minha a gente debatía muito isso na sala de aula com os outros colegas da faculdade a escola ela se prepara para receber do estágio obrigatório e no Residência a gente vive realmente a escola (usa as mãos) porque a gente tá toda semana lá (movimenta as mãos para indicar várias ações), tá toda semana conversando, trocando experiência e debatendo (junta as mãos) mesmo que a gente pode melhorar, enfim tudo isso.</p>	<p>47- [...] tanto você aprende, como você também pode levar também coisas novas que às vezes as professoras também meio que não tem tempo a gente sabe como é difícil um professor fez uma pessoa que trabalha no município, no estado de se reciclar também. Então, a gente também acaba levando coisas novas para escola também.</p> <p>48- [...] não tem muito recurso a gente entende a questão dos recursos que é muito precária essa questão então a gente acaba planejando muito de acordo com a vivência do aluno, tentando trazer o máximo para aquela realidade daquela escola [...]</p> <p>49- No estágio obrigatório a gente por querer muito uma nota, às vezes, a gente até exagera a gente quer muito impressionar, tanto os professores da faculdade que vai nos observar como os professores que estão dentro da sala de aula aí a gente acaba tirando dinheiro do nosso próprio bolso e investindo em muitas coisas [...]</p> <p>50- Gente debatía muito isso na sala de aula com os outros colegas da faculdade a escola ela se prepara para receber os estagiários do estágio e no Residência a gente vive realmente a escola [...]</p>
<p>2- Ademilza você também falou que o Residência Pedagógica não apresenta uma carga horária fácil, principalmente para você que entrou nos últimos períodos da graduação. Então, gostaria que você falasse sobre essa etapa de como foi cumprir essa etapa em tão pouco tempo.</p>	<p>R2- Como eu falei, anteriormente o Residência Pedagógica surgiu em mim (aponta para si) mais por um desejo de aprimorar conhecimento e tal e como eu entrei nos últimos períodos (olha para cima) aí eu tinha uma carga horária de 440 horas, sendo que 100 delas era regência, então você podia completar as outras 300 e pouco (movimenta as mãos) na faculdade, planejando (usa os dedos para explicar as ações) e tudo então tinha muita essa dificuldade da gente se organizar, porque o planejamento a gente fazia em conjunto então tinha essa questão de quando é que todas poderiam estar na faculdade (balança positivamente a cabeça) ou então senão na escola, na faculdade essa questão de se organizar (junta as mãos) ,para se juntar , para contar essas horas (risos), muitas vezes, porque</p>	<p>51- [...] tinha uma carga horária de 440 horas, sendo que 100 delas era regência [...] tinha muita essa dificuldade da gente se organizar, porque o planejamento a gente fazia em conjunto então tinha essa questão de quando é que todas poderiam estar na faculdade ou então senão na escola [...]</p> <p>52- Os eventos também ajudaram bastante na</p>

	<p>assim as vezes a gente tinha planejado aconteceu alguma coisa e você não podia ir (balança negativamente a cabeça) você já perdi àquela hora (abre bem os olhos e levanta as sobrancelhas), aquele horário aí você tinha que repor na outra semana, porque senão você ficava no débito para não chegar no final muitas vezes faltando hora. Então, os eventos também ajudaram bastante (movimenta as mãos) na questão não só de conhecimento, mas também de obter as horas para completar a carga horária, as reuniões na UERN também contavam. Eu sempre tentava não faltar apesar de algumas vezes a gente nos últimos períodos (olha para cima) como é período de monografia, de pré-projeto de monografia a gente acaba se prendendo um pouco também a graduação (olha para o lado) mas é mais essa dificuldade. Agora eu soube que mudou um pouco essa questão do horário (movimenta as mãos) não é mais 440 horas (franzi a sobrancelha). É mais flexível, mas é mais essa questão de cumprir as 440 horas no período que eu entrei (aponta para si e olha para a pesquisadora bem fixo), porque a gente sabe que o Residência Pedagógica é recomendado a partir do 5º período e eu entrei no final do sexto período para o sétimo período (usa as mãos) já entrei já um período já mais curto (junta as mãos) do que o recomendado aí tem muita questão de se encontrar para fazer o planejamento (movimenta as mãos), tá na escola e principalmente o da regência que tem que ter as 100 horas o que eu não achei ruim você vivenciar a realidade de uma sala de aula e eu costumava dizer que antigamente eu tinha um certo medinho (treme as mãos para indicar medo) as pernas meio que tremiam (mexe as pernas), mas depois você vai (movimenta uma das mãos) e nem percebe que tem gente lhe observando, parece que a professora nem tá dentro da sala de aula (movimenta as mãos para indicar tanto faz) e você comanda mesmo a sala de aula (risos), mas era basicamente isso mesmo essa questão de cumprir as 440 horas no período que eu entrei, mas tirando isso foi show de bola (risos).</p>	<p>questão não só de conhecimento, mas também de obter as horas para completar a carga horária, as reuniões na UERN também contavam. Eu sempre tentava não faltar apesar de algumas vezes a gente nos últimos períodos como é período de monografia, de pré-projeto de monografia a gente acaba se prendendo um pouco também a graduação [...]</p> <p>53- O da regência que tem que ter as 100 horas o que eu não achei ruim você vivenciar a realidade de uma sala de aula e eu costumava dizer que antigamente eu tinha um certo medinho as pernas meio que tremiam, mas depois você vai e nem percebe que tem gente lhe observando, parece que a professora nem tá dentro da sala de aula [...]</p>
<p>3- Ademilza atualmente você trabalha?</p>	<p>R3- Não trabalho em uma escola, mas aqui em casa (risos) sou professora de aula de reforço e atendo a três crianças. Nesse período de pandemia algumas mães é... (olha para cima) me procuraram para eu dá essa assistência aos filhos.</p>	
<p>4- Ademilza de forma o Residência contribuiu para a sua prática enquanto professora da aula de reforço?</p>	<p>R4- Contribui ainda, porque como eu participei do projeto Reforço que era direcionado para alunos com dificuldades tinha toda uma metodologia diferenciada (movimenta as mãos) para atender a eles hoje eu utilizo algumas dessas práticas com os meus alunos da aula de reforço (olha para cima). Então, eu trago a experiência do RESPED não só do Reforço, mas da troca de experiências (abre bem os olhos) que a gente tinha, os direcionamentos das preceptoras e das orientadoras quer dizer tudo isso contribuiu para a minha formação e eu só tenho que agradecer (risos) por isso, sem o RESPED não teria como ser</p>	<p>54- Contribui ainda, porque como eu participei do projeto Reforço que era direcionado para alunos com dificuldades tinha toda uma metodologia diferenciada para atender a eles hoje eu utilizo algumas dessas práticas com os meus alunos da aula de reforço.</p>

	<p>o que sou hoje enquanto pessoa e professora de aula de reforço.</p>	<p>55- Então, eu trago a experiência do RESPED não só do Reforço, mas da troca de experiências que a gente tinha, os direcionamentos das preceptoras e das orientadoras quer dizer tudo isso contribuiu para a minha formação e eu só tenho que agradecer (risos) por isso, sem o RESPED não teria como ser o que sou hoje enquanto pessoa e professora de aula de reforço.</p>
<p>5- Ademilza muito obrigada pelas valiosas contribuições para a nossa pesquisa.</p>	<p>R.5 Não há de que. Foi ótimo (risos).</p>	

APÊNDICE 4 – PRÉ-INDICADORES

PRÉ-INDICADORES
<p>1- [...] <i>me encontrei dentro da Pedagogia [...] inicialmente não era o que eu queria mais me encontrei [...] tive a oportunidade de participar dos estágios [...] ainda veio o RESPED para poder aprimorar mais ainda esse momento que é tão significativo para mim.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>2- [...] <i>E aí a partir do momento que tive o contato [...] com as crianças [...] Por que até então, não é aquela questão de separação de teoria e prática [...] no momento que você está no local. [...] inserido in lócus aí sim é quando você realmente pode identificar se é ou não o que você realmente tá buscando.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>3- [...] <i>me encontrei a partir dos momentos das PPPs quando eu pude [...] assumir uma sala de aula [...] quis assumir novamente [...], porque [...] não me sentia tão confiante [...] foi quando eu busquei o programa.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>4- [...] <i>não participei de primeira [...] por medo [...] de ser um programa novo [...], não conhecia de fato os professores, como se dava o programa, qual era a proposta [...] que ele tinha. Foi algo muito rápido [...] suas seleções, as confirmações também.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>5- [...] <i>teve alunos da minha sala de aula durante a graduação que entraram e a partir desse momento foi que eu pude perceber um pouco me aproximei um pouco mais do Residência mesmo não estando [...] no programa.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>6- [...] <i>buscava saber o que eles faziam, buscava entender o que é que eles pretendiam, o que o programa queria, quem eram os professores [...], qual era o propósito, [...] o objetivo que o programa [...] tinha, se batia com que era dito [...] através [...] dos alunos que passavam para mim tudo que era trabalhado lá dentro do programa que eu tive interesse.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>7- [...] <i>então, quando abriu novamente novas vagas, na segunda abertura né foi que pude me inscrever e voluntariamente aceitei participar, porque era um momento em que eu sabia que não iam ter muitos, eu tava já no término da graduação então era agora ou agora.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>8- [...] <i>A partir do programa foi que eu vi, fiquei pensando que tive muitas oportunidades que eu perdi a partir dele eu percebi [...]</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>9- [...] <i>fiquei muito agradecida [...] ao programa mesmo participando voluntariamente dessa edição [...]</i> <i>mostrou que tem seus objetivos e objetivos que foram alcançados [...]</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>10- <i>Achei incrível como foi dito também que eu pude participar da UEI né na educação infantil que poucos programas né tem a educação infantil é... que tem educação infantil para ser atuado [...]</i> (MARIA, 2021)</p>

<p>11-[...]essa edição eu gostei muito e até indiquei muito também.Tive a minha experiência e passei [...] para os outros, porque muitos também tem esse medo, esse receio de participar de programas [...] eu pudever que foi uma das melhores escolhas que eu fiz durante a graduação. (MARIA, 2021)</p>
<p>12-[...] me sentia muito à vontade no Programa com os professores durante as aulas que tinham na Universidade, com os preceptores [...] todos me deixaram muito à vontade. (MARIA, 2021)</p>
<p>13-[...] me mostrei outra pessoa não discutia muito [...] não dialogava [...] com essa questão [...] da educação [...] (MARIA, 2021)</p>
<p>14-[...]a partir do programa foi que [...] pude me abrir[...] conversar, [...] dialogar [...] questionar [...] eutambém não tinha muitos questionamentos, mas [...] pude fazer [...] questionamentos e procurar [...]respostas [...] talvez se [...] não tivesse participado teria terminado a graduação sem elas. (MARIA, 2021)</p>
<p>15-[...] como voluntária eu tinha que dar meus pulos para ir à escola por mais “perto” que ainda fosse. (MARIA, 2021)</p>
<p>16-[...] muitas vezes [...] desespero por caronas [...] tinha dias também que às vezes não batia com as minhas caronas. (MARIA, 2021)</p>
<p>17- [...] o receio por ser uma escola pública, porque durante a minha vida estudei em escola particular[...] (MARIA, 2021)</p>
<p>18-[...]os contatos que eu tive com escolas públicas foi justamente durante o estágio e o momento do estágio é um momento ali rápido, porque a gente sabe que não tem algo mais fixo e de mais tempo, de mais duração. (MARIA, 2021)</p>
<p>19-[...] eu percebi que eu precisava ter mais momentos desses, precisava entender mais essa realidade que eu não tive o meu desafio foi esse foi entender, foi compreender, foi participar dessa realidade que é totalmente diferente né de particular. (MARIA, 2021)</p>
<p>20-[...] se alguém passar pela mesma dificuldade que [...] passei [...] não desistir [...] que no final dá certo. (MARIA, 2021)</p>
<p>21-[...] o valor ajudaria não vou mentir que ajudaria, mas sabemos a realidade [...] (MARIA, 2021)</p>
<p>22-[...] deveria ter mesmo era mais bolsas, [...] mais oportunidades [...] (MARIA, 2021)</p>
<p>23-[...], mas [...] não é do programa em si [...] vem de toda essa questão política. (MARIA, 2021)</p>
<p>24-[...] infelizmente sabemos que por mais tentativa que a gente já tenha, porque eu já vi o quanto tentaram até para que eu pudesse ser bolsista, mas não deu certo. (MARIA, 2021)</p>

<p>25-<i>Passei por muitos projetos [...] que não havia passado não tive oportunidade, tive a oportunidade durante o programa.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>26-<i>Projetos [...] inicialmente [...] muito difíceis a serem pensados [...] colocar em prática [...] aí foi atravésdisso né foi através das dificuldades. É... quais eram as didáticas a serem trabalhadas, o método a ser trabalhado, identificar quais seriam as melhores metodologias a serem trabalhadas em cada sala de aula.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>27-<i>[...] a gente não ficava só em uma sala de aula [...] ficava passando por toda a escola[...]</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>28-<i>E, aí minhas expectativas foram tipo superadas, as minhas expectativas elas foram bem baixas em relação ao que eu tive [...] no final, eu fiquei muito feliz assim, porque foi superada mesmo [...]</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>29-<i>[...] eu vi aqui que ainda havia muitos problemas [...] durante [...] prática [...], Mas eu vi que era por compromisso então [...] tive que ter o compromisso [...] estar à frente, de participar, de me manter, não me manter ausente é porque a partir do momento que se mantém ausente você para de fazer com que o objetivo seja alcançado.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>30-<i>[...] contribuíram muito, porque temos as experiências dos próprios docentes que estão ali à frente paradar aquele encaminhamento [...] os colegas que estavam no programa e também os colegas de outros programas.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>31-<i>[...] gostava muito quando fazia a união dos programas, porque quanto mais gente [...] tinha algo a ser relatado [...] a ser discutido e era algo que sempre vinha a fazer a gente pensar muito.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>32-<i>[...] Cada um teria sua realidade, seu modo de trabalho, mas que era algo a ser pensado, algo a ser discutido, novos assuntos também, metodologias principalmente metodologias a serem trabalhadas.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>33-<i>[...] misturar Educação Infantil com Ensino Fundamental [...] vinha a fazer você refletir [...]</i> <i>ressignificar também muitos dos conhecimentos, as suas atitudes, os seus planejamentos [...]</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>34-<i>[...] era muito significativo ter esses momentos se não tivesse [...] a gente ia tá lá apenas colocando emprática algo que a gente fizesse sem resignificar nada e sem significar também [...] não teria muito sentido.</i> (MARIA,2021)</p>
<p>35-<i>[...] me sentia muito à vontade [...] no momento que me desesperava ela chegava [...] tava lá comigo, dizia que não precisava disso e que era assim mesmo, ajudava, que sabia a realidade [...]</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>36-<i>[...] chegava junto, dizia como poderia ser trabalhado, de acordo também com o meu propósito, [...]</i> <i>porque eu tinha os meus objetivos, ela tinha as questões dela [...]</i> (MARIA, 2021)</p>

<p>37-[...] <i>foi uma relação [...] muito tranquila, uma relação simplesmente que realmente eu ficava muito à vontade. Não tive nenhum problema em relação à [...] nenhuma preceptora, nenhuma questão [...] de medo, de receio [...] chegava lá [...] perguntava, sem nenhum problema.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>38-[...] <i>cada pessoa [...] tem o seu jeito de trabalhar, mas [...] você pode adquirir [...] tanto as melhores coisas [...] como as piores [...] porque serve como aprendizado.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>39-[...] <i>momentos bons e ruins você [...] pode estar [...] acolhendo [...] para a sua prática sejam eles positivos ou negativos.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>40-[...] <i>pude ver que cada professora também tinha sua singularidade em modo de ensinar [...](MARIA, 2021)</i></p>
<p>41-[...] <i>tem vários modos de trabalhar onde você pode adquirindo o que [...] combina mais com a sua [...] prática docente.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>42-[...] <i>mais confiante dentro de uma sala de aula ele me deixou mais confiante mesmo no [...] trabalho, na minha posição, durante as minhas práticas [...] modo que eu gosto de trabalhar, do modo que eu acho que esteja referente a cada sala de aula [...]</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>43-[...] <i>mais foi mesmo essa confiança em mim eu durante o programa pude confiar mais em mim paraprofissão, em mim como professora mesmo.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>44-<i>Como pessoa sofri muito [...] sofri muito assim com a realidade.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>45-[...] <i>pude ser mais humana [...] digo assim, porque muitas vezes [...] até me emociono muito quando falo [...] passar por aquela realidade [...] não é fácil [...] vê aquelas crianças [...] e situações que você, às vezes, fica [...] sem chão [...]</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>46-[...] <i>nunca tinha passado por realidades como essa é triste [...] ver que, às vezes, a criança quer, busca, mas que não há condições [...] favoráveis.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>47-[...] <i>busco isso mesmo a questão humana de ver o outro [...] de entender, de estar ali [...]</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>48- [...] <i>a aqueles que ainda não ingressaram em nenhum programa [...] que busque sim, principalmente Residência Pedagógica que é o que eu, eu posso dizer que vale muito a pena [...], tanto para o desenvolvimento profissional como pessoal, principalmente.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>49- [...] <i>eu me referi a dúvidas durante a graduação, sobre o curso de Pedagogia em si, a profissão, como professora [...] tinha dúvidas de como era trabalhar dentro de uma sala de aula e principalmente de uma escola pública.</i> (MARIA, 2021)</p>

50- [...] <i>a realidade não é fácil, ser professora não é só ser professora, às vezes, aprende mais do que ensina, que você tem que viver a realidade do local onde você está, no qual você está inserido, [...] planejamentos vão sempre estar em modificações, porque sempre acontece algo que não é esperado, seja ele positivo ou negativo [...]</i> (MARIA, 2021)
51- [...] <i>precisa estar sempre inovando muito, estudando muito, sempre está atualizando.</i> (MARIA, 2021)
52- [...] <i>veio contribuir mais em questão mesmo de prática, principalmente teoria e prática não tem como dissociar isso.</i> (MARIA, 2021)
53- <i>Entender a minha profissão [...] tinha muitos estudos [...], mas foi in lócus [...] que consegui compreender o que é que esses estudos estavam dizendo, o que significavam, o que é que eles tratavam, quais eram as possibilidades, as dificuldades que eles citavam [...]</i> (MARIA, 2021)
54- [...] <i>a contribuição é totalmente essa de significar coisas que a gente talvez nunca tenha nem pensado ou imaginado que aconteceria.</i> (MARIA, 2021)
55- [...] <i>o Residência era muito bem visto dentro da escola, já tinha mesmo de todas as professoras queriam que a gente passasse por cada sala delas [...]</i> (MARIA, 2021)
56- [...] <i>os residentes [...] alternavam as salas de aula, para [...] contemplar todas , todos os ensinamentos, de todos os anos que a escola disponibilizava.</i> (MARIA, 2021)
57- [...] <i>foi muito gratificante até acredito que [...] bem mais do que se fosse somente uma sala, [...] a gente pode ver individualmente o ensinar de cada professor e aprender e quanto ao ensinar seja com questões positivas ou negativas [...]</i> (MARIA, 2021)
58- [...] <i>essa questão maior de conhecer mesmo todas as professoras, de como cada uma trabalhava para poder formar o meu jeito, o meu modo de trabalhar [...]</i> (MARIA, 2021)
59- [...] <i>mais ou menos semanalmente, porque como eu entrei bem no finalzinho, nas correrias eu realmente ia muito, também por conta da carga horária e tipo toda vida que a gente ia, a gente vai essa semana era sempre o rodízio, eu vou um dia para essa sala de aula, no outro dia já vou para outra [...]</i> (MARIA, 2021)
60- [...] <i>como eu no Residência fazia parte da Educação Infantil [...] inicialmente fui chamada para trabalhar na educação infantil [...]</i> (MARIA, 2021)
61- [...] <i>no outro dia [...] disseram que [...] iria assumir uma sala do Ensino Fundamental aí eu endoidei [...] passei tanto tempo [...] significando, ressignificando meus saberes [...] na educação infantil e agora eu ia lidar com ensino fundamental.</i> (MARIA, 2021)
62- [...] <i>comecei a me desesperar achando que eu não conseguiria assumir uma sala de aula de ensino fundamental por ter passado todo esse tempo somente na educação infantil.</i> (MARIA, 2021)

<p>63-<i>[...] a primeira semana [...] comecei a tratar de conhecer [...] parecia que [...] estava no Residência Pedagógica.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>64-<i>[...] pensei se eu tinha minhas dúvidas durante o Residência e pude [...] obter as minhas respostas [...] me fez mais confiante dentro do âmbito da Educação Infantil, porque não agora durante o ensino fundamental.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>65-<i>Pude trazer também os conhecimentos do Residência, porque [...] do Ensino Fundamental então coma troca de conhecimentos, com as conversas, com os diálogos que a gente teve durante o Residência Pedagógica [...] pude me aproximar mais, relembando tudo isso que era visto, tudo isso que foi tratado [...] e trazendo para a minha sala de aula.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>66-<i>Muitos relatos de residentes que estavam [...] no Ensino Fundamental se adequaram a minha sala de aula [...] trabalhei até algumas práticas pedagógicas de residentes lá na sala de aula [...]</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>67-<i>[...] contribuiu para Educação Infantil [...] a minha vida pessoal [...] a minha vida profissional.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>68-<i>O Residência me causou muitas coisas boas e produtividade, principalmente.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>69-<i>[...] tinha endoidado, porque se [...] já me desesperei imagine se [...] não tivesse tido essa experiência, porque se [...] for levar a experiência somente do estágio supervisionado 2 é para dentro de sala de aula não vai ter as mesmas significações [...]</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>70-<i>[...] por mais que seja o momento sim de aprendizagem [...] é diferente você está no estágiosupervisionado. está em um programa é [...] diferente e fora o contato [...] as conversas [...] o diálogo. No estágio não, cada um tem seu momento e chega um dia em que a gente vai fazer a discussão com todos e finalizando já depois de tudo. Então [...] não vai significando dia após dia, semana após semana.</i> (MARIA, 2021)</p>
<p>71- <i>Sempre estudei em escola pública, mas e não queria ser professora desde de criança que eu nunca quis, porém no decorrer eu fui ressignificando o significado de ser professor o que é ser professor à medida em que o tempo foi passando eu fui vendo a importância real e uma das coisas que me motivou a ser professor foi por causa da minha avó [...] minha avó queria ser professora [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>
<p>72- <i>[...] cursei Pedagogia e me encontrar no curso[...] foi o mais importante principalmente no Ensino Fundamental [...] destaco nesse ponto o RESPED.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>
<p><i>[...] ter uma graduação, me encontrar numa área em que eu me encontrasse realmente, que eu gostasse de participar que está à frente de uma sala de aula seja para mim gratificante [...] Antes do valor econômico [...] querer ser aquilo que você escolheu [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>

74-[...] *escolhi ser professor foi na graduação [...] as experiências que eu tive, que eu pude ter com o estágio não obrigatório que eu participei, dos estágios e também do Residência. A teoria unindo a prática[...]*
(ADEMILZA, 2021)

75-[...] *vim ingressar no Residência Pedagógica nos últimos períodos do curso [...] o que me fez querer entrar no Residência [...] foi justamente querer adquirir mais essa experiência da formação docente, de estar à frente de uma sala de aula[...] vivenciar mais a sala de aula. porque assim por mais que eu tenha participado do estágio não obrigatório eu não estava frente de uma sala de aula, eu não planejava uma aula, digamos assim que eu era meio que uma espectador [...] não exercia nenhum papel pedagógico ali [...]*
(ADEMILZA, 2021)

76-[...] *alguns amigos já tinham comentado do Residência Pedagógica e tal e isso foi despertando em mim essa vontade de querer está também. Eu quero ter essa experiência de estar mais à frente da sala de aula eu quero ter essa experiência de planejar uma aula e tal, vivenciar realmente a escola, porque a gente não vivencia[...]*
(ADEMILZA, 2021)

77-[...] *o estágio obrigatório ele é muito curto, o período dele é muito curto e eu meio que sinto que os dois estágios que eu estive na escola eu meio que sinto que a escola ela tá um pouco maquiada para nos receber.*
(ADEMILZA, 2021)

78-[...] *meio que você não vivencia a realidade realmente da escola [...] a gente fica muito preocupado também com [...] a nossa avaliação. Tem um professor nos observando, tem o professor da faculdade que vai lá nos observar [...] isso não traz uma experiência que o Residência Pedagógica me trouxe.*
(ADEMILZA, 2021)

79- [...] *estava na escola toda semana, eu planejava toda semana, eu estava na faculdade fazendo planejamentos [...] no decorrer desse ano [...] pude vivenciar realmente o que é uma escola.*
(ADEMILZA, 2021)

80- [...] *era isso que eu buscava mais no Residência Pedagógica e [...] encontrei. Está na sala de aula, você está frente de uma sala de aula, você vivenciar e escola sem maquiagem mesmo [...]*
(ADEMILZA, 2021)

81-*O Residência Pedagógica [...], foi isso, buscar uma vivência maior na escola, uma experiência para minha formação enquanto docente [...]*
(ADEMILZA, 2021)

82-[...] *a teoria ela não anda sozinha e a prática também não é um conjunto, elas não se separam. Então quando as professoras traziam aula sobre planejamento [...] logo quando [...] entrei tava discutindo sobre a BNCC então um tema que tem que ter todo um estudo, uma coisa que é nova.*
(ADEMILZA, 2021)

83-[...] *contribuiu bastante quando juntava também com o PIBID que trazia as discussões [...]*(ADEMILZA, 2021)

84-[...] *um dos projetos que eu acredito que eu tive uma vivência maior foi o Reforço Escolar entender o porquê que aqueles alunos estavam tendo aquela dificuldade e entender [...] A realidade do aluno, a minha realidade também, o que eu posso fazer para contribuir para a formação dele, que é que eu posso fazer, para que eu possa transmitir melhor aquele conhecimento.*

(ADEMILZA, 2021)
85- <i>[...]o Ressignificando a prova Brasil também eu acho que foi um dos projetos que foi bem interessante, porque a gente saía um pouco daquela escola formal. [...] os conteúdos os alunos pudessem entender na vida deles [...] Então trazer essas ressignificações, partindo da realidade dos alunos, para eles se envolverem nas aulas [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
86- <i>[...] confesso que para escola eu ia com mais vontade, porque eu ia ter uma prática maior aquela coisa, porque na UERN eu já ia um pouco cansada não sei porque eu já estava lá de manhã e também tem muita questão da teoria e tal. E eu queria sentir mesmo a prática eu acho que a prática para mim foi um dos pontos mais importantes que eu destaco do Residência.</i> (ADEMILZA, 2021)
87- <i>Mas eu gostava de ir sim eu, eu acho até interessante essa dinâmica, porque por mais que a gente não tivesse todos os dias na escola, mas toda semana a gente tava, então toda semana a gente se encontrava [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
88- <i>[...] encontrávamos nas reuniões [...] para discutir o que foi feito [...] então é um pouco cansativo [...] esse ponto teórico, mas [...] acho que é justo, é importante que participamos.</i> (ADEMILZA, 2021)
89- <i>Quando eu entrei eu participava do estágio não obrigatório eu ganhava uma bolsa de R\$ 940 e quando eu resolvi participar do Residência eu sabia que o dinheiro ajudava muito, e que ia me fazer falta, mas era uma coisa que eu precisava buscar pra mim, porque eu queria essa formação pra mim. Queria essa experiência até encontrar ainda mais na profissão que eu quero exercer.</i> (ADEMILZA, 2021)
90- <i>[...] a outra dificuldade é que a escola é do outro lado de Mossoró eu moro no Sumaré a escola é no Santo Antônio, mas eu acho que a maior dificuldade mesmo que eu encontrei foi por eu ser voluntária e a distância [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
91- <i>[...] assim, eu fiquei bastante contente, eu me senti bastante contemplada com a versão que eu participei. É... Não é uma carga horária fácil de ser cumprida, principalmente pra mim que eu entrei já no último ano. Então para mim foi meio que uma correria, para que eu conseguisse cumprir essa carga horária, mas eu não mudaria não[...]</i> (ADEMILZA, 2021)
92- <i>[...] porque você tá passando na escola, fazendo planos de aula, você tá adquirindo conhecimento também na faculdade, convivendo com outras pessoas, com outros profissionais que estão ali buscando os mesmos objetivos que você. Então eu particularmente não mudaria não.</i> (ADEMILZA, 2021)
93- <i>[...] todas, mas assim [...] posso falar [...] tive uma convivência maior com Tati [...] foi maravilhosa [...], principalmente pelo fato de eu ser voluntária. [...] ela me deu carona [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
94- <i>[...] sempre muito presente quando a gente tava planejando [...]ela deixou a gente muito livre, mas [...] dizia: vamos seguir [...] essa linha, a escola tá precisando disso [...]</i> (ADEMILZA, 2021)

95-[...] <i>foi uma experiência maravilhosa com ela em todos os sentidos assim em nos ajudar [...](ADEMILZA, 2021)</i>
96-[...] <i>muito gratificante trabalhar com ela, com todos os meus colegas, com todo mundo [...] nunca me senti rejeitada por ninguém. (ADEMILZA, 2021)</i>
98-[...] <i>dificuldades com relação aos alunos foi também a indisciplina assim em relação a alguns alunos,mas em geral foi muito bom a gente sempre foi muito bem recebido pelos funcionários, pelas professoras,por eles também sempre foram muito receptivos com a gente. (ADEMILZA, 2021)</i>
99- <i>As minhas experiências com elas foram muito boas, porque antes mesmo de entrar no RESPED eu participei do estágio não obrigatório como eu já falei anteriormente. Na primeira escola que eu atuei como auxiliar de sala eu tive uma convivência muito boa [...] [...] na segunda escola que eu, infelizmente, fui transferida eu fui para escola e assim a gente não convivia com as professoras, a gente não participava das reuniões diretamente de planejamento [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
100-[...] <i>tinha esse receio [...] no Residência [...] de que acontecesse meio que as professoras tivessem algum receio com a gente, por a gente está lá. Mas não, foi gratificante tudo, tudo, tudo, porque a gente sempre foi muito bem recebido [...] as professoras compartilhavam com a gente, conversava muito com a gente, dava dicas [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
101-Então [...] <i>tinha esse receio [...] ser deixada um pouco pra escanteio, como se eu não fizesse parte da escola, mas não no Residência foi totalmente diferente foi uma coisa assim gratificante. Realmente você se sentir querida, as professoras colocavam logo um sorriso e diziam ai que bom que vocês vieram! Como é bom vocês estarem aqui!</i> (ADEMILZA, 2021)
102- [...] <i>Eu acho que a questão mais humana, você buscar entender o que aquela criança tá passando, o que seu aluno tá passando naquele dia. Ser professor não é chegar é aula tal, conteúdo tal, mas é também você entender, porque aquela criança está com dificuldade, você buscar saber mais sobre ela. Então eu acho que esse lado mais humano, mais afetivo né na escola, ou seja, não podemos falar da Pedagogia sem o amor. (ADEMILZA, 2021)</i>
103- <i>Eu só tenho a agradecer mesmo pela oportunidade de ter participado do programa do conhecimento que eu adquiri pela experiência. Eu costumo dizer que eu vivenciei muito uma escola sem maquiagem que a gente está acostumada a ver a escola, porque é uma escola que você tá lá o ano inteiro então não tem como maquiar a escola. (ADEMILZA, 2021)</i>
104-[...] <i>eu só tenho que agradecer as supervisoras, as preceptoras, os meus colegas que sempre foram muito parceiros e a experiência eu acho que o que eu levo do Residência a experiência [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
105- [...] <i>eu só tenho que agradecer as supervisoras, as preceptoras, os meus colegas que sempre foram muito parceiros e a experiência eu acho que o que eu levo do Residência a experiência [...]</i> (ADEMILZA, 2021)

106- <i>Depois [...] a gente perde a timidez, às vezes, tinha [...] professoras [...] na sala, vendo você dando aula e eu ficava do mesmo jeito já não tinha preocupação [...] tem um professor me observando [...] tem mais experiência que eu [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
107- <i>Então [...] foi muito importante essa experiência então recomento.</i> (ADEMILZA, 2021)
108- <i>[...] vai adquirir experiência, conhecimento, porque [...] somente o estágio obrigatório não têm como, infelizmente [...] dizer assim [...] quero ser professora a partir do estágio, porque é muito curto.</i> (MARIA, 2021)
109- <i>[...] só tenho a agradecer mesmo e indicar que os colegas participem do RESPED.</i> (ADEMILZA, 2021)
110- <i>[...] o prazo curto do estágio [...] a gente passa uma semana observando [...] percebo que a escola [...] meio que se prepara para receber a gente [...] se organiza, às vezes, até demais para receber a gente, [...] acaba não passando uma naturalidade.</i> (ADEMILZA, 2021)
111- <i>Depois disso a gente passa uma semana planejando [...] e na outra [...] já começa a regência [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
112- <i>[...] não tem um período [...], de conhecer mais a turma, se identificar [...] com a turma, porque vocês tem que conhecer a turma, você tem que conversar com a professora, entender como funciona toda a escola [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
113- <i>[...] questão da avaliação no estágio [...] você se robotiza demais [...] quer fazer tão bem, tão perfeito não que no Residência você não faça, porque você faz, mas na hora que [...] tem dois professores [...] lhe observando, [...] tem medo que tudo saia errado que [...] faça um planejamento, falta alguma coisa [...] vou tirar uma nota ruim.</i> (ADEMILZA, 2021)
114- <i>[...] no Residência [...] tem um período maior de conhecimento [...] a gente passa aquele ano inteiro com as professoras, interagindo com os alunos, com elas [...] que já têm experiências, você que está adquirindo.</i> (ADEMILZA, 2021)
115- <i>[...] tanto você aprende, como você também pode levar também coisas novas que às vezes as professoras também meio que não tem tempo a gente sabe como é difícil um professor fez uma pessoa que trabalha no município, no estado de se reciclar também. Então, a gente também acaba levando coisas novas para escola também.</i> (ADEMILZA, (2021)
116- <i>[...] não tem muito recurso a gente entende a questão dos recursos que é muito precária essa questão então a gente acaba planejando muito de acordo com a vivência do aluno, tentando trazer o máximo para aquela realidade daquela escola [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
117- <i>[...] no estágio obrigatório [...] por querer muito uma nota, às vezes, [...] até exagera [...] quer muito impressionar, tanto os professores da faculdade que vai nos observar como os professores que estão dentro da sala [...] a gente acaba tirando dinheiro do nosso próprio bolso e investindo em muitas coisas [...]</i> (ADEMILZA, 2021)
118- <i>[...] debatia muito [...] com os outros colegas da faculdade a escola ela se prepara para receber os estagiários [...] e no Residência a gente vive realmente a escola, porque a gente tá toda semana lá, toda semana conversando, trocando experiências [...]</i> (ADEMILZA, 2021)

119- [...] *tinha uma carga horária de 440 horas, sendo que 100 delas era regência [...] tinha muita essa dificuldade da gente se organizar, porque o planejamento a gente fazia em conjunto então tinha essa questão de quando é que todas poderiam estar na faculdade ou então se não na escola [...]*

(ADEMILZA, 2021)

120- *Os eventos também ajudaram bastante na questão não só de conhecimento, mas também de obter as horas para completar a carga horária, as reuniões na UERN também contavam. Eu sempre tentava não faltar apesar de algumas vezes a gente nos últimos períodos como é período de monografia, de pré-projeto de monografia a gente acaba se prendendo um pouco também a graduação [...]*

(ADEMILZA, 2021)

121- *O da regência que tem que ter as 100 horas o que eu não achei ruim você vivenciar a realidade de uma sala de aula e eu costumava dizer que antigamente eu tinha um certo medinho as pernas meio que tremiam, mas depois você vai e nem percebe que tem gente lhe observando, parece que a professora nem tá dentro da sala de aula [...]*

(ADEMILZA, 2021)

122- *Contribui ainda, porque como eu participei do projeto Reforço que era direcionado para alunos com dificuldades tinha toda uma metodologia diferenciada para atender a eles hoje eu utilizo algumas dessas práticas com os meus alunos da aula de reforço.*

(ADEMILZA, 2021)

123- *Então, eu trago a experiência do RESPED não só do Reforço, mas da troca de experiências que a gente tinha, os direcionamentos das preceptoras e das orientadoras quer dizer tudo isso contribuiu para a minha formação e eu só tenho que agradecer por isso, sem o RESPED não teria como ser o que sou hoje enquanto pessoa e professora de aula de reforço.*

(ADEMILZA, (2021).

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
<p>1-[...] <i>me encontrei dentro da Pedagogia [...] inicialmente não era o que eu queria mais me encontrei [...] tive a oportunidade de participar dos estágios [...] ainda veio o RESPED para poder aprimorar mais ainda esse momento que é tão significativo para mim.</i> (MARIA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 1: A participação no PRP e Estágios como constitutiva do encontro com a Pedagogia</p>
<p>72-[...] <i>cursei Pedagogia e me encontrar no curso eu acho que isso foi o mais importante [...], principalmente no Ensino Fundamental [...] e isso foi muito gratificante, destaco nesse ponto o RESPED.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>74-[...] <i>acho que eu realmente decidi é aqui que eu escolhi ser professor [...]foi na graduação [...] as experiências [...] tive, que eu pude ter com o estágio não obrigatório, estágios e também do Residência. A teoria unindo a prática [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>8-[...] <i>A partir do programa foi que eu vi, fiquei pensando que tive muitas oportunidades que eu perdi a partir dele eu percebi [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 2: Oportunidades de vivenciar a Escola</p>
<p>25-<i>Passei por muitos projetos [...] que não havia passado não tive oportunidade, tive a oportunidade durante o programa.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>10-<i>Achei incrível como foi dito também que eu pude participar da UEI né na educação infantil que poucos programas né tem a educação infantil é... que tem educação infantil para ser atuado [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>28-<i>E, aí minhas expectativas foram tipo superadas, as minhas expectativas elas foram bem baixas em relação ao que eu tive [...] no final, eu fiquei muito feliz assim, porque foi superada mesmo [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>52-[...] <i>veio contribuir mais em questão [...] de prática, principalmente teoria e prática não tem como dissociar [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>53-[...] <i>tinha muitos estudos [...] na teoria, como se fala tinha muitos estudos, mas foi realmente lá in loco [...]que [...] consegui compreender o que é que esses estudos estavam dizendo, o que [...] significavam, o que é que eles tratavam, quais eram as possibilidades, as dificuldades que eles citavam as renovações que tem que ter [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>54-[...] <i>a contribuição é totalmente essa de significar coisas que [...] talvez nunca tenha nem pensado ou imaginado que aconteceria.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>86-[...] <i>confesso que para escola eu ia com mais vontade, porque eu ia ter uma prática maior aquela coisa, porque na UERN eu já ia um pouco cansada não sei porque eu já estava lá de manhã e também tem muita questão da teoria e tal. E eu queria sentir mesmo a prática eu acho que a prática para mim foi um dos pontos mais importantes que eu destaco do Residência.</i></p>	

(ADEMILZA, 2021)	
92-[...] <i> você tá passando na escola, fazendo planos de aula [...] tá adquirindo conhecimento também na faculdade , convivendo com outras pessoas [...] outros profissionais [...]</i> (ADEMILZA, 2021)	
84-[...] <i> um dos projetos que eu acredito que eu tive uma vivência maior foi o Reforço Escolar entender o porquê que aqueles alunos estavam tendo aquela dificuldade e entender [...] A realidade do aluno, a minha realidade também, o que eu posso fazer para contribuir para a formação dele, que é que eu posso fazer, para que eu possa transmitir melhor aquele conhecimento.</i> (ADEMILZA, 2021)	
85-[...] <i>o Ressignificando a prova Brasil também eu acho que foi um dos projetos que foi bem interessante, porque a gente saia um pouco daquela escola formal .[...] os conteúdos os alunos pudessem entender na vida deles [...] Então trazer essas ressignificações, partindo da realidade dos alunos, para eles se envolverem nas aulas [...]</i> (ADEMILZA, 2021)	
79-[...] <i> estava na escola toda semana [...] planejava toda semana [...] estava na faculdade fazendo planejamentos [...] no decorrer desse ano [...] pude vivenciar realmente o que é uma escola.</i> (ADEMILZA, 2021)	
9-[...] <i> fiquei muito agradecida [...] ao programa mesmo participando voluntariamente dessa edição [...] mostrou que tem seus objetivos e objetivos que foram alcançados [...]</i> (MARIA, 2021)	INDICADOR 3: Ser voluntária: maior dificuldade
15-[...] <i> como voluntária eu tinha que dar meus pulos para ir à escola por mais “perto” que ainda fosse.</i> (MARIA, 2021)	
16-[...] <i> muitas vezes [...] desespero por caronas [...] tinha dias também que às vezes não batia com as minhas caronas.</i> (MARIA, 2021)	
21-[...] <i> o valor ajudaria não vou mentir que ajudaria, mas sabemos a realidade [...]</i> (MARIA, 2021)	
22-[...] <i> deveria ter mesmo era mais bolsas, [...] mais oportunidades [...]</i> (MARIA, 2021)	
23-[...] <i>, mas [...] não é do programa em si [...] vem de toda essa questão política.</i> (MARIA, 2021)	
24-[...] <i> infelizmente sabemos que por mais tentativa que a gente já tenha, porque eu já vi o quanto tentaram até para que eu pudesse ser bolsista, mas não deu certo.</i> (MARIA, 2021)	
90-[...] <i> a outra dificuldade é que a escola é do outro lado de Mossoró [...] a maior dificuldade mesmo que eu encontrei foi por [...] ser voluntária e a distância [...]</i> (ADEMILZA, 2021)	
20-[...] <i> se alguém passar pela mesma dificuldade que [...] passei</i>	

<p><i>[...] não desistir [...] que no final dá certo.</i> (MARIA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 4: Dificuldades iniciais para a prática de projetos no contexto da escola</p>
<p><i>26-Projetos [...] inicialmente [...] muito difíceis a serem pensados [...] colocar em prática [...] aí foi através disso né foi através das dificuldades. É... quais eram as didáticas a serem trabalhadas, o método a ser trabalhado, identificar quais seriam as melhores metodologias a serem trabalhadas em cada sala de aula.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p><i>29-[...] eu vi aqui que ainda havia muitos problemas [...] durante [...] prática [...], Mas eu vi que era por compromisso então [...] tive que ter o compromisso [...] estar à frente, de participar, de me manter, não me manter ausente é porque a partir do momento que se mantém ausente você para de fazer com que o objetivo seja alcançado.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p><i>116-[...] não tem muito recurso a gente entende a questão dos recursos que é muito precária essa questão então a gente acaba planejando muito de acordo com a vivência do aluno, tentando trazer o máximo para aquela realidade daquela escola [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p><i>98-[...] dificuldades com relação aos alunos foi também a indisciplina [...] em relação a alguns alunos [...] em geral [...] a gente sempre foi muito bem recebido pelos funcionários, [...] professoras [...] eles também [...] foram muito receptivos com a gente.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p><i>97-[...] no começo [...] senti [...] pouco de dificuldade [...] trabalhava com os alunos dos 4º e 5º anos [...] pela vivência deles [...] alunos fora de faixa também, muitos deles [...] era um pouquinho maior que eu [...] ficava um pouco apreensiva, mas depois fui me adaptando [...] conhecendo [...] interagindo [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p><i>119-[...] uma carga horária de 440 horas, sendo que 100 delas era regência [...] tinha muita essa dificuldade da gente se organizar, porque o planejamento a gente fazia em conjunto então tinha essa questão de quando é que todas poderiam estar na faculdade ou [...] na escola [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 5: Carga horária de 440h: difícil de ser cumprida</p>
<p><i>121-O da regência que tem que ter as 100 horas o que eu não achei ruim você vivenciar a realidade de uma sala de aula e eu costumava dizer que antigamente eu tinha um certo medinho as pernas meio que tremiam, mas depois você vai e nem percebe que tem gente lhe observando, parece que a professora nem tá dentro da sala de aula [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p><i>91-[...] assim, eu fiquei bastante contente, [...] me senti bastante contemplada com a versão que eu participei. [...] Não é uma carga</i></p>	

<p><i>horária fácil de ser cumprida, principalmente pra mim que eu entrei já no último ano. [...] foi meio que uma correria, para que eu conseguisse cumprir essa carga horária, mas eu não mudaria não[...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p><i>120-Os eventos também ajudaram bastante na questão não só de conhecimento, mas também de obter as horas para completar a carga horária, as reuniões na UERN também contavam. Eu sempre tentava não faltar apesar de algumas vezes a gente nos últimos períodos como é período de monografia, de pré-projeto de monografia a gente acaba se prendendo um pouco também a graduação [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p><i>46-[...] nunca tinha passado por realidades como essa é triste [...] ver que, às vezes, a criança quer, busca, mas que não há condições [...] favoráveis.</i> (MARIA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 6: O desafio de compreender a realidade da Escola Pública</p>
<p><i>17- [...] o receio por ser uma escola pública, porque durante a minha vida estudei em escola particular[...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p><i>19-[...] eu percebi que eu precisava ter mais momentos desses, precisava entender mais essa realidade que eu não tive o meu desafio foi esse foi entender, foi compreender, foi participar dessa realidade que é totalmente diferente né de particular.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p><i>45-[...] pude ser mais humana [...] digo assim, porque muitas vezes [...] até me emociono muito quando falo [...] passar por aquela realidade [...] não é fácil [...] vê aquelas crianças [...] e situações que você, às vezes, fica [...] sem chão [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p><i>47-[...] busco isso mesmo a questão humana de ver o outro [...] de entender, de estar ali [...]</i> (MARIA,2021)</p>	
<p><i>50- [...] a realidade não é fácil, [...] ser professora não é só ser professora você não está ali apenas para ensinar você, às vezes, aprende mais do que ensina, que você tem que viver a realidade do local onde você está, no qual você está inserido [...] as práticas por mais planejamentos [...] vão sempre estar em modificações, porque [...] acontece algo que não é esperado, seja ele positivo ou negativo [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p><i>51-[...]O professor precisa estar sempre inovando muito, estudando muito, sempre [...] atualizando.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p><i>44-Como pessoa sofri muito [...] sofri muito assim com a realidade.</i></p>	

(MARIA, 2021)	
27-[...] <i>a gente não ficava só em uma sala de aula [...] ficava passando por toda a escola</i> [...] (MARIA, 2021).	INDICADOR 7: A alternância dos residentes nas salas de aula possibilitou vivências em diversos projetos
56-[...] <i>os residentes [...] alternavam as salas de aula, para [...] contemplar todas, todos os ensinoss, de todos os anos que a escola disponibilizava.</i> (MARIA, 2021)	
55-[...] <i>o Residência era muito bem visto dentro da escola, já tinha mesmo de todas as professoras queriam que a gente passasse por cada sala delas</i> [...] (MARIA, 2021)	
57-[...] <i>foi muito gratificante até acredito que [...] bem mais do que se fosse somente uma sala, [...] a gente pode ver individualmente o ensinar de cada professor e aprender e quanto ao ensinar seja com questões positivas ou negativas</i> [...] (MARIA, 2021)	
58-[...] <i>essa questão maior de conhecer mesmo todas as professoras, de como cada uma trabalhava para poder formar o meu jeito, o meu modo de trabalhar</i> [...] (MARIA, 2021)	
59-[...] <i>mais ou menos semanalmente, porque como eu entrei bem no finalzinho, nas correrias eu realmente ia muito, também por conta da carga horária e tipo toda vida que a gente ia, a gente vai essa semana era sempre o rodízio, eu vou um dia para essa sala de aula, no outro dia já vou para outra</i> [...] (MARIA, 2021)	
11-[...] <i>essa edição eu gostei muito e até indiquei muito também. Tive a minha experiência e passei [...] para os outros, porque muitos também tem esse medo, esse receio de participar de programas [...] eu pude ver que foi uma das melhores escolhas que eu fiz durante a graduação.</i> (MARIA, 2021)	INDICADOR 8: A experiência foi a maior afetação
48- [...] <i>a aqueles que ainda não ingressaram em nenhum programa [...] que busque sim, principalmente o Residência Pedagógica que é o que eu, eu posso dizer que vale muito a pena [...], tanto para o desenvolvimento profissional como pessoal, principalmente.</i> (MARIA, 2021)	
103-[...] <i>só tenho a agradecer [...] pela oportunidade de ter participado do programa, do conhecimento que [...] adquiri pela experiência [...] vivenciei uma escola sem maquiagem [...]</i> a gente está acostumada a vê a escola, porque é uma escola que você tá lá o ano inteiro então não tem como maquiagem [...] (ADEMILZA, 2021)	

<p>107-<i>Então [...] foi muito importante essa experiência [...] recomendo</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>104-<i>[...] só tenho que agradecer as supervisoras, as preceptoras, os meus colegas que sempre foram muito parceiros [...] experiência eu acho que o que eu levo do Residência a experiência [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>109-<i>[...] só tenho a agradecer mesmo e indicar que os colegas participem do RESPED.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>105-<i>[...] veio a acrescentar [...] na minha formação, enxergar mais a escola, ter mais experiência [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>14-<i>[...]a partir do programa foi que [...] pude me abrir[...] conversar, [...] dialogar [...] questionar [...] eu também não tinha muitos questionamentos, mas [...] pude fazer [...] questionamentos e procurar [...]respostas [...] talvez se [...] não tivesse participado teria terminado a graduação sem elas.</i> (MARIA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 9: Dialogar, conversar, discutir, entender e questionar: processos ressignificados</p>
<p>13-<i>[...] me mostrei outra pessoa não discutia muito [...] não dialogava [...] com essa questão [...] da educação [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>102-<i>[...] questão mais humana [...] buscar entender o que aquela criança tá passando [...] porque [...] está com dificuldade [...] buscar saber mais sobre ela [...] esse lado mais humano, mais afetivo [...] não podemos falar da Pedagogia sem o amor.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>30-<i>[...] contribuíram muito, porque temos as experiências dos próprios docentes que estão ali à frente para dar aquele encaminhamento [...] os colegas que estavam no programa e também os colegas de outros programas.</i> (MARIA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 10: União entre o PRP e outros Programas Formativos</p>
<p>31-<i>[...] gostava muito quando fazia a união dos programas, porque quanto mais gente [...] tinha algo a ser relatado [...] a ser discutido e era algo que sempre vinha a fazer a gente pensar muito.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>32-<i>[...] Cada um teria sua realidade, seu modo de trabalho, mas que era algo a ser pensado, algo a ser discutido, novos assuntos também, metodologias principalmente metodologias a serem trabalhadas.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>83-<i>[...] contribuiu bastante quando juntava também com o PIBID que trazia as discussões [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	

<p>34-[...] <i>era muito significativo ter esses momentos se não tivesse [...] a gente ia tá lá apenas colocando em prática algo que a gente fizesse sem resignificar nada e sem significar também [...] não teria muito sentido.</i> (MARIA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 11: Encontros Semanais na UERN: momentos para significar as ações realizadas na Escola</p>
<p>82-[...] <i>a teoria ela não anda sozinha e a prática também não é um conjunto, elas não se separam. Então quando as professoras traziam aula sobre planejamento [...] logo quando [...] entrei tava discutindo sobre a BNCC então um tema que tem que ter todo um estudo, uma coisa que é nova.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>87-<i>Mas eu gostava de ir sim eu, eu acho até interessante essa dinâmica, porque por mais que a gente não tivesse todos os dias na escola, mas toda semana a gente tava, então toda semana a gente se encontrava [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>88-[...] <i>encontrávamos nas reuniões [...] para discutir o que foi feito [...] então é um pouco cansativo [...] esse ponto teórico, mas [...] acho que é justo, é importante que participamos.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>35-[...] <i>me sentia muito à vontade [...] no momento que me desesperava ela chegava [...] tava lá comigo, dizia que não precisava disso e que era assim mesmo, ajudava, que sabia a realidade [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 12: Relação com as preceptoras: maravilhosa, tranquila e sem nenhum problema</p>
<p>36-[...] <i>chegava junto, dizia como poderia ser trabalhado, de acordo também com o meu propósito, [...] porque eu tinha os meus objetivos, ela tinha as questões dela [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>12-[...] <i>me sentia muito à vontade no Programa com os professores durante as aulas que tinham na Universidade, com os preceptores [...] todos me deixaram muito à vontade.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>37-[...] <i>foi uma relação [...] muito tranquila, uma relação simplesmente que realmente eu ficava muito à vontade. Não tive nenhum problema em relação à [...] nenhuma preceptora, nenhuma questão [...] de medo, de receio [...] chegava lá [...] perguntava, sem nenhum problema.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>123-[...] <i>trago a experiência do RESPED [...] troca de experiências [...] direcionamentos das preceptoras e das orientadoras [...] que contribuiu para a minha formação [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	

<p>93-[...] <i>todas, mas assim [...] posso falar [...] tive uma convivência maior com Tati [...] foi maravilhosa [...], principalmente pelo fato de eu ser voluntária. [...] ela me deu carona [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>94-[...] <i>sempre muito presente quando a gente tava planejando [...] ela deixou a gente muito livre, mas [...] dizia: vamos seguir [...] essa linha, a escola tá precisando disso [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>95-[...] <i>foi uma experiência maravilhosa com ela em todos os sentidos assim em nos ajudar [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>96-[...] <i>muito gratificante trabalhar com ela, com todos os meus colegas, com todo mundo [...] nunca me senti rejeitada por ninguém.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>99- <i>As minhas experiências com elas foram muito boas, porque antes mesmo de entrar no RESPED eu participei do estágio não obrigatório como eu já falei anteriormente. Na primeira escola que eu atuei como auxiliar de sala eu tive uma convivência muito boa [...]</i> <i>[...] na segunda escola que eu, infelizmente, fui transferida eu fui para escola e assim a gente não convivia com as professoras, a gente não participava das reuniões diretamente de planejamento [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>38-[...] <i>cada pessoa [...] tem o seu jeito de trabalhar, mas [...] você pode adquirir [...] tanto as melhores coisas [...] como as piores [...] porque serve como aprendizado.</i> (MARIA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 13: Compartilhamento e troca de experiência: com as professoras das Escolas parceiras do PRP</p>
<p>39-[...] <i>momentos bons e ruins você [...] pode estar [...] acolhendo [...] para a sua prática sejam eles positivos ou negativos.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>41-[...] <i>tem vários modos de trabalhar onde você pode adquirindo o que [...] combina mais com a sua [...] prática docente.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>40-[...] <i>pude ver que cada professora também tinha sua singularidade em modo de ensinar [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>100-[...] <i>tinha esse receio [...] no Residência [...] de que acontecesse meio que as professoras tivessem algum receio com a gente, por a gente está lá. Mas não, foi gratificante tudo, tudo, tudo, porque a gente sempre foi muito bem recebido [...] as professoras compartilhavam com a gente, conversava muito com a gente, dava dicas [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>101-<i>Então [...] tinha esse receio [...] ser deixada um pouco pra escanteio, como se eu não fizesse parte da escola, mas não no Residência foi totalmente diferente foi uma coisa assim gratificante. Realmente você se sentir querida, as professoras colocavam logo um sorriso e diziam ai que bom que vocês vieram</i></p>	

<p><i>! Como é bom vocês estarem aqui!</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>115-[...] <i>tanto você aprende, como você também pode levar também coisas novas que às vezes as professoras também meio que não tem tempo a gente sabe como é difícil um professor fez uma pessoa que trabalha no município, no estado de se reciclar também. Então, a gente também acaba levando coisas novas para escola também.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>42-[...] <i>mais confiante dentro de uma sala de aula ele me deixou mais confiante mesmo no [...] trabalho, na minha posição, durante as minhas práticas [...] modo que eu gosto de trabalhar, do modo que eu acho que esteja referente a cada sala de aula [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 14:</p> <p>Misturar a Educação Infantil com o Ensino Fundamental: possibilitou confiança nas Práticas Profissionais</p>
<p>62- [...] <i>comecei a me desesperar achando que eu não conseguiria assumir uma sala de aula de ensino fundamental por ter passado todo esse tempo somente na educação infantil.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>123-[...] <i>sem o RESPED não teria como ser o que sou hoje enquanto pessoa e professora de aula de reforço.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>43-[...] <i>mais foi mesmo essa confiança em mim eu durante o programa pude confiar mais em mim para profissão, em mim como professora mesmo.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>60-[...] <i>como eu no Residência fazia parte da Educação Infantil [...] inicialmente fui chamada para trabalhar na educação infantil [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>63-[...] <i>a primeira semana [...] comecei a tratar de conhecer [...] parecia que [...] estava no Residência Pedagógica.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>64-[...] <i>pensei se eu tinha minhas dúvidas durante o Residência e pude [...] obter as minhas respostas [...] me fez mais confiante dentro do âmbito da Educação Infantil, porque não agora durante o ensino fundamental.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>65- <i>Pude trazer também os conhecimentos do Residência, porque [...] do Ensino Fundamental então com a troca de conhecimentos, com as conversas, com os diálogos que a gente teve durante o Residência Pedagógica [...] pude me aproximar mais, lembrando tudo isso que era visto, tudo isso que foi tratado [...] e trazendo para a minha sala de aula.</i> (MARIA, 2021)</p>	

<p>66-<i>Muitos relatos de residentes que estavam [...] no Ensino Fundamental se adequaram a minha sala de aula [...] trabalhei até algumas práticas pedagógicas de residentes lá na sala de aula [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>67-<i>[...] contribuiu para Educação Infantil [...] a minha vida pessoal [...] a minha vida profissional.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>68-<i>O Residência me causou muitas coisas boas e produtividade, principalmente.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>122-<i>Contribui ainda, porque [...] participei do projeto Reforço que era direcionado para alunos com dificuldades tinha toda uma metodologia diferenciada para atender a eles hoje eu utilizo algumas dessas práticas com os meus alunos da aula de reforço.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>33-<i>[...] misturar Educação Infantil com Ensino Fundamental [...] vinha a fazer você refletir [...] ressignificar também muitos dos conhecimentos, as suas atitudes, os seus planejamentos [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>61-<i>[...] no outro dia [...] disseram que [...] iria assumir uma sala do Ensino Fundamental aí eu endoidei [...] passei tanto tempo [...] significando, ressignificando meus saberes [...] na educação infantil e agora eu ia lidar com ensino fundamental.</i> (MARIA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 15: “A Escola ela se prepara para receber os estagiários e no Residência a gente vive realmente a Escola”</p>
<p>3-<i>[...] me encontrei a partir dos momentos das PPPs quando eu pude [...] assumir uma sala de aula [...] quis assumir novamente [...], porque [...] não me sentia tão confiante [...] foi quando eu busquei o programa.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>69-<i>[...] tinha endoidado, porque se [...] já me desesperei imagine se [...] não tivesse tido essa experiência, porque se [...] for levar a experiência somente do estágio supervisionado 2 é para dentro de sala de aula não vai ter as mesmas significações [...]</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>70-<i>[...] por mais que seja o momento sim de aprendizagem [...] é diferente você está no estágio supervisionado. está em um programa é [...] diferente e fora o contato [...] as conversas [...] o diálogo. No estágio não, cada um tem seu momento e chega um dia em que a gente vai fazer a discussão com todos e finalizando já depois de tudo. Então [...] não vai significando dia após dia, semana após semana.</i> (MARIA, 2021)</p>	
<p>108-<i>[...] vai adquirir experiência, conhecimento, porque [...] somente o estágio obrigatório não têm como, infelizmente [...] dizer assim [...] quero ser professora a partir do estágio, porque é muito</i></p>	

<p>curto. (MARIA, 2021)</p>	
<p>18-[...]os contatos que eu tive com escolas públicas foi justamente durante o estágio e o momento do estágio é um momento ali rápido, porque a gente sabe que não tem algo mais fixo e de mais tempo, de mais duração. (MARIA, 2021)</p>	
<p>76-Eu quero ter essa experiência de estar mais à frente da sala de aula, eu quero ter essa experiência de planejar uma aula e tal, vivenciar realmente a escola, porque a gente não vivencia[...] (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>80- [...] era isso que eu buscava mais no Residência Pedagógica e [...] encontrei. Está na sala de aula, você está frente de uma sala de aula, você vivenciar e escola sem maquiagem mesmo [...] (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>81-O Residência Pedagógica [...], foi isso, buscar uma vivência maior na escola, uma experiência para minha formação enquanto docente [...] (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>106-Depois [...] a gente perde a timidez, às vezes, tinha [...] professoras [...] na sala, vendo você dando aula e eu ficava do mesmo jeito já não tinha preocupação [...] tem um professor me observando [...] tem mais experiência que eu [...] (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>118-[...] debatia muito [...] com os outros colegas da faculdade a escola ela se prepara para receber os estagiários [...] e no Residência a gente vive realmente a escola, porque a gente tá toda semana lá, toda semana conversando, trocando experiências [...] (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>114-[...] no Residência [...] tem um período maior de conhecimento [...] a gente passa aquele ano inteiro com as professoras, interagindo com os alunos, com elas [...] que já têm experiências, você que está adquirindo. (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>110-[...] o prazo curto do estágio [...] a gente passa uma semana observando [...] percebo que a escola [...] meio que se prepara para receber a gente [...] se organiza, às vezes, até demais para receber a gente, [...] acaba não passando uma naturalidade. (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>111-Depois disso a gente passa uma semana planejando [...] e na outra [...] já começa a regência [...] (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>112-[...] não tem um período [...], de conhecer mais a turma, se identificar [...] com a turma, porque você tem que conhecer a turma, você tem que conversar com a professora, entender como funciona toda a escola[...] (ADEMILZA, 2021)</p>	

<p>75-<i>[...]por mais que [...] tenha participado do estágio não obrigatório [...] não estava frente de uma sala de aula, [...] não planejava [...] era meio que uma espectadora [...] não exercia nenhum papel pedagógico ali [...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>77-<i>[...] o estágio obrigatório ele é muito curto, o período dele é muito curto e eu meio que sinto que os dois estágios que eu estive na escola eu meio que sinto que a escola ela tá um pouco maquiada para nos receber.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>78-<i>[...]meio que você não vivencia a realidade realmente da escola [...] a gente fica muito preocupado também com [...] a nossa avaliação. Tem um professor nos observando, tem o professor da faculdade que vai lá nos observar [...] isso não traz uma experiência que o Residência Pedagógica me trouxe.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	<p>INDICADOR 16: As implicações da avaliação durante o estágio: preocupação e medo</p>
<p>113-<i>[...] questão da avaliação no estágio [...] você se robotiza demais [...] quer fazer tão bem, tão perfeito não que no Residência você não faça—porque você faz, mas na hora que [...] tem dois professores [...]lhe observando, [...] tem medo que tudo saia errado que [...] faça um planejamento, falta alguma coisa [...] vou tirar uma nota ruim.</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	
<p>117- <i>[...] no estágio obrigatório [...] por querer muito uma nota, às vezes, [...] até exagera [...] quer muito impressionar, tanto os professores da faculdade que vai nos observar como os professores que estão dentro da sala [...] a gente acaba tirando dinheiro do nosso próprio bolso e investindo em muitas coisas[...]</i> (ADEMILZA, 2021)</p>	